UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: http://www.ppgll.ufba.br - E-mail: pgletba@ufba.br

Rosinês de Jesus Duarte

Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização de discurso

Salvador
Setembro de 2011

Rosinês de Jesus Duarte

Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização de discurso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Marques Telles

Co-Orientadora: María Josefa Postigo Aldeamil.

Salvador
Setembro de 2011

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Duarte, Rosinês de Jesus.
Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização de discurso/ Rosinês de Jesus Duarte. - 2010.
267 f.: il.

Orientadora: Profª Drª Célia Marques Telles.
Co-orientadora: Profª Drª Maria Josefa Postigo Aldeamil.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Salles, Arthur de, 1879-1952. 2. Análise do discurso literário. 3. Vocabulário.
4. Sujeito na literatura. I. Telles, Célia Marques. II. Aldeamil, Maria Josefa Postigo.
III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDD - 401.41
CDU - 81'42

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSINÊS DE JESUS DUARTE

Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização de discurso

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras e Lingüística.

Aprovada em 28 de janeiro de 2011.

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Célia Marques Telles
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Orientadora

Prof. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Profa. Dra. Maria dôo Socorro Aragão
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Aurelina Ariadne Domingues Almeida
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico esta tese a minha mãe, Valdelice,
por ter me ensinado, na prática, a ousadia e a força contidas
no significado da palavra PERSISTÊNCIA e ao meu filho, Davi,
por me fazer compreender que a gente sempre pode mais do que pensa.

AGRADECIMENTOS

Porque não tenho receio de ser piegas e porque sozinho o caminho é sempre mais longo, mais difícil, agradeço:

A Deus, essa força antagônica que suscita dúvidas e fé, medo e coragem, mas que, ao fim e ao cabo, faz-me bem, faz-me acreditar que existe amor no outro e que este deve ser respeitado acima de tudo.

Ao meu maior exemplo de força, persistência e honestidade: Valdelice, "mainha". Obrigada pela constante presença; pelas horas incansáveis de dedicação; pelas broncas; pelos cafés forçados; por ser meus braços, minhas mãos; pela confiança e por assumir, incondicionalmente, minha causa. Tudo isso construiu degraus para que eu chegasse até aqui. Você será sempre minha "Mulher Maravilha".

A meu irmão Robson por me dar o primeiro livro de matemática (não adiantou muita coisa, sou das letras), por não ter desistido e por ter me dado o primeiro romance ("A riqueza maior"), por me ensinar que para realizar é preciso planejar, enfim, por ter sido mais que irmão, por ter assumido o papel do que eu conheço de pai.

André, meu companheiro, meu amigo, meu conselheiro e, por alguns segundos, meu rival, por acreditar tanto em mim, por dividir o fardo comigo, por me exigir, por participar.

A minha eterna "Pró Célia", minha orientadora. Como foi importante tê-la ao meu lado todos esses anos, obrigada por me aturar desde a graduação. Obrigada por saber a medida, pelo respeito e pela dedicação a minha formação ética-profissional.

Aos amigos: Ana Bicalho, porque em lugar de caminhar ao lado, me deu as mãos, por me proporcionar a sagacidade de Junior (seu irmão), por partilhar a ternura e a bondade de Marlene (sua mãe). A Lia, por todos esses anos de carinho, companheirismo e cumplicidade. A Eduardo Laranjeira (Du), por dividir incertezas, por discutir teorias, por apagar o sinal de interrogação que tantas vezes se formou em minha testa. A Josi por fazer minha estada na Espanha menos saudosa. A minha eterna "Gang de Crítica Textual": Ari – pela perspicácia; Nilzete – por advogar sempre; Ludmila – por oferecer sempre "uma mãozinha"; Camila – por tornar a nossa vida mais leve. Obrigada por dividirem momentos acadêmicos e bem extra-acadêmicos.

Ao grupo de Crítica Textual (professores e bolsistas) pela troca de experiência, pelo carinho e pelo convívio de tantos anos. Ainda não conheci grupo mais "arretado"!

À Professora Maria Eugênia Olimpio pela disponibilidade em conseguir os primeiros contatos com os possíveis orientadores da Espanha.

Aos professores da Espanha: Maria Josefa Postigo, minha co-orientadora, Antonio Pamies, José Manuel García Megías, Maria Tereza Zordo, Julia Sevilla, pela receptividade, atenção e disponibilidade dispensadas durante a minha estada.

Aos funcionários da Pós Graduação – Seu Wilson e Cristiane – por conseguirem fazer MAIS.

Ao CNPq pela bolsa concedida no Brasil, e à CAPES pela bolsa concedida no exterior, sem a presença desses órgãos de fomento, a realização dessa etapa da minha vida não teria sido possível.

...impossível citar todos os personagens dessa cena de minha vida, mas obrigada a todos que de alguma maneira ou em algum pedaço desse caminho andaram ao meu lado.

O que chamamos rosa sob outra designação teria igual perfume.
W. Shakespeare (Romeu e Julieta, ato II, cena II)

RESUMO

O Vocabulário de Arthur de Salles reúne os fragmentos desse sujeito cuja obra vem sendo estudada sob perspectivas diversas ao longo de aproximadamente trinta anos. Este estudo respaldou-se em alguns operadores interpretativos das teorias do discurso, como: formações discursivas, ideologia, sujeito, sentido e contexto de produção, para observar cenas desse vocabulário, evidenciando, para tanto, a manipulação do léxico pelo poeta. Os possíveis campos discursivos serão vistos enquanto formações discursivas permeadas por regularidades que engendram o discurso do sujeito-enunciador. Os estilhaços desse sujeito foram reunidos sob um mesmo olhar na tentativa de evidenciar cenas que configuram o Recôncavo enquanto memória cultural e mostrar as várias faces assumidas pelo sujeito discursivo na sua produção escrita. A análise das lexias que compõem o vocabulário de Salles possibilitou a visualização de campos discursivos que legitimam as faces do sujeito discursivo, bem como alguns aspectos do Recôncavo Baiano do primeiro quartel do século XX, em toda sua heterogeneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Vocabulário. Arthur de Salles. Sujeito discursivo. Recôncavo Baiano.

ABSTRACT

Arthur de Salles' vocabulary gather the fragments of this writer whose work has been studied from different perspectives over nearly thirty years. This study backed up in some interpretative operators from the theories of discourse, as discursive formations, ideology, subject, meaning and production context, to notice scenes of this vocabulary, showing the lexicon manipulation by the poet. Some possible discourse fields are seen as discursive formations penetrated by regularities that engender the subject-enunciating speech. This poet fragments were brought together under the same view in an attempt to show scenes that make up the Reconcavo as cultural memory and the many assumed faces by the discoursive subject in his written production. The lexicon analysis that compose Salles' vocabulary allowed some discursive fields visualization that legitimize the discourse subject faces, as well as some aspects of Bahian Reconcavo of the first quarter of the twentieth century, in all its heterogeneity.

KEY WORDS: Vocabulary. Arthur de Salles. Discursive subject. Bahian Reconcavo.

RÉSUMÉ

Le vocabulaire d'Arthur de Salles rassemble les fragments de cet écrivain, dont l'œuvre a été étudiée sous différentes perspectives pendant ces quelque trente dernières années. La présente étude se fonde sur plusieurs opérateurs interprétatifs des théories du discours, tels que les formations discursives, l'idéologie, le sujet, la signification et le contexte de production. Elle vise à observer les éléments qui constituent ce vocabulaire, en montrant l'utilisation du lexique par le poète. Les champs discursifs possibles sont examinés en tant que formations discursives imprégnées de régularités qui génèrent le discours du sujet énonciateur. Les extraits de ce poète ont été examinés sous un seul point de vue afin d'essayer de montrer les éléments du vocabulaire qui décrivent le *Recôncavo* de Bahia en tant que mémoire culturelle et de présenter les différentes facettes du sujet discursif lors de sa production écrite. L'analyse des lexies qui composent le vocabulaire d'Arthur de Salles a permis de visualiser des champs discursifs qui étayent les facettes du sujet discursif, ainsi que certains aspects du *Recôncavo* de Bahia du premier quart du vingtième siècle dans toute son hétérogénéité.

MOTS CLÉS: Vocabulaire. Arthur de Salles. Sujet discursif. *Recôncavo* de Bahia.

ABREVIATURAS DO VOCABULÁRIO

adj. − adjetivo

adv.− advérbio

col. - colocação

Ex. − exemplo

exp. − expressão

interj. – interjeição

loc. verb. – locução verbal

loc. nom. – locução nominal

loc. adv. – locução adverbial

loc. claus. – locução de cláusula

mit. gr. – Mitologia Grega

Neol. – neologismo

n. p. – nome próprio

s.f. – substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

sent. fig. – sentido figurado

us. met. – uso metafórico

v. int. − verbo intransitivo

v. refl. − verbo reflexivo

v. trans. − Verbo transitivo

v.t.d. – verbo transitivo direto

var.− variação

CONSPECTUS SIGLORUM

A	*Anchieta*	SALLES, Arthur de. Anchieta. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
ACA	*As canoas apontam para além da enseada*	SALLES, Arthur de. As canoas apontam para além da enseada. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
AF	*Atração funesta*	SALLES, Arthur de. Atração funesta. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
AJ	*A jangada*	SALLES, Arthur de. A jangada. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
AMC	*A mercê das cismas*	SALLES, Arthur de. A mercê das cismas. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
AMD'A	*A mãe d'agua*	SALLES, Arthur de. A mãe d'agua. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
AND	*Andorinhas*	SALLES, Arthur de. Andorinhas. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 119-20. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
ANMM	*A noite, o mar, os mortos*	SALLES, Arthur de. A noite, o mar, os mortos. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
ANT	*[Anthero]*	SALLES, Arthur de. [Anthero]. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inacabada de Arthur de Sallres: "Os Rincões patrícios e outros escritos"*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1999. f. 158-62, doc. 0469. Diss. de

		Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
ASS	*O Assassino do Sol*	SALLES, Arthur de. O Assassino do Sol. In: TELES, Maria Dolores. *A Obra dispersa de Arthur de Salles em "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva": tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1998. f. 184-9. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
AV	*A vela*	SALLES, Arthur de. Buzio. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
B	*Buzio*	SALLES, Arthur de. Buzio. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
BOI/OB	*Os Boitatás*	SALLES, Arthur de. Os Boitatás. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 449-455. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
BV	*Berço vazio*	SALLES, Arthur de. Berço vazio. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
CA/CAM	*Canção de amor*	SALLES, Arthur de. Canção de amor. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 440-445. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
CE	*Celina*	SALLES, Arthur de. Celina. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
CF	*Cair das folhas*	SALLES, Arthur de. Cair das folhas. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 440-445. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
CH/ CHO	*Choupanas*	SALLES, Arthur de. Choupanas. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.

CHR	*Chronica*	SALLES, Arthur de. Chronica. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
CHRM	*Chronica dos mortos*	SALLES, Arthur de. Chronica dos mortos. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
CL	*Clamor*	SALLES, Arthur de. Clamor. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
CMY	*Canção Mysteriosa*	SALLES, Arthur de. Flor do mar. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inc]acabada de Arthur de Salles: Os "Rincões patrícios" e outros escritos*. Salvador: UFBA/ IL/PPGLL, 1999. Anexo 4. Diss. de Mestrado, orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
COQ/ C	*Coqueiros*	SALLES, Arthur de. Coqueiros. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
DM	*Dias marinhos*	SALLES, Arthur de. Dias marinhos. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
DOHLR	*Discurso official em homenagem ao poeta Lopes Ribeiro*	SALLES, Arthur de. Discurso official em homenagem ao poeta Lopes Ribeiro. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
DOHXM	*Discurso official em homenagem a Xavier Marques*	SALLES, Arthur de. Discurso official em homenagem a Xavier Marques. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
DOM1	*O Dote de Mathilde* (A)	SALLES, Arthur de. O Dote de Mathilde. In: BALDWIN, Elisabeth. "O Dote de Mathilde", conto de Arthur de Salles: proposta de edição crítico-genética e estudo. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996 Diss. de Metsrado orient. por Nilton Vasco da Gama. Texto genético. Doc. 0147.

DOM2	*O Dote de Mathilde* (B)	SALLES, Arthur de. O Dote de Mathilde. In: BALDWIN, Elisabeth. "O Dote de Mathilde", conto de Arthur de Salles: proposta de edição crítico-genética e estudo. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996 Diss. de Metsrado orient. por Nilton Vasco da Gama. Texto genético. Doc. 0143.
DOM3	*O Dote de Mathilde* (C)	SALLES, Arthur de. O Dote de Mathilde. In: BALDWIN, Elisabeth. "O Dote de Mathilde", conto de Arthur de Salles: proposta de edição crítico-genética e estudo. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996 Diss. de Metsrado orient. por Nilton Vasco da Gama. Texto genético. Doc. 0104, 0145, 0146, 0148, 0149, 0150, 0151, 0152, 0153, 0154.
DR	*Dupla revolta*	SALLES, Arthur de. Dupla revolta. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
DRCR	*Discurso de recepção a Affonso de C. Rebello*	SALLES, Arthur de. Discurso de recepção a Affonso de C. Rebello. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
DRDM	*Discurso de recepção a Durval de Moraes*	SALLES, Arthur de. Discurso de recepção a Durval de Moraes. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
DRU	*Dias ruraes*	SALLES, Arthur de. *Poesias*; 1901-1915. Bahia: s.n., 1920. p. 115-78.
DV	*Dura veritas*	SALLES, Arthur de. Dura veritas. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
EL	*Ela*	SALLES, Arthur de. Ela. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
EM	*"Em que trecho do mar à luz de céu maldito"*	SALLES, Arthur de. "Em que trecho do mar à luz de céu maldito". In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
EN	*Esfusia o nordeste. A onda encrespada estua*	SALLES, Arthur de. Esfusia o nordeste. A onda encrespada estua. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de

		Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
EPP	*Hei-lo na praia em pé sobre a canoa*	SALLES, Arthur de. Hei-lo na praia em pé sobre a canoa. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
EQTM	*Em que trecho de mar*	SALLES, Arthur de. Em que trecho de mar. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
ES	*Esquiva*	SALLES, Arthur de. Esquiva. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
ESM	*Esmeralda*	SALLES, Arthur de. Esmeralda. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
ESP/E	*Espumas*	SALLES, Arthur de. Espumas. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
FA	*O farol*	SALLES, Arthur de. O farol. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
FL	*Flora*	SALLES, Arthur de. Flora. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
FLM	*Flor do mar*	SALLES, Arthur de. Flor do mar. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inacabada de Arthur de Salles: "Os Rincões patrícios e outros escritos"*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1999. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama. Anexo.
FM	*Flor do mal*	SALLES, Arthur de. Flor do mal. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.

FR	*Francisco Mangabeira*	SALLES, Arthur de. Francisco Mangabeira. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
GED	*[Gedeão]*	SALLES, Arthur de. [Gedeão]. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inacabada de Arthur de Salles: "Os Rincões patrícios e outros escritos"*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1999. f. 146-7, doc. 0111. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
H	*Hinverno*	SALLES, Arthur de. Hinverno. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
HM	*O homem e o mar*	SALLES, Arthur de. O homem e o mar. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
HSV	*Has de sempre vibrar na ancia do vago*	SALLES, Arthur de. Has de sempre vibrar na ancia do vago. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
IE	*Ilhas efêmeras*	SALLES, Arthur de. Ilhas efêmeras. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 584-86. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
ITR	*Ilha da Trindade*	SALLES, Arthur de. Ilha da Trindade. In: TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1896. f. 74-9. Doc. 0079.
JOC	*João Capataz*	SALLES, Arthur de. [Jo]ão Capataz. In: TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1896. f. 58-62. Doc. 0101, 00897, 0088.
LE	*A lenda*	SALLES, Arthur de. A lenda. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
LO	*Logista*	SALLES, Arthur de. Logista. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.

LP	*Lira Passadista*	SALLES, Arthur de. Lira Passadista. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
LPR	*Lira Presentista*	SALLES, Arthur de. Lira Presentista. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
LU	*A lua*	SALLES, Arthur de. A lua. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
LUN	*Lundu*	SALLES, Arthur de. Lundu. In: Antologia Poética de Arthur de Salles.
LZ	*A luz da prece*	SALLES, Arthur de. A luz da prece. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
M	*Marinheiros*	SALLES, Arthur de. Marinheiros. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 474-477. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
M./P	*M./Primeiro dom da vida*	SALLES, Arthur de. M./Primeiro dom da vida. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 474-477. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
MA	*Mater Amabilis*	SALLES, Arthur de. Mater Amabilis. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
MAR	*Ao mar!*	SALLES, Arthur de. Ao Mar! In: TAVARES, Célia Go ulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1896. f. 92-4.
MES	*Canção mestra*	SALLES, Arthur de. Canção mestra. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. f. 176-8.
MM/ MN	*Manhã no mar*	SALLES, Arthur de. Manhã no mar. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 474-477. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.

MUL	*Os Mulungús*	SALLES, Arthur de. Os Mulungús. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. f. 176-8.
N	*Navarca*	SALLES, Arthur de. Navarca. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 474-477. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
NN/NO	*Nonnagenário*	SALLES, Arthur de. Nonnagenário. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
NS	*No Saara*	SALLES, Arthur de. No Saara. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
NU	*Noute*	SALLES, Arthur de. Noute. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
O	*Oferenda*	SALLES, Arthur de. Oferenda. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
OCB/CB	*O cão de bordo*	SALLES, Arthur de. O cão de bordo. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 474-477. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
COM/ OM	*Ocaso no Mar*	SALLES, Arthur de. *Ocaso no Mar*. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
OF	*O farol*	SALLES, Arthur de. O farol. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
OHM	*O homem e o mar*	SALLES, Arthur de. O homem e o mar. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient.

		por Nilton Vasco da Gama
PAM	*A Planta amarga*	SALLES, Arthur de. A Planta amarga. In: TELES, Maria Dolores. *Valores lingüísticos e estilísticos do uso da pontuação em Arthur de Salles*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2002. Tese de Doutorado orient. por Celia Marques Telles. Anexo, doc. 0051, 0087, 0093, 0094, 0096, 0097, 0098, 0108.
PAS	*Passé*	SALLES, Arthur de. Passé. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. f. 170-2.
PAZ	*A paz*	SALLES, Arthur de. A paz. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. f. 170-2.
PDL	*Praia dormente e larga ao mar sonoro e largo*	SALLES, Arthur de. Praia dormente e larga ao mar sonoro e largo. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
PF	*Praia em festa*	SALLES, Arthur de. Praia em festa. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
PO	*Prosa (O ramo da fogueira)*	SALLES, Arthur de. O Ramo da fogueira. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *"O Ramo da fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996. f. 43-47. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
PR	*Poesia (O ramo da fogueira)*	SALLES, Arthur de. O Ramo da fogueira. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *"O Ramo da fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996. f. 43-47. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
RC	*Rictus*	SALLES, Arthur de. Rictus. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
RE	*O remorso*	SALLES, Arthur de. O remorso. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.

REC	*Recordando*	SALLES, Arthur de. Recordando. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. f. 170-2.
RFO1	*O Ramo da fogueira* (prosa)	SALLES, Arthur de. O Ramo da fogueira. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *"O Ramo da fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996. f. 43-47. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
RFO2	*O Ramo da fogueira* (poema)	SALLES, Arthur de. O Ramo da fogueira. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *"O Ramo da fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996. f. 56-74. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.6. f. 56-76. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
RFO3	*O Ramo da fogueira* (mss.)	SALLES, Arthur de. O Ramo da fogueira. In: REIS, Maria da Conceição Souza. *"O Ramo da fogueira", obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1996. f. 77-78. Diss. de Mestrado orient. por Albertina Ribeiro da Gama.
RP	*Revendo o passado*	SALLES, Arthur de. Revendo o passado. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
S	*Suicida*	SALLES, Arthur de. Suicida. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
SA	*Supremo anseio*	SALLES, Arthur de. Supremo anseio. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
SAM	*Samba*	SALLES, Arthur de. Samba. In: LOSE 2004 f. 144-145
SE	*Sonho Excelso*	SALLES, Arthur de. Sonho Excelso. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
SG	*Signus*	SALLES, Arthur de. Signus. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
SL	*O sol*	SALLES, Arthur de. O sol. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação

		orient. por Nilton Vasco da Gama.
SLT	*O sonho de Liszt*	SALLES, Arthur de. O sonho de Liszt. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
Sm	*Sub mare*	SALLES, Arthur de. Sub mare. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
SM	*Sangue-mau*	SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Salvador: UFBA, 1982. p. 10-254. Ed. crítica sob a dir. de Nilton Vasco da Gama.
SO	*Solitudo*	SALLES, Arthur de. Solitudo. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
SRO	*[Sancho Rodrigues]*	SALLES, Arthur de. [Sancho Rodrigues]. In: TELES, Maria Dolores. *A Peregrinação de Sancho Rodrigues. [no prelo]*
SUMB	*Sub Umbra*	SALLES, Arthur de. *A obra poética de Arthur de Salles*. Secretaria de Educação e Cultura, Salvador, 1973.
TAM	*O Triplo amor*	SALLES, Arthur de. O Triplo amor. In: TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1896. f. 86-91.
TP	*Toda Perdida*	SALLES, Arthur de. Toda Perdida. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
TR	*Tristeza*	SALLES, Arthur de. Tristeza. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
UC	*"Uma colina surge e o rio escoando perto"*	SALLES, Arthur de. "Uma colina surge e o rio escoando perto". In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
UL	*O último*	SALLES, Arthur de. O último. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.

ULB	*O Ultimo Bôbo*	SALLES, Arthur de. O Ultimo bôbo. In: TELES, Maria Dolores. *Valores lingüísticos e estilísticos do uso da pontuação em Arthur de Salles*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2002. Tese de Doutorado orient. por Celia Marques Telles. Anexo, doc. 00599, 0095, 0113, 0096, 0110.
UP	*Última página*	SALLES, Arthur de. Última página. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
UT	*Último troubadour*	SALLES, Arthur de. Último troubadour. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
V/VE	*Veneza*	SALLES, Arthur de. Veneza. In: CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. f. 598. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.
VC	*Vae Victus*	SALLES, Arthur de. Vae Victus. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
VD/VI	*Vida*	SALLES, Arthur de. Vida. In: PEREIRA, Norma Suely da Silva. "*Um Punhado de versos" e "paginas de prosa" de Arthur de Salles (uma antologia)*. Salvador: UFBA/IL/ PPGLL, 2002. p. 102. Diss. de Mestrado orient. por Célia Marques Telles.
VIO	*De viola e cantador*	SALLES, Arthur de. [De viola e cantador]. In: SOUSA, Arivaldo Sacramento de; ROCHA, Nilzete da Silva. De viola e cantador. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, Poster. Salvador; UFBA/PROPPG, 2004. Doc. 0150
VS	*Visão*	SALLES, Arthur de. Visão. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de arthur de Salles: tentativa de edição crítica*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 1995. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
VSF	*Vila de S(ão) Francisco*	GAMA, Nilton Vasco da; VEIGA, Cláudio. *Arthur de Salles e o Dous de Julho*. Salvador: ALB/UFBA/ CEC, 1993. p. 85-94.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	22
2	**(DES)CAMINHOS DA PESQUISA: A FILOLOGIA, A LEXICOGRAFIA E ALGUMAS TEORIAS DO DISCURSO**	30
2.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO *CORPUS*	34
2.2	UMA TENTATIVA DE ANÁLISE: O SISTEMA RACIONAL DE CONCEITOS	37
2.3	A TEORIA DOS CAMPOS: DE TRIER A COSERIU	39
2.4	TRILHANDO NOVOS CAMINHOS...	45
3	**UM OLHAR SOBRE O SUJEITO (AUTOR)**	51
3.1	O SUJEITO SOB A PERPECTIVA DE ALGUMAS TEORIAS DO DISCURSO	57
3.2	UMA INCURSÃO PELO SUJEITO ARTHUR DE SALLES	60
3.2.1	**O Poeta Arthur de Salles**	61
3.2.2	**As cartas como elemento da constituição do Sujeito Arthur de Salles**	65
3.2.3	**As cartas que desenham um projeto estético**	72
4	**PALAVRAS: TIREM-NAS DO POÇO E LANCEM-NAS AO RIO**	76
4.1	CENAS DO VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES	78
4.1.1	**Fragmentos de Recôncavo**	80
4.1.2	**Ainda o Recôncavo: comida; gentes e atividades produtivas**	87
4.1.3	**Retratos da Cidade da Bahia**	92

4.2	"O TEXTO É UM TECIDO DE CITAÇÕES"[1]: OS DITOS E ESCRITOS NA ESCRITA DE ARTHUR DE SALLES	99
5	**AS FACES DO VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES**	109
5.1	A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO: PORQUE A ESTRUTURA AINDA PULSA.	110
5.1.1	A METALINGUAGEM NA LEXICOGRAFIA: COMO FAZER?	113
5.1.2	A MICROSTRUTURA DO VOCABULÁRIO	116
5.2	TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: OS NEOLOGISMOS	120
5.2.1	**A Neologia Fonológica: neologismo onomatopaico**	124
5.2.2	**Neologismo Sintagmático**	125
5.2.3	**Neologismo Semântico**	128
5.3	TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: OS REGIONALISMOS	130
5.4	TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	131
5.4.1	**Acerca das Unidades Fraseológicas**	132
5.4.2	**As Classificações Existentes: segundo Julio Casares**	135
5.4.3	**As Classificações Existentes: a posição de Eugenio Coseriu**	137
5.4.4	**As Classificações Existentes: sob a perspectiva de Alberto Zuluaga**	138
5.5	TAXONOMIA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	139
5.5.1	**Colocações**	139
5.5.2	**Locuções**	142

[1] Trecho tirado do texto *A morte do autor* de Roland Barthes.

5.5.3	**Enunciados Fraseológicos (Parêmias)**	145
5.6	ASPECTOS PRAGMÁTICOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	147
5.6.1	**Quem pronuncia as Unidades Fraseológicas nos textos**	149
6	**O VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES: UMA REPRESENTAÇÃO**	151
7	**PALVRAS FINAIS, MAS NÃO DEFINITIVAS...**	250
	REFERÊNCIAS	257
	ANEXOS	

INTRODUÇÃO

> De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) *formando uma ficção que se chama o eu*. (SCHNEIDER, 1990, p.15. Grifo nosso)

As migalhas, os estilhaços de identificação que formam o eu ficcional, bem como todos os fragmentos, acidentes e reminiscências com os quais é produzido um texto protagonizam esse estudo sobre o poeta Arthur de Salles. A ideia do texto como uma teia em que se embrenham vários fios para formar uma dita unidade é transferida para visualizar o Vocabulário de Arthur de Salles. Esse vocabulário é concebido nesta tese como a materialização do discurso do poeta que representa sua realidade através da literatura e de sua correspondência.

De acordo com Duarte (1993, p. 117), o texto em processo passa por alguns níveis de construção. O primeiro nível é o que se pode denominar paradigmático em que se vai riscando, acrescentando ou substituindo, à medida que se escreve, elementos das classes chamadas lexicais (substantivos, verbos, adjetivos e advérbios). O segundo nível diz respeito ao processo de reordenação gramatical. Aqui, explica Duarte (1993, p.118), o sujeito representador se ocupa dos signos morfológicos (artigos, preposições, pronomes e conjunções). No terceiro nível, acentua-se uma tendência produtiva em que as classes mais submetidas à transformação são todas lexicais. A fim de se entender como se dá a manipulação do léxico por Arthur de Salles, o centro de observação deste trabalho situa-se no primeiro e no terceiro nível.

O estudo de vocabulário é caracterizado pela organização de diversas palavras em ordem alfabética. O ato de testemunhar uma dada sociedade em uma dada época através da organização de listas de palavras data de tempos bastante antigos. Nunes (2006) lembra que antes da reflexão sobre a linguagem vem a escrita e essas listas de palavras já se faziam presentes entre os babilônicos, entre os egípcios, entre os chineses e entre os gregos. Na Idade Média, entram em cena os glossários e dicionários, sendo os glossários uma importante ferramenta usada na escola para interpretar os textos gregos e latinos, tornando-se, mais tarde, base para a produção de dicionários. No Renascimento, por conta da relação do povo com a língua nacional, surgem os dicionários de língua materna (NUNES, 2006, p.47). Tal fato

mostra que as obras lexicográficas refletem o pensamento de uma sociedade num determinado período de tempo.

No que diz respeito à lexicografia Portuguesa, Murakawa (1998, p.151-158) menciona três grandes dicionários da língua portuguesa que constituíram as bases da tradição dicionarista na língua. São eles: Bluteau, Moraes Silva e Vieira.

No século XVIII, em 1712, foi publicado o *Vocabulário portuguez e latino* do padre Raphael Bluteau, no qual o dicionarista inovou, pondo nos verbetes os exemplos acompanhados de autor, obra, tomo etc., mostrando, com isso, o valor das referências. Esse exemplo foi seguido por todos os dicionaristas que o sucederam. A importância dada às fontes de referência pode ser ratificada no "prólogo ao leitor" dessa obra, a que Biderman (2003, p. 62) fez referência: "não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, deste uso não há evidência mais certa, permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos impressos". Esta obra, de caráter mais enciclopédico que cientificista, reflete a mentalidade da cultura humanista de seu tempo. Silvestre (2008, p. 7) salienta que esta obra "é o ponto de referência fundamental para compreender um processo de renovação da descrição da língua, da tipologia dos dicionários e das funções que os leitores atribuíram a estes instrumentos metalinguísticos".

O Diccionário da língua portugueza de Antonio de Moraes Silva é a primeira obra monolíngue de língua portuguesa, com primeira edição datada de 1789. Ao contrário de Bluteau, Moraes Silva tem uma intenção cientificista, por isso tem definições objetivas e curtas. Sua inovação consiste em pôr em cada verbete a informação gramatical do lema. Moraes Silva registra alguns poucos regionalismos procedentes de diversas regiões de Portugal.

O Grande dicionário português ou *Thesouro da Língua Portuguesa* do Frei Domingos Vieira foi publicado de 1871 a 1874. De maneira geral, segue as diretrizes de Moraes e Silva, porém registra a classe gramatical, oferecendo o maior número de informação possível. Ainda no século XIX não se pode esquecer o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* de Caldas Aulete (1881) que, segundo Biderman (2003), pode ser considerado um dicionário moderno para o seu tempo, registrando, sobretudo, a língua da época de sua confecção dispensando os arcaísmos.

Seguindo os passos desses dicionaristas, tem-se, ainda no século XIX, o *Novo dicionário da língua portuguesa* de Cândido Figueiredo (1899). Como aponta Biderman (2003), Figueiredo dizia ter incluído regionalismos de todos os territórios onde se falava

português no mundo. Tem uma nomenclatura extensa, por ter incluído muitas palavras raras e muitas edições.

Já no século XX, Laudelino Freire, resolve não mais esperar o dicionário da Academia Brasileira de Letras (dicionário de que ele próprio apresentou o projeto) e decide elaborar um dicionário português (BIDERMAN, 2003). O *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (1939) no qual prima pela riqueza vocabular, incluindo, com isso, muitas locuções, expressões, neologismos e termos técnicos. Em 1938, o Brasil teve um "porta-voz" da sua variedade linguística, com o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP) (BARROSO; LIMA, 1939). Esse dicionário, diz Biderman (2003, p. 58), teve um sucesso extraordinário para a época, transformou-se em um *best-seller* no Brasil ainda provincial.

Para auxiliar as definições feitas no Vocabulário aqui apresentado, três desses dicionários foram constantemente consultados: *O Dicionário de língua portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva; *O Grande dicionário português*, do Frei Domingos Vieira, e *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido Figueiredo.

O objeto de estudo desta tese é formado por glossários elaborados a partir de estudos feitos acerca da obra do poeta Arthur de Salles e ainda por textos acabados ou ainda em processo de construção, muitas vezes interrompido. O léxico, nesses textos, se engendra em construções desfeitas e refeitas incansavelmente, sendo manipulado, até que o texto chegue ao que seria a "vontade do autor".

Pelo viés da análise filológico-linguística e com a apropriação de operadores das teorias do discurso, pretende-se, a partir do vocabulário de Arthur de Salles, penetrar na cultura, ou seja, situar o uso da língua em seu contexto, descobrindo, ainda, elementos constitutivos desse sujeito. Para tal tarefa, o léxico − compreendido no nível do discurso − será o norteador da análise realizada. Justifica-se esse recorte, por ser no léxico que se revelam os hábitos, os costumes, ou seja, a cultura de uma dada comunidade.

A concepção de língua adotada nesta pesquisa segue a linha da Teoria da Enunciação. Dessa forma, afasta-se da concepção saussuriana de língua como sistema para fazer-se um diálogo mais próximo com a concepção de língua como lugar de interação. A partir desta ótica, concebe-se também um novo olhar para o sujeito discursivo, aqui essa concepção será entrelaçada com a concepção dialógica interacional da linguagem, na qual o sujeito é construído no social, mas também age e constrói a partir dele, através de um mosaico de vozes, ora explícita, ora implícita, numa relação sempre interacional (KOCH, 2006, p. 15).

Essa tese é o resultado de uma metamorfose iniciada no final do segundo ano do curso de Doutorado, quando se percebeu a inviabilidade de pôr em prática uma análise com base nas teorias que fundamentaram o então Projeto de Tese que foi submetido à banca examinadora na ocasião do Exame de Qualificação com Defesa de Dissertação em janeiro de 2007. Nessa ocasião, apresentou-se como ferramenta de análise das lexias que compunham o Vocabulário a Teoria Lexemática de Eugenio Coseriu. De acordo com a teoria do referido linguista, a estruturação do léxico seria possível se o pensasse intrinsecamente, considerando o significado léxico em si mesmo, ou seja, em estado de dicionário.

Deu-se conta, portanto, de que esse Vocabulário apresentava várias faces ainda escondidas nos véus de uma análise estruturalista e classificatória como a que se pretendia. Era necessário, então, tirar os véus das palavras, entendê-las como materialização de discursos que revelam estilhaços de um sujeito, que, de modo algum, será estudado em sua totalidade.

Em aproximadamente trinta anos de pesquisa sobre Arthur de Salles pode-se construir um importante legado para a história artística da Bahia, a partir de perspectivas diversas. Por isso, neste trabalho, o que se tem é um Arthur de Salles disperso, diluído em pesquisas anteriores que se fixaram, a partir da filologia textual, em vários tipos de textos e aspectos da vida do poeta. Sendo assim, vai-se construindo um sujeito Arthur de Salles e com ele, trazendo a lume a história, a cultura e os costumes de uma Bahia circunscrita nos meandros das quatro primeiras décadas do século XX.

A fim de ir além do sentido do dicionário, buscou-se analisar esse Vocabulário a partir de uma perspectiva do discurso. De acordo com Eni Orlandi (2007, p. 15), etimologicamente, a palavra discurso tem em si a ideia de percurso, de movimento. Desse modo, pensa-se discurso como palavra em movimento, ou seja, pretende-se com isso, lançar-se um olhar sob as lexias do vocabulário de Arthur de Salles, observando-as além do significado do dicionário e partindo para o implicado movimento (rio) do discurso desse poeta.

As conclusões tiradas da manipulação do léxico ultrapassaram os limites da língua (entendida como sistema, fechada em si mesma), para buscar uma exterioridade, levando-se em conta questões de natureza não estritamente linguísticas.

Seguindo a linha de algumas teorias do discurso[2], é importante lembrar que "as escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de diferentes discursos, que, por sua vez,

[2] As teorias do discurso que fundamentaram as questões abordadas nesta tese foram a Análise do Discurso de linha francesa e a Teoria da Enunciação. Ressalte-se, entretanto, que o trabalho não se inscreve nesse campo teórico, utilizaram-se apenas alguns operadores das referidas teorias.

expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema" (FERNANDES, 2008, p. 14). Neste trabalho, interessa a posição de Arthur de Salles acerca de temas variados que, a partir de uma possível reunião, mostra a sua constituição enquanto sujeito de discursos sobre o Recôncavo baiano, sobre a produção do seu eu, sobre sua memória discursiva, ou seja, suas influências reveladas tanto implícita quanto explicitamente.

Nessa perspectiva, o significado da palavra no dicionário dá lugar ao sentido que é produzido a partir do ou dos sujeitos em interlocução. Esse sentido é produzido em decorrência da ideologia do sujeito em questão, da forma como esse sujeito compreende a realidade na qual está inserido (FERNANDES, 2008, p. 14).

Unir esses estilhaços através de um mesmo olhar se justifica pela possibilidade de se descortinarem as faces do sujeito discursivo, a partir de diferentes contextos de produção, além de perceber o vocabulário como representação de um discurso que legitima a cultura, os costumes, as gentes e paisagens do Recôncavo, bem como a confluência de vozes que soam através do discurso de Salles que se materializa no léxico resgatado nesse vocabulário.

Objetivou-se, então, perseguir alguns traços para mostrar sob quais formações discursivas se legitima o discurso de Arthur de Salles, além de mostrar o contexto de produção em que se materializou dito discurso. O sujeito discursivo foi sendo mostrado a partir da manipulação do léxico pelo próprio autor e também a partir dos modos de produção de si, evidenciado através das cartas ou de suas escolhas e influências na produção literária.

O conceito de formação discursiva foi fundamentado nas ideias de Foucault (2005), porém, houve uma necessidade de perturbá-lo um pouco, no sentido de não continuar com a noção estática de formações que vislumbram o que deve e o que pode ser dito em determinado momento, mas sim aquilo que possibilita o enunciado, de modo que seja possível trazer a lume que outros discursos estão além da superfície do vocabulário. Fernandes (2008, p. 39) lembra que "toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos". Nesta perspectiva, legitima-se a relevância de se estudar a intertextualidade e a interdiscursividade, a fim de trazer à superfície as influências na literatura do autor, mas também a sua ideologia, a sua visão de mundo, as vozes, os cheiros e os costumes das gentes do Recôncavo.

Compartilhando das ideias de Fernandes (2008), salienta-se que a compreensão de uma formação discursiva é parcialmente apreendida, dada a sua natureza complexa. Uma formação discursiva é caracterizada por uma incompletude. Desse modo, a análise realizada aqui tenciona iluminar alguns pontos do vocabulário organizado, a fim de trazer à tona

elementos que podem ser considerados constituintes de formações discursivas que nem sempre serão completamente explicitadas nas análises.

Esta tese, então, se caracteriza por assumir uma metodologia fluida, em que os resultados vão sendo descobertos através de caminhos que foram sendo construídos ao longo da leitura da fundamentação teórica que, por sua vez, não é nada rígida, nem homogênea. Para usar uma lexia do autor: foi-se "babatando"[3] um caminho para dizer algo da produção do sujeito e do seu discurso, através de elementos do seu vocabulário.

A tese foi dividida em sete seções. A estrutura que, *a priori*, parece rígida, segue o ritmo da confecção do sujeito no discurso apresentado. Sendo assim, a ideia de fragmentos parece ter transgredido a produção do sujeito, atingindo também a maneira como foi escrito e "organizado" o presente trabalho. Não se pretende, portanto, perseguir uma linearidade na escrita, nem muito menos nas ideias apresentadas.

Na primeira seção, a *introdução*, apresentam-se os pontos que serão abordados ao longo do texto, os objetivos e a metodologia geral da tese.

Na segunda seção, intitulada *(Des)caminhos da pesquisa: a filologia, a lexicografia e as teorias do discurso* aborda-se o percurso da pesquisa, desde o primeiro projeto submetido à banca examinadora em 2007 até as mudanças que culminaram no trabalho ora apresentado. Nesta seção, situa-se o trabalho em diferentes campos discursivos: a vfilologia, a lexicografia e algumas teorias do discurso. A filologia é, essencialmente, uma disciplina que estuda o texto em suas diversas facetas. Como todo texto é constituído de uma materialidade linguística e essa tem o léxico como elemento principal; a lexicologia auxilia o estudo dos elementos do vocabulário e, entrando em outro campo discursivo, muito próximo da lexicologia, fundamentou-se também em estudos lexicográficos para pensar a estrutura do vocabulário. As teorias do discurso auxiliam a análise com alguns operadores para interpretação do vocabulário numa perspectiva discursiva. São feitas, ainda, algumas considerações acerca do *corpus* que se caracteriza bastante heterogêneo, merecendo, desse modo, uma organização cuidadosa. Em duas subseções são expostas as duas tentativas de análise anteriores àquela que foi seguida. Em uma delas, intitulada *Uma tentativa de análise: o sistema racional de conceitos*, destaca-se a teoria de Hallig e Wartiburg como um possível caminho para se estudar o vocabulário, discutindo-se, porém, os motivos pelos quais essa teoria foi refutada. Na outra, intitulada *A teoria dos campos: de Trier a Coseriu*, faz-se uma

[3] BABATAR v. int. 'Buscar orientar-se, tateando': "Andar no escuro, andar sem rumo como cego/*babatando* na vida!... Andar surdo, andar mudo (SMA, p. 206, 441, v. 916).". Ver Vocabulário completo no apêndice.

mostra panorâmica da teoria dos campos, porém, mostrando a inviabilidade da aplicação dessa teoria a um vocabulário dessa natureza.

Na terceira seção – *Um olhar sobre o sujeito (A posição-autor)* – pretende-se delinear o sujeito Arthur de Salles sob perspectivas diversas. Sabe-se que a constituição do sujeito é fragmentada, por isso, buscou-se reunir os estilhaços do sujeito Arthur de Salles, tendo a manipulação do léxico como um caminho. Para isso, apresentam-se duas subseções: na primeira, intitulada *O sujeito sob a perspectiva de algumas teorias do discurso*, faz-se um breve histórico de como foi estudado o sujeito na linguagem; na segunda, intitulada *Uma incursão pelo sujeito Arthur de Salles* mostram-se os modos de subjetivação de Salles, respaldando-se, principalmente, nas observações de Foucault sobre os modos de subjetivação desde a Antiguidade Clássica.

Nesta subseção, pretende-se observar quais os procedimentos mobilizados por esse indivíduo para se (re)apropriar de sua relação consigo e, assim, constituir-se um sujeito soberano. À luz das reflexões foucaultianas, pensa-se o sujeito como objeto constituído historicamente sobre bases que lhes são exteriores. Essas bases estão pautadas em elementos de constituição de si, reveladas, principalmente, a partir de sua correspondência. Tomando-se alguns textos da terceira parte do Projeto de Foucault como fio condutor das discussões, analisa-se o processo de constituição do sujeito Arthur de Salles, entendendo que a subjetividade é algo da produção e que, portanto, não há um sujeito original e fixo. Ao lado desse sujeito que busca na correspondência com o amigo o remédio para a alma, observa-se também um ser social que interage e protesta diante dos fatos sociais que o circundam, assumindo, assim, o lugar de um sujeito ideológico.

Palavras: tirem-nas do poço e lancem-nas ao rio é o título da quarta seção. Traz-se à cena a questão do sentido, tal como é concebido nas teorias do discurso, preterindo, desta forma, o significado em estado de dicionário. Ressalte-se que as lexias analisadas no vocabulário foram enunciadas por um locutor, dentro de determinado contexto de produção, por isso, trazem consigo uma historicidade que não pode ser negligenciada na análise; visto que essas lexias revelam a ideologia e o espaço do sujeito do discurso. Nesta seção, apresenta-se e descreve-se a cenografia caracterizada pelas lexias do vocabulário. Desse modo, apresenta-se o Recôncavo, através da Cidade da Bahia e das paisagens, costumes, cheiros e gentes das pequenas vilas e lugarejos desse lugar. Para compor essa seção, apresentam-se, ainda, os textos, alguns autores e influências com que dialoga o poeta Arthur de Salles, tanto em sua correspondência, quanto em sua produção literária, corroborando a afirmativa de que o

sentido das palavras é algo da produção, do vir a ser e não pode estar fechado na cientificidade dos dicionários.

Na quinta seção – *As faces do Vocabulário de Arthur de* Salles – se descrevem as decisões tomadas para a organização do vocabulário. Nesta seção, são explicitadas as unidades léxicas que constituem o vocabulário, destacando o papel delas para a produção do sujeito discursivo. Os estudos lexicológicos sobre neologismos, regionalismos e unidades fraseológicas fundamentam três subseções. Tal fato se dá devido à incidência e importância desses tipos de lexias na composição do discurso de Arthur de Salles.

A sexta seção denomina-se *O vocabulário de Arthur de Salles: uma representação*. Aqui se apresenta o *corpus* propriamente dito, materializado em forma de Vocabulário, seguindo a formatação da maioria dos apanhados lexicográficos feitos pelos pesquisadores que estudaram a obra de Arthur de Salles.

A conclusão corresponde à sétima seção em que são feitas algumas considerações a fim de finalizar a redação do presente estudo, sem, contudo, promulgar um fim para a pesquisa, pois, em se tratando do léxico, isso seria inviável.

2 (DES)CAMINHOS DA PESQUISA: A FILOLOGIA, A LEXICOGRAFIA E ALGUMAS TEORIAS DO DISCURSO

> É preciso ser forte, seu moço, para ser metamorfose, para sair da falsa segurança do mesmo e conhecer os percalços do novo (Rosinês Duarte).

As possibilidades de estudo que se descortinam ao adentrar no terreno múltiplo da filologia impelem o pesquisador ao "entre lugar". A função mestre da filologia nos seus primórdios como na contemporaneidade – a edição de textos – possibilita, dentre vários caminhos, o estudo do léxico em suas multifacetadas concepções. Ao editar um texto, o estudioso, resgata fatos culturais e históricos que reconfiguram uma determinada época e lugar. É, por assim dizer, uma reconstrução de um espaço possibilitado pela materialidade da edição, em que se experimentam a maneira de pensar de um dado povo, o seu contexto histórico-social, a sua linguagem. Desse modo, o editor de texto muitas vezes opta por elaborar um glossário para esclarecer ao público o uso do material léxico por parte do autor. Esses glossários são lançados no final da edição e, na maioria das vezes, condenados ao esquecimento e desinteresse. Se, entretanto, se deseja lançar um olhar sobre o caráter inaugurador da palavra, a filologia usufrui das ferramentas dos estudos lexicológicos e traz a lume essas unidades de significado, para que, assim, seja possível perceber fatos culturais que poderiam estar desbotados nas (entre)linhas do texto-base.

As unidades léxicas, resultado do labor cognitivo de um autor, podem refletir a sociedade, a história em que se insere tal autor e ainda revelar o sujeito enunciador. Desse modo, tem-se, principalmente no cenário de estudo do texto na contemporaneidade, o possível diálogo entre a filologia, a lexicologia e teorias do discurso. Dessa polissemia gerada pelo termo filologia, e das possibilidades de diálogos resultantes desse caráter múltiplo, faz-se pertinente trazer o ou os conceitos de filologia que permeiam a episteme dos estudos da linguagem desde a antiguidade clássica.

Bruno Basseto (2005, p. 37), após uma explanação sobre o amplo conceito de filologia, faz um resumo do que seriam as três fases da filologia. A primeira corresponde às primeiras ocorrências nos textos gregos, apresentando a acepção etimológica de "amigo da palavra". A segunda fase corresponde à de Eratóstenes de Cirene. Com ele, o termo filólogo transforma-se em sinônimo de sábio. E a terceira etapa começa com os primeiros indícios do

Renascimento, quando os estudiosos se voltam para os textos clássicos. Os filólogos, nesta época, estudam, comentam e editam esses textos, daí se instaura a concepção moderna, em sentido amplo, referindo-se à "pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura" (BASSETO, 2005, p. 37).

Valendo-se da primeira e da terceira fase na concepção do termo filologia, realiza-se o estudo do Vocabulário de Arthur de Salles sob uma perspectiva discursiva, sem abandonar, porém, o sentido primeiro da etimologia da palavra filologia, amor ao *logus*, ou seja ao verbo, à palavra. Essa palavra que materializa discursos fundados num dado momento e lugar que podem ser trazidos à superfície do texto e com isso, possibilitar uma contribuição tanto para a história do povo de que trata o texto, quanto para a história do sujeito do discurso.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em *Lições de Filologia Portuguesa*, traz um conceito de filologia na antiguidade:

> Filologia era o culto das ciências em geral; em especial o culto da ciência da linguagem; ou de todas as ciências em que o logos, o milagre do verbo, a arte de definir e discursar, é cultivada. É o culto da gramática, dialética retórica e lógica, assim como das belas letras (VASCONCELOS, 1946, p. 132)

Desse modo, vê-se que, em meio ao polissêmico caráter do termo filologia, há uma regularidade: é a ciência que estuda a palavra no texto.

O caráter múltiplo da filologia é estendido ao sujeito que a realiza: o filólogo. Esse termo, encontrado inicialmente em Platão e em Aristóteles significa, etimologicamente, "amigo da palavra". O filólogo é, então, aquele que apreende a palavra, que adquire conhecimento a partir da palavra e do pensamento alheio. Conforme ressalta Basseto (2005, p.17), até o século V a.C essa palavra era estritamente oral, depois com o advento da palavra escrita, o termo passou a ser usado para os privilegiados que dominavam a dádiva de saber ler e escrever, os doutos, por isso, até hoje o termo é sinônimo de erudito, sábio.

Em *O Ofício do filólogo*, Celso Cunha traz, de forma conclusiva, a função do filólogo:

> Em síntese, deve ele reconstituir a língua do seu autor como um sistema em si, a um tempo sicrônico, sintópico, sinstrático e sinfásico e, por outro lado, deve estar em condições de observá-lo dentro de um panorama que se desenrola em sua amplitude diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica (CUNHA, 2004, p. 348).

Note-se que o olhar do filólogo, ainda que este reconstitua sincronicamente um texto, deve revelar uma história, inscrita nesta amplitude diacrônica e ainda considerar fatos como região, estilo etc.

Bruno Basseto (2005, p. 19) volta a Platão, em *Isócrates* (435 – 338 a.C), lembrando que, aí, o termo "filólogo" tem o sentido de "gosto pelo estudo das palavras". Apropriando-se desse sentido, o presente estudo almeja, através do estudo da palavra, descortinar o(s) discurso(s) engendrado(s) pelo poeta Arthur de Salles, podendo, assim, perceber as formações discursivas que fundamentam esse(s) discurso(s) e ainda buscar descrever sobre quais condições de produção esse sujeito instaurou referidos enunciados.

O caráter de ciência histórica e auxiliar da filologia fica evidente em Dubois et al (1973, p.278), quando afirmam que:

> A filologia é uma ciência histórica que tem por objetivo o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas deixaram: estes nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas.

A filologia, portanto, caminha ao lado da história no resgate histórico-cultural de um dado povo, através dos vestígios deixados nos textos. A lexicologia, por meio do estudo do léxico e por extensão, da sociedade que o produziu dialoga constantemente com essa ciência histórica, no intuito de materializar, através das unidades léxicas o legado deixado por um dado povo.

Estudar a linguagem do texto possibilita uma imersão mais profunda nos elementos que o constroem. Através de elementos linguísticos, emaranha-se no estilo do autor, podendo, assim, conhecer um pouco mais da personalidade desse sujeito enunciador. Bruno Basseto (2005) corrobora as possibilidades de descobertas a partir da linguagem: "a linguagem deixa entrever as influências recebidas pelo autor, sua filosofia, suas preferências léxicas e sintáticas, sua cultura, a provável filiação a algum movimento filosófico ou literário etc" (BASSETO, 2005, p. 56). É possível acrescentar ainda que a linguagem possibilita entrever as formações ideológicas que engendram o discurso do texto, descortinando as condições de produção e o sujeito discursivo. Desse modo, é possível evidenciar uma possível aproximação entre a filologia, os estudos lexicológicos e alguns conceitos-chave de algumas teorias do discurso. Pretende, através do diálogo entre eles, abrir possibilidades de interpretação do tema proposto.

Dubois et al (1973) já consideravam a pertinência do diálogo entre esses três diferentes campos do conhecimento científico (Filologia, Lexicologia e Análise do Discurso), ressaltando a interface necessária entre a lexicologia e os estudos em Análise do Discurso:

> Os progressos da análise do discurso, bem como da teoria da enunciação, levam a colocar em termos novos os problemas lexicológicos. O estudo da unidade léxica isolada não deve ser privilegiado, na única medida em que *a análise do vocabulário não constitui senão parte da análise do discurso e não pode ser isolada desta* (Dubois et al, 1973, p. 377 grifo nosso).

Salienta-se que a análise aqui pretendida usufrui de alguns conceitos-chave para os estudos discursivos, como: *sujeito, formação discursiva, formação ideológica, condições de produção* e *discurso*. Sendo assim, a unidade lexicológica será um instrumento para compreender o discurso, portanto, será o meio, não o fim último da análise.

Impulsionado pelo diálogo entre estudiosos sobre o tema, cita-se o posicionamento de João Antonio de Santana Neto em seu texto *Filologia e análise de discurso: encontros e desencontros*, acerca da "função" da filologia na contemporaneidade:

> Na contemporaneidade, a Filologia é compreendida como a disciplina que se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. – no tempo e no espaço, tendo como objeto o *texto escrito*, literário e não literário, manuscrito e impresso. (SANTANA NETO, 2009)

Para se fazer um estudo filológico à luz de conceitos que norteiam algumas teorias do discurso, é necessário passar do texto ao discurso, ou seja, ir além das abordagens puramente linguísticas. É preciso pensar o discurso como símbolo de uma sociedade, ideologicamente marcada num tempo e num espaço social (SANTANA NETO, 2009).

Nesse contexto, destaque-se a posição de Cano Aguilar (2000, p. 14), quando diz que:

> [...] Filología sigue conservando una acepción amplia, de modo que por ella se entiende *el estudio y análisis de la cultura y civilización de un pueblo a través de los documentos escritos que éste ha dejado*: la Filología es así una ciencia auxiliar de la Historia [...], e incluso puede concerbirse como una 'Historia cultural'. Pero más frecuentemente la Filología se ha identificado con la labor misma del estudio de los textos: en este sentido, es la Historia (o cualquier otra disciplina) la que se convierte en auxiliar de la Filología, pues para interpretar un texto puede ser necesario cualquier conocimiento que aporte cualquier disciplina; ahora bien, para tal interpretación es preciso que el texto sea fiable: la Filología acaba así especializándose en la labor de fijar, reconstruir, criticar, etc., los textos transmitidos; [...] los textos literarios han merecido desde los orígenes una atención privilegiada. Por último, no hay que olvidar que todo texto está hecho de la materia de la lengua: hija o hermana de la Filología, la Lingüística ha recorrido junto a ella un largo y tortuoso camino, lleno de encuentros y rechazos. Y presente siempre en

> cualquiera de estas 'especializaciones' de la Filología, la dimensión histórica, la perspectiva diacrónica del investigador.[4]

Cano Aguilar (2000) parece sintetizar a multifacetada filologia nesse trecho. Para o estudo e análise dos textos de Arthur de Salles partiu-se do porto filologia, mas os caminhos gerados pela interpretação levam ao estudo lexicológico e lexicográfico, ao diálogo com as teorias do discurso e a uma aproximação bastante relevante com a história e até mesmo com a antropologia. É nesse fazer-se constante que se pretende este estudo.

Desse modo, os conceitos de filologia arrolados aqui têm o intuito de chamar a atenção para a filologia enquanto estudo da língua do texto, com a finalidade de retratar o povo que o produziu. Não se pretende silenciar ou desautorizar os diversos conceitos de filologia que privilegiam o estudo diacrônico da língua a partir do texto escrito, especificamente o texto literário, mas sim de preteri-los em função de um conceito que, até o momento, se pensa mais amplo e conveniente aos propósitos pretendidos no presente estudo.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO *CORPUS*

O *corpus* que protagoniza esse estudo é um Vocabulário organizado desde 2004, a partir da junção de *Glossários* produzidos por pesquisadores que tiveram a obra do referido poeta como tema de dissertações e teses no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação de Nilton Vasco da Gama, Albertina Ribeiro Gama ou Célia Marques Telles.

Inicialmente, o vocabulário foi elaborado sem a intenção de compor um corpus de pesquisa. Era uma tarefa de duas bolsistas de Iniciação Científica do Grupo de Crítica

[4] Grifo nosso. Traduzindo: [...] Filologia segue conservando uma acepção ampla, de modo que por Filologia se entende o estudo e a análise da cultura e civilização de um povo através dos documentos escritos que este deixou: a Filologia é assim uma ciência auxiliar da História […], podendo, inclusive, conceber-se como uma 'História cultural'. No entanto, mais frequentemente a Filologia tem se identificado com o labor do estudo dos textos: neste sentido, é a História (ou qualquer outra disciplina) que se torna auxiliar da Filologia, pois para interpretar um texto qualquer conhecimento que aporte qualquer disciplina pode ser necessário; isso posto, para empreender tal interpretação é preciso que o texto seja fidedigno: a Filologia acaba assim especializando-se no labor de fixar, reconstruir, criticar etc. os textos transmitidos; […] os textos literários mereceram desde suas origens uma atenção privilegiada. Por último, não se pode esquecer que todo texto se constitui da matéria da língua: filha ou irmã da Filologia, a Linguística percorreu junto com ela um longo e tortuoso caminho, repleto de encontros e desencontros. E sempre presente em qualquer destas 'especializações' da Filologia está a dimensão histórica, a perspectiva diacrônica do investigador.

Textual: Malena Maria de Souza e Rosinês de Jesus Duarte. Sua missão era reunir todos os Glossários de dissertações e teses que já haviam sido produzidas sobre Arthur Gonçalves de Salles. Até aquele momento, não havia intenção de estudá-lo por inteiro, posto que, naquele contexto, o Vocabulário de Salles era só uma maneira de reunir e organizar resultados de trabalhos anteriores.

Durante seis meses as bolsistas trabalharam juntas na organização desse vocabulário. Entretanto, por conta da saída da bolsista Malena Maria de Souza, reservou-se a Rosinês Duarte a responsabilidade de finalizar o trabalho. Sendo assim, a bolsista deu seguimento a sua tarefa e concluiu, em 2007, uma etapa da pesquisa com um apanhado lexicográfico formado, nesse período, por aproximadamente 2300 (duas mil e trezentas) entradas lexicais.

Integrou-se ainda a este vocabulário o resultado da Pesquisa de mestrado da estudante Rosinês de Jesus Duarte (2007). Em sua dissertação, ela elaborou um vocabulário de neologismos e regionalismos encontrados na obra de temática regional e nas cartas de Salles a Durval de Moraes. Os Glossários e Vocabulários que formaram o *corpus*[5] em questão são:

- Glossário de *Sangue-mau* (SALLES, 1981)
- Glossário dos sonetos de Arthur de Salles (QUEIROZ, 1995)
- Riqueza de vocabulário (REIS, 1996)
- Vocabulário dissertação de Célia Tavares (TAVARES, 1996)
- Glossário da Obra dispersa de Arthur de Salles em periódicos (TELLES, 1998)
- Glossário da Prosa inacabada de Arthur de Salles (ASSUNÇÃO, 1999)
- Vocabulário de *Sangue-mau* (ARAGÃO, 2001)
- O léxico do mar na poesia de Arthur de Salles (CARVALHO, 2001)
- Glossário de “Um punhado de versos” e “páginas de prosa” (PEREIRA, 2002)
- Glossário de *Rimas várias* (LOSE, 2004)
- Vocabulário de neologismos e regionalismos (DUARTE, 2007)

[5] Ressalte-se que o Vocabulário que compõe o *corpus* deste trabalho por ser fruto da junção de diversos resultados de pesquisas anteriores, traz uma diversidade de critérios no que tange à sua apresentação. Os principais critérios adotados serão descritos na quarta seção, entretanto, podem-se perceber critérios não esclarecidos no trabalho atual. Visto que, o que se pretende neste trabalho é chamar a atenção para a maneira como Arthur de Salles lida com as palavras e como essas palavras podem dizer esse sujeito.

A partir de 2007, tendo o referido Vocabulário como *corpus* da pesquisa de Doutorado de Rosinês Duarte, fez-se necessário realizar algumas intervenções nesse apanhado lexicográfico. Visto que o objetivo da pesquisa era mostrar, através do léxico manipulado por Arthur de Salles, as faces que constituíam esse sujeito, evidenciando, assim, o caráter múltiplo e fragmentário do mesmo. A fim de cumprir essa tarefa, foram adotados alguns critérios para definir as entradas que integrariam o vocabulário final:

- Retirar lexias que pertenciam ao léxico comum e que não traziam nenhum traço semântico significativo para caracterizar o poeta.
- Inserir as lexias que apresentavam a cultura popular do recôncavo e seus aspectos geográficos.
- Refazer e/ou complementar as definições de acordo com os objetivos pretendidos neste trabalho.

Esses passos culminaram na constante alteração do número de entradas do vocabulário[6].

Ressalte-se que ao delinear o objetivo principal da tese, viu-se a necessidade de ampliar a leitura sobre o poeta Arthur de Salles. Para tanto, ultrapassaram-se os limites dos glossários das dissertações e teses já referidas e chego-se ao texto do poeta. O labor direto com os textos[7] do poeta resultou na incorporação de diversas lexias ao vocabulário apresentado nesta tese.

O resultado da junção desses trabalhos é um Vocabulário em que se verificam diversos lugares de fala do autor. Pode-se perceber um poeta imerso em suas raízes, com um vocabulário regional, um amante da mitologia grega, um inveterado leitor de cânones da literatura universal, como: Dante Alighieri, Shakespeare, Goethe, Baudelaire, dentre outros. Verifica-se também um poeta engajado e crítico da organização social que o cercava, imerso nas mudanças sociais, econômicas e culturais da Cidade da Bahia e, ainda, um sujeito que se desvenda que se mostra sem a máscara de poeta: seus medos, suas incertezas, seus prazeres.

Observe-se que a heterogeneidade desse vocabulário revela-se não só a partir dos temas abordados pelo poeta Arthur de Salles, mas também através do modo pelo qual foi organizado; posto que os glossários e vocabulários que o compõem são fruto da subjetividade e da necessidade imediata de cada pesquisador. Desse modo, buscou-se um aporte teórico-metodológico que não negligenciasse essa multiplicidade do vocabulário de Salles. Na

[6] A quantidade de entradas do vocabulário foi alterada durante toda a pesquisa. A quantidade exata de entrada será expressa na subseção 4.1.1.

[7] Esse trabalho direto com os textos de Arthur de Salles pode ser visto na seção 5 - *Palavras: tirem-nas do poço e lancem-nas ao rio*.

tentativa de contemplar a natureza multifacetada desta obra, trilharam-se alguns caminhos que, talvez, pudessem atingir os objetivos pretendidos.

Isso posto, faz-se na próxima subseção uma breve mostra das teorias estudadas durante dois anos desta pesquisa e cogitadas como possíveis metodologias de análise. Inicialmente, um olhar sobre o *Sistema racional de conceitos* e depois, a tentativa de inscrever o *corpus* mencionado no panorama dos estudos do léxico sob a perspectiva da Teoria dos campos.

2.2 UMA TENTATIVA DE ANÁLISE: O SISTEMA RACIONAL DE CONCEITOS

O sistema racional de conceitos organiza o léxico de determinado universo a partir de três pilares: *O universo*, *O homem*, *O homem e o universo*. Nesse sistema, assim como na proposta da teoria dos campos léxicos (COSERIU, 1977), a ordem alfabética tradicional é preterida em função da classificação das lexias a partir dos conceitos.

Esse método, denominado de *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie; Versuch eines Ordnungsschemas*[8] foi elaborado por Hallig e Wartburg em 1951. Ele tentou oferecer um modelo de ordenação dos conceitos para servir de base aos estudos lexicográficos de natureza onamasiológica. Foi apresentado durante o Sétimo Congresso Internacional de Linguistas em Londres, em 1952, tendo uma edição revista e ampliada em 1963 (ARAGÃO, 2001).

A classificação proposta por Hallig e Wartburg não é lógica, mas associativa. Essa proposta, ainda que associativa, afasta-se do método da teoria dos campos por levar em conta o homem, podendo, considerar-se, portanto, subjetiva.

A respeito do sistema racional de conceitos, Wartburg, em *Problemas y metodos de la lingüística*, sinaliza que o léxico é uma grande totalidade, dentro da qual cada membro, cada palavra tem sua situação especial em seu ambiente e se encontra em relação com outros membros vizinhos. Dentro dessa totalidade, continua ele, existem certas porções que correspondem a partes claramente delimitadas do mundo subjetivo. Nessas zonas se associam os diversos elementos do léxico para formar um campo articulado. Wartburg (1951) segue afirmando que em outros lugares, o sistema está menos articulado, as palavras não chegam a

[8] Traduzindo: Sistema racional de conceitos para servir de base à lexicografia; tentativa de um esquema de classificação.

agrupar-se com tanta nitidez em uma estrutura de unidades e subunidades. Este léxico, como expressão da imagem do mundo, vive, naturalmente, em graus diferentes dentro de uma comunidade linguística (WARTBURG, 1951, p. 294).

De acordo com Wartburg (1951, p. 262), cada palavra deve ser tomada como parte de um grupo semântico. Salienta que o signo não é fator decisivo no desenvolvimento e formação do léxico, mas sim sua maneira de estar situada na consciência humana. Sendo assim, o agrupamento de palavras por conceito permite ordenar o caos das significações na mente humana. Esse agrupamento de coisas sob uma mesma palavra pode tornar-se cada vez mais complexo. Quanto mais se avança nesse sentido, maior é o número de objetos que a comunidade linguística agrupa sob a mesma expressão, acrescentando a isso, uma maior abstração do vocabulário (WARTBURG, 1951, p. 279).

Ulmann (1964) comenta o sistema racional de conceitos de Hallig e Wartburg e explica que na construção do esquema, os estudiosos foram guiados por dois princípios. Em primeiro lugar, visualizaram o sistema de conceitos como um "mundo intermédio" entre o homem e o universo, e procuraram representá-lo como uma estrutura integrada de elementos entrelaçados. Em segundo lugar, continua Ulmann (1964, p. 533), adotaram um ponto de vista descrito como "realismo ingênuo": o seu alvo era mostrar a visão do mundo do homem de inteligência média, baseada nos conceitos gerais pré-científicos postos à sua disposição com a linguagem.

Desse modo, ainda que esse método tenha sido aplicado para estudar o Vocabulário de Sangue-mau por Adevaldo Aragão (2001), ele pode não ser propício para nortear a análise do Vocabulário de Arthur de Salles, visto que não se aceita o princípio de linguagem como uma "estrutura integrada de elementos entrelaçados", a partir do ponto de vista do homem de inteligência média. Acredita-se que tal método é demasiadamente totalizador, impossibilitando, assim, a emergência do(s) discurso(s) de um sujeito enunciador, bem como a situação de produção (extralinguística) em que tal discurso está imerso. O sistema racional de conceitos mostrou-se um método válido para apanhados lexicográficos registrados entre as décadas de 50 e 60 do século XX, contudo, pode inviabilizar uma análise em que se tenciona resgatar os estilhaços de um sujeito enunciador, a partir do viés de sua própria obra e também do fazer científico de diversos pesquisadores, tal como já foi verificado acima.

2.3 A TEORIA DOS CAMPOS: DE TRIER A COSERIU

A lógica ocidental, pautada no binarismo lógico, permeou o caminho da ciência por um considerável tempo. O estruturalismo usou intensamente dicotomias, como: *significado* × *significante*; *língua* × *fala*; *sincronia* × *diacronia*, que, de certo modo, nortearam os estudos linguísticos até mais da metade do século XX. No campo da linguagem, o estruturalismo ganhou forma a partir das teorias de Ferdinand Saussure – um dos fundadores da linguística moderna – que através da dicotomia *langue*/*parole*, inaugurou novos ares na perspectiva dos estudos linguísticos.

Ao comentar as características da língua, Saussure esclarece que enquanto a linguagem é heterogênea, a língua – estudada enquanto sistema fechado em si mesmo – é de natureza homogênea: "constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (SAUSSURE, 1995, p. 23)

Para o linguista, o estudo da linguagem é composto de apenas duas partes: a primeira e essencial diz respeito ao estudo da língua que é social e independente do indivíduo; a fala é, por sua vez, a parte secundária que tem por objetivo a parte individual da linguagem.

Em *Uma introdução à teoria literária*, Terry Eagleton (1988, p.63) comenta o posicionamento de Saussure em relação à língua:

> Por último, Saussure creía que la lingüística entraría en un enredo sin salida si se ocupaba del habla real, de lo que él denominaba *parole.* A Saussure no le interesaba investigar lo que la gente en realidad decía, sino la estructura objetiva de los signos que, en primer lugar, hacían posible su habla, a lo cual llamaba *langue* [9].

Diante disso, para realizar uma classificação estrutural do léxico de determinada área de conhecimento ou de um autor, é preciso conceber a língua tal como o fez Saussure: um sistema formado por oposições concretas, em que tudo se reduz a diferenças e a agrupamentos. Veja-se o trecho no qual Saussure compara a língua com um jogo de xadrez:

---

[9] Traduzindo: Por último, Saussure acreditava que a lingüística entraria num labirinto sem saída se se ocupasse da fala real que ele denominava *parole*. O que lhe interessava não era investigar o que as pessoas diziam, mas a estrutura objetiva dos signos que, em primeiro lugar, tornava possível sua fala, a que chamava *langue.*

> Mas assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, assim também a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas (SAUSSURE, 1995, p. 124).

É sobre essa concepção dialética da língua como sistema, que os estudos sobre léxicos vão nortear-se desde Trier até Eugenio Coseriu. Fazendo-se um panorama dos estudos sobre o léxico no século XX, pode-se afirmar que a teoria dos campos foi o mais fértil aporte metodológico para estudá-lo. Desse modo, parece pertinente discutir os rumos tomados pelos principais seguidores dessa teoria e, a partir disto, delinear um percurso metodológico plausível para este estudo.

Vale ressaltar que a teoria dos campos foi um alicerce para os estudos lexicológicos no panorama histórico da linguística, entretanto, no que tange ao discurso particular de um autor, organizado em forma de vocabulário que contém diversas áreas do saber, a metodologia adotada pela teoria dos campos não revelaria as idiossincrasias presentes num discurso poético e/ou epistolar.

Por questões metodológicas, optou-se por seguir uma ordem cronológica para mencionar os linguistas que se debruçaram sobre essa questão dos estudos linguísticos. Apresentam-se nessa subseção o aporte dos estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento da teoria dos campos.

Os primeiros estudos sobre a teoria dos campos foram creditados a J. Trier em 1931. A partir dessa teoria surgiram diversas nomenclaturas para determinar estudos desse gênero: campo léxico, campo semântico, campo conceitual, campo sintático, campo gramatical, e uma denominação bastante genérica, a de campo linguístico. Essa nomenclatura assaz variada constituiu-se em uma das primeiras críticas a essa teoria.

O nome campo, mesmo que ainda não se referindo ao campo léxico, circula entre os estudos linguísticos desde 1856, com K.W. L. Heyse. Ele faz uma análise de conteúdo quase estrutural, porém direcionada a outros estudos. Em 1910, Adolf Stohr menciona a nomenclatura no domínio da língua particular. Mas é em 1924 com G. Ipsen que ocorre a primeira formulação explícita. Com Ipsen a imagem de mosaico é introduzida à teoria dos campos e mais tarde será utilizada também por J. Trier (GECKELER, 1994, p. 103). Não obstante, para Geckeler (1994, p. 103), a ideia de mosaico constituiu um dos pontos de ataque mais importantes à teoria dos campos.

Jost Trier tem influências assumidas de Saussure e afinidade com o trabalho de Weisgerber. O nexo fundamental entre Trier e Weisgerber é constituído a partir da concepção

linguística de W. von Humboldt. Uma afirmação de Humboldt confirma isso: "A articulação é a característica essencial mais geral e mais profunda de toda língua". Conforme Geckeler (1994, p. 118), essa ideia pode ser considerada como o fundamento do campo trieriano. Para Trier é uma propriedade fundamental do campo a de "cobrir, sem buracos, em qualquer momento da língua, uma seção da visão de mundo" (GECKELER, 1994, p. 122). Em 1932, ele assevera que:

> Si el espacio articulado y estructurado de los contenidos lingüísticos constituye para nosotros lo propio de la lengua, se llega al campo, desde arriba, dividiendo, no, desde abajo, sumando. Investigamos el campo en su articulación a partir de campos mayores, superiores. No podemos hablar de campo sin saber al mismo tiempo cómo y dónde se sitúa en el conjunto de la estructura de los contenidos lingüísticos, pues, en último término, apunta a este conjunto. El campo es siempre para nosotros algo que apunta más allá de sí mismo. (TRIER, 1932, p. 449 apud GECKELER, 1994, p.123). [10]

Como se observa, ele diz que só se chega ao campo a partir de um espaço articulado e estruturado do conteúdo próprio da língua. Ou seja, a partir dessa ideia as palavras já nasceriam pré-estruturadas, sempre guardariam relações prévias de conteúdo a partir do seu significado, não levando em conta, portanto, a estilística do autor, o efeito de sentido que se quer obter com determinada palavra e, sobretudo, o espaço sociocultural onde se produziu determinada palavra.

A semântica estrutural, através das estruturas lexemáticas, numa tentativa de mostrar uma sistematicidade no léxico aproximou sua análise da análise fonológica. Geckeler, (1994, p. 164) admite que não é possível considerar um campo léxico sem lacuna, mas afirma que a lexemática tenta cobrir essa lacuna pondo o significado para substituir um significante que pode faltar na estruturação de um campo léxico. Exemplifica com o campo de parentesco, no qual há uma lacuna para *primo*, neste lugar é posto o significado da palavra. Conclui, dizendo que não pode ser feita exatamente a mesma análise que se faz na fonologia, pois se nessa análise isso acontece, não se produzirá nenhum fonema, será uma unidade simplesmente não existente.

[10] Traduzindo: Se o espaço articulado e estruturado dos conteúdos lingüísticos constitui para nós o conteúdo próprio da língua, se chega ao campo, de cima, dividindo, não de baixo, somando. Investigamos o campo em sua articulação a partir de campos maiores, superiores. Não podemos falar de campo sem saber ao mesmo tempo como e onde se situa no conjunto da estrutura dos conteúdos lingüísticos, pois, em última instância, aponta a este conjunto. O campo é sempre para nós algo que aponta além de si mesmo.

Ressalte-se que outros linguistas seguiram os caminhos traçados por Trier, mesmo que reformulando sua teoria ou elaborando teorias que subdividiram o macro campo. O linguista francês Charles Bally criou a concepção de campo associativo, enquanto Pierre Guiraud deu os primeiros passos do campo morfo-semântico; Matoré inaugura a concepção de campo nocional e, por sua vez, Duchácek elabora as ideias para o campo-semântico.

As principais críticas feitas à teoria do campo residem no fato de esta atuar a partir de um ponto de vista intralinguístico. Nessa perspectiva, é considerada como um sistema lógico-matemático totalizador e alheio à realidade.

Nos anos sessenta, o linguista romeno Eugenio Coseriu traz mais uma contribuição para a teoria dos campos: a teoria lexemática, seguindo os moldes da denominada semântica estrutural. De acordo com a teoria do linguista, para estruturar o léxico era necessário pensá-lo de forma intrínseca, ou seja, se excluiria o extralinguístico: o povo, a cultura, os costumes, o discurso. O significado léxico dentro da lexemática seria como aquele do dicionário, considerando o significado em si mesmo.

Os estudos da denominada semântica estrutural tornaram-se uma das principais fontes para a classificação de unidades léxicas de determinada área de conhecimento em campos lexicais. Eugenio Coseriu ao elaborar a teoria lexemática afirma ser possível um estudo estrutural das significações das palavras, desde que se entenda a forma ou substância semântica como substância linguisticamente formada. Nessa perspectiva, para a análise das estruturas lexicais, são levadas em conta as chamadas palavras lexemáticas (lexemas e perífrases lexicais), isto é, palavras portadoras de função lexical (COSERIU, 1977a, p. 88-89). A função lexical é determinada a partir das oposições e distinções lexicais dentro de uma configuração semântica do léxico. Considere-se, entretanto, que as estruturas lexicais são muitas vezes imprecisas e que a organização do léxico apresenta-se frequentemente distinta nos diferentes indivíduos em uma mesma comunidade linguística (COSERIU, 1977a, p. 90). As oposições e distinções de que trata Coseriu são possíveis apenas em se tratando de palavras que compartilham de um mesmo sistema de significações. Desse modo, entende-se que só é possível a delimitação de campos lexicais a partir de lexemas unidos por um valor léxico comum, que repartam um conteúdo léxico contínuo.

Por essa ótica, acredita-se ser inviável dividir um vocabulário tão heterogêneo, como o que se apresenta no *corpus* deste trabalho, em campos lexicais estruturados sob esses moldes.

De acordo com Coseriu (1977), os valores linguísticos são conceituais e são definidos por suas oposições e por seu funcionamento. Não são definidos por critérios “reais”,

mas por limites entre os fenômenos da realidade. Considerando assim os valores linguísticos, foi necessário fazer algumas eleições dentro do estudo do léxico. Coseriu, por exemplo, exclui da lexemática o estudo da fraseologia. Ressalte-se que só as denominadas "perifrases léxicas", de acordo com o linguista, podem vir a integrar os elementos por ele estudados, pois são sintagmas que podem ser substituídos por um único lexema e dessa forma, compor um campo léxico. Por exemplo, expressões como "jogar na cara" poderiam compor determinado campo léxico, visto que pode ser substituído sem perda semântica por "alegar". Dessa maneira, adotar esse método para a análise do vocabulário significa excluir todas as unidades fraseológicas utilizadas pelo poeta ao longo de sua produção escrita. Estas Unidades revelam a inserção do sujeito do discurso num contexto social por ele privilegiado e, por isso, muitas vezes trazido a lume em seu enunciado, tal como será verificado na subseção que relata o uso dessas unidades pelo poeta.

Um campo léxico do ponto de vista estrutural é um paradigma léxico que resulta da repartição de um conteúdo léxico continuo entre diferentes unidades léxicas que se opõem de maneira imediata umas as outras, por meio de traços distintivos mínimos. O conteúdo unitário de um campo léxico é o arquilexema[11], que nem sempre será expresso por uma palavra. Segundo Coseriu (1977c, p.171), os campos léxicos são análogos aos sistemas das consoantes e vogais da fonologia, ou seja, são analisáveis a partir de traços distintivos. O linguista demarca seu lugar no panorama da teoria dos campos, quando afirma que seu estudo irá diferenciar-se porque propõe partir de oposições imediatas entre lexemas, identificando os traços distintivos que os opõem e "construindo" o campo léxico de forma gradual. (COSERIU, 1977, p.172)

Apesar da ideia de sistema que Coseriu considera, ele adverte que o léxico estruturado, mesmo levando em consideração, o sistema, ou seja, a *langue*, não é uma superfície plana:

> El léxico estructurado de una lengua no es una superficie plana, sino un edificio de varios pisos; y las distinciones de "campo" que las lenguas hacen respecto a la realidad designada no se encuentra en los mismos pisos en las distintas lenguas. (COSERIU, 1977c, p.242)[12]

[11] Arquilexema e a unidade correspondente a todo o conteúdo de um campo léxico que, por sua vez, pode n'ao estar expresso por uma unidade léxica. Trata-se de um item lexical que reúne o conjunto de semas pertinentes e comuns a diversos itens lexicais. Por exemplo, *assento* representa um arquilexema do campo composto por *banco, sofá, cadeira*, etc.

[12] Traduzindo: O léxico estruturado de uma língua não é uma superfície plana, mas sim um edifício de vários andares; e as distinções de "campo" que as línguas relacionam à realidade designada não se encontra nos mesmos andares em línguas diferentes.

Geckeler (1994, p. 197), seguindo a linha de Eugenio Coseriu, após expor as críticas sobre a teoria de Trier, acredita que a teoria dos campos ainda tem lugar nas investigações linguísticas, porém, necessitando da elaboração de um método e desenvolvimento de uma técnica que ele se compromete a realizar.

Desse modo, uma análise que priorize o binarismo linguístico de Saussure ou as classificações bem ordenadas de Coseriu − que teve de dispensar o extralinguístico para consegui-lo – não poderia ser o centro norteador desta pesquisa. Lembre-se, no entanto, que para se chegar ao estudo que se propõe aqui, foi preciso lançar um olhar cuidadoso sobre as teorias que o precederam para descobrir e afirmar com clareza por que não fazer.

Alguns questionamentos vêm à tona, quando se leva em conta o estudo do vocabulário a partir da teoria lexemática: como preterir de uma análise o discurso? Como silenciar a imagem que se quer obter com determinada palavra? Dentro de um discurso literário, como excluir o elemento autóctone, como esquecer o fato de o autor significar as palavras a partir de sua historicidade, a partir de sua vivência em determinada comunidade de fala e em determinada época? Por conta dessas inquietações, buscou-se analisar o Vocabulário de Arthur de Salles a partir de certo afastamento do estruturalismo prescrito desde Saussure, chegando à teoria lexemática de Eugenio Coseriu. Essa teoria − tal como é apresentada por Coseriu e seus seguidores – não vislumbraria os objetivos deste estudo; visto que o cheiro da terra, os traços culturais saltam aos olhos do leitor. A aplicação da lexemática seria limitar demais os significados que emergem dos textos do poeta, tanto dos textos literários, quanto de suas cartas. Posto que, o sentido não está apenas na unidade lexical, mas no texto, entendido como enunciado, materialização de um discurso.

A noção de *valor de campo* de Eugenio Coseriu não poderia ser aplicada à análise desse vocabulário, visto que não é possível encontrar-se elemento de significado comum entre as palavras do vocabulário inteiro. Pode-se, dentro de determinados grupos de palavras, encontrar relações discursivas entre si, as quais vão demonstrar o discurso desse sujeito enunciador. Propor uma base de comparação entre as lexias que integram o Vocabulário de Arthur de Salles seria, talvez, uma tarefa leviana, visto que os vocábulos não foram retirados dos textos por apresentarem qualquer relação prévia. Dos glossários que formaram este Vocabulário, apenas dois tinham sido pensados a partir de um estudo léxico-semântico: o *Vocabulário de Sangue-mau* e o *Glossário dos Poemas do mar*[13]. Portanto as relações que

[13] O Glossário de Sangue-mau, estudado por Adevaldo Aragão e o Glossário dos Poemas do mar, organizado e estudado por Rosa Carvalho foram classificados a partir do sistema racional de conceitos.

poderão ser feitas serão descobertas a partir do contexto e do discurso do autor, únicos recursos auxiliadores nessa tarefa.

A função da filologia, dentre outras, é determinar a língua peculiar de cada autor, para tanto, não se pode preterir, por exemplo, questões sobre historicidade do sujeito. Considerando isso, sabe-se que cada indivíduo é construído por seu entorno, sendo assim, falar da língua peculiar de Arthur de Salles é revelar o seu lugar de fala, as suas crenças, as suas influências, enfim, quem ou quais são as outras vozes com quem ele dialoga.

Dito isto, estudar o Vocabulário de Arthur de Salles não implica em estudar formas léxicas no que tange ao seu significado léxico, pensando a língua como sistema, mas estudar, sobretudo, enunciados em sua singularidade. Buscar-se-á, portanto, determinar em que circunstância eles foram produzidos, por que razão, por quem e para quem foram elaborados.

A noção de linguagem que compreende os sujeitos que a usa é corroborada por Terry Eagleton:

> Si bien la mejor forma de comprender el lenguaje quizá no consista en verlo como expresión individual, ciertamente, en alguna forma, abarca sujetos humanos y sus intenciones, cosa que no toma en cuenta el cuadro estructuralista (EAGLETON, 1988, p. 7)[14].

Eagleton (1988, p.62) esclarece que o estruturalismo, como sugere o próprio termo, se interessa pelas estruturas, mais concretamente, ou seja, nos estudos das leis gerais que regulam fenômenos individuais a meros exemplos dessas leis. Sendo assim, uma abordagem estruturalista tende a excluir elementos que muitas vezes não podem ser preteridos em função dessa busca pela regularização dos fenômenos.

Uma opção vista como viável no estudo do vocabulário de um sujeito-autor é seguir na direção do sujeito para o discurso, estabelecendo um traçado − que de nenhum modo será linear − entre o sujeito e o seu enunciado.

Nessa perspectiva, através de um estudo que parte da subjetividade do sujeito-autor, poder-se-á perceber constantes que evidenciem o seu lugar de fala, a sua historicidade, possibilitando, assim, ver a obra de Salles como representação do seu próprio discurso.

[14] A melhor forma de compreender a linguagem talvez não consista em vê-la como expressão individual, certamente, de alguma forma, abarca sujeitos humanos e suas intenções, coisa de que o quadro estruturalista não dá conta. (Tradução livre)

2.4 TRILHANDO NOVOS CAMINHOS...

Como já explicitado, a proposta teórico-metodológica para esta pesquisa, pautou-se, inicialmente, numa visão sistêmica e social da língua, conforme as premissas do estruturalismo linguístico. Tendo como pauta o léxico, seguiu-se a perspectiva de linguistas como Pottier (1968); Coseriu (1977); Geckeler (1994) e Vilela (1994) cuja visão estrutural do léxico coaduna-se com as ideias do estruturalismo linguístico que se propagaram a partir da década de 20 do século passado. Eles veem o léxico como um depositário de significados de uma dada sociedade. Sendo assim, a língua funcionaria como um depósito de informações do mundo e o extralinguístico não seria estruturável por si só, devendo, portanto, ficar fora do foco de análise lexicológica, ficando seu estudo a cargo de outras disciplinas.

Não obstante, dada a heterogeneidade do *corpus* selecionado, optou-se por entender a língua através de um viés menos sistêmico, considerando que ela compõe um mundo de significações: o texto produzido por essa língua é considerado a partir de um dado lugar de produção, o extralinguístico. Dessa forma, a situação de produção é constitutiva do texto engendrado pela língua. Essa postura assumida a partir de algumas do discurso e da teoria da enunciação possibilitou novos rumos à análise do Vocabulário do poeta Arthur de Salles.

O modo de ver a linguagem de Saussure (social, abstrata, que constitui um sistema sincrônico e homogêneo) é questionado por muitos estudiosos. Mas é M. Bakhtin quem antecipa algumas orientações da linguística moderna. Bakhtin concebe a língua como algo concreto, resultante da manifestação individual de cada falante. Dessa forma, a linguagem é concebida como interação social, na qual o "outro" participa da constituição do significado, revelando assim, as relações intrínsecas entre o linguístico e o individual. Na concepção bakhtiniana, a linguagem é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; ela reflete vários modos de significar a realidade a partir do ponto de vista daquele que a usa (BAKHTIN, 1988). Por isso, buscar-se-á, palmilhando as trilhas de outros estudos, perceber o fenômeno da linguagem não centrado apenas na língua[15], mas num nível que se exclui da dicotomia saussuriana. Pleiteia-se, assim, o discurso como "o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos" (BRANDÃO, 2004, p. 11).

[15] Conforme a concepção de língua enquanto sistema postulada por Saussure.

Faraco (2009, p. 117) lembra que a proposta de Bakhtin para o estudo da linguagem enquanto prática social seria, então, uma segunda disciplina: a translingüística que teria como centro o estudo das práticas socioverbais concretas. Bakhtin, porém, conforme ressalta Faraco (2009), admitia que a linguística e a translinguística estariam correlacionadas, sendo suas fronteiras constantemente violadas. É válido salientar que das disciplinas linguísticas da contemporaneidade a que mais se aproxima da proposta de Bakhtin é a Análise do Discurso. De acordo com Carlos Alberto Faraco (2009, p. 117), a teoria do discurso é uma teoria da significação do dizer que privilegia o que está aquém da estrutura (o já dito) e os efeitos de sentido do dizer em dada circunstância.

Desse modo, a teoria do discurso assumindo a inspiração bakhtiniana, tem como pressuposto de base a heterogeneidade constitutiva dos discursos e dos enunciados, abandonando assim, as concepções homogêneas de formação discursiva e de enunciado. A partir disso, Faraco define discurso com as seguintes palavras:

> Os discursos constituem um emaranhado de interseções enunciativas e estão dispersos por diferentes formações. Os enunciados emergem desse oceano heterogêneo e estão mais ou menos explicitamente marcados pela heterogeneidade que os constitui (FARACO, 2009, p.118).

Os gêneros artísticos, de acordo com Bakhtin (2003), são também considerados unidades de comunicação discursiva, assim como os diálogos. Ou seja, elas estão delimitadas pela alternância de sujeitos de discurso, no qual o discurso do sujeito da obra (o autor) suscita uma resposta. Nesse gênero, ainda seguindo o raciocínio bakhtiniano, "o autor revela sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra" (BAKHTIN, 2003, p.279). E são justamente essas marcas de individualidade que a distinguem de outras obras buscadas pelo autor no processo de comunicação discursiva. A partir disso, é possível afirmar que a obra estará sempre ligada a outras obras (enunciados), exatamente por isso torna-se inviável perceber cada unidade léxica do Vocabulário de Arthur de Salles como uma informação dispersa, faz-se necessário percebê-la como um fio de um discurso, o qual se almeja remontar com este estudo.

A palavra não é neutra, portanto, o que se pretende salientar aqui não é o significado lexicográfico das palavras que compõem o Vocabulário se Salles, mas sim, perceber como a tessitura dessas unidades léxicas engendra o discurso desse poeta e perceber ainda que ideologias, que elementos históricos, culturais e sociais são trazidos a partir do seu discurso:

> Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; consequentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero (BAKHTIN, 2003, p. 292).

Bakhtin (2003) salienta, ainda, a ausência de paternidade das palavras, sendo que o uso individual da palavra é que a faz única em dado enunciado:

> As palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em determinadas enunciações individuais, nós as lemos em determinadas obras individuais, e ai as palavras já não têm expressão apenas típica porém expressão individual externada com maior ou menor nitidez (em função do gênero), determinada pelo contexto singularmente individual do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 293).

Diante do *corpus* de análise: um vocabulário construído a partir de olhares com diferentes perspectivas sobre o poeta Arthur de Salles, optou-se por entender esse vocabulário como a materialização de um discurso. Dessa forma, faz-se necessário relativizar as intervenções da cientificidade lexicográfica e considerar o vocabulário como cena enunciativa. Para tanto, é necessário pensar, dentre outros fatores, as condições de produção[16] que possibilitaram o dizer. Desse modo, reafirma-se a pertinência de iluminar o texto de Salles, especificamente suas escolhas léxicas, através de conceitos trazidos de outro campo do saber que não a lexicologia e a linguística.

Nas palavras de Michel Foucault:

> As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede (FOUCAULT, 2005, p.26).

Foucault (2005, p.27) salienta, ainda, que a obra de um dado autor não pode ser vista como uma unidade homogênea. De acordo com ele, a análise no campo discursivo deve "compreender o enunciando na estreiteza e singularidade de sua situação"; é preciso "determinar as condições de sua existência" e "fixar seus limites da forma mais justa", estabelecer suas correlações com outros enunciados a que podem estar ligados e mostrar outras formas de enunciação por ele excluídas (FOUCAULT, 2005, p.31).Trata-se, então, de

[16] De acordo com Eni Orlandi (2007, p. 30-31), as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Em sentido estrito, diz respeito ao contexto imediato; em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

perceber o enunciado como um acontecimento único que não se pode esgotar inteiramente e que está permeado por descontinuidades.

Um discurso, desse modo, é sempre permeado por vários outros. Far-se-á nesta análise uma tentativa de trazer a lume os discursos que engendram e/ou permeiam o discurso de Arthur de Salles. É fato que esses discursos não serão desvendados em todos os momentos, pois muitos fatos históricos e do momento do enunciado já se perderam nos meandros do tempo, entretanto, tenciona-se não silenciar as vozes que ecoam no discurso do poeta, tecendo, assim essa rede constituída de outros textos, outros discursos. Ressalte-se que o enunciado é único, como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação. Está ligado a enunciados que o precedem e que o seguem (FOUCAULT, 2005, p.31).

Nessa perspectiva, considerando uma concepção foucaultiana, a análise de uma formação discursiva consistirá na descrição dos enunciados que a compõem. Assim, como conclui Brandão (2004, p. 33), "o discurso seria concebido como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva". É preciso, entretanto, perturbar um pouco a ideia estática de formação discursiva, visto que o discurso deve ser visto em sua instância, sob a heterogeneidade e dispersão que o constitui.

Desse modo, se preconiza a emergência do enunciado, o qual passa a funcionar, a partir da contribuição de Foucault para o estudo da linguagem, como unidade linguística básica, preterindo, assim, a noção de sentença ou frase gramatical.

A partir desta ótica, concebe-se também um novo olhar para o sujeito discursivo. Aqui essa concepção será entrelaçada com a concepção dialógica interacional da linguagem, na qual o sujeito é construído no social, mas também age e se constrói a partir dele, através de um mosaico de vozes, ora explícita, ora implícita, numa relação sempre interacional (KOCH, 2006, p. 15).

Tendo como fundo o texto literário, não há possibilidade de analisar o vocabulário a partir de unidades léxicas separadas, lançando mão de uma análise inevitavelmente hierarquizante, vertical, em que cada palavra tenderia a assumir uma carga semântica que a emoldurasse num sentido pré-determinado. Quando se traz o texto à cena, ou melhor, quando a cena é o próprio texto que materializa discursos, a unidade ou as possibilidades de significação emanam daquela materialidade textual, viabilizando uma leitura mais panorâmica e menos sistêmica do objeto estudado.

Tal estudo afastar-se-á, então, das concepções estruturalistas na linguagem inauguradas por Saussure e ainda das formulações de Jakobson sobre a função comunicativa a

fim de iluminar o texto através de conceitos como: condições de produção; sujeito discursivo; enunciação; formações discursivas; cena enunciativa; cenografia etc., no intuito de trazer à superfície a face desse sujeito Arthur de Salles e com ele, sua visão de mundo, suas influências literárias e um pouco do retrato histórico-social de sua sociedade.

Diante do impasse metodológico exposto nas páginas acima, decidiu-se efetuar uma abordagem menos rígida, assumindo certa liquidez característica de um olhar que, apesar de ter um *corpus* datado, se encontra na pós-modernidade. Estabeleceram-se, portanto, diálogos que se pensa possíveis e adequados às reflexões veiculadas por grupos de palavras ou por cada texto. Sendo assim, vai-se num movimento cíclico das unidades léxicas ao texto e do texto ao discurso. Ainda que se assumam as inconstâncias geradas por tal atitude na análise. Ressalte-se, ainda, que alguns operadores postulados por algumas teorias do discurso (especificamente aquelas de linha francesa) serão utilizados como dispositivos de análise que é, ao fim e ao cabo, uma interpretação. Como é sabido, o significado não está na palavra isolada, mas no texto e esse texto muitas vezes materializa o discurso que não se pretende silenciar.

Por sua vez, toma-se Saussure aqui como "instaurador de discursividade"[17], uma vez que possibilitou não só analogias a partir de sua teoria, mas também diferenças. Essas diferenças, por sua vez, possibilitaram análises como esta, que, ainda que sem negar o legado de um dos fundadores da linguística moderna, se distancia de suas concepções, buscando dialogar com teorias que inseriram novos elementos na análise linguística.

[17] Termo alcunhado por Foucault em "O que é um autor", segundo o filósofo, Saussure não é somente o pai da lingüística, mas um instaurador de discursividade, na medida em que a partir de sua teoria sobre o signo tornou possível analogias e diferenças.

3 UM OLHAR SOBRE O SUJEITO (AUTOR)

> Sou, digo sempre em casa, um batelão um pobre batelão ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahi na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas (SALLES, 1935, doc. 070: 394).

A auto-definição de Arthur de Salles suscita uma reflexão a respeito da ideia da constituição do sujeito discursivo neste estudo. A lexia *batelão* designa um tipo de embarcação pequena e alta, de grande pontal, utilizada muitas vezes para transporte de carga no Recôncavo. No dicionário Houaiss (HOUAISS et al., 2001) é classificado como regionalismo da Bahia. Esta designação utilizada pelo poeta para um dizer de si mesmo pode ser uma chave para se pensar como esse sujeito-enunciador é constituído ao longo de sua obra literária e também em sua correspondência. Percebe-se que ele é constituído de várias faces, por isso, o que se tenciona nesta seção é reunir os estilhaços do sujeito Arthur de Salles, a partir de um percurso delineado pela manipulação do léxico em seu vocabulário. Essa reunião será viabilizada através de uma revisão de literatura que dê mostras de como foi formado e de como hoje é concebido o sujeito da linguagem.

O sujeito entra em cena nas teorias lingüísticas mais explicitamente a partir dos estudos sobre enunciação. Pode-se vislumbrar um possível "começo" da inserção do sujeito no estudo da linguagem, citando Benveniste que, através de análise dos pronomes, introduz a subjetividade no estudo da língua. Desse modo, "o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, e a linguagem passa a ser considerada o lugar de constituição dessa subjetividade. E porque constitui o sujeito, pode representar o mundo" (BRANDÃO, 2004, p.54). Esse sujeito da teoria benvenistiana é caracterizado por ser único, centrado e constitui-se a partir da interação com um *tu*. A subjetividade para Benveniste se concretiza no ato de dizer *eu*. É aqui que se instaura uma insatisfação à teoria do lingüista, ao delimitar o *eu* como instaurador do sujeito, ele rejeita a possibilidade de enunciação do sujeito a partir de outro lugar que não o *eu*. Nesta concepção, instaura-se a subjetividade na linguagem, apenas quando o enunciador profere o pronome pessoal da primeira pessoa do singular. Nas palavras de Benveniste: "é identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como 'sujeito'. Assim, o emprego tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra" (BENVENISTE, 1995, p. 280-281). O lingüista conclui ainda que:

> Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor (BENVENISTE, 1995, p. 281).

A explicitação do *eu* no discurso, exigida por Benveniste, é relativizada por outras correntes teóricas, dentre elas, a dos filósofos da linguagem, aqui representada, essencialmente, por Bakthin. Pensando a língua como fato social, sob uma perspectiva interacional, ele não silencia o fenômeno sujeito. Com isso, faz emergir, por exemplo, a estilística antes preterida pelo caráter sistêmico configurado à língua no início do século XX. As marcas do sujeito na linguagem serão dadas, não apenas pela presença explícita do pronome pessoal, mas a partir do estilo que o sujeito discursivo imprime ao texto.

O estilo gera, por esse prisma, uma mensagem estética, sendo que a forma escolhida pelo escritor reforça o sentido do texto, revelando, assim, esse sujeito. Nessa perspectiva, Beth Brait lembra que o "estilo envolve idiossincrasias que tem como interlocutores textos, contextos, discursos etc., e que, ao mesmo tempo, é uma dimensão que não pode ser negligenciada na análise da linguagem" (BRAIT, 2008, p. 87). Estilo e sujeito, então, são constituintes de uma análise que privilegie a subjetividade.

A concepção de um sujeito único e central de Benveniste é questionada, ainda, pela emergência de um sujeito histórico que fala de um determinado lugar em um determinado tempo. Por esse viés, a fala do sujeito "é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social" (BRANDÃO, 2004, p.59). Sendo assim, o seu discurso é situado em relação ao discurso do outro, caracterizando, por sua vez, uma heterogeneidade constitutiva do discurso[18], pois a voz do outro é presença na produção do discurso do sujeito.

É importante trazer ainda a concepção de sujeito da psicanálise, a fim de compor a rede resultante das diversificadas concepções de sujeito pertinentes ao estudo da linguagem. Na psicanálise, o sujeito está dividido entre consciente e inconsciente. A reconstrução desse inconsciente – marcado por um branco – faz-se através de um trabalho "na e pela palavra". Note-se que essa visão de sujeito coaduna-se com o sujeito histórico, pois no "espaço em branco" do inconsciente é onde reverbera a voz do outro. A partir disso, o sujeito apresenta-se

[18] A noção de *Heterogeneidade discursiva* é fruto da leitura que Authier-Revuz (1982) faz de Bakhtin, no que tange ao conceito de dialogismo. Authier-Revuz estuda as formas de heterogeneidade que acusa a presença do outro no discurso. Essa presença é marcada a partir do discurso relatado, através do discurso indireto e do discurso direto; nas formas marcadas de conotação autonímica em que o locutor inscreve em seu discurso as palavras do outro, sem que haja interrupção no discurso e através das formas mais complexas em que a presença do outro não é explicitada na frase.

sob três características: a) o sujeito é dividido, clivado (ele não se apresenta como entidade homogênea é uma estrutura complexa em que se articulam o sujeito, o outro e o inconsciente); b) o sujeito é descentrado (a partir da descoberta do inconsciente por Freud o *eu* perde sua centralidade); c) o sujeito é efeito de linguagem (o sujeito é representação, dependente das formas de linguagem que ele enuncia e que o anuncia) (BRANDÃO, 2004, p.67-69).

Desse modo, apunhalado por uma subjetividade que se caracteriza pela dispersão, pelos diversos estatutos assumidos pelo sujeito dentro do discurso, tem-se o princípio do autor como elemento que instaura a unidade do discurso. O autor é, portanto, a função social que o *eu* (locutor) assume, enquanto produtor da linguagem (BRANDÃO, 2004, p. 84).

A ideia de autor é interpelada por Foucault (2009) em *O que é um autor*. Ao relacionar a escrita com a morte, ele manifesta também o desaparecimento das características individuais do sujeito escritor. Este, segundo Foucault, desvia todos os signos de sua individualidade particular, ele tem de representar o papel do morto no jogo de escrita. A sua marca se caracteriza pela "singularidade de sua ausência". Essa "morte" possibilita, assim, interpretações por parte do leitor: a cada leitura de um texto, um significado se instaura, fazendo nascer um "outro" texto.

De acordo com Foucault, o ato ou a necessidade de dizer o nome do autor, dá-se pelo fato de este ser o responsável por um discurso feito por uma palavra "que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status" (FOUCAULT, 2009, p. 274). O nome do autor está localizado, dessa maneira, "na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser", de modo que Foucault (2009, p. 274) conclui que "a função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade". Dessa forma, há, na sociedade, discursos providos da *função-autor*.

Duas noções parecem ter suprimido o significado real da ausência do autor: a noção de obra e a noção de escrita. Para Foucault, a unidade designada pela palavra *obra* é tão problemática quanto a individualidade do autor. A segunda noção que perturba o conceito de autor é a noção de escrita, tida como algo sagrado em que há sempre que se "descobrir" o que está implícito.

Conforme afirma Foucault, o texto literário não se desvencilhou da função-autor, tal como ocorreu, por exemplo, com os textos científicos entre os séculos XVII e XVIII:

> Mas os discursos "literários" não podem mais ser aceitos senão quando providos da função-autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se

> perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o status ou o valor que nele se reconhece dependem da maneira com que se responde a essas questões. E se, em conseqüência de um acidente ou de uma vontade explícita do autor, ele chega a nós no anonimato, a operação é imediatamente buscar o autor (FOUCAULT, 2009, p.276).

Por conseguinte, Foucault lembra que a crítica moderna ainda está atrelada à entidade autor e, a fim de encontrá-la, ela utiliza esquemas muito próximos daqueles utilizados pela exegese cristã, quando o valor de um texto era medido pela santidade do autor.

Sendo assim, para o estabelecimento da função autor, a crítica moderna toma por base os quatro critérios utilizados por São Jerônimo. Esses quatro critérios dizem respeito a: 1. o autor se define como um certo nível constante de valor (sua obra tem de apresentar uma unidade de valor); 2. o autor se define como um certo campo de coerência conceitual ou teórica; 3. o autor deve apresentar uma unidade estilística; 4. o autor é momento histórico definido e ponto de confluência de um certo número de acontecimentos. A concepção de autor para a crítica literária moderna, portanto, não se distancia daquela gerada a partir dos critérios de São Jerônimo, esta continua definindo o autor da mesma maneira:

> O Autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos em uma obra como suas transformações, suas deformações, suas diversas modificações (e isso pela biografia do autor, a localização de sua perspectiva individual, a análise de sua situação social ou de sua posição de classe, a revelação do seu projeto fundamental). O autor é, igualmente, o princípio de uma certa unidade de escrita... (FOUCAULT, 2009, p. 278)

Por esse prisma o autor é a resposta para superar certas contradições em um conjunto de textos. O autor é, então, como um "foco de expressão" que se "manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos etc" (FOUCAULT, 2009, p. 278). Dessa forma, conclui Foucault que os quatro critérios de autenticidade de São Jerônimo "definem as quatro modalidades segundo as quais a crítica moderna faz atuar a função-autor" (FOUCAULT, 2009, p. 278).

A função-autor sob uma perspectiva foucaultiana está ligada ao sistema institucional em que está incluso e não se exerce de maneira uniforme em todos os discursos, nem em todas as épocas, nem em todas as sociedades. Desse modo, a função autor não é dada a um indivíduo real, ela pode dar lugar a vários *ego*, a varias posições-sujeito que podem ocupar diferentes classes de indivíduos. Assim, se tenciona percorrer através do texto literário e da correspondência de Salles essa função-autor engendrada pelas variadas posições-sujeito do individuo Arthur de Salles, sem com isso, buscar um valor de verdade e de unidade, essas

posições-sujeito serão desvendadas a partir da leitura de pesquisadores sobre Arthur de Salles. O que se pretende, portanto, é reunir (no sentido de pôr num mesmo olhar investigativo) essa tessitura do sujeito disperso em palavras.

Antoine Compagnon (2006, p. 50), em capítulo intitulado *O Autor*, comenta essa relativização do lugar do autor, principalmente, a partir da inserção do sujeito na linguagem:

> O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ao 'escriptor', que não é jamais senão um "sujeito" o sentido gramatical ou lingüístico, um ser de papel, não uma 'pessoa' no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação mas se produz com ela, aqui e agora (COMPAGNON, 2006, p. 50-51).

A explicação, por sua vez, também é rarefeita juntamente com o autor, a partir dessa relativização do lugar do autor, não se pode conceber também um sentido único e original. Com a "morte do autor", o leitor assume o lugar onde se produz a unidade do texto, "ele se identifica também a uma função": nele estão reunidos os traços de constituição da escrita (COMPAGNON, 2006, p.51). A negação do caráter absoluto do autor abre espaço à emergência de um outro sujeito dialógico, o leitor. Essa noção é tributária da concepção adotada por Barthes (1988).

Nesta mesma direção, então, traz-se a lume as palavras de Barthes quando ele afirma que não há um sentido único, original, no fundo do texto. Segundo ele, é no leitor − aqui identificado como uma função − que se produz a unidade do texto, ou seja, no "seu destino, não na sua origem" (BARTHES, 1988).

É essa tarefa de leitor que, partindo da análise do material léxico, se objetiva perseguir: através da união de fragmentos de um sujeito que há vários anos vem sendo montado a partir de diferentes perspectivas. A união dos escritos de Arthur de Salles, por meio de seu vocabulário, é, portanto, uma leitura desse "alguém que mantém reunidos, num único campo, todos os traços de que é constituída a escrita" (BARTHES, 1988).

Ainda perseguindo essa relativização do lugar de um sujeito/autor fundamentado numa possível origem, lembra-se novamente de Barthes (1988) quando afirma que a escrita é o obliquo para onde foge o sujeito, aonde chega a perder-se toda a identidade, a começar pela do que escreve. A partir disso, supõe-se que não há um autor como unidade de significado de um texto. O próprio Barthes (1988) define texto como:

> Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a «mensagem» do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se

> contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura (BARTHES,1988, p. 49).

Sob essa perspectiva, uma obra não pode ser considerada resultado final do processo criador, pois, nem o autor é 'detentor' dessa suposta autoria. Seu produtor não tem autonomia suficiente para dotar seu texto/obra de 'um significado último', cabe ao leitor, através de seu repertório, "propor novas significâncias" (BARTHES, 1988, p. 52).

Nesta seção, o objetivo, então, não é negar a existência de um autor, mesmo porque o presente estudo se inscreve no espaço teórico da crítica textual, em que o sujeito é ativo, dono de uma intenção, muitas vezes perseguida pelo pesquisador. Tenciona-se relativizar a sua imagem central, concebida como origem de um significado. Para tanto, lança-se mão das colocações de Foucault e de Barthes, os quais afirmam que o autor é uma entidade que foi sacralizada a partir do positivismo; por isso, é preciso tirar essa imagem do centro, concedendo-lhe funções que não são fixas ou estanques. O autor assume, portanto, lugares variados. Esses lugares serão resgatados aqui através do material léxico retirado de seus textos, entendidos com materialização de discursos. Para Foucault, é necessário interrogar o sujeito, nessa posição relativizada, com as seguintes perguntas:

> Como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar ele pode ocupar em cada tipo de discurso, que funções exercer, e obedecendo a que regras? Trata-se, em suma, de retirar do sujeito (ou do seu substituto) seu papel de fundamento originário, e de analisá-lo como uma função variável e complexa do discurso (FOUCAULT, 2009, p. 287).

A partir dessa noção, é possível pensar Arthur de Salles como um personagem no cenário discursivo, no qual assume papéis diferentes de acordo com a situação em que está inserido. Sendo assim, pode-se observar um personagem Arthur de Salles (por ele mesmo) que faz uma narração de si em sua correspondência ao amigo Durval de Moraes. Esse mesmo personagem dá mostras da situação sócio-econômica da época, narrando fatos históricos que marcaram a Cidade da Bahia nas primeiras duas décadas do século XX. Há, também, um personagem poeta que abre a cortina do seu fazer poético, evidenciando o processo genético de vários de seus poemas; e ainda há um personagem que é homem, integrante da gente do Recôncavo Baiano e, por isso, conhecedor de seus costumes, cultura e paisagem geográfica.

O sujeito Arthur de Salles é, portanto, tal como um texto, "um tecido de citações" que se vai montando a partir de leituras várias de pesquisadores que se debruçaram sobre sua obra numa tentativa de editar os diversos textos que a compõem. O vocabulário que ora se apresenta, por sua vez, não deve ser entendido como unidade, é o resultado desse tecido de

citações materializado através de unidades léxicas e unidades fraseológicas que podem resgatar discursos importantes para dizer esse sujeito.

Ao lançar um olhar sobre o sujeito Arthur de Salles deve-se ter em conta que não existe um papel originário, o que poderá ser visto são interpretações de um sujeito, diluído nas palavras recortadas de sua obra literária e de suas cartas, lembrando-se, sempre, que o seu discurso, materializado nos textos, cumpre funções e obedece a regras determinadas pelas formações discursivas que atravessavam o seu momento histórico. Assim, os fatos lingüísticos não podem preterir a ideologia.

3.1 O SUJEITO SOB A PERPECTIVA DE ALGUMAS TEORIAS DO DISCURSO

A ideia central que se tem de sujeito nas teorias do discurso é que não existe um sujeito individual, mas apenas o sujeito social, ideológico: a ideologia se manifesta através dele. Sua voz, então, revela um determinado lugar social e, através dela, manifestam-se outras vozes que integram uma dada realidade histórico-social. Essas vozes, por sua vez, emergem de diferentes focos sócio-ideológicos, caracterizando, assim, uma heterogeneidade que é constitutiva da natureza do sujeito discursivo. Sendo assim, o sujeito não está na origem do seu dizer, nem é o controlador do sentido do mesmo. O sentido irá produzir-se a partir dessa heterogeneidade constitutiva ou mostrada que é constitutiva do sujeito.

O dizer desse sujeito está condicionado às suas condições de produção, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer a partir do lugar (ideológico) que ocupa. A partir disso, pode-se conjecturar questionamentos como: Quem é esse sujeito? Sob que condições de produção se realizou tal enunciado? Em que cena discursiva ele se insere?

Helena Brandão (2004), orientando-se em Orlandi, cita três etapas para a concepção de sujeito nas teorias lingüísticas modernas:

a) Na primeira fase: as relações de interlocução têm como centro a interação entre o *eu* e o *tu*. Nesta concepção enquadra-se a noção de sujeito de Benveniste.

b) A segunda etapa está maculada pela ideia de conflito entre o *eu* e o *tu*. Ou seja, as relações são governadas por uma tensão em que o *tu* determina o que o *eu* diz. Essa concepção está presente nos primeiros momentos da Análise do Discurso cuja análise focalizava, principalmente, os discursos políticos.

> c) Na terceira fase se reconhece que o binarismo causado pela polarização da segunda etapa inviabilizava perceber o sujeito em sua dispersão. Desse modo, a análise do discurso busca romper com essa polaridade e reconhecer um caráter contraditório no sujeito, marcado pela incompletude, pelo vir a ser. Sendo assim, "o centro da relação não está, como nas concepções anteriores, nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só se completa na relação com o outro" (BRANDÃO, 2004, p. 55).

A concepção de sujeito que mais se aproxima da análise que se pretende fazer neste estudo é a que corresponde à terceira etapa nas teorias lingüísticas modernas, segundo Brandão (2004). Nesta etapa, como foi visto acima, os estudiosos percebem uma polarização posta pelo binarismo *eu* × *tu*[19] que impedia apreender o sujeito em sua dispersão, diversidade. É a partir dessa noção de dispersão, desse caráter fragmentário e incompleto que, através do recorte do vocabulário, tenciona-se traçar um perfil do poeta Arthur de Salles.

A noção de dispersão do sujeito defendida por Foucault (2005) em *Arqueologia do saber* respalda algumas teorias do discurso, posto que, segundo ele, é necessário buscar no discurso "um campo de regularidades para as diversas posições de subjetividade". A partir desse prisma, o discurso não será a manifestação de um sujeito que pensa, mas sim "um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e a sua descontinuidade em relação a si mesmo" (FOUCAULT, 2005, p. 61). Assim, é possível reconhecer os "desdobramentos de papéis segundo as várias posições que o sujeito ocupa dentro de um mesmo texto" (BRANDÃO, 2004, p.83).

O discurso, desta maneira, se dá como uma dispersão do sujeito, posto que não existe uma centralidade. O sujeito ocupa, assim, várias posições numa cena enunciativa. O discurso, por sua vez, pode estar atravessado por várias formações discursivas. Por conta dessa descentralidade e dessa flexibilidade no que a tange ao sujeito discursivo, recorre-se, então, à posição-autor que seria responsável por dar unidade a esse discurso, caracterizado por sua heterogeneidade constitutiva. Embora, algumas vezes essa heterogeneidade seja neutralizada pela função-autor dentro do discurso, já que essa função é responsável por dar certa unidade ao mesmo. Partilha-se aqui do mesmo posicionamento de Foucault (2005),

[19] Esse binarismo advém das ideias de Benveniste. Segundo a qual a língua é interação e há troca entre o EU e o TU. Na primeira fase da Análise do Discurso essa concepção é retomada. A partir daí há uma reconfiguração do binarismo *eu*/*tu*, pois este é tomado a partir de um embate de forças em que o TU determina o que o EU diz.

quando ele afirma que a unidade textual é derivada do principio do autor que funciona como uma das ordens que regulam o discurso. Acredita-se, desta forma, que o princípio do autor é o que neutraliza uma concepção de subjetividade marcada pela dispersão e (re)significa o discurso, dando-lhe unidade de sentido, a partir de suas interpretações.

Diante disso, acredita-se ser pertinente retornar à questão já mencionada: a função-autor. Para Foucault (1996, p. 21-27), o autor funciona como princípio de classificação e ordenação do discurso. Desse modo, na tradição escrita, este é concebido como origem das significações. O autor, por essa ótica, é o princípio de agrupamento e unidade do discurso, responsável, portanto, pelo texto que produz. Entretanto, é preciso relativizar esse posicionamento da tradição, e reconhecer o caráter disperso e descontínuo do autor, perceber que não existe um ser na origem das significações, mas sim funções exercidas por este ser, o que irá configurar a função-autor. Eni Orlandi (2007a) − aqui representando também o posicionamento de algumas teorias do Discurso − afirma que o sujeito não recobre uma subjetividade, mas "um lugar, uma posição discursiva". Sendo assim, Orlandi (2007a) acredita que a noção de função-autor seja um ponto de interseção entre essas duas posições: "a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo um efeito de continuidade do sujeito" (ORLANDI, 2007a, p. 69)

Dessa forma, a noção de autoria é estendida e passa a ser "função enunciativa do sujeito". Segundo João Santana Neto (2009), a função-autor resolveria as divergências entre a noção de sujeito da filologia (pragmático) e a noção de sujeito de algumas teorias do discurso. Para Orlandi, "a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim" (ORLANDI, 2007a, p. 69). Ela assegura, ainda, que dessa forma se estabelece uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto e entre dispersão/unidade, etc.

A função-autor é tocada pela história. O autor produz um lugar de interpretação no meio dos outros, ele "historiciza seu dizer". É, num dizer foucaultiano, um instaurador de discursividade. Na função-autor aparece de forma mais visível o efeito de historicidade inscrita na linguagem, tornando alguns aspectos da interpretação mais claros (ORLANDI, 2007a, p. 71)

O sentido do texto, desse modo, é abstraído também não só da função-autor, mas da situação de comunicação a que está submetido. Parafraseando Orlandi (2007a), para que a palavra faça sentido, é necessário que ela já o tenha, ou seja, é preciso que esta esteja inscrita num interdiscurso.

Esse interdiscurso se realiza dentro de uma determinada formação discursiva. O sujeito, de alguma maneira, está sujeito a esta realidade. Compartilhando as ideias de Orlandi (2005, p. 100), o assujeitamento diz respeito à natureza da subjetividade. O sujeito se constitui como tal porque está assujeitado à língua, na história. Por esse prisma, as palavras trazidas à tona neste trabalho são o resultado ora do embate de forças entre o sujeito, a sua (dele) história e a língua, ora da cumplicidade desses fatores. A partir destes fatores, pode-se configurar uma dada formação discursiva, assim definida por Orlandi:

> A formação discursiva [...] representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem dos outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro (ORLANDI, 2005, p. 103)

Esse conceito, no entanto, é trazido, primeiramente, por Foucault, quando afirma:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, tansformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*" (FOUCAULT, 2005, p. 43)

A análise do discurso − mais especificamente de linha francesa − considera que há função-autor desde que exista um sujeito na origem do dizer, produzindo uma unidade (imaginária) do texto. Por isso, tendo em conta a perspectiva adotada para perceber o sentido não na palavra em si, mas no enunciado; e, considerando esse enunciado, materialização de discursos, persegue-se, então, a função-autor exercida pelo sujeito Arthur de Salles.

3.2 UMA INCURSÃO PELO SUJEITO ARTHUR DE SALLES

Antonio Candido (1976, p. 21), introduzindo a farta discussão sobre literatura e sociedade, afirma que fatores como a estrutura social, valores e ideologias marcam alguns momentos da criação literária. Por exemplo, o artista, movido por uma necessidade interior, orienta-se segundo padrões de sua época, escolhe determinados temas ou usa certas formas.

Sendo assim, o perfil delineado nesta subseção, não será o de um sujeito Arthur de Salles, será a configuração de um sujeito discursivo que assume várias faces: a face

de poeta, de sujeito ideológico instaurado dentro de determinada formação discursiva; e a de um indivíduo, mostrado em sua correspondência. Pretende-se mostrar, então, como se configura cada um desses sujeitos através do cíclico triângulo: unidade lexical, texto e discurso.

3.2.1 **O Poeta Arthur de Salles**

A biografia é uma narrativa em construção. Por isso, Eneida Souza (2002) chama a atenção para um outro termo: biografema. Segundo ela, biografema é a "construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole" (SOUZA, 2002, p. 113).

A figura do escritor − que, de acordo com Eneida Souza (2002, p. 116), substitui a do autor − é construída, tecida no fio da sua narrativa e no olhar fixo e atento do leitor. Essa figura "desempenha vários papéis de acordo com as imagens, as poses e as representações coletivas que cada época propõe aos seus intérpretes de literatura" (SOUZA, 2002, p. 116). O escritor, portanto, não se caracteriza apenas pela assinatura de uma obra, mas é um integrante e agente de um cenário literário e sócio-cultural. A partir desse prisma, se desmitifica a imagem do autor, passando a considerá-lo um ator de um cenário discursivo, que de nenhuma maneira será único e fixo.

O recorte biográfico de Arthur de Salles é mostrado por ele mesmo em sua autobiografia. Esta é construída em terceira pessoa, de maneira sucinta e desprovida de detalhes. Ele recorta o que de sua vida deve ficar para a posteridade:

> Arthur de Salles nasceu na capital do estado da Bahia, a 7 de março de 1879, filho de Severiano Gonçalves de Salles e Eufrosina Maria de Aragão Salles. A infância do poeta decorreu /entre/ a capital e o lugarejo ribeirinho de Passé, terra de avós maternos.
> [...]
> O poeta começou a versejar ai pelos 13 anos. Em 1990, em um grupo brilhante de moços fundou a associação de letras Nova Cruzada, que, por espaço de uns dez anos, teve larga repercussão nos centros artísticos do país. Arthur de Salles filiou-se nesse tempo à corrente simbolista.
> [...]
> Em 1920 publicou o seu livro de *Poesias*. Em 1928, o seu poema regional *Sangue-mau*.

(doc 039-0183-NX:01/03-HS)

Conforme diz em sua autobiografia, ele começa a versejar aos 13 anos, dedicando seus versos de adolescente ao seu primeiro amor, como afirma em carta a Durval de Moraes:

> É que nesta cidade estive eu dos doze aos quartoze [sic] annos. Ahi, tomado de grande fervor religioso instinctivamente, tornei-me o menino bahiano, o menino santo, como chamavam as beatas. Ahi fiz a primeira comunhão e tomei bentinho do Carmo num dia 16 de Julho.
> [...]
> A essa altura veio-me o primeiro verso, a primeira quadra truncada e com ella a primeira palpitação do coração, um como primeiro amor por uma companheira de escola de face corada que trocava comigo santinhos coloridos. Ó, os primeiros sorrisos, os brinquedos e as lagrimas de saudade da meninota corada e bonita, já na Bahia. Os versos que ainda lhe fiz!.. (doc. 070: 0397)

Homem de origem humilde viveu sua infância entre as pequenas localidades do Recôncavo, principalmente Passé, e a Cidade da Bahia. Essa vila parece gozar da predileção do poeta: "Amo este pedaço de terra humilde e pobre, pátria de minha mãe e túmulo de meus avos." (PAS, L. 47-48)

É esse pequeno povoado de pescadores, situado no distrito de Candeias[20], o lugar que Arthur de Salles elege como principal ambiente de sua obra regional (TELLES, 2003, p. 414-415). Ele confessa que "Alli diante o livro mysterioso e profundo da natureza aprendi a amar a liberdade e a poesia." (PAS, L. 51-52).

Em 1908 foi nomeado bibliotecário da Escola Agrícola da Bahia que funcionava no convento beneditino da Abadia de Nossa Senhora das Brotas e em 1911 foi nomeado Professor do Aprendizado Agrícola, anexo à escola (SALLES, 1981). O contato com as pequenas vilas e ilhotas do Recôncavo, além do contato com a capital baiana, fez de Arthur de Salles um admirador do autóctone, homem arraigado nas coisas de sua terra. Em carta a Durval de Moraes, Salles afirma:

> Sou, digo sempre em casa, um batelão um pobre batelão ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahi na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas. Um batelão, ahi. Lá, em Passé, quando rapaz, conheci uma senhora de vida airada que após largo tempo na cidade voltava, ao torrão praieiro para refazer-se. "Vim reformar a barcaça" dizia ella alludindo a<†>/o\ seu alto corpanzil de mulata vistosa (doc. 070: 0394, 04. 02. 1935).

[20] Cidade situada na região costeira, ao nordeste do Recôncavo Baiano.

O local escolhido pelo poeta para "reformar sua barcaça" era o povoado de Passé, onde ele revivia sua meninice, através dos causos dos moradores antigos.

Longe das classificações fechadas da conhecida periodização literária, não se pode enquadrar a obra literária do bardo em escolas literárias como fizeram por um tempo os manuais de literatura. Ainda que, por vezes, ele se diga pertencente a uma determinada escola, essas classificações lhe eram estranhas, pois o poeta se caracteriza de diferentes maneiras no decorrer da sua produção poética:

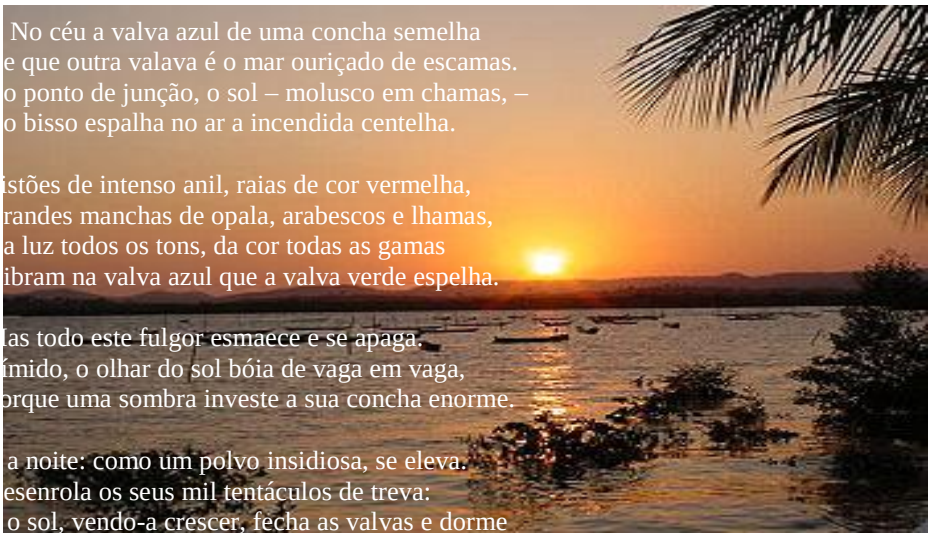
> Affonso Costa que ahi está, no Rio, disse-me que lhe mandasse producções para a Terra de Sol. Não mandei. Vejo que ella é futurista ou tem tendencias futuristas, o que não critico. Eu porem não sou futurista. Meu verso parnasiano não agradará aos srs. da Revista. Se ser parnasiano é guardar amor á forma e carinho na maneira de expressar-se eu sou parnasiano (doc. 071: 0421).

Na mesma carta, o poeta comenta o poema *Sombra Fecunda* do amigo Durval de Moraes e confessa também usar versos livres, afirmando ainda ser adepto dos "rythmos novos do Brasil", ainda que não esteja inserido na "onda" futurista que caracterizava o momento:

> O verso livre que eu utiliso tambem, e não de agora, o verso a Verhanren, a quem nenhum futurista que eu conheço igualou ainda, é um bello passo no mundo do rythmo. É o que vejo ahi pela revista... Quanto aos themas, os assumptos vejo a mesma cousa. No entanto se a critica litteraria andasse a par do movimento artistico do paiz, veria no Sombra Fecunda a mais bella tentativa de rythmos novos no Brasil, precedendo toda essa novidade já um pouco velha de Marinetti e outros. Que o verso não fique preso a canones, bem. Mas isto de cortar a syntaxe, de escrever telegraphicamente e fazer outros tantos malabarismos não. No entanto não critico, não posso criticar o que se seja do seu tempo. Futurismo, prosantismo, momentismo (ou instantismo como lhe chamo) deixará o que for bello, duravel, como as outras escolas (doc. 071: 0421).

Em entrevista sobre a poesia de Arthur de Salles[21], disse Agripino Grieco: "Se por acaso toda a poesia brasileira se perdesse num naufrágio e só restasse *Ocaso no mar*, um crítico literário diria: 'aqui viveu um grande povo'. Veja-se o poema completo:

[21] Cf. Entrevistas Manuscritas sobre Arthur de Salles



(Foto disponível em: http://saofranciscodoconde.blogspot.com/2008/12/so-francisco-do-conde.html)

Fig. 1

Este poema – assim como inúmeros poemas de sua Antologia – possui traços bem caracterísiticos do parnasianismo. A cena do pôr do sol vai se montando através das palavras que mais parecem o pincel de um pintor, tal é a obstinação pela descrição perfeita; com uma valorização explicita da estética (métrica, vocabulário rebuscado).

Entretanto, como já se mencionou, a melhor maneira de apresentar o poeta Arthur de Salles não é tentando classificá-lo em escolas literárias, mas sim envidenciando a sua versatilidade no que diz respeito a sua produção. Ele, amante do passado e das formas, leitor inveterado de Baudelaire, escreve versos parnasianos, porém mergulha na agudez plumbea do simbolismo, assim como passeia livremente pelos versos brancos, característicos do modernismo, como se pode atestar em *Espumas* (CARVALHO, 2001):

> Como brincam doudas como umas crianças
> (A)s espumas leves com as maretas mansas.
> Penso que a mãe-da-água foi que as deixou soltas
> (Ao) sabor do vento, das marés revoltas,
> (C)omo rosas murchas do real toucado,
> (C)omo rendas rotas do seu véo gelado.
> Surgiu-me a infância ali no meio delas,
> (N)a carreira franca
> (À) tarde, no beiral da praia curva e branca.
> O mesmo céu de agora, o mesmo mar sem velas.
> Pedaços de cortiça, uma pena espetada,
> (E)ram barcos galgando a mareta dourada [...] (ESP, L. 1-12)

O poeta Arthur de Salles, então, tal como se caracteriza o sujeito discursivo se apresenta em várias faces. Seja na construção de sua poesia – como se pode notar, se alterna

entre os modelos parnasianos, simbolistas e modernistas –, seja na suas fontes inspiradoras que vão das gentes e costumes de um vilarejo de pescadores até os versos de Baudelaire. A seguir, vê-se qual ou quais face(s) do sujeito é (são) apresentada(s) em sua correspondência.

3.2.2 As cartas como elemento da constituição do Sujeito Arthur de Salles

Ainda perseguindo um perfil do sujeito Arthur de Salles, passa-se neste momento a uma pretensa descrição de sua relação consigo mesmo. Tenta-se de observar quais os procedimentos mobilizados por esse indivíduo para se (re)apropriar de sua relação consigo. À luz da teoria foucaultiana, neste trabalho, como já se disse, pensa-se "o sujeito como um objeto historicamente constituído, sobre a base de determinação que lhe são exteriores" (REVEL, 2005, p.84).

Na correspondência de Arthur de Salles, é possível vislumbrar-se um projeto estético que vai se descortinando, através de declaradas escolhas lexicais, a partir de tomadas de decisões e da sua imersão no cotidiano, na "graça festiva" dos moradores do Recôncavo Baiano. Essa correspondência[22] é composta por duzentos e vinte e três cartas. Após a mudança de Durval de Moraes para o Rio de Janeiro, a correspondência era o único meio facilitador da comunicação entre esses dois amigos que agora já não desfrutavam do mesmo espaço físico.

As cartas registram, principalmente, o cotidiano de Salles nas localidades do Recôncavo por onde ele passou: Passé, Brotas, Vila de São Francisco, Candeias, Santo Amaro, Maragogipe. Tratam ainda da Cidade da Bahia, ou seja, de Salvador, com todo o seu florescimento cultural − do qual o poeta também participou −, de suas tristezas e de suas festas. Entretanto, em meio aos assuntos sobre o cotidiano dessas localidades, havia noticia sobre a saúde, sobre o fazer artístico, crítica de outros escritores acerca de sua produção literária, duplicatas, recorte de jornais, notas de falecimento e toda uma série de elementos que aproximam essas cartas escritas entre os anos de 1901 a 1935 dos cadernos de anotações

[22] Sob a guarda do Grupo de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia encontram-se 223 cartas de Salles a Durval de Moraes. Há apenas duas cartas de Durval de Moraes a Salles, em rascunho.

do período helenístico. Essas epístolas são um indicador da prática da "*epileléia heautoû*"[23], ou seja, a necessidade de converter o olhar do exterior para "si mesmo" (FOUCAULT , 2006, p. 14).

A correspondência é um dos exercícios de si que o homem deve praticar na busca de sua soberania. Na cultura do *cuidado de si*, a escrita desempenha importante papel. Tomar notas sobre si mesmo, escrever tratados e cartas aos amigos, conservar seus cadernos, a fim de retomar para si as verdades de que precisam são tarefas que definem o cuidado de si na Antiguidade, conforme comenta Foucault (1994) em *As técnicas de si*.

Na Antiguidade Clássica a correspondência integrava um conjunto de técnicas pela qual o indivíduo constituía a sua subjetividade. Desse modo, a denominada *escrita de si* era uma das experiências do *Cuidado de si*. Esse *Cuidado de si* integra a terceira parte do projeto arqueológico de Foucault que fará um retrocesso até a sociedade antiga a fim de entender a denominada "arte da existência" que, nas palavras dele, seria:

> "[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de valores estéticos e responda a certos critérios de estilo" (FOUCAULT, 1994, p. 15).

Ao fazer esse percurso pela história, Foucault delineia o processo de constituição do sujeito desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. De acordo com ele, nas culturas grega e greco-romana, o espaço de subjetivação, representava um espaço que enfatizava a liberdade e a produção de si mesmo. Na Modernidade, entretanto, a produção do sujeito atrelou-se, geralmente, aos códigos e às normas. Nesta subseção, evidenciam-se as permanências do cuidado do si, tal como se apresentavam na antiguidade, no que se refere à correspondência entre amigos.

Os processos de subjetivação que implicam o cuidado de si podem corresponder a dois tipos de análise. Na primeira, os modos de subjetivação são práticas de objetivação, pois há somente sujeitos objetivados. Por outro lado, através de um determinado número de técnicas, a relação consigo possibilita que o indivíduo se constitua como sujeito de sua própria existência. A correspondência e os *hypomnemata*[24] correspondem a alguns

[23] O termo é usado por Foucault (2006, p. 14) em *A Hermenêutica do Sujeito*, referindo-se às práticas desenvolvidas no período helenístico para o conhecimento de si.

[24] Uma forma de escrita de si utilizada pelos filósofos gregos. Segundo Foucault, os *hypomnemata* "podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete" (FOUCAULT, 2004c, p. 147). Eram registros diários reunidos em cadernos, constituídos de

procedimentos mobilizados pelos indivíduos a fim de se apropriar ou de se reapropriar de sua relação consigo.

Sabe-se que a correspondência inscreve a identidade do seu autor e do texto que se cria, fato que se dá através dessa modalidade de "produção do eu", porém, simultaneamente, produz um outro sujeito, o receptor. É essa dupla produção de sujeito (autor e receptor) que pode ser evidenciada através da análise de algumas cartas de Arthur de Salles a Durval de Moraes.

Levando em conta uma das três questões relacionadas com o cuidado de si[25], volta-se a atenção para a terceira: a relação consigo apoiada na relação com o outro. Sob essa perspectiva, é que se pretende ler a correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes. Ressalte-se, entretanto, que a relação entre esses dois amigos é horizontal, a constituição do sujeito dá-se através da troca de experiências vividas, sejam elas no âmbito pessoal ou no artístico.

Estabelecendo alguns textos da terceira parte do Projeto de Foucault como fio condutor das discussões, analisa-se, através das cartas, o processo de constituição do sujeito Arthur de Salles, entendendo que a subjetividade é algo da produção e que, portanto, não há um sujeito original e fixo. Ressalte-se que já nos primeiros séculos da era cristã, a escrita se tornara um elemento do exercício de si. Desse modo, o espaço da correspondência é o lugar do aparecimento de um sujeito desmascarado, pois a única avaliação a que ele estará sujeito é a do outro, aquele que guarda seus segredos, gozando, portanto, de sua plena confiança.

Segundo Gomes (2004a, p. 10), a escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar "produção de si" no mundo moderno ocidental. De certa forma, essa produção de si abriu as cortinas do "teatro de memória" do poeta Arthur de Salles, que, com suas cartas, redesenhou sua biografia. Gomes (2004a, p.12) afirma, ainda, que os argumentos que sustentam as práticas de uma escrita de si derivam tanto da assertiva sociológica de que todo o indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Singularidade essa traduzida pela fragmentação do próprio indivíduo e pelo exercício de sua memória através do tempo.

---

elementos heterogêneos – tais como apontamentos, lembranças e reflexões do próprio autor ou de outros –, e funcionavam como um registro material da memória do que foi lido, ouvido ou pensado.

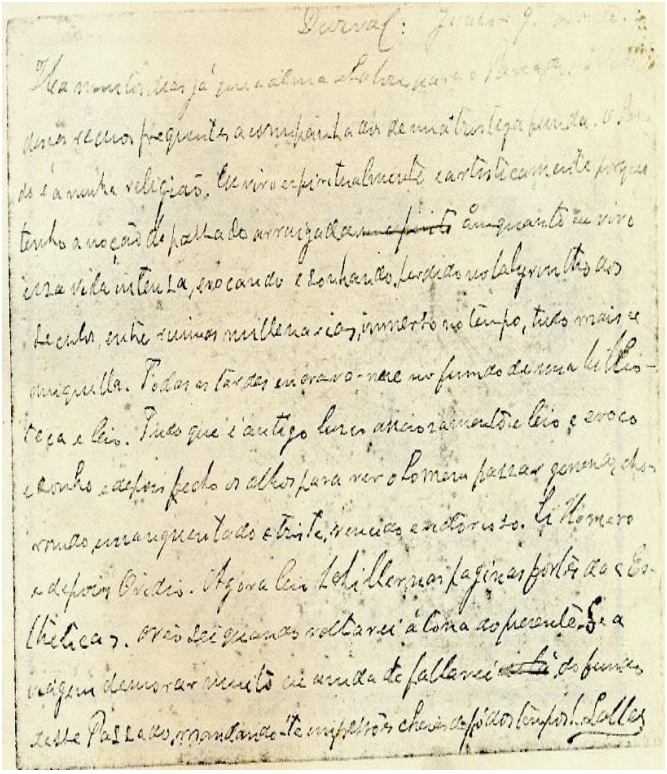
[25] Em *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2006) considera como ponto de partida para entender o cuidado de si, um livro da Antiguidade Clássica, o *Alcibíades*. Segundo explica o filósofo, há nele três questões que se relacionam com o cuidado de si: a política, a pedagogia e a relação consigo apoiada na relação com o outro.

A escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade do seu autor e do texto que se cria, fato que se dá através dessa modalidade de "produção do eu". Sobre a correspondência privada, Angela de Castro Gomes diz:

> A correspondência privada é, com freqüência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos − exteriores e interiores −, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro (GOMES, 2004a, p. 21).

No artigo *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, Gomes (2004b) afirma que as cartas suscitam interesse e curiosidades gerais, principalmente aquelas entre intelectuais, não importando se têm caráter pessoal ou profissional. Ela lembra, ainda, que a correspondência de intelectuais é entendida e tratada como um elemento para iluminar a compreensão de suas obras. O texto epistolar é, portanto, um documento para contextualizar a produção, fornecendo informações que dizem respeito à criação, à circulação e à recepção do texto produzido. A correspondência passiva de Salles a Durval de Moraes transita entre o caráter pessoal e o profissional, é possível perceber a partir de sua leitura o quanto a tessitura do texto literário do poeta precisava da opinião do amigo (TELLES, 2006). O estudo da correspondência de Salles ratifica o que diz Gomes (2004b), pois suas cartas são importantes fontes para a compreensão de seu fazer poético, de sua visão de mundo e dos fatos históricos e sociais do seu ambiente.

Os assuntos das cartas são dos mais variados. Na carta apresentada a seguir, Salles fala da sua paixão pelo passado, declarando o passado como sua religião:



Durval: junho –
9. Noite

Ha muitos dias já que a alma abalou para o Passado. E datam desses recuos frequentes acompanhados de uma tristeza funda. O passado é a minha religião. Eu vivo espiritualmente artisticamente porque tenho a noção do passado arraigada <no espírito> Enquanto eu vivo essa vida intensa, evocando e sonhando, perdido no labyrintho dos seculos entre ruinas millenarias, immerso no tempo, tudo mais se aniquilla. Todas as tardes encravo-me no fundo de uma biblioteca e leio. Tudo que é antigo busco anciosamente e leio, e evoco e sonho e depois fecho os olhos para ver o homem passar gemendo, chorando ensanguentado e triste, vencido e victorioso. Li Homero e depois Ovidio. Agora leio Schiller nas paginas fortes da "Esthetica". Não sei quando voltarei á tona do presente. Se a viagem demorar muito eu ainda te fallarei <de lá> do fundo desse Passado mandando-te impressões cheias de pó dos tempos!.. Salles (Doc. 061-0227)

Fig. 2

A carta acima reproduzida apresenta o seu emissor: o poeta Arthur de Salles. Baiano, conservador das formas dos versos e das lexias que os compunha, com suas próprias palavras, tinha "a noção do passado arraigada no espírito". O seu receptor é Durval de Moraes, poeta baiano cujos versos ecoaram em outras cidades, visto que após a extinção da Escola Agrícola – no Convento da Abadia de Brotas, lugar onde começou uma amizade duradoura com Arthur de Salles – foi para a cidade de Monte Azul e depois chegou à cidade de grande visibilidade literária na época: Rio de Janeiro.

Como já se ressaltou, a escrita é um elemento do exercício de si. Foucault (2004c) adverte, portanto, que não se aprende nenhuma técnica sem exercício. Dessa forma, a arte de viver é aprendida através de um "adestramento de si por si mesmo". De todas as formas que tomou esse adestramento de si, na Antiguidade Clássica, a escrita irá desempenhar um importante papel. A escrita como elemento do treino de si, ou seja, com função *etopoiética*, usando o termo de Plutarco (FOUCAULT, 2004c, p. 147) tem duas formas de se concretizar: os *hypomnemata* e a correspondência. Ao lançar os olhos sob a correspondência passiva de Arthur de Salles é possível sinalizar uma interseção entre esses dois exercícios do cuidado de si.

De acordo com Foucault (1994), as técnicas de si "permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e

suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade". A escrita adquire nesse ambiente um espaço preponderante, sendo a correspondência um lugar de expressão, em que é possibilitado o cuidado de si. Desse modo, cuidar de si requer uma atividade de escrita constante.

Observando algumas cartas de Salles, percebe-se que elas repetem algumas experiências relatadas nas cartas de Sêneca. Cartas essas trazidas à cena por Foucault (2004c), para demonstrar como se dava o cuidado de si entre os gregos. As cartas, no período helenístico, traziam, geralmente, notícias da saúde, e, algumas vezes tratavam de ressaltar os efeitos do corpo sobre a alma. Em alguns relatos trazem como motivo da cura do corpo os "remédios da alma", possuindo a amizade um lugar de destaque dentre esses remédios. Sendo assim, a correspondência passa a figurar um lugar de cuidado com a alma.

Essa relação de cuidado é freqüente em cartas de Salles a Durval, é possível afirmar que a correspondência entre eles era um fator imprescindível para a saúde da alma. Veja-se outro trecho de carta de Salles:

> Longe, tão longe, que me pareço no extremo limite − do mundo, no ultimo promontorio da terra.....
> E deste ponto alargo o espirito para esse centro ruidoso e turbilhonante onde agor*a* gyras na luta pela vida e pelo nome.
> A tua carta recebi-a jubiloso. Trouxe-me descanso ao espirito ancioso, se bem que ainda não fosse um descanso definitivo. (doc 063:0273, 20.10.1912)

Ratificando uma relação horizontal da função da carta no que diz respeito ao cuidado com a alma. Durval de Moraes escreve:

> Escreve-me. Antigamente a consolação das tuas carta vinha frequente. hoje é tão raro esse balsamo,
> Que é que fazes? Porque nunca mais me mandastes um verso?
> Saudosamente o teu Durval (doc.: 043-0214).

Ao analisar as cartas de Sêneca, Foucault (2004c, p. 148) diz que havia entre aquele que escrevia e aquele que enviava a carta uma espécie de troca de experiência, ou seja, ao receber um conselho, aquele que é orientado progride em sua experiência consigo mesmo, tornando-se capaz de orientar outras pessoas, ou mesmo de devolver a orientação para o seu mestre.

Um trecho de uma das cartas de Sêneca evocadas por Foucault (2004c, p. 150) ilustra a relação estabelecida na correspondência entre os poetas: "Escreves-me com

freqüência, o que me é grato, pois assim te mostras a mim pelo único meio de que dispões. De cada vez que me chega carta tua, eis-me de imediato juntos". De igual maneira, Arthur de Salles solicita ao amigo que lhe escreva para que a sua ausência seja menos perturbadora. Veja-se o trecho:

> Perdoa, tú que és bom, este silencio, este maldito silencio que tranca a Alma a sete chaves dentro da sua gehena. Eu, mais do que tú, sinto o frio polar que elle derrama sobre a minha vida, o meu mundo de Sonho. A tortura de não te escrever é a maior das torturas até hoje por mim experimentada: gera em mim estados de alma dolorosa, um vasio, um como deserto de areias geladas, sem oasis confortadores. É o envelhecer na mudez dos sós. (doc. 065:0307)

A correspondência pessoal entre intelectuais é ainda um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos (GOMES, 2004b, p. 51). Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas. Gomes (2004b) conclui que a correspondência, como parte da obra de um autor, assegura uma aproximação das formas de estruturação do campo intelectual em um dado momento e lugar, permitindo que se investigue de que maneira funciona esse "pequeno mundo" e de como se deve entender a própria noção de intelectual.

Após perseguir o caminho executado por Salles para a soberania de si, a partir da leitura e comentário de algumas cartas, à luz das teorias de Foucault sobre o cuidado de si; ressalta-se ainda a presença de cartas que mostram a sua relação com o mundo. Parte de sua escrita epistolar evidencia o seu posicionamento em relação ao outro. Pode-se, portanto, revelar outra face desse sujeito através de sua escrita. O que está em cena já não é um sujeito que busca na correspondência com o amigo, o remédio para a alma, mas é um ser social que interage e protesta diante dos fatos sociais que o circundam, assumindo, assim, o lugar de um sujeito ideológico. Nesta fase, são os acontecimentos da Cidade da Bahia − Salvador − que protagonizam a correspondência e, às vezes, a paisagem e a vegetação singular do Recôncavo invadem as folhas pautadas, impelindo os assuntos de guerra para a periferia do pensamento do emissor. Essas cartas mostram a imersão do sujeito Arthur de Salles na cena discursiva em que se deu sua escrita. Deve-se, pois considerar um sujeito, integrando-o a uma determinada formação ideológica. Assim, é possível perceber um sujeito tocado pela história e se pronunciando a partir dela.

As constantes atividades do poeta na vida cultural da Cidade da Bahia são reveladas nas cartas. Salles fornece um panorama histórico-social de Salvador do primeiro quartel do século XX: a revolução, as suas demolições e as suas construções. É possível, também, ter notícias de poetas contemporâneos a Arthur de Salles e, ainda, perceber a sua

contribuição na constituição da vida literária de Salvador que pulsava com força nesta época. O conteúdo dessas cartas, bem como os fatores históricos que a contextualizam serão tratados neste trabalho, na quarta seção, quando se fará uma análise do contexto histórico em que Arthur de Salles está situado para entender algumas de suas escolhas lexicais.

3.2.3 As cartas que desenham um projeto estético

Um possível projeto estético de Arthur de Salles vai-se delineando a partir da leitura da sua correspondência. Esse paratexto[26] revela um sujeito preocupado com suas escolhas para a confecção do texto. Estando situado num momento literário em que ressaía as atitudes modernistas, Salles muitas vezes segue na contra-mão dos movimentos iniciados na década de 20, revelando-se amante do passado:

> Há muitos dias já que a alma abalou para o Passado. E datam desses recuos frequentes acompanhados de uma tristeza funda. O passado é a minha religião[...]
> Li Homero e depois Ovidio. Agora leio Achilles nas paginas fontes da "Esthetica". Não sei quando voltarei a tona[?] do presente. Se a viagem demorar muito eu ainda te fallarei [escrito e riscado: **de lá**] do fundo desse Passado mandando-te impressões cheias de pó dos tempos!... Salles (doc.: 061-0227)

Por outro lado, não se nega a aderir às novas tendências literárias da época. Em 1928 e 1929, com a publicação da Revista *Arco & Flexa*, escreve poemas em versos brancos, evidenciando a impossibilidade de classificá-lo a partir da periodização dos movimentos literários:

> Mandei-te um numero da revista modernista da Bahia, Arco-Flexa em que apparecem uns versos meus modernistas. Esses senhores pensam que isto é difficil ou inattingivel. No proximo numero publicarei Cão de bordo e o primeiro ac*to* do Macbeth de Shakespeare. Nada tenho feito *a*lem dessas pequenas cousas modernistas como uma maneira de matar o tempo (doc.: 069:0381).

Revela, entretanto, sua preferência por assuntos regionais, em que a presença de gentes como pescadores e donos de taverna são mais recorrentes. Nessa mesma carta, ele

[26] Entende-se por paratexto um conjunto heterogêneo de materiais que acompanha a obra, que está além do texto. Esses materiais auxiliam o leitor na interpretação do texto. Segundo Genette (2006, p. 10), são variados sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato ou mesmo um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor nem sempre pode dispor com facilidade.

critica o silêncio de um crítico em relação ao poema regional *Sangue Mau*, revelando, ainda, um possível motivo:

> Do Sangue Máo, pobre mostrengo passadista, silencio. Que importa! Se eu tivesse ambição o teria feito modernista, cousa t*ã*o facil. O silencio!.Eu te mandarei ainda uns versos sobre o silencio (doc.: 069:0381).

Em outra carta, Arthur de Salles, afligido pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial, escreve a Durval de Moraes e, implicitamente, dá notícia do seu *modus scribendi*:

> Quiz tambem enviar pela bocca dos soldados a minha canção de guerra. Tracei-a, ajuntei para ella verbos rubros, <e> adjectivos como as espadas batalhadoras, substantivos rigidos como sabres espelhantes; por ella diria a esses brasileiros emasculados que me circundavam, que riem das derrotas da Belgica, das invasões da França, que batem palmas á victoria das Allemanhas, o meu sentimento indomado de brasileiro, de christão, e de humano (doc. 067:0336, 11/1918).

A revelação de seu *modus scribendi* dá mostras também de linhas da tessitura do seu projeto estético. O tipo de linguagem por ele utilizada em seus versos é freqüentemente ressaltado em suas cartas, desvendando um escritor preocupado com a forma e adepto de uma escrita muitas vezes difícil, pois carrega uma densidade bem característica do movimento simbolista: "verbos rubros, <e> adjectivos como as espadas batalhadoras, substantivos rigidos como sabres espelhantes".

As cartas revelam, ainda, as preferências lexicais do poeta, ou seja, suas "palavras amigas"[27]. São lexias usadas repetidas vezes por Salles em diferentes momentos de sua produção escrita. Um exemplo emblemático dessas palavras é o verbo exsurgir:

> "Tudo, diante do Mar *exsurge* e desabrocha." (AMC, V.29, p. 91)

Em carta, ao comentar um poema de Durval de Moraes, ele declara:

> Eil-os os exigidos concertos.
> Na hora magna da Vida – essa hora da Tristeza
> A mão que abafa o grito ao <bl> que blasphema e o aquece
> Se do negro Destino etc.
> E quantos, por esta hora, a vaga tenebrosa
> E o tragico esplendor ... —
> Quanto ao <u>*exsurge*</u> ficou excellente. É um
> verbo muito meu amigo. (doc.: 062:0249, f.1, l.20-21. Grifo nosso)

[27] Há um trabalho da bolsista de iniciação científica Malena Maria de Souza, do Projeto de Crítica Textual da Universidade Federal da Bahia, intitulado "As palavras amigas de Arthur de Salles". Neste, a bolsista faz um breve levantamento das palavras mais usadas pelo poeta.

Salles parece ter o desejo de delinear seu projeto estético. A partir de 1917, ele começa a reunir alguns de seus versos para a publicação de uma coletânea, intitulada *Poesias*. Em carta a Durval de Moraes ele descreve como esse projeto está sendo organizado:

> O livro tem o titulo de – Poesias. I Volume,
> dividido em tres partes: Purpuras,
> Rosas de antanho, Ermo em flôr.
> Da <†>/p\rimeira parte um bocado da phase
> cruzesouziana. <Da> A segunda versos
> <menos> lyricos. Narração de um fructo, e outros
> Na terceira a phase da solidão, <a– > (1908
> a 1913) tudo o que surgiu <aqui> em
> S. Bento e em Brotas. Não achas
> boa a disposição?... Estou <j>/c\orrigindo e seleccionando para mandar brevemente ao prélo se as cousas não
> falharem.
> (doc.: 066: 0326, 4r)

O seu *usus scribendi* é também, freqüentemente, revelado. Na carta que se reproduz abaixo, o poeta demonstra sua a intimidade com o léxico da língua e a sua habilidade na criação de novas palavras:

> Não esperava o Poeta luminoso de Visio que o Annibal <o leva> lhe levasse um revoltado, um insubimisso, um pensador, fóra dos moldes communs do pragmatismo litterario, dizendo sem curvaturas nas vertebraes, sem timidezas (olha lá este substantivo que o Annibal pode condemnar a um fuzilamento summario!) o seu modo de ver, de sentir e de praticar a Arte (doc. 071:0406)

Seu projeto estético pode ser perseguido, ainda, considerando os seus temas preferidos. Em suas cartas, fica evidente o seu gosto pelo Mar e pelos temas regionais:

> Assim tambem uns versos começados que te mostrei na ultima viagem. Não sei se os levaste ou se perdi ou deixamos lá na casa, em S. José... São do Mar – sobre uma canôa. Versos alexandrinos.O borrão destes versos está illegivel agora e mesmo sem as correcções. Estão em estado amorpho. Deus permita que em tuas mãos estejam. Do Mar nada quero perder (doc.: 066:0324)

Seu fazer poético, entretanto, encontra inspiração no cheiro da terra, com assuntos regionais. No trecho apresentado a seguir, o bardo comenta sobre a confecção de uma novela, cujo tema é uma superstição local, seguindo, portanto, a mesma linha temática do poema regional *Sangue Mau*:

> A minha vida literaria neste ultimos mezes [sic] ou
> nestes ultimos dias tem sido menos má. Acabei há poucos dias uma novella sertaneja, "Juliana". Aqui tenho 65 folhas de papel escriptas:

> é outra novella em que procuro salientar a [ ]
> [ ] do povo bahiano sem distincção de classe. É
> um caso de amor: Helena é noiva de Humberto e
> Rosalia, a heroina, arrancal-o-à dos braços da
> outra, por meio do feitiço. Estou a terminal-a. (doc. 071:406, 6 r)

Os temas regionais surgem da sua vivência nos pequenos povoados do Recôncavo e também como conseqüência de fatos ocorridos ao longo de sua vida:

> Depois da morte ao meu irmão comecei a por em verso, a glosar, um assumpto regional – Sangue máo. Em meio veio a morte de meu velho e de novo parei. destaquei desse assumpto um episodio – o Ramo da Fogueira – que te mandarei. É essa velha superstição de que o ramo da fogueira cahindo para a porta é fathidico [sic], indica a morte de alguem da casa. Este e outros assumptos [rasura] dariam com o nome de Romanceiro boas paginas regionaes. Estes dous pelo menos eu os darei. Tudo isto entre pescadores.
> E nada mais. (doc.: 069-0371)

Os trechos resgatados aqui dão uma mostra de como as cartas possibilitam traçar um perfil não só do sujeito Arthur de Salles, mas também de um projeto estético e ideológico que permeia sua produção literária.

Como foi visto anteriormente, a partir do texto de Barthes *A morte do autor*, emerge um elemento que será, a partir daí, o responsável por (re)instituir uma unidade ao texto: o leitor. Nesta seção, o olhar do leitor (pesquisador) buscou "reunir" estilhaços do sujeito Arthur de Salles, e será esse olhar que, na próxima seção, irá propor uma leitura para os acontecimentos discursivos iluminados a partir do vocabulário de Arthur de Salles.

Através da escrita de si, aqui representada pela correspondência do poeta, puderam vislumbrar-se os processos de subjetivação desse sujeito, ressaltando sempre as lexias por ele eleitas para materializar esse processo. A sua obra será, assim, um meio de descobrir marcas de subjetivação, no que tange à suas motivações, influências e preferências.

4 PALAVRAS: TIREM-NAS DO POÇO E LANCEM-NAS AO RIO

> [...] Em situação de poço, a água equivale
> a uma palavra em situação dicionária:
> isolada, estanque no poço dela mesma,
> e porque assim estancada, muda,
> e muda porque com nenhuma comunica, [...]
>
> um rio precisa de muita água em fios
> para que todos os poços se enfrasem:
> se reatando, de um para outro poço,
> em frases curtas, então frase e frase,
> até a sentença-rio do discurso único
> em que se tem voz a seca ele combate.
> (MELO NETO, 1979, p. 26)

É preciso desestabilizar a palavra, revertê-la, perturbá-la, entendê-la como fios de um emaranhado que é o texto, e um fio só não produz tessitura, não gera a "unidade" (texto), onde se pode encontrar o sentido. A ciência das significações possibilita a abertura do sentido ao exterior, este não está preso ao sistema, à língua. O sentido é subversivo, transgride a barreira do sistema e faz um nexo com a sociedade, pois pode ser tocado pela ideologia e pela situação de produção em que se insere determinado enunciado.

Nesta seção, que se destina à análise das unidades léxicas e das unidades fraseológicas como engendradoras de um discurso, faz-se pertinente apontar alguns conceitos, a fim de que se esclareça a partir de que lugar e de que fundamento teórico se faz a análise.

Ao propor uma interpretação de lexias à luz das teorias do discurso, é imprescindível chamar a atenção para o fato de que o sentido não está na lexia em si, ou seja, a unidade de referência onde se deve 'buscar' o sentido vai além dos limites da lexia, chegando ao enunciado. Osmar de Souza (2006, p. 25), orientado por uma episteme visivelmente bakhtiniana, lembra que a palavra não possui um sentido pronto, este sentido ficará restrito aos interlocutores e atualiza-se em cada enunciação. Portanto, é preciso também, trazer o conceito de enunciado, não esquecendo, porém, do seu caráter polissêmico e conflituoso, devido à manipulação desse(s) conceito(s) em diferentes teorias. Não se pretende, então, esgotar dito conceito, mas sim adotar o que mais se adéque à analise pretendida.

Para Bakhtin (2003, p.274), "o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundindo em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir". Ele define, ainda, as características distintivas de enunciado e oração, afirmando, primordialmente, que o primeiro é unidade da comunicação discursiva e é

determinado pela alternância de sujeitos do discurso, enquanto a oração é unidade da língua, assim como a palavra, e nunca é determinado pela alternância de sujeitos do discurso. Ou seja, a oração não determina de imediato uma posição responsiva do outro, ou seja, não suscita resposta.

Numa perspectiva pragmática, o enunciado é utilizado em oposição à frase, visto que esta é possível analisar-se fora do contexto, enquanto aquele é concebido como unidade de significação, por isso, tem de ser contextualizado. A visão bakhtiniana de enunciado traz o fenômeno da intersubjetividade e da interação, ou seja, um enunciado, para ser concebido como tal, deve dirigir-se a alguém, deve estar voltado para o destinatário. Conforme afirma Luis Felipe Ribeiro (2006):

> O enunciado não é um conceito meramente formal; um enunciado é sempre um acontecimento. Ele demanda uma situação histórica definida, atores sociais plenamente identificados, o compartilhamento de uma mesma cultura e o estabelecimento necessário de um diálogo. Todo enunciado demanda outro a que responde ou outro que o responderá. Ninguém cria um enunciado sem que seja para ser respondido.

Bakhtin estabelece uma diferença básica entre enunciado e oração. A oração, tal como a palavra, não tem autor, e "só funcionando como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2003, p.289). O enunciado, por sua vez, no pensamento bakhtiniano, funciona como um elo na cadeia da comunicação discursiva. Nessa perspectiva, tomar-se-ão por unidade de análise alguns enunciados plenos, cuja situação concreta é o texto literário ou a correspondência particular do poeta Arthur de Salles.

O enunciado será, assim, o elemento provindo de diferentes formações discursivas, embrenhados para constituir uma dita unidade, aqui representada pela denominação *texto*. Dessa forma, a análise de alguns enunciados integrantes do vocabulário de Salles, terá como objetivo perceber a ou as formações discursivas que permeiam o enunciado, estabelecendo, com isso, o sentido de determinadas unidades.

Brait e Melo (2008, p.68) lembram que um dos méritos da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin, é o de ter difundido a ideia de enunciação, "de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica". Assim, exatamente por isso, está ligado a enunciações anteriores e posteriores, possibilitando a circulação de discursos.

Ressalte-se, então, que o enunciado deve ser visto na sua historicidade, na sua concretude para que, assim, seja possível ver além do seu conteúdo puramente linguístico. O

seu sentido é revelado numa inter-relação com outros, ou seja, no discurso. O discurso, por sua vez, é um ato de comunicação sócio-historicamente determinado. Dessa forma, a presente análise partirá inicialmente das unidades léxicas, porém considerando-as integrantes de um enunciado (texto), realizado numa determinada situação de produção. Termos, aparentemente opostos em algumas teorias, se encontram nesta seção como integrantes de uma mesma análise.

Não se separará o enunciado nem de sua estrutura linguística, nem de suas condições de produção, de suas condições históricas, observar-se-ão os fatos linguísticos, considerando-os nessa múltipla face, visando à interpretação de fatos do discurso de Arthur de Salles.

Orlandi (2005, p. 66) lembra que no discurso o que existem são efeitos de sentidos variados, dispersos, descontínuos, a sua unidade é uma construção imaginária. Desta forma, as unidades discursivas que se vislumbrarão aqui são fruto da interpretação, perante fatos concretos de língua, mais especificamente, do léxico.

Esta análise pretende resgatar fatos linguísticos integrantes de um mundo externo a eles, ou seja, sem preterir elementos extralinguísticos que compõem fatos sócio-ideológicos indispensáveis para o entendimento do funcionamento do discurso nos textos selecionados. O que se pretende mostrar, então, é como está representada a realidade a partir da individualidade do sujeito Arthur de Salles em um tempo e espaço definidos historicamente, analisando, para isso, a materialidade discursiva a partir de elementos lexicais.

4.1 CENAS DO VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES

Algumas nuances do vocabulário de Arthur de Salles serão iluminadas a fim de descortinar aspectos geográficos, sociais e culturais do seu ambiente de comunicação, além de mostrar faces de Arthur de Salles, construídas e evidenciadas a partir de diferentes perspectivas. Antes, porém, de iluminar essas nuances, é necessário esclarecer a cena em que se instaura cada discurso, é preciso desenhar a cenografia em que se inscreve o vocabulário. O conceito de cena é manipulado aqui à luz dos estudos de Maingueneau no campo das teorias dos discursos.

Para a interpretação de um texto, Maingueneau (2006) chama a atenção para a existência de três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante e a cena genérica, grosso modo, se referem ao tipo de discurso em que se inscreve o texto (político, religioso, literário), enquanto a cenografia diz respeito à "cena narrativa construída pelo texto". Para atender à finalidade desta análise, só será explorado o conceito de cenografia. De acordo com Maingueneau (2006, p. 252), o texto chega ao leitor, em primeiro lugar, por meio de sua cenografia, não de sua cena englobante ou de sua cena genérica. Estas são relegadas ao segundo plano. Sobre a noção de cenografia, Maingueneau (2006, p. 253) afirma que:

> Logo, a cenografia é ao mesmo tempo origem do discurso e aquilo que engendra esse mesmo discurso; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, estabelecer que essa cenografia de onde vem a fala é precisamente a cenografia necessária para enunciar como convém.

A cenografia não é imposta nem pelo tipo, nem pelo gênero do discurso, como ocorre com a cena englobante e com a cena genérica, ela é instituída pelo próprio discurso (Maingueneau, 2006b, p. 112). Por isso desperta maior interesse para esta análise.

Nessa perspectiva de cenografia, pode-se delimitar, ainda, a cronografia e a topografia das obras de temática regional. A primeira se circunscreve entre os anos de 1915 a 1935 e a topografia é, primordialmente, o Recôncavo da pesca, ou seja, a região costeira do Recôncavo, e a Cidade da Bahia – Salvador.

Conforme salienta Maingueneau (2006, p.95), a enunciação acontece em um espaço instituído, definida pelo gênero e sobre a dimensão construtiva do discurso. Esse discurso se coloca em cena, instaurando seu próprio espaço de enunciação. Dessa forma, instaura-se aqui o espaço enunciativo do poeta Arthur de Salles em alguns de seus textos: O Recôncavo.

Ressalte-se, porém, que para tecer considerações acerca da cena é necessário avaliar as denominadas condições de produção do acontecimento discursivo, ou seja, aquilo que condiciona o discurso. A noção de condições de produção aparece em Pêcheux (1969) e está fundamentada na expressão marxista *condições econômicas de produção*. Deve-se, entretanto salientar que esses conceitos serão utilizados nesta breve análise alicerçado numa perspectiva foucaultiana que sustenta uma visão complexa das instituições discursivas e das relações entre o interior e o exterior do discurso. Essa noção terminou por adquirir um sentido geral, assimilando-se a contexto, que muitas vezes equivale a *situação de comunicação*.

Para orientar a análise, levar-se-á em consideração, primordialmente, a noção de discurso foucaultiana a qual afirma que discurso é um conjunto de enunciados que mesmo

pertencentes a diferentes campos, obedecem a regras comuns de funcionamento. Essas regras de funcionamento, entretanto, serão delineadas aqui pela atividade do próprio sujeito do discurso, esta análise, então, tenta perseguir "as regras" sobre as quais estão fundamentados os discursos que se engendram do Vocabulário de Arthur de Salles.

4.1.1 Fragmentos de Recôncavo

O Recôncavo do primeiro quartel do século XX, com suas paisagens, gentes e costumes é o espaço social de onde Arthur de Salles – assumindo o lugar social de observador e representador dessa realidade – enuncia o seu discurso. Portanto, é imprescindível que se desvendem fragmentos desse local que se encontra disperso na obra literária e nas epistolas do poeta baiano.

Pensar o Vocabulário de Salles a partir das possíveis formações discursivas que o engendraram remete o estudo à reflexão do que Foucault denominou de campo discursivo, ou seja, entender o enunciado como acontecimento singular, dentro de determinadas condições de existência do mesmo. Sendo assim, seguir-se-á o plano de Foucault (2005), quando ele afirma que:

> A análise no campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2005, p.31).

Um dado conjunto de enunciado, então, produz o discurso. Um procedimento de análise desse artefato terá a função de situar enunciados num determinado tempo-espaço. Para conceder unidade a esses conjuntos de enunciados, busca-se trazer a lume os elementos constitutivos desse espaço discursivo, bem como os elementos que o possibilitam. Para tanto, faz-se necessário configurar imagens do Recôncavo, tanto no que tange aos aspectos físico-geográficos quanto aos aspectos socioculturais.

O poeta baiano tenta retratar na poesia e na prosa, os costumes, os tipos, a linguagem das microrregiões que compõem o Recôncavo. Essa região que fascina por seu céu, seu mar, sua vegetação de um costeiro recortado de aproximadamente 200 km, uma região cuja extensão em linha reta é de 70 km da Barra Falsa à Vila de São Francisco da Barra

do Seregipe do Conde. Como já se disse, Arthur de Salles tinha uma intimidade com a região que corresponde ao fundo da Baía de Todos os Santos[28], percorrendo quase todo costeiro, conhecia a fundo os costumes, e os fatores econômico-sociais que a caracterizava. Em carta a Durval de Moraes descreve a sua visão do Recôncavo:

> Venho de percorrer trechos do Reconcavo, numa abalada de quinze dias. Taboleiros desenrolados, numa recordação de deserto, solitarios, sob a fulgência abrazadora do sol; estreitos caminhos de areia fofa escondidos sob ramagens arenaes, mattas de arvores augustas, altissimas frondes verde-negras, dando á paysagem aspectos graves; regatos, corregos, tremulos fios de prata promanando entre folhagens sorridentes; rios de margens escavadas pela eversão das ultimas enchentes rollando aguas murmuras, ora claras, limpidas, ora escuras carreiando ainda os restos dos galhos e das raizes arrancadas, troncos hirsutos e folhas negras; ouros suaves, plainos risonhos, montes recortando-se ao fundo, barrancas escancaradas, grotões huyantes, as linhas complicadas das estradas, carros de bois rechinando, á hora de fogo do meio-dia, atupidos de canna; vivendas brancas avultando uns altos e "bois e carros de bois"; a vida, a luz, a terra, o homem, o sonho, a miseria espreitando pelas portinhas dos tejupares, rostos formosos de camponias, carnações opulentas como [↑que] rebentadas das <rios> das entranhas agrestes da terra moça e ardente mordida pelos dentes de braza, dos versos> do sol; tudo isto e mais o indizivel das emoções, vi e senti por quinze dias (doc. 071: 0427).

Salles antes de ser classificado como representante de qualquer escola literária, deveria ser classificado como aquele que resgata os traços culturais que caracterizaram o povo do Recôncavo e da Cidade da Bahia. Há textos, no *corpus* estudado, que estão marcados pelo hibridismo que transcende as barreiras das escolas literárias, ele, com instrumentos da estética parnasiana e com a morbidez do simbolismo, adentra na vida simples da população ribeirinha, para cantar o mar, a gente, a paisagem do Recôncavo; trazendo ao leitor a "graça festiva" inerente a essas regiões.

A realidade do local em que se encontra lhe proporciona o assunto literário, o mar, os mulungus, o pescador, os ritmos, as superstições eram os motivos de seu fluir na escrita literária. Vê-se uma integração entre o homem, a obra e seu momento histórico-cultural. Em seus textos em prosa, principalmente naqueles cuja temática é o mar, percebe-se uma simbiose entre o poeta e seu meio, especialmente quando se trata do léxico.

A zona em que Arthur de Salles produziu grande parte de sua obra é essencialmente zona de pesca, sendo assim, o ambiente que se atesta através das escolhas lexicais do poeta, é um ambiente em que o mar é o protagonista. Costa Pinto, referindo-se à constante presença do mar no cotidiano do Recôncavo, diz:

---

[28] Essa é a denominação dada para Recôncavo, por Kátia Mattoso (1992, p. 51). Ela, porém faz uma ressalva para o Recôncavo baiano, pois esse abrange todas as terras adjacentes, ilhas e ilhotas, bem para além das praias, vales, várzeas e planaltos próximos ao mar.

> A grande baia, suas águas, suas praias, suas ilhas, formando paisagem de cartão postal, não constitui aqui apenas o proscênio: ao contrário, é o próprio quadro da vida quotidiana, do trabalho, da luta pela vida, o que nos dá razões profundas e objetivas que explicam como o mar é não somente tradição, mas realidade viva na vida daquela gente ribeirinha (PINTO, 1997 p. 32).

Costa Pinto (1997, p. 33) assevera ainda que, para a população ribeirinha, o mar é o seu "ganha-pão", eles fazem do saveiro sua montaria, do mar sua oficina e da bravura sua rotina. Desse modo, de Passé a Candeias, passando por São Francisco, Brotas e outros pequenos lugarejos que constituem a região de pesca do Recôncavo, o Mar é o elemento predominante que inspirou Arthur de Salles a escrever a maior parte de sua obra.

Saúna, o protagonista do poema regional *Sangue mau*, representa de maneira emblemática essa realidade, quando se lamenta pela necessidade de vender sua última canoa – "Conceição" – a qual denomina seu "velho ganha-pão", fazendo, portanto, alusão ao fato comentado por Costa Pinto (1997):

> Uma zoeira, meu Deus! Como que vou cair.
> Remédio e mais remédio. E a doença sem ir.
> Lá se foi o calão, lá se foi a arraieira,
> e a groseira e também "Novidade" e "Lingeira".
> Com que comprar remédio? É vender "Conceição".
> [...]
> Não tarda a me deixar, meu velho *ganha-pão*.
> Quando ela for, será meu abandono (SM, p. 185-186, v. 700-706).

Segundo Kátia Mattoso (1992, p. 85), o Recôncavo era, antes de qualquer coisa, terra de navegação, onde cada um tinha seu barco e onde nunca se estava a mais de um dia de marcha de alguma via navegável ou da orla marítima. As cidades eram quase todas cortadas pelos rios, de tal maneira que esses elementos serão, inevitavelmente, evidenciados no vocabulário de Arthur de Salles. O seu discurso, tanto em seu texto literário, quanto epistolar está pleno de elementos que refletem nitidamente o contexto em que se insere o poeta no momento de sua produção escrita, os vários e diversificados tipos de embarcação são inseridos constantemente em seu enunciado. Em carta a Durval de Moraes ele se compara a um tipo de embarcação muito comum no Recôncavo da pesca, o *batelão*:

> Minha saude vae tambem aos trambolhões. E como ella a vida. Sou, digo sempre em casa, um *batelão* um pobre *batelão* ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahi na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas. Um *batelão*, ahi (doc. 070: 0394, f. 1, L.16).

A mesma lexia aparece repetidas vezes em seu romanceiro em versos *Sangue mau*, evidenciando a sua inserção no ambiente que lhe rodeava:

1. Eu andava na guerra
e ele escornado nos telheiros.
E tua mãe?... Aí pra toda gente.
Por pouco não chamou os barcos, os saveiros
e os *batelões* da costa. Aquela deslambida.
Furriel Miroró, hein, garrote alvação? (SM, p. 126, v. 212-217)

2. Com vento e mar assim, meu *batelão* "Cascudo"
Voa que nem a garça.
[...]
E virou *batelão*
tudo naquele dia. Ora aqui está (SM, p. 153, v. 197-199).

Os nomes de embarcação são arrolados inúmeras vezes neste texto. O bardo comenta a confecção do mesmo com o amigo Durval de Moraes e confessa que será "tudo entre pescadores", portanto, tipos de embarcação, o mar e suas epopeias constituem a cenografia da obra. Veja-se a carta em que ele comenta o ambiente de *Sangue mau*:

> Pouco tenho escripto. Os dissabores, as tristezas destes últimos tempos me não trabalhar [sic]. Depois da morte ao meu irmão comecei a por em verso, a glosar, um assumpto regional – Sangue máo. Em meio veio a morte de meu velho e de novo parei. Destaquei desse assumpto um episodio – o Ramo da Fogueira – que te mandarei. É essa velha superstição de que o ramo da fogueira caindo para a porta é fathidico, indica a morte de alguém da casa. Este e outros assumptos <da> dariam com o nome de Romanceiro boas paginas regionaes. Estes dous pelo menos eu os darei. Tudo isto entre pescadores. E nada mais (doc. 069-0371).

Os variados tipos de embarcação são mencionados em toda a sua obra literária, bem como em suas cartas. É possível afirmar que os elementos regionais são constitutivos de seu processo de escrita e da sua produção enquanto sujeito. *Botes*, *brigues, canoas*, *barca*, *barcaça* etc, são corriqueiramente inseridos em seu discurso:

1. "Tudo que anda no mar tem rasto como a gente./Navio, batelão, lancha, *bote*, barcaça, / barco, saveiro, canoa,/tudo tem rasto como a gente nesse mundo" (SM, p. 200, v. 854)

2. *Brigue* que quer partir em busca de um tesouro / Cujo brilho incendeia o céu e o mar," (E, V. 23); (HSV, V. 27).

3. Alçada sobre o monte/...a igreja,/Voz do céu, abençoa/E guia aos que se vão.../Aos trancos e aos sacões numa frágil *canoa*... (SM, p. 110, v. 60)

4. Levantaram-na ali, entre a selva eriçada/ E a costa escancelada,/ Os bandeirantes as sagrada Companhia,/ Como um marco de Deus pela terra bravia./Mas vai tombando aos poucos, solitária, esquecida/Como o sol no

> deserto, como *barca* partida." (SM. p. 110, v. 66; p. 170, v. 575; p. 171, v. 590)
>
> 5. "Ancorada a *barcaça*[29], à noute, a marinhagem / Ao vinho e ao jogo, esquece a trabalhosa viagem" (OCB, V. 9); (OCB, v. 44; Ob, L.1).
>
> 6. "Ora, o Pereira...
> Sempre chiando e sempre embirrento o barbaça.
> O rapaz, um bom mestre, a menina *barcaça*[30]
> bonita, nova e bolineira...
> Deixe lá navegar que o vento é de feicção.
> E depois, que mais quer? ...Um saveiro, uma casa,
> três canoas ali apoitadas na vasa...
> Que espera? Um almirante?...algum conde ou barão?
> (SM, p. 124, v. 181-188)

A costa escancelada, o casario dos pescadores, a velha igreja trissecular constituem juntamente com o mar a cena da enunciação em grande parte dos textos que compõem a obra de temática regional de Arthur de Salles. Considerando-se o fato de haver vários universos cenográficos materializados no Vocabulário do bardo, optou-se por lançar um olhar panorâmico sobre essas paisagens que integram os textos de temática regional, trazendo a lume as lexias que são uma constante no que tange à descrição das paisagens desse lugar:

> A costa é irregular, escancelada e obscura,
> Sem praias de areal de acenosa brancura,
> Sem penedias escarpadas,
> Sem o épico das rochas empinadas,
> Torreando na altura.
> [...]
>
> O casario dos pescadores
> - Búzios do pobre molusco humano –
> É uma centena de tejupares,
> Acocorados pelos pendores,
> Disseminados pelos oiteiros,
> Pela beirada das praias curvas,
> Uns, branquejantes e alvissareiros,
> Abrem sorrindo para o oceano,
> Como velas triangulares
> Dentro do vago das manhãs turvas.
> [...]
>
> Alçada sobre o monte
> Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte,
> Velha, trissecular, branca de longe, a igreja,

[29] **BARCAÇA** (s.f.). 'Embarcação usada para transportar mercadorias, geralmente de fundo chato, sem quilha, com os costados quase verticais'

[30] Neste exemplo, pode-se considerar o SN 'menina barcaça bonita'; ou seja, a menina é como uma barcaça bonita.

> Voz do Céu, abençoa
> E guia aos que se vão, quando a noite negreja,
> Aos trancos e aos sacões numa frágil canoa... (SALLES, 1982)

Como já se explicitou, a colônia de pescadores do povoado de Passé constitui o principal cenário de sua obra de temática regional, como se vê em *Sangue-mau, O Dote de Matilde, O Ramo da fogueira* (TELLES, 2003). O poeta vai, em cada texto, descortinando a região onde atuam os seus pescadores, trovadores, velhos, plenos de sabedoria popular, e moças encantadoras. Vejam-se as lexias que revelam a paisagem do cenário escolhido por Salles:

> **BARRANCEIRO** s.m. 'margem esbarrancada'. Ex.: "Versos malditos!... Versos malditos, que lhe roem o coração, como a onda minaz aos *barranceiros* da riba." (SMA, p. 170, 292, L. 9). [Neol.]
> **BARRANCO** [s. m. lugar cavado por enxurradas ou por outra causa.]: "Ele é que há de arrojar um contra o outro, Pereira,/Como arroja a canoa no *barranco* da costa." (SM, p. 145, v. 401)
> **COSTA** (s.f.). 'Faixa de terra em contato com o mar'. "*O tronco. Ei-lo, depois, entre as vagas boiando./ Voga, apegado à* ***costa****, a alma cheia de medo (...)*" (HSV, V. 17); "A *costa* é irregular, escancelada e obscura," 3. s. f. Extensão de terra próxima ao mar. *"... ninguém o via, salvo quando um naufrágio, uma canoa aparecida, punham em ação o mister de capataz daquela* ***costa****."* (SM, p. 107, v. 11)
> **COSTA ESCANCELADA** [adj. O costeiro muito aberto]: "A costa é irregular, *escancelada* e obscura" (SM,.p. 107, v. 11)
> **COSTA IRREGULAR** [adj. Sem formação geológica definida]: "A costa é *irregular,* escancelada e obscura" (SM,.p. 107, v. 11)

No que tange ao vocabulário da cultura material, Rohlfs (1979, p. 60) salienta que o estudo das palavras conduz ao estudo das coisas. Assim, no campo da linguística, a história da língua se converte na história cultural em seu sentido mais estrito e o linguista se coloca em íntima relação com o etnógrafo e com o arqueólogo. Estabelece-se, desse modo, uma intercomunicação entre língua, cultura e folclore que leva a aprofundar-se o conhecimento da cultura dos povos (ROHLFS,1979, p. 123-4).

É necessário estudar o uso do léxico em Arthur de Salles, considerando-se que este serve de instrumento para a compreensão do seu *modus scribendi*, revelando a cor local muito presente e valorizada em sua escrita. As paisagens do Recôncavo são constantemente materializadas nas escolhas lexicais do poeta. Além das paisagens naturais, visualizam-se também paisagens construídas pelo homem que refletem diretamente a camada social por ele descrita, como é o caso das denominações para a habitação dos pescadores e, ainda as

denominações para casas comerciais frequentadas por moradores das vilas onde eram ambientadas as estórias. Sendo assim, tais denominações podem ser divididas considerando-se dois traços semânticos:

a) Casa onde moram pescadores do povoado:

> **ARAPUCA** s. fig. Casa velha e esburacada. *"*Era a *arapuca* do Anthero como diziam / os rapazes." (ANT, L. 08 f. 1)
> **CASARIO** s.m. Agrupamento de casas. "O *casario* < agarra-se (?) < † > gor(...) os costumes" // "O *casario* esparso < † meia encosta>" (DM 1 v , L. 1, 5) "O casario dos pescadores/...é uma centena de tejupares" (SM, p. 107, v. 16)
> **CASEBRE** s. m. Casa pequena e velha ou arruinada. "É o búzio que saltou do temporal na areia./Nele é que escuto a voz de Deus no meu *casebre*." (SM, p. 231, v. 1072)
> **TEJUPAR** s.m. Habitação feita de taipa: argila e madeira fina. "O casario dos pescadores/ − Búzios do pobre molusco humano −/ É uma centena de *tejupares*,/ Acocorados pelos pescadores,/ Disseminadas pelos outeiros,/ Pela beirada das praias curvas." (SM, p. 107, 4, v. 18).

2. Casa comercial, frequentada pelos moradores do lugarejo.

> **BAIUCA** s. f. Local onde se armazenam mercadorias diversas; bodega. Miquim da Ilha saltou do saveiro carregado de carvão, encapotou-se e passou por entre as gamellas de peixe, os montes de banana, de aboboras, de lenha, de carvão em saco, falando a um falando a outro, e guiou-se para a sobreloja, uma *baiuca* escura, atravancada de mercadoria das quitandas (ITR, L. 07).
>
> **CUMBUCA** s.f. 'casa de jogo'. Ex.: "... uma visita a qualquer *cumbuca* a ver se a lebre dava alguma cousa para o cigarro." (ITR, L. 66-67) [Regionalismo]
> **CASA DA FUNÇÃO**, sint, nom. Salão de festas. *"... beijos atras da* ***casa da funcção****, dansas em / que os corpos andavam escandalosamente juntos,..."* (ANT, L. 12 f. 2)
> **CASA DE MULHER-DAMA** [s. f. Prostíbulo]: "Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do vendeiro em que iam relampear navalhas em estúrdias nocturnas, em *casas de mulheres-damas*, lá pelas cidades do Sul." (SM, p. 160, [261])

As escolhas lexicais do poeta para a denominação de habitação dos pescadores, bem como a denominação para casas comerciais ou ambientes frequentados pelos moradores da costa denotam o efeito de sentido conseguido por Salles. Essas lexias materializam a realidade do local e ratificam o estreitamento entre o poeta e a sua situação de produção.

4.1.2 Ainda o Recôncavo: comida; gentes e atividades produtivas

> O taverneiro foi à frasqueira, bebeu um forte gole de aguardente, cuspi[n]hou e sumiu-se. Pela taverna pairava o cheiro incitante da moqueca de camarões, quente ainda, chiando na frigideira cabocla. O tintim da prataria barata, o chancham dos talheres, soavam, cá for[a] açulando a gula da guarda que já trincava nos dentes o c[amarão] de espeto, com farinha e café. Tão demorada e copiosa a ce[ia] [da] noute, que ao sahir, com o cachimbo atochado e as faces congest[ionadas] Líbano encontrou o Elyseu, pescador de groseira, o c[hapeu] de palha furado, a camisola de canhamaço de mangas c[urtas], as calças até aos joelhos, esperando o ultimo trago.

O trecho que se apresenta acima foi retirado do conto *João Capataz* (TAVARES, 1986). Trata-se de um conto que relata as aventuras de João Capataz, um "quarentão atarracado", pescador durante o inverno e vendedor ambulante durante o verão. E ainda, quando havia algum naufrágio, era um importante capataz naquela costa. Trabalhava por várias cidades do Recôncavo: para cada região, ele tinha uma mercadoria a ser comercializada.

A personagem apresentada acima é Libanio o taverneiro que interrompe uma conversa quando é chamado por sua mulher para a ceia. Arthur de Salles traz à cena o cheiro de uma das comidas típicas da região e, junto com ela, traz o barulho do cotidiano: "chiando na frigideira", "tintim da prataria barata", "chancham dos talheres". Os vocábulos escolhidos para compor a cena fornecem um retrato dos costumes e das pessoas de quem o poeta vai falar. O pescador Elyseu, descrito na mesma cena usa "chapéu de palha" e "camisola de canhamaço", revela-se, assim, através das escolhas de unidades lexicais, a imagem do típico pescador das regiões ribeirinhas do Recôncavo baiano do primeiro quartel do século XX e, com isso, marca o lugar de onde fará sua enunciação.

A filologia considera evidente o fato de que a literatura exprime uma dada sociedade. Mesmo tendo deixado essa relação em segundo plano por conta da sua preocupação em restituir o texto original. É possível trazer essa função da filologia ao primeiro plano, pois, para entender as escolhas lexicais na composição do texto de Arthur de Salles, não se pode esquecer a cultura latente do Recôncavo, imbricando-se, é claro, com elementos culturais diferentes que se atualizam e se fazem presentes através das leituras do autor, do seu contato, mesmo que indireto com outros mundos. Ele traz esses elementos na construção de suas histórias, em seu vocabulário que terá um nítido trânsito entre o popular e

o erudito. Muitas vezes, no mesmo texto, lexias consideradas eruditas e as consideradas populares compartilham o mesmo espaço discursivo, como se pode verificar com o uso da lexia *rapazio*[31], em outro trecho do mesmo conto e o adjetivo *argentinas*[32], usado para descrever as risadas das crianças que vão a caminho da escola:

> [...] a chegada das canoas que voltam da pesca, velas brancas abertas aos bafejos do norte, na alegria comunicativa e franca do *rapazio*; ─ naturezas robustecidas na tonalidade do mar, desenvolvidas na liberdade daquela natureza e o bando festivo das crianças que se vão, caminho da escola, em risadas argentinas e correrias ingênuas (PAS, L. 35).

Trazendo a literatura francesa como exemplo do que ocorreu no início do século XX, Maingueneau (2006, p. 200) diz que alguns autores, nesta época, rejeitaram a ideia de uma "língua literária". Sendo assim, na estética pós-romântica, apoiaram-se no pressuposto de que a relação do escritor com a língua deve ser singular, desligada das convenções; é o escritor, a partir de seu estilo que estabelece o que há de literário na língua.

Nessa perspectiva, o estilo, segundo Compagnon (2006, p. 169), designa a propriedade do discurso, isto é, a adaptação da expressão a seus fins. A finalidade de Arthur de Salles na maioria dos poemas analisados parece ser descortinar a cultura da população do Recôncavo que canta seus costumes através do samba, com instrumentos de percussão típicos que suscitam palavras que, até então, não compunham o acervo lexical da língua. Ainda fundamentando-se em Compagnon (2006, p. 173), estilo é também considerado um conjunto de traços formais descartáveis, e ao mesmo tempo o sintoma de uma personalidade (indivíduo, grupo, período). Dessa forma, descrevendo, analisando um estilo em seu detalhe complicado, o intérprete reconstitui a alma dessa personalidade. Portanto, a leitura dos textos produzidos pelo poeta Arthur de Salles, observando sua tessitura através de suas escolhas lexicais, permite reconstituir, como salienta Compagnon, a alma do poeta. É possível compreender também a manifestação cultural da população ribeirinha, a partir do efeito estilístico produzido pela manipulação do léxico por parte do poeta.

Ressalte-se que este trabalho privilegia a relação entre língua-discurso-ideologia. Orlandi (2007, p.26) afirma que a análise do discurso objetiva compreender como um objeto

---

[31] s. m. Bando, reunião, quantidade de rapazes. Os rapazio em geral. "[...] na alegria comunicativa e franca do *rapazio*" (PAS, L. 35)

[32] adj. Que tem o aspecto de prata; usa-se principalmente para caracterizar o som ou a voz. 2. Claro, sonoro. "[...] "e o bando festivo das crianças que se vão, caminho da escola, em risadas *argentinas* e correrias ingênuas". (PAS, L. 37)

simbólico produz sentido, como ele está investido de significação por e para sujeitos. O objeto simbólico aqui é o vocabulário do poeta que está sendo analisado em construções textuais que vão reconfigurar o Recôncavo baiano, fazendo emergir dessa região elementos que a fizeram peculiar como: o clima, os ritmos, as superstições e suas gentes. Como destaca Eni Orlandi (2007, p.32), as palavras não são nossas apenas, elas significam pela história e pela língua. Sendo assim, "as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas" (ORLANDI, 2007, p. 80). Nessa perspectiva, as lexias mostradas aqui estão imersas dentro de um contexto sociocultural e ideológico que não poderá ser negligenciado, pois é a observação deste que produz sentido nos textos. Lembre-se ainda com Orlandi (2007, p.49) que o sujeito é materialmente dividido desde sua constituição. Ele está sujeito à língua e à história, na medida em que para produzir sentidos, ele é afetado por essas duas entidades do discurso.

A construção de muitos textos de temática regional do poeta baiano revela sua a historicidade, evidenciando, ainda, uma exterioridade promovida pela relação com outros discursos. O poema *Lundu*, por exemplo, que integra o livro *Poesias*, traz o ritmo da chula que aparece estridente no ouvido do leitor que é tomado pela música suscitada no poema, há personagens que dançam ao ritmo do lundu, dentro da roda de samba:

> Tombam, juncando o chão, que sôa alvoraçado
> No estrepitante rantamplan do sapateado.
> E a música estonteia e queima a sala inteira.
> E a tabarôa dansa, abre os braços, peneira...
>
> (DRU: LUN, p. 162)

O lundu é, conforme explica Tinhorão (1998, p. 99), uma dança de terreiro que, por conta de seus estribilhos cantados, transformou-se em canção de sabor humorístico. Surge em meio à diversidade econômico-social que se instalava na Bahia do século XVIII. É uma dança presa aos batuques de negros, tinha um estribilho marcado pelas palmas dos circunstantes, que fundiam ritmo e melodia no canto de estilo estrofe-refrão mais típico da África negra. O lundu era caracterizado pelo elemento coreográfico da umbigada, com que o bailarino tirava o par para o centro da roda, e da marcação por palmas do ritmo de estribilho sempre repetido. O lundu reunia os dois elementos que, acrescidos do castanholar dos dedos com as mãos erguidas sobre a cabeça, lhes conferiam originalidade (TINHORÃO, 1998, p. 101). É ao soar desse ritmo que Arthur de Salles utiliza a lexia *ratamplan* a fim de denominar o som estridente do sapateado dos dançarinos no samba.

Esses ritmos caracterizaram o Recôncavo desde o século XVIII, permanecendo − guardadas as devidas modificações por conta do tempo − até os dias atuais. É latente na escrita do poeta a sonoridade dos tambores, dos pandeiros, das palmas, sendo o léxico uma testemunha dessa presença. O próprio Arthur de Salles em carta a Durval de Moraes comenta a presença dos ritmos:

> Queremos o movimento que é a expressão alta da vida!... E o mundo da emoção, requer o movimento, a maneira de expressar-se em formas e rythmos fóra das regrinhas pedagogicas desta daquella escola. E prompto... Fóra de tudo isto é que está a salvação (doc 064:0295).

Percebe-se, ainda, o interdiscurso entre Arthur de Salles e as formações discursivas que constituíram o imaginário do Recôncavo. No conto *Ilha da Trindade*, três amigos combinam de sair bem cedo em busca de um tesouro perdido na Ilha pelos piratas que por ali passaram:

> Sahiram. E na porta, o mais alto, o mais calado, o mais tristonho, enterrado o chapéu preto, velho, até às orelhas, corrigindo a gravata preta e surrada em volta do collarinho seboso, fallou, como que despertando de sua longa scisma funda: "é o que lhe digo, o thesouro existe. Tenho lido em livros de confiança antigos, livros de transporte. No tempo dos piratas a ilha era pouso delles, onde iam apurar o resultado dos saques aos navios de toda a costa que cruzavam os mares: navios portugueses, caravelas que vinham da Índia, galeões do México, urcas hollandezas, galeras francesas (ITR, l. 67-77).

O estilo do poeta é constituído a partir dessa exterioridade comentada por Maingueneau (2006), evidenciando em suas obras as histórias e superstições de pescadores das regiões ribeirinhas do Recôncavo. As superstições perpassam por quase todos os textos de Arthur de Salles que têm como pano de fundo o Recôncavo, entretanto, a obra em que elas se fazem mais vivas é em *Sangue-mau*. Nesse poema, o poeta canta em verso a superstição de que um indivíduo com sangue-mau é capaz de trazer grandes desgraças à vida do(a) companheiro(a). As expressões são quase sempre ligadas à feitiçaria ou às crenças do local: *maus-olhos, dormir com o diabo, jogar o rasto no mar* etc., como se vê na fala do velho Caieira:

> Sangue-mau! ...o maior inimigo da gente.
> Sauna, há sangue-mau. Guarde isto bem no fundo
> da alma e do coração. Nunca duvide disto.
> Muito longo contar tudo que tenho visto
> Dos efeitos fatais de sangue-mau no mundo (SM, 30, v. 116-120, p. 117-118).
> [...]
> Quem não conhece o mal dos maus-olhos? A inveja,
> cobra que ninguém vê, nossos passos rasteja
> e os enche de peçonha invisível do atraso.
> Muita gente não crê, sorri, faz pouco caso.

> No entanto, existe tudo isso.
> Uhm! Não crer no feitiço...
> Não crer no mal que chega e no bem que nos foge... (SM, 32, v. 121-127, p. 118).

As lexias ligadas à sorte, ou à falta dela, são predominantes nesse poema, o vocábulo *rasto* é unido a outros para formar expressões que denotam a perda de sorte. No glossário da edição crítica desse poema, realizada por Nilton Vasco da Gama e pelo Grupo de Edição Crítica da Universidade Federal da Bahia, define-se *rasto* como "marca da vida de um individuo". Dessa forma, a maioria das expressões ligadas ao destino terá *rasto* como lexia principal:

> Ah! meu *rasto no mar*. Minha sina perdida!
> A gente pensa que anda e não anda na vida!...
> Caminha, mas os pés da sorte estão peiados.
> Bem que eu sentia, estes meus pés pesados.
> Apanharam meu rasto e jogaram no mar! (SM, p. 194. 382, v. 785-787).

Ratifica-se com isso, a afirmação de Maingueneau (2006, p.42) de que, o discurso, além de contextualizado está sujeito a normas muito gerais e, simultaneamente, a normas específicas do discurso. O discurso é ainda considerado no âmbito do interdiscurso, pois de acordo com o autor, "ele só assume um sentido no interior de um universo de outros discursos através do qual deve abrir seu caminho".

Aproximando, assim, de forma muito singular a gente simples do Recôncavo e sua poesia, Arthur de Salles faz um verbo típico da linguagem simples do povo daquelas regiões protagonizar uma estrofe de texto ainda em processo de escrita. O verbo *babatar*[33] é repetido várias vezes no poema, como se muito do significado deste estivesse guardado nas quatro sílabas do vocábulo:

> 1. A gente sem viola
> Como que está na cadeira
> Como o preso *babatando*
> Nos escuros sem cadeia (VIO, l.16-20)

> 2. "Andar no escuro, andar sem rumo como cego/ *babatando* na vida!...
> Andar surdo, andar mudo (SM, p. 206, 441, v. 916)

No segundo exemplo, a lexia *babatar* insere o discurso autóctone à fala do protagonista Sauna, pescador da Vila que ver sua ventura ir-se por conta do "sangue mau" de

[33] [v. int. Apalpar; tatear].

sua amada, saga que permeia o poema *Sangue Mau*, texto central da obra de temática regional de Salles.

O léxico-base pode ser considerado o primeiro elemento estilístico de um texto. Dessa maneira, se ratifica o estudo lexicológico dessa pesquisa, seguindo, assim, os ensinamentos de Matoré (1953), que não dissocia léxico de sociedade, incluindo, a lexicologia dentro de uma das ciências sociais. Dentro desta mesma perspectiva, Fagundes Duarte (1993, p. 133) afirma que fazer estilo resulta de possibilidades infinitas, pois o escritor tem sempre a possibilidade de criar novos signos a partir de elementos disponíveis no sistema. Sendo assim, o estudo dos elementos lexicais em Arthur de Salles não pretende traçar o seu estilo, mas sim verificar algumas possibilidades estilísticas utilizadas pelo poeta, especificamente, no que diz respeito á sua criatividade lexical: novos conteúdos ou novas expressões surgem a partir de variados processos possíveis na língua. Essa matriz estilística, aliada ao efeito discursivo conseguido por esse sujeito-autor é experimentado pelo uso que ele faz do léxico. Essa pesquisa situa-se, ainda, dentro de um dos objetivos da crítica textual que é explicitar o estilo do autor através de suas escolhas lexicais.

As lexias apresentadas aqui dão uma mostra de como é constituída a cena na obra de temática regional de Arthur de Salles. Pode-se perceber que as cenas são marcadas por regularidades: são discursos que autorizam a protagonização de uma gente que, geralmente, não compõe os cenários principais: sua paisagem, sua moradia, seus costumes. O poeta traz aquilo que seria denominado periférico para o centro de suas histórias, revelando, dessa forma, sua historicidade, enquanto sujeito constituído de uma exterioridade marcante.

4.1.3 Retratos da Cidade da Bahia

Salvador – ou como era conhecida até as primeiras décadas do século XX – a Cidade da Bahia constitui-se um cenário importante para descrever a cenografia da obra do poeta Arthur de Salles. A Capital não é preferência do bardo para protagonizar sua produção poética, mas, devido aos fatos políticos e sociais que marcaram sua história durante as três primeiras décadas do século passado, a Cidade da Bahia torna-se alvo de um olhar crítico e engajado desse sujeito que, a partir de seus comentários acerca de fatos políticos e sociais que o circundam, revela a sua ideologia.

No final do século XIX e início do século XX, a Cidade da Bahia e todo o seu Recôncavo deslocaram-se do conjunto mais dinâmico da economia brasileira, voltando-se intensamente para si mesmos, vivendo, antes de tudo, a intrincada trama interna de suas próprias vidas (RISÉRIO, 2004, p. 313). Essa é a Cidade da Bahia da qual Arthur de Salles falará em sua correspondência.

A correspondência datada entre 1908 e 1931, referentes às notícias da Cidade da Bahia, tratará, muitas vezes, de fatos políticos que serão analisados através do olhar do poeta. Os assuntos políticos focalizados nas cartas referem-se ao bombardeio da Cidade de Salvador, à demolição e à modernização da cidade e à Revolta Sertaneja.

De acordo com Otávio Paz (1972, p. 233), o poeta consagra sempre uma experiência histórica, pode ser pessoal, social ou ambas ao mesmo tempo. Ao registrar um fato histórico, em desabafo ao amigo Durval de Moraes, Arthur de Salles transfere o seu olhar de poeta para um triste fato social: em alguns momentos desviará os olhos da vida brejeira do Recôncavo para perceber as conturbações por que passa a Cidade da Bahia:

> E a lei triumpha,o direito triumpha e a liberdade, a fé republicana de mãos dadas cantam a carmina triumphalia, manchadas de sangue sobre uma peanha de cadáveres...
> Eis a Bahia dos últimos dias: familias, espavoridas, corpos boiando nas águas, luto, lagrimas, vergonha, miseria (doc. 063:0255).

O Brasil, entre 1910 e 1914, é governado pelo Marechal Hermes da Fonseca, que impunha sua vontade através da força militar. Os anseios do presidente por modernidade e cidadania convergiam com os das camadas médias urbanas. Dessa forma, ganha força nacional uma política de modernização interessada em submeter de uma vez o poder das oligarquias. Um desentendimento político entre o então governo da Bahia e as forças que representavam a presidência da República, desencadeia um bombardeio à Cidade da Bahia, em 10 de janeiro de 1912, no qual muitas pessoas morreram e outras tantas ficaram feridas (TAVARES, 2001, p. 236-237). Dois dias depois, em carta a Durval de Moraes, tem-se uma ideia do ocorrido através do olhar de Salles:

> Sob a dolorosa impressão da guerra que ora alevanta o collo rubro e fumegante, numa sede de sangue, escrevo-te. Eis a Bahia dos ultimos dias: familias espavoridas, corpos boiando nas aguas, luto, lagrimas, vergonha, miséria É a victoria da Democracia e da Republica (doc. 063:255/ 12.01.1912).

Observe-se como as cores quentes vão elencar o vocabulário do poeta, quando se trata dos assuntos bélicos. A perturbação causada pela guerra desperta no autor as lexias

rubro, remetendo o leitor ao vermelho do sangue de guerra e *fumegante*, denotando o clima bélico na cidade.

A "Democracia" na Bahia era representada por J.J. Seabra, que tinha o apoio do Presidente Hermes da Fonseca para a eleição que ocorrera dois dias depois do bombardeio. Venceu a força militar. E, a partir de 1912, Salvador passa por uma fase de demolições e construções. Grande parte da Arquitetura colonial (sec. XVIII) perdera-se e dera lugar aos prédios que caracterizavam a nova ordem mundial: grandes metrópoles, com vias e praças largas, onde a luz solar tomava conta dos ambientes. As ruas estreitas, os prédios antigos e as monumentais igrejas tornaram-se irrelevantes. O fato é também comentado por Salles: o amante de coisas antigas presencia a modernização da velha Cidade da Bahia.

> Aqui na velha cidade de Thomé de Souza ao sol que abraseia e á poeira que asphixia. Dias abafados e longos e tediosos, apezar da luz e do ruido dos desabamentos. A febre de remodelação anda queimando a gente do governo: são templos que se esboroam, edificios que se desmantelam, ruas que se abrem e se alargam, avenidas que se projectam (doc. 064:280/ s.d. [anterior à 27.01.1913])

Conforme Fernando da Rocha Peres (1999, p. 35), Salvador passou pela mesma fase que a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (atual Rio de Janeiro) passara dez anos antes (1902), é a fase da *Ideologia do Progresso*, a qual se restringia apenas aos aspectos urbanísticos da cidade. A urbanização contava com o apoio da Imprensa da época que formava uma opinião pública deslumbrada e anestesiada em relação ao *progresso* da cidade. (PERES, 1999, p.36). Esse fato, porém, não passa despercebido aos olhos críticos de Arthur de Salles que, na mesma carta em que denuncia a famigerada "febre de remodelação" dos governantes da Cidade da Bahia, comenta a atitude dos jornais da época:

> Os jornaes entoam o Laus Perenne, a melopéa, a cantiga, o hymno os tanta cousa bella, a tanta rejuvenescencia, a tanto deslumbramento futuro, a começar dos predios e ruas coevos dos capitães-mores e a terminar pela estabilidade da justiça, do direito, do criterio, da honra, da honestidade tão precisas de caiação, de reboco, de verniz, de reforma, de galvanisação (doc. 064:280/ s.d. [anterior à 27.01.1913]).

De volta à tranquilidade das pequenas cidades do Recôncavo, na solidão da Abadia de Brotas[34], Salles comenta novamente as transformações da Capital:

> Graças!... Chega-me
> a tua carta em verso, desnevoando a minha
> alma da impaciencia e da saudade.
> Aqui, de novo, nesta Abbadia, a contar

[34] Local funcionava o Aprendizado Agrícola, onde Salles exerceu o cargo de Adjunto do Curso Primário.

> os dias que me faltam para o meu
> casamento. [sic] que se realizará, em nossa
> casa, á ladeira do Carmo 22, a 31 de
> Maio....
>
> Nada de novo pela velha Bahia a não
> ser a demolição, a construcção e a reconstruc-
> ção, a avenida etc..... (doc. 064:285/ 12.04.1913)

A arquitetura anciã de Salvador dará lugar à abertura de 'avenidas', ao alargamento da faixa na zona portuária. Desse modo, "a palavra de ordem é demolir o passado, e para isto a cidade fundada por Tomé de Souza é um excelente cenário e oferece vantajosas oportunidades de trabalho e lucro" (PERES, 1999, p. 37).

Seguindo o desenrolar de acontecimentos violentos nas sucessões governamentais da Cidade da Bahia entre 1912 e 1920. Em 1919 anti-seabristas (pessoas contrárias à política de J.J. Seabra e a do atual governador Antonio Muniz, seu aliado), reagiram à candidatura de Seabra ao governo do Estado, oferecendo armas e munições a Coronéis da Chapada Diamantina e da região sanfranciscana, desencadeando, assim, o que se denominou Revolta Sertaneja. Arthur de Salles compara os donos do poder da Bahia com Cesar, imperador de Roma, veja-se um trecho da carta:

> Benditos os Cesares: gozam dessas emoções de carnificina, de sangue vermelho, quente, espumante. Depois as fanfarras da victoria, os hymnos de louvor, a carmina Triumphalia. Que bello ser Cesar!... Multidões urrando nas ruas o seu divino nome delle, bemdizendo-o... (doc. 067-0340/ 04. 03. 1920)

Na mesma carta, segue, ironicamente, comentando os fatos políticos:

> Ora, mui caro amigo, em verdade te digo, o imperio bahiano está a braços com a guerra e os tres cesares lutam, combatem. Na velha Roma quando muito dois cesares se degladiavam. Aqui são tres. Conclusão: logo a nossa Roma é muito maior que a Roma antiga, aquella doce Roma de Nero e de outros divinos. O seculo vinte deu-nos esta vantagem desconhecida dos antigos: maior numero de cesares para o menor de bestas, perdão, queria dizer, de povos (doc. 067-0340/ 04.03.1920).

No trecho reproduzido acima, é possível mensurar o quanto Arthur de Salles está envolvido com o contexto histórico da época, como e quanto ele se posiciona enquanto sujeito dentro desse contexto de produção, dando mostras de sua posição ideológica.

A publicação de *Poesias*[35] foi adiada por conta dos conflitos ocorridos na Cidade no período de 1915 a 1919 (a publicação do livro estava prevista, inicialmente, para 1918). Em desabafo, Salles diz:

> Ora aqui está, meu poeta: os meus versos estão esperando a paz. Quando ella surgir elles ruflarão as azas (doc. 067-0340/ 04.03.1920).

Os trechos das cartas citadas acima mostram a imersão do sujeito Arthur de Salles na cena discursiva em que se deu sua escrita entre os anos de 1908 a 1920. Pretendeu-se, com isso, integrar esse sujeito num determinado contexto social e ideológico que, de alguma forma, interagiram tanto na sua constituição enquanto sujeito discursivo, como na sua produção literária.

A Cidade da Bahia, no entanto, não era palco apenas de guerras e conflitos políticos. O poeta baiano também ressaltava e participava dos festejos da Capital. Uma das principais datas comemorativas da cidade que se pode resgatar através dos escritos de Salles é o Dois de Julho, festa para qual o bardo compôs o hino popular mais cantado na Bahia até os dias atuais*: O Hino ao Senhor do Bonfim*.

O Hino popular ao Senhor do Bonfim – maior referência de fé do povo baiano e por muitos considerado o verdadeiro Hino do Estado da Bahia – foi escrito em 1923. A letra foi encomendada pela Comissão Oficial do Centenário do Dois de Julho; a fim de rememorar o episódio da restituição da imagem do Senhor do Bonfim ao seu templo, após a guerra pela independência da Bahia. A música do hino é do maestro João Antônio Wanderley. O espetáculo mais empolgante e grandioso das comemorações do centenário, segundo Geraldo da Costa Leal (2000), foi a procissão do Nosso Senhor do Bonfim, em que a imagem saiu de sua igreja, desceu o Porto da Lenha, foi colocada na galeota do Nosso Senhor dos Navegantes e atravessou a baía de Todos os Santos, acompanhada por uma multidão, retornando por terra, à Basílica do Bonfim. A imagem do Senhor do Bonfim foi retirada da "sagrada colina" pelos portugueses antes da independência e levada para a igreja da Ordem Terceira de São Domingos, no Terreiro. Sendo assim, a simbologia da vitória e da independência não estaria completa sem a volta da imagem ao seu lugar de origem.

---

[35] Este livro é uma coletânea de poesías escritas entre 1901 e 1915, aproximadamente. Está subdividido em quatro partes, a saber: I *Púrpuras*; II *Rosas de Antanho*; III *Dias Rurais* e IV *Ermo em Flor*.

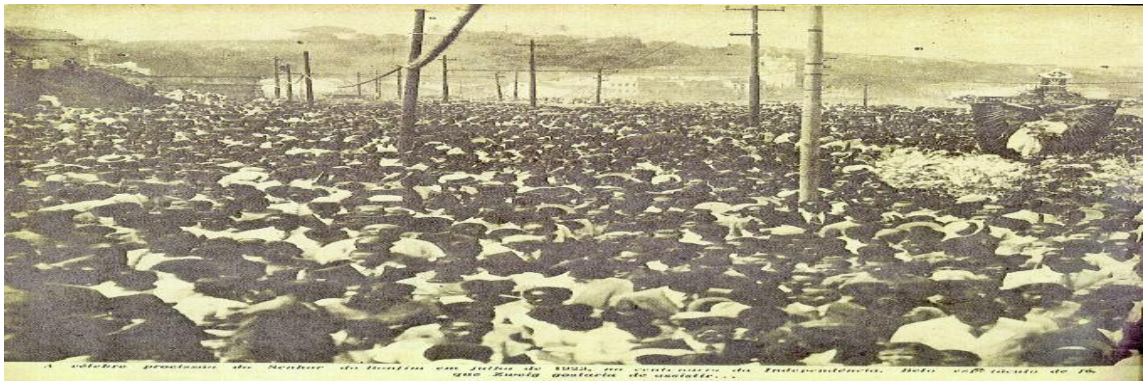


Fig. 3 (Procissão em que foi cantado o Hino ao senhor do Bonfim pela primeira vez)

Em julho de 1923, a Bahia inteira cantou pela primeira vez o hino popular ao Senhor do Bonfim tornando-o algo marcante e inesquecível. Em carta ao amigo Durval de Moraes, Arthur de Salles comenta a incumbência recebida:

> Estou cheio de compromissos. Avaliei que para a procissão do sr.do Bomfin [...] fui eu o escolhido para fazer o hymno que tem de ser cantado e distribuído pelo povo. Pedido que me foi feito pelo Secretario da Fazenda e approvado já esta o hymno pelo sr. Rvm-Arcebispo. [...] Outros compromissos me assaltam a desejada paz em Brotas [...] um hymno do Centenário Bahiano e ainda um hymno ao sr. do Bomfin, com musica do maestro Vanderley. Ando porém assustado que me não venhas novas encomendas (doc. 068-0357, 21.05.1923).

Parece que a restrição feita pelo Secretário da Fazenda foi entendida com maestria pelo poeta, pois desde 1923, quando foi entoado pela primeira vez, até os dias atuais, o hino que exalta o Senhor do Bonfim por ter conduzido o povo baiano a vitória que teve como consequência a Independência da Bahia, é, de fato, o hino mais popular do estado da Bahia.

> "Enviei-te um hymno do senhor do Bomfin, pobres versos que me perdoarás por certo. A musica achei-a bella (...) Estou com a cabeça ardendo de tanto verso (...) Encomendas meu amigo, encomendas... Que cousa tenebrosa!..." (Doc. 068-0358, 19.06.1923)

Segue abaixo a versão enviada por Salles para que o amigo Durval visse os "pobres versos" que perduram, até hoje, como motivo de orgulho do povo baiano.

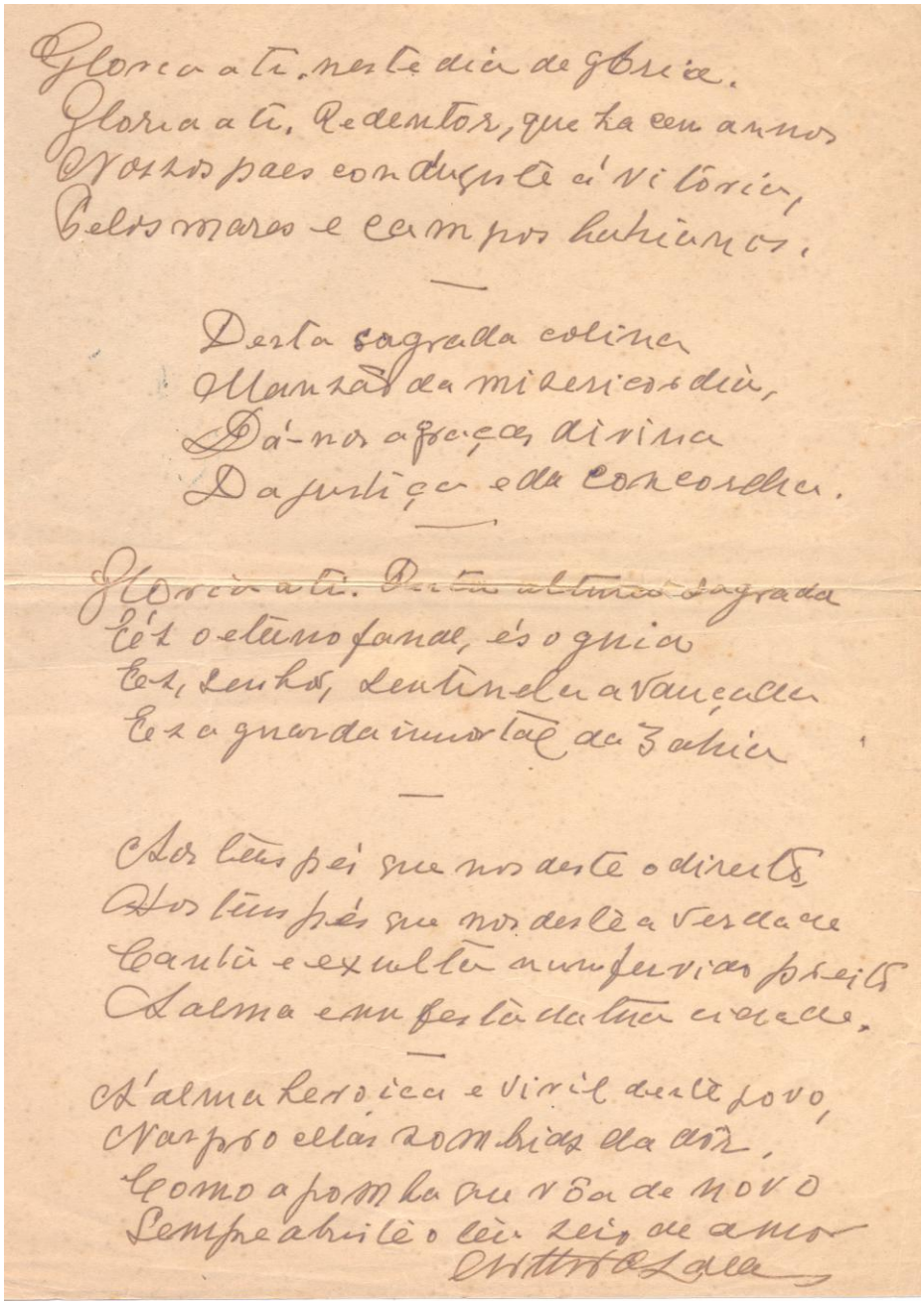


Fig. 4: Manuscrito do Hino ao Senhor do Bonfim, do acervo de Filologia Românica da UFBA.

Como já se mencionou, o mar é sempre matéria para o fazer poético do bardo. O mar da Cidade da Bahia também adentra as páginas de contos como em *Canção Mysteriosa*[36]:

> Quem vae ao Rio Vermelho, por um fim de tarde clara e radiosa, e galga o Monte Conselho pode, dahi, contemplar um dos mais bellos espetáculos: aquela vastidão desenrolada, infinita tumultuando em grossos rolos precipites e aos nossos pés por entre as fragas negras, todos aqueles espedaçamentos das vagas, toda aquela espumarada alvíssima, refervente, borbulhante, subindo acima dos rochedos, no impulso violento do embate, feito poeira finíssima a refranger, rapidamente, todas as cores do arco íris.

[36] Conto editado por Lucidalva Correia Assunção em sua dissertação de Mestrado, em 1999.

Percebe-se um "clareamento" no que se refere ao léxico quando se fala do mar, as lexias que denotam cores fortes e clima pesado dão espaço à leveza das ondas, através dos "*espedaçamentos* das vagas". Essa lexia é um neologismo verificado nos contos de Salles para referir-se ao ato de quebrar-se a onda na costa, ao espraiar-se.

4.2 "O TEXTO É UM TECIDO DE CITAÇÕES"[37]: OS DITOS E OS ESCRITOS NA ESCRITA DE ARTHUR DE SALLES

"O texto literário é um palimpsesto". Essa afirmação de Schneider (1990, p. 71) resume a ideia de que um texto é sempre um lugar polifônico, onde soam outras vozes, ainda que tenha havido uma vontade de apagá-las, porém "o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apoie sobre o já-escrito" (SCHNEIDER, 1990, p. 71). A observação de alguns textos literários de Arthur de Salles traz à tona a necessidade de se pensar sobre quais "já-escritos" o poeta se apoiou. A presença da antiguidade clássica através de elementos da mitologia grega; a reminiscência do imaginário medieval, o diálogo com Goethe e o retorno ao mar de Baudelaire são algumas marcas desse já-escrito que se pode encontrar no texto-palimpsesto de Salles.

A relação do homem com a realidade é mediada pela linguagem. Dessa forma, o real se apresenta semioticamente, sendo assim, nosso discurso não se relaciona com as coisas, mas com outros discursos que representam simbolicamente o mundo. É essa relação entre discursos que se denomina dialogismo. Para Bakhtin (2003, p. 317), não existe objeto que não seja embebido no discurso, por isso, todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada por outras palavras. Perseguindo essa relação constitutivamente dialógica da linguagem, nesta parte do texto tenciona-se, como já se mencionou, iluminar a presença de outras vozes no texto de Salles. Entretanto, como o objetivo principal é revelar esse sujeito disperso Arthur de Salles, pretende-se comentar apenas os discursos mostrados, trazidos à luz nos textos do poeta, pois, dessa forma, será possível revelar suas influências declaradas e assim, dizer algo desse sujeito, também enquanto produção de si mesmo.

A partir dessa perspectiva intertextual e percebendo o texto como um "mosaico de citações" (KRISTEVA, 2005, p. 68), lembra-se ainda a afirmativa de Foucault sobre as margens de um livro:

[37] Trecho tirado do texto *A morte do autor* de Roland Barthes.

> [...] É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede (FOUCAULT, 2005, p. 26).

Essa rede discursiva que caracteriza um texto é que abre a possibilidade de se discutir o conceito de dialogismo, mais explicitamente, o de intertextualidade. Foucault, na mesma obra, chama a atenção para o fato de que o discurso deve descarregar-se das ideais de continuidade e ser considerado a partir da irrupção discursiva, do disperso. Dessa forma, "não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem: é preciso tratá-lo no jogo de sua instância" (FOUCAULT, 2005, p. 28). Pode-se perceber, então, ainda que no silêncio do enunciado de Foucault, as ideias de Bakhtin sobre o dialogismo e polifonia, nas quais se afirma que o texto é sempre composto a partir de outras vozes, sejam essas expressas (polifonia) ou não expressas (dialogismo). Sendo assim, ao juntar os fios que tecem essa rede, pode-se, a partir do olhar da pesquisadora, reconfigurar o sujeito Arthur de Salles ou mesmo trazê-lo em sua dispersão, em seu fazer-se a partir do outro. A presença do outro no texto sallesiano é evidenciada, principalmente a partir de suas escolhas lexicais. Inicia-se essa investigação com as lexias consideradas neológicas na obra de Arthur de Salles (DUARTE, 2007, p. 81), é possível verificar elementos marcantes da presença do outro em seu discurso. O poeta Arthur de Salles tinha apreço pelas palavras simbolistas e pelos temas que impulsionaram a expressão artística dos poetas deste movimento, desta forma, usa a palavra *cruzesousiana*[38] para referir-se ao fato de escrever sob a influência do poeta Cruz e Souza, como pode ser lido abaixo:

> O livro tem o titulo de – Poesias. I Volume,
> dividido em tres partes: Purpuras,
> Rosas de antanho, Ermo em flôr.
> Da <†>/p\rimeira parte um bocado da phase
> *cruzesouziana*. <Da> A segunda versos
> <menos> lyricos. Narração de um fructo, e outros
> Na terceira a phase da solidão, <a– > (1908
> a 1913) tudo o que surgiu <aqui> em
> S. Bento e em Brotas. Não achas
> boa a disposição?... Estou <j>/c\orrigin-
> do e seleccionando para mandar bre-
> mente ao prélo se as cousas não
> falharem (doc.: 066:0326)

[38] adj. 'à maneira do poeta simbolista Cruz e Sousa'. Ver vocabulário completo no apêndice deste trabalho.

Os tipos de versos utilizados pelo amigo Durval de Moraes, também ganham uma caracterização: durvaliano, como se pode observar no próximo exemplo:

> Os teus rythmos confirmam essa ancia de individualisação: vão allem do verso livre, é o verso *durvaliano*, original comportando uma variedade de rythmos, cujo encadeiamento produz essa poesia magnifica... (doc. 064:0288, f. 5, L. 9).

O diálogo com o discurso bíblico e com a antiguidade clássica também se dá no texto de Salles, quando ele, em carta a Durval, exercita seu espírito inventivo, como se pode verificar no trecho abaixo:

> Felizes nós se podermos ser assim na vida espalhando
> canções e suavizando-as nas horas *gethesemanicas* da [sic] tristezas
> e nos momentos *dyonisiacos* da <Ael> Alegria. Cantos
> de guerra.! Rhapsodos, trovadores!... O historiador reco-
> lherá essas canções guerreiras rebentadas dos quatro cantos
> da terra brasileira como uma nota forte do accordar de
> uma nacionalidade e beberá, como numa fonte pura, a
> alma heroica de um povo consciente de sua grandeza e do
> seu destino e do seu futuro (doc. 067:0336, f. 2, L. 13).

Traços e personagens da literatura universal aparecem de maneira recorrente no texto de Salles. Ainda demonstrando o seu caráter inventivo, apresenta-se o exemplo da lexia neológica *quasimodesco*:

> Sessentão africano, a barbicha pontuda,
> Zambro, quasimodesco: é o feiticeiro, o espanto
> Da aldeia, que lhe foge á figura atra e ruda...
> E ... ephebo amado de apollineo encanto! (*Alma de mulher*)

A lexia apresentada é um neologismo criado a partir do personagem Quasimodo, de Victor Hugo, em *Notre-Dame de Paris*. O adjetivo é utilizado para comparar um personagem do poema *Alma de mulher* com o famoso Corcunda de Nortre-Dame.

Em sua correspondência também é possível observar as vozes de nomes da literatura universal no discurso de Salles. Em uma de suas cartas a Durval de Moraes, ele cita versos de Victor Hugo e de Baudelaire:

> O intervallo por mim aberto na nossa correspondencia, longo
> intervallo doloroso, termina hoje, para minha ventura. Não
> me accuso do crime porque, meu grande amigo, só hoje
> posso te escrever. Crê firmemente que só hoje posso enviar
> estas linhas. Porquê? inquirirás. E eu te respondo: Não serei
> eu quem te vá levar ao coração tristezas, magoas, emoções dolo-
> rosas, pois sei, conheço e entendo o teu coração. Para elle foi

> que Hugo traçou este verso:
> "De verre pour gemir, d' airai<†>/n\ pour resister".
> Sim: de crystal para gemer e de bronze para resistir.
> Não é que não te tenha escripto. Não. (Doc. 072: 0438)
> [...]
> Ah! esse silencio fecundo que eu sonha-
> ra, restos de poeta romantico que ainda ficaram vibrando
> na alma. Illusão! Illusão! A mulher levou-me
> a esse concentramento e agora é ella mesma que me
> arroja á multidão, ao turbilhão, a vida febril.
> No entanto não devo amaldiçoal-a, a solidão. Seja bem-
> dita pelo muito que sonhei e pelo pouco que ella me deu.
> De qualquer maneira é preciso deixal-a e ir para o
> je ne sais où de Baudelaire no ultimo caso (Doc. 072: 0438).

Como forma de ratificar essa heterogeneidade constitutiva do discurso literário de Salles, segue-se unindo os fios dessa teia intertextual na obra do poeta, agora com o resgate do texto de Almeida Garret – *Camões* – em um trecho da crônica *Passé*. Salles, então, dialoga com o texto do poeta romântico português, fazendo uma paráfrase do poema *Camões*:

> **Arthur de Salles, *Passé***
>
> "Longe desse refugio de paz de minh'alma, quando o contemplo pelo kaleidoscopio da imaginação, risonho e pacifico a beira mar, tenho murmurado muita vez como o poeta de D. Branca:
> Terra de minha *mãe*! Abre-me o seio
> Na morte ao menos." (PAS, l.53-57)
>
> **Almeida Garrett, *Camões***
>
> "Terra de minha *pátria*! Abre-me o seio
> Na morte ao menos."

A fluidez e a atemporalidade de sua obra poética mostram também reminiscências medievais. Podemos constatar essa influência medieval tanto na poesia quanto na prosa, principalmente, na de temática regional, em que o místico, o fantástico do imaginário medieval invadem a casa dos pescadores dos lugarejos onde se ambientam essas obras e produzem uma intertextualidade explícita com o medievo. O poema-dramático *Sangue-Mau*, o conto *O Dote de Matilde* e a crônica *O Ramo da Fogueira* estão repletos de lendas, superstições, costumes que são passados de uma geração a outra através da oralidade e que são vestígios do imaginário que permeou a Europa durante mil anos, século V ao século XV. Na coletânea *Poesias*, por sua vez, os personagens da Idade Média também aparecem povoando os versos de Arthur de Salles, estabelecendo, assim, o diálogo constante com esse período, podendo, com isso, corroborar sua declaração de que "o passado é a minha religião".

A coletânea *Poesias* mostra em *Dias Rurais* imagens da natureza, da vida campestre, da paisagem pitoresca, da simplicidade do povo, da questão religiosa católica, além de trazer resíduos do universo medieval, na rememoração de Carlos Magno e do cavaleiro medieval Rolando. Serão focalizados aqui trechos dos poemas *Pão e Vinho* e *Serão Heróico* que integram a parte intitulada *Alma da Casa*.

Em *Dias Rurais*, no poema *Pão e Vinho* ao descrever os livros que compõem o universo letrado da casa, o poeta informa a presença do imaginário medieval:

> Um Lunário Perpétuo; As horas Marianas,
> Recheadas de mil registros pequeninos;
> A história sem igual das lutas sobre-humanas
> Do grande Carlos Magno e de seus paladinos;
>
> Um velho D. Quixote, as folhas despegadas,
> Tal o manchego herói, todo esfarrapadinho,
> Espipado no dorso, as capas deslocadas...
> Eis os livros da casa. – É pão que farte e é vinho (DRU – PV, v. 1-8)

Os paladinos de Carlos Magno eram os condes ligados ao rei, como afirma Menéndez Pidal ([1959], 341-2):

> El nombre de *pares*, que parece tardío en su uso para designar a Rolando y sus compañeros, implica el concepto de nobleza en sí misma considerada, y no el concepto de relación directa con el rey expresada en el término *palatini*. Ese adjetivo *par*, <igual>, era usado en la época carolingia para designar los próceres del reino iguales entre sí en su alta nobleza. [39]

Como se sabe, a *Chanson de Roland*, a mais antiga canção de gesta do norte da França, é fruto da inspiração dos *trouvères*. Trata-se de uma composição em verso, em que são cantadas façanhas de guerra, isto é, um canto épico, em que o relato histórico é pretexto para o mais maravilhoso fato lendário (VILHENA, 1990, p. 317). Essa obra foi usada pelo poeta baiano para integrar o imaginário dos poemas *Sangue-mau* e *Serão Heróico*.

Em *Serão Heróico,* é narrada a luta do herói Rolando contra os mouros. Os elementos das estórias épicas medievais são trazidos à cena por Salles com a nitidez de um leitor inveterado desse tipo de literatura:

> Tem a austera feição dos raros palimpsestos
> O livro narrador das façanhas tremendas
> Dos guerreiros da Cruz, a Mafona funestos...

[39] Traduzindo: O nome de *pares*, que parece tardio em seu para designar a Rolando e seus companheiros, implica o conceito de nobreza em si mesmo considerada, e não o conceito de relação direta com o rei expressa no término *palatini*. Esse adjetivo *par*, <igual>, era usado na época carolíngia para designar os próceres do reino iguais entre si em sua alta nobreza.

O mago roseiral luminoso de lendas!

Às vezes, quando é noite, o velho, sorridente,
Percorre-o. Um trecho amigo ali se lhe depara...
Em seu rosto cintila a comoção femente.
Lampeja Durandal, relampeia Alta-Clara.

Tombou por certo, morto, Abderraman gigante;
Num lagamar de sangue um guerreiro se abisma.
Restrugiu, temeroso, o medonho oliphante
De Rolando, assombrando a confusa mourisma.

Um torneio...Os corcéis curveteiam. Retroa
O solo sublevado. O ar retreme e se irisa.
Uma lança, esbrechando um capacete, voa.
Estrebucha um corcel. Um guerreiro agoniza.

Ri o velho, ergue as mãos, levanta os braços, fala.
Não se contém: relata insólitas façanhas,
Contadas tanta vez... E o silêncio da sala
Desperta a esse rumor de pelejas tamanhas.

.....
E ao vê-lo assim, feliz, a alma cantando e em festa,
Penso num trovador de remotas idades,
Ressuscitando aqui, uma canção de Gesta,
O apagado esplendor dessas heroicidades (*Poesias*. p. 129)

O nome do general Abderrahman[40], citado nessa estrofe é uma evocação ao general mais cruel de todos os reis sarracenos, que oprimia através de cobrança de tributos, a todos os cristãos e judeus da Espanha.

A morte de Rolando, ocorrida em uma batalha contra os mouros, é recriada por Arthur de Salles na quarta estrofe do poema *Serão Heróico*. Tem-se aqui o trecho da segunda parte da *Chanson de Roland* :

Co sent Rollant que la mort li est prés;
Par les oreilles for s'e ist la cervel.
De ses pers priet deu ques apelt,
E pois de lui a l' angle Gabriel.
Prist l'olifan,que reproce nen ait,
E durendal s'espee en l'altre main[41]

[40] Al-arabi, governador de Barcelona e Gerona, juntamente com Al-Husayn, pede ajuda a Carlos Magno contra Abderrahman, devendo em troca, receber a cidade de Saragoça e o general como prisioneiro.

[41] Tradução: Rolando sente aproximar-se a morte: o cérebro lhe sai aos ouvidos. Pede a Deus que chame a si os seus companheiros; e entrega-se ao anjo Gabriel. Para ficar sem mancha, pega o corne numa mão, na outra a espada Durindana.

As personificações das espadas dos guerreiros Rolando e Olivério: Durandal e Alta-Clara[42], aparecem no verso 8:

> Em seu rosto scintilha a comoção fremente.
> Lampeja, Durandal, relampeia Alta-Clara.

Para finalizar o poema *Serão Heróico*, Salles faz uma comparação do ancião que conta a estória da canção de gesta, com os *trouvères*:

> E ao vê-lo assim, feliz, a alma cantando em festa,
> Penso num trovador de remotas idades,
> Ressuscitando aqui, numa canção de Gesta,
> O apagado esplendor dessas heroicidades (*Poesias*. Salvador, 1920. p.129)

Sangue-mau é constituído na interface entre o lírico e o épico. A poesia lírica faz-se notar no *Cancioneiro de Mareta* – canto IV do poema *Sangue-mau* – o cantador de trovas Mareta canta o seu amor por Teresa à moda dos trovadores. Saúna, refererindo-se a Mareta, diz: "Não sei. Anda fazendo trova"[43]. Alguns versos no *Cancioneiro de Mareta* repetem as formas dos trovadores do medievo, ao fazer as denominadas barcarolas[44]:

> Vai minha barca boiando
> no mar do amor.
> As ondas são esperanças...
> navego rindo
> no mar do amor.
>
> Teus olhos são minha guia...
> navego rindo
> no mar do amor.
>
> Teu nome é vela formosa
> no mar do amor.
> Os ventos são teus sorrisos...
> navego rindo
> no mar do amor (SM, 293-296, p.170)

---

[42] Gérard Moignet, em seu livro *La Chanson de Roland texte original et traduction*, comenta: **Durendal**- C'est, au vers 926, la première de l'épée de **Roland**, qui tiendra la place eminente que l'on sait (cf. Laisses CLXXI-CLXXIV) dans la pensée du comte au moment de sa morte.Les épée ont des noms propres les chanson de geste. Dans *Roland*, celle de Charlemagne s'appelle Joyeuse (cf. v. 2501-2508), celle d'**Olivier**, **Haulteclaire** (v. 1363), celle de Turpin, Almace (v. 2089), celle de Gamelão, Murgleis (v. 346,607). Baligante nomme la sienne Précieuse (v. 3298). (p. 89) Traduzindo: As espadas têm nomes próprios nas canções de gesta. Em Roland, aquele de Carlosmagno chama-se Jóyeuse..., a de Olivier, Haulteclaire e a de Trupin, Almace ... ..., a de Ganelon, Murgleis. Baligont chama a sua Précieuse.

[43] *Sangue-mau*, V.636, p. 246.

[44] Entre os séculos XII e XVI, a lírica provençal ganha, na Galiza e em Portugal, características autóctones, daí então será muito recorrente nestas regiões uma das modalidades da cantiga de amigo: a barcarola que se caracteriza pela presença de elementos marítimos no poema, como: embarcações, etc.

Os feitos épicos, por sua vez, integram a narrativa de *Sangue-mau* quando Saúna (protagonista do poema dramático) vence a corrida de canoa, denominada *justa marítima*. Ao vencer a corrida com Conceição – seu "cavalo de guerra" –, consagra-se um rei, o Roldão do mar e, quando começa a perder tudo, inclusive a saúde, compara-se a um Judeu errante[45]. Dessa forma, o Roldão estará sempre denotando força, poder, referindo-se ao conde francês; enquanto que o Judeu errante é uma metáfora para aquele sem ventura, cujo rasto foi jogado no mar, ficando, portanto, amaldiçoado: "Eu sou como o judeu errante desta costa"[46]. Veja-se, então, o trecho da vitória de Saúna:

> Naquela popa eu fui um rei no trono.
> Um Roldão. Ela foi meu cavalo de guerra.
> Fiz nas ondas do mar o que ele fez na terra.
> E tudo virou mouro. Oh! quando ainda me lembro....
> [...]
> Venci! Venci!...
> Tinha cortado a proa da grande "Juriti".
> E do mar e da praia aquele vozeirão:
> "Conceição"! "Conceição"!
> E quando, na carreira em que vinha, esbarrou,
> Tinha deixado atrás quinze braças de lama.
> [...]
> Olhei a multidão das canoas. Mourama.
> Viva o Roldão do mar! toda a praia bradou.
> (SM, 339 -340; 345-6; 349)

Em *O Ramo da Fogueira* e em *Dote de Matilde* as estórias contadas pelos velhos pescadores da Vila são as mesmas: Carlos Magno e os doze pares de França, a Imperatriz Porcina e a Princesa Magalona. Veja-se um trecho de *O Ramo da Fogueira*, a fala do velho Gamboa, comprovando tal afirmação:

> Camilo: "Então, Velho Gamboa, esqueceu-se da história que ficou de contar?"
> [...]
> Gamboa:" Não. Às vezes babata. E que querem vocês?
> Oitenta e dois lá vão, falta somente um mês.
> Mas que história foi essa? A dos pares da França?

[45] Segundo Camara Cascudo (1988), havia um sapateiro que vivia em Jerusalém, chamado Ahasverus. Quando Jesus Cristo, com a sua cruz aos ombros, passou diante da tenda do sapateiro, esse deixou o trabalho para empurrar o Salvador, gritando: "Vai andando! Vai logo" Nosso Senhor respondeu: "Eu vou e tu ficarás até a minha volta!" E o homem ficou, até hoje, andando pelo mundo, liberto da lei da morte, sem pressa e sem descanso. Daí surgiu a figura do Judeu Errante, que durante a Quinta-Feira Maior e a Sexta-Feira da Paixão aparece onde a morte de Jesus Cristo está sendo comemorada.

[46] Sangue-mau, 481 p. 215

De Magalona? D. Quixote e Sancho Pança?"
[...]
"Por que se faz fogueira em noite de São João?" (RFO1, L. 10-18)

O cenário de *Ramo da Fogueira* se repete em *O Dote de Matilde*. Os símbolos da Idade Média são reproduzidos no imaginário dos personagens das duas obras: Carlos Magno, Os Pares de França, a Princesa Magolona. Neste conto, o personagem responsável por eternizar o imaginário medieval é o "velho Geraldo", que, nas noites de sábado, após o "ofício cantado de Nossa Senhora" (p. 73), narrava as histórias do Imperador Carlos Magno, "os lances dos doze pares, Floripes, os mouros, da Imperatriz Porcina, dos passos da princesa Magalona" (p. 98-99). "A memória do velho despejava à memória e a imaginativa aberta dos moços..." (p.73), os personagens das histórias que permearam a Idade Média, embalavam as noites dos personagens de Arthur de Salles, as narrativas que embalaram o medievo eram ouvidas com muita atenção e respeito pela gente simples do Nordeste.

Por sua vez, o mar é um dos temas prediletos do poeta Arthur de Salles. Em sua obra, há uma quantidade relevante de poemas cujo mar é o protagonista. Sua relação com esse "refletor do céu"[47] parece íntima, ele tira daí inspiração para a escrita de numerosos poemas:

Assim tambem uns versos começados que te mostrei
na ultima viagem. Não sei se os levaste ou se per-
di ou deixamos lá na casa, em S. José...
São do Mar – sobre uma canôa. Versos alexandrinos.
O borrão destes versos está illegivel agora e mesmo
sem as correcções. <Ahi> Estão em estado <do> amorpho.
Deus permita que em tuas mãos estejam.
Do Mar nada quero perder (Doc. 066:0324)

Sendo, então, o mar a cenografia de grande parte de sua obra, pode-se observar também a emergência de outras vozes, dentro deste mesmo cenário, denotando, assim essa teia de outros ditos sobre o qual é constituída a obra de Salles.

No texto *Ao mar!*, o mar da *costa escancelada* de Passé é exaltado através da lembrança de Salles que traz as figuras que construíram a mitologia do nosso país como Moema (Caramuru) e um represente do nacionalismo, Gonçalves Dias. Aqui o mar do lugarejo torna-se palco para que a mocidade baiana possa escrever a sua epopéia, sua Iliada.

Velho mar sereno e grandioso, sepulcro verde de Moema, tumulo de Gonçalves Dias, que já começa a sentir a pujança da pátria brasileira no domínio de tuas águas e onde ella há de escrever a Illiada de seu futuro, velho mar, abre passagem a essa gente moça bella, deixa passar, entre os

[47] È como Arthur de Salles se refere ao mar no poema *Ocaso no mar*.

> sorrisos das tuas ondas e das tuas espumas, a flotinha galharda e ligeira da mocidade bahiana. (MAR, L. 8-14)

As divindades do mar da mitologia grega irão habitar os mares do Recôncavo. As *ninfas*, os *tritões*, mesclam-se com os *saveiros* dos pescadores, com as *saunas*, para fazer desses textos ricos em mistérios, pois conseguem unir a cultura popular do Recôncavo às divindades gregas, unir o mar de Passé ao mar evocado por Baudelaire, na França, por Camões, em Portugal.

Sem sair do seu lugar de origem (a pequena Villa de Passé), Salles faz uma viagem, suscitando elementos e personagens da literatura universal e fazendo vir à tona seu acervo cultural que, além das coisas da terra as quais poderão ser comprovadas a partir do vocabulário, evidencia outros discursos e culturas. No primeiro, vê-se a presença da mitologia grega:

> E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de oceanides, de delphins, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o zephiro leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de Thetis, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das nynfas coroadas (MAR, L. 22-27).

Note-se que todos os nomes da mitologia grega citados nesse trecho têm uma relação com o mar, são divindades marinhas. As ninfas – filhas dos bosques, dos rios, das montanhas – juntam-se aos deuses e daí surgem os seres que irão habitar e proteger os mares; *Thetis*, filha do céu e da terra, representa a fecundidade da água; os *delfins* – espécie de peixe que auxilia os homens na pesca de outros peixes; *Zéfiro* que representa o vento do oeste, e outras divindades são trazidas pelo poeta e atreladas ao vocabulário regional que retrata a paisagem do local daquela parte do Recôncavo. Através de palavras como *enseada*, *marulhos*, *remansosa*, *ribas* que delineiam a paisagem da Região.

Esses trechos trazidos à cena reconfiguram a heterogeneidade e a dispersão com as quais se faz o discurso de Arthur de Salles. Por isso, tal como salientou Foucault (2005, p. 28):

> É preciso estar pronto para acolher cada momento discursivo em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso a longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância salientou (FOUCAULT, 2005, p. 28).

É tratando o discurso no jogo de sua instância que se objetivou mostrar os estilhaços com os quais é construído o discurso do poeta Arthur de Salles. Esse caráter disperso e múltiplo foi revelado também em seu vocabulário, por isso notou-se a inviabilidade de se fazer um estudo das formas lexicais, mas sim a possibilidade de unir sob um mesmo olhar as faces do sujeito discursivo Arthur de Salles.

5 AS FACES DO VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES

Esse vocabulário antes de tudo é um produtor de sentido. Ele é a materialização do discurso disperso de e sobre o poeta Arthur de Salles, através da reunião de textos – resultado de alguns anos de pesquisa sobre o poeta dentro da Universidade Federal da Bahia. Tal obra lexicográfica é um dizer do múltiplo: das várias faces reveladas de Arthur de Salles, da cultura, dos costumes e da história de um povo num tempo situado, das várias faces de Salvador (a velha Cidade da Bahia), enfim, reúne fragmentos sobre o poeta e sua obra, aqui tomada no sentido lato da palavra (composta não só de textos literários publicados, mas de cartas, rascunhos, anotações etc).

É possível considerar este vocabulário como um espaço de memória discursiva, posto que, "a elaboração de um dicionário consiste em um trabalho sobre o já-dito, um trabalho de seleção, reformulação, retomada, ruptura etc" (NUNES, 2006, p. 24-25). As lexias coletadas podem ser vistas como imagens trazidas de discursos pregressos, tanto através de outros pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo da vida e da obra de Arthur de Salles, quanto através do próprio discurso sallesiano. Saliente-se, ainda, que, intervindo no espaço discursivo desse vocabulário, há a memória de dicionários contemporâneos ao poeta estudado, bem como obras lexicográficas que resgatam falares regionais ou o vocabulário específico de algum outro escritor da literatura brasileira.

As lexias que compõem esse apanhado lexicográfico são como fios que tecem o emaranhando da rede discursiva do poeta Arthur de Salles. As características dessas lexias revelam as múltiplas faces desse sujeito. Formam parte dessa rede os regionalismos que identificam o lugar de onde Arthur de Salles pronuncia maior parte do seu discurso literário; os neologismos que dão mostras de um homem culto e criativo que mantinha uma nítida intimidade com o léxico e com os processos de formação de palavras que compõe o seu

sistema linguístico, promovendo assim, ora uma "graça festiva" ao seu dizer, ora o teor plúmbeo de movimentos literários como o simbolismo. As unidades fraseológicas que são pronunciadas a partir da fala de seus personagens identificam um sujeito em harmonia com as gentes e os falares da população ribeirinha, revelando assim, com quais formações discursivas ele dialoga e quais possibilitam o seu discurso. Observa-se ainda nesse emaranhando, um léxico erudito que guarda o seu conhecimento sobre a mitologia grega e ainda identificam outras vozes com as quais dialoga, fazendo soar em seu discurso lexias da "fase cruzesouziana"; do mar de Baudelaire; das tragédias e amores de Shakespeare.

Conforme afirma Castagnino (1971), as imagens da obra − no que tange à sua direção no espaço estilístico, à caracterização dos personagens, ao espaço físico em que se desenrola a cena, etc, − podem ser visualizadas através do vocabulário utilizado pelo autor:

> *El vocabulario empleado por el escritor en una creación literaria, desde luego, está sujeto a las características de la obra* (seria, jocosa, irónica, satírica, lírica, épica, dramática, erudita, popular, etc.); a la idiosincrasia de los personajes (hombres, mujeres, niños, jóvenes, viejos, cultos, iletrados, etc.); al origen de los mismos (provincialismos, dialectalismos, barbarismos, plebeyismos, cultismos, *argots*, etc.); a la profesión que les ocupa (tecnicismos, jergas, etc.); a la época en que se ubica la obra (arcaísmos, neologismos, etc.). Por lo tanto, presupone el creador − puesto que el vocabulario es uno de los elementos del 'decoro' de sus criaturas − una especial atención, información y adecuación (CASTAGNINO, 1971, p.119)[48] .

Desse modo, sendo o vocabulário um dos elementos do "decoro" de suas criaturas, pretende-se descortinar, com o estudo deste, algumas das posturas assumidas por Arthur de Salles em suas diversas configurações: homem social, poeta, amigo, etc.

5.1 A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO: PORQUE A ESTRUTURA AINDA PULSA

[48] Grifo nosso. Traduzindo: "O vocabulário empregado pelo escritor em uma criação literária, desde sempre, está sujeito às características da obra (seria, jocosa, irônica, satírica, lírica, épica, dramática, erudita, popular, etc.); à idiossincrasia dos personagens (homens, mulheres, crianças, jovens, velhos, cultos, iletrados, etc.); à origem dos mesmos (regionalismos, dialetalismos, barbarismos, *plebeyismos*, cultismos, gírias, etc.); à profissão a que se ocupam (tecnicismos, *jergas*, etc.); à época em que se situa a obra (arcaísmos, neologismos, etc.). Portanto, pressupõe o criador − posto que o vocabulário é um dos elementos do 'decoro' de suas criaturas − uma especial atenção, informação e adequação".

A elaboração de um vocabulário não consiste apenas em registrar unidades léxicas, devem ser levados em conta fatores que estão ligados a essas unidades, tais como: os sistemas político, econômico e sociocultural da comunidade linguística. Essa elaboração constitui-se uma tarefa lexicográfica, no entanto, a reflexão sobre as unidades lexicais que serão lematizadas cabe à área da lexicologia. Por isso, a necessidade de conceituar as duas ciências do léxico. De acordo com Werner (1982, p.92-93), lexicologia é a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo. Lexicografia é a descrição léxica que se concentra no estudo e na descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais e coletivos, bem como dos sistemas linguísticos individuais e coletivos. Werner (1982a, p. 93) assinala ainda que não se pode conceber uma lexicologia que não considere dados lexicográficos; porém, as tarefas da lexicografia são mais fáceis de cumprir se se considera a totalidade do sistema linguístico individual ou coletivo, ou seja, considerando os enfoques lexicológicos.

Paradoxalmente, estabelecer classificações e nomenclaturas nos campos do saber cujo objeto de estudo é o léxico constitui-se uma difícil tarefa. De acordo com Haensch (1982a, p. 96), a dificuldade de classificação reside, em primeiro lugar, no fato de não terem sido apenas critérios linguísticos que influenciaram o nascimento e o desenvolvimento dos diferentes tipos de obras lexicográficas, mas também fatores políticos e culturais. Em segundo lugar, porque as obras lexicográficas existentes apresentam, em geral, uma combinação de características que pertencem a categorias de classificação totalmente diferentes.

É importante trazer a lume a contribuição de Matoré (1953) para compor a definição de lexicologia, o linguista já no início da década de 50, salienta a estreita aproximação do léxico com a sociedade, afirmando que lexicologia pode, no plano didático e também na coordenação de trabalhos lexicográficos realizados num período de tempo determinando, se esforçar para classificar fatos do vocabulário de um estado de sociedade, mesmo que aproximadamente.

Sendo assim, a lexicologia estaria diretamente ligada ao estudo de aspectos sociais, visto que, através do vocabulário pode-se conhecer a história de uma comunidade, já que o léxico é também a representação da cultura de um povo. Segundo Matoré (1953), a palavra é dotada de um contexto social e reflete sobre o pensamento do indivíduo. Nessa perspectiva, a palavra traz em si uma carga ideológica que é transmitida por gerações, fixando em si fatos socioculturais que podem refletir o pensamento individual. Desse diálogo entre o léxico e os aspectos sociais de dada comunidade, se ratifica a pertinência de estudar o

Vocabulário de Arthur de Salles, sob a luz de operadores das teorias do discurso, como ideologia, formação discursiva, condição de produção e sujeito discursivo.

As obras lexicográficas cujos objetos são os discursos individuais, são, geralmente, os *glossários*, os *dicionários* ou os *vocabulários* de obras literárias. A codificação lexicográfica do discurso coletivo, afirma Haensch (1982a, p. 97), é chamada *Tesouros da língua*, que registram todas as palavras ou outras unidades léxicas que se apresentam em textos, além de representarem a língua de uma coletividade humana numa determinada época. Por conseguinte, cabe aqui especificar que tipo de obra lexicográfica foi organizada nesta pesquisa.

Denomina-se *glossário*, um dicionário de palavras antigas ou obscuras encontradas nos textos, ou ainda, pequeno léxico agregado a uma obra, principalmente para esclarecer termos pouco usados e expressões regionais ou dialetais nela contidos (HOUAISS et. al. 2001, s.v.). No mesmo verbete *glossário*, indica *vocabulário* como sinônimo. Entretanto, aponta dez acepções para *vocabulário*, entre as quais se destacam quatro:

> − conjunto de termos que são característicos de determinado campo de conhecimento ou atividade, e sua codificação, com ou sem definições; glossário;
>
> − o conjunto das palavras usadas em certo período ou estágio da língua, e sua codificação;
>
> − o conjunto das palavras conhecidas por um indivíduo;
>
> − o conjunto das palavras empregadas por uma pessoa, por um autor em sua obra, ou por um grupo socialmente identificável, e sua codificação (HOUAISS et. al. 2001, s.v.).

Vê-se, portanto, que, de acordo com Houaiss et. al. (2001), *glossário* e *vocabulário* podem ser considerados sinônimos, resguardando-se, é claro, suas especificidades.

Lembre-se que os dicionários estão no plano da língua, enquanto os glossários e os vocabulários encontram-se no plano da fala. Entretanto, há entre esses dois últimos diferenças que os distinguem. Conforme esclarece Barbosa (1995), enquanto o vocabulário busca ser representativo de um universo do discurso, configurando ao menos uma norma lexical discursiva, o glossário representa a situação lexical de um único texto manifestado, numa situação discursiva exclusiva e determinada, como o texto de um autor especificamente. Sendo assim, o vocabulário é representativo de vários textos, o glossário, por sua vez é representativo de um texto manifestado. Nessa perspectiva, o conjunto de lexias arroladas neste trabalho denomina-se *Vocabulário de Arthur de Salles*.

Entendendo o sistema coletivo tal como apresenta Haensch (1982a, p. 97-8), isto é, como a língua de uma unidade étnica ou de uma coletividade humana, cujos membros podem comunicar-se entre si sem dificuldade, o vocabulário que se apresenta é a codificação de elementos léxicos que, dentro do sistema coletivo, são representativos de um determinado subsistema que neste caso, é o discurso de Arthur de Salles, considerando-se a visível influência da cultura do Recôncavo sobre ele.

Dada a hibridez característica desse vocabulário – tendo em vista que nele constam neologismos, regionalismos, unidades fraseológicas, palavras literárias etc – põe-se nessa seção um questionamento: como lematizá-los?

De acordo com Sterkenburg (2003, p. 403), lematizar é remover elementos flexionais de um item lexical, com vistas a recuperar sua forma canônica. Entretanto, as lexias aqui estudadas, sejam elas simples ou compostas, não poderão se adaptar incondicionalmente aos moldes da lematização; visto que as formas lexicais do presente estudo são oriundas do discurso individual de um autor. Esse discurso se molda em prol de um efeito poético, em se tratando de sua obra literária ou a favor de um efeito enfático, em se tratando de suas cartas. O processo de lematização deste trabalho foi realizado com vistas a retratar o vocabulário do poeta Arthur de Salles, vislumbrando mostrar as multifaces desse sujeito discursivo que se representa na e pela palavra; portanto, pode não seguir todas as convenções adotadas pela tradição lexicográfica.

5.1.1 A METALINGUAGEM NA LEXICOGRAFIA: COMO FAZER?

Günther Haensch (1982b, p. 395), ao estabelecer as bases práticas para a elaboração de dicionários, apresenta quatro critérios que determinam a seleção de entradas em dicionários, vocabulários ou glossário. Os critérios externos são: a finalidade; o grupo de usuário; a extensão. O quarto, considerado interno, é o método de seleção de unidades léxicas. Na elaboração desse Vocabulário foram observados esses quatro critérios.

No primeiro critério, a *finalidade do vocabulário*, conforme explica Haensch (1982b), a partir da definição da finalidade da obra lexicográfica, “pode-se fazer a escolha das entradas baseadas sempre em critérios bem estabelecidos, evitando a incorporação de vocábulos alheios” (HAENSCH, 1982b). Sendo assim, as entradas que integram o vocabulário foram selecionadas com o intuito de apresentar o sujeito Arthur de Salles em sua

dispersão e multifaces. Por isso, fez-se uma seleção dentro dos glossários elaborados por outros pesquisadores e, a partir da leitura de textos do poeta, acrescentaram-se lexias que evidenciam as múltiplas faces do poeta baiano.

No caso do segundo critério, o *grupo de usuários* do vocabulário que ora se apresenta é, inicialmente, toda a comunidade acadêmica interessada no estudo da obra do poeta baiano, mas também qualquer pessoa interessada em conhecer os costumes, as usanças, as crenças da população do Recôncavo, pois o léxico recolhido nesse inventário representa também a cultura dessa população.

No que tange ao terceiro critério, *formato e extensão*, esse vocabulário segue o formato utilizado nos trabalhos apresentados pelos pesquisadores anteriores que elaboraram glossários a partir da obra do poeta. Apresenta um total de 1279 entradas[49].

O quarto e último critério, diz respeito ao *método de seleção de unidades léxicas*, o qual terá que seguir princípios linguísticos, que serão principalmente: a frequência de uso e a chamada disponibilidade das unidades léxicas, ou seja, a importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário que está sendo descrito. Para este vocabulário, porém, a freqüência de uso não foi tão relevante, a seleção foi realizada, levando-se em consideração a expressividade da unidade léxica no que tange a confecção da imagem de Arthur de Salles, enquanto sujeito múltiplo e fragmentário.

Observadas as prerrogativas acima, passa-se a pensar na feitura do vocabulário propriamente dito. Põe-se em foco então a macroestrutura de uma obra lexicográfica.

Essa macroestrutura, seja ela representativa do discurso individual (vocabulário; glossário), seja ela representativa do discurso coletivo (dicionários), diz respeito a uma metalinguagem da lexicografia, entendida como um processo de construção do conjunto de verbetes: seria, dessa forma, o *como fazer*. Günther Haensch (1982b, p. 395-461), no capítulo *Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios*, relaciona algumas bases para a elaboração de uma obra lexicográfica. Dentre elas, serão escolhidos alguns pontos a serem considerados na elaboração do vocabulário aqui proposto:

- O primeiro ponto a ser observado é a *seleção das entradas*, na qual, segundo ele, devem-se levar em conta os princípios linguísticos de seleção que se subdivide em importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário registrado e em critério da diferenciação frente a um diassistema de referência.

[49] O caminho percorrido para se chegar a esse total de entradas do vocabulário está delineado no item 2.1 – *Algumas considerações acerca do corpus*.

Tem-se ainda, relacionado ao primeiro ponto, o material léxico e o equilíbrio e a seleção de entradas.

- Em segundo lugar, o ponto relativo à *recoleção e elaboração de materiais léxicos*, subdividido em fontes do lexicógrafo (materiais procedentes de fontes escritas e textos originais) e revisão e ampliação dos materiais recolhidos (cotejo com fontes escritas).
- O terceiro ponto, por sua vez, refere-se à *estruturação dos dicionários*, que tratará da macroestrutura (ordenação alfabética e classificação por famílias de palavras) e da microestrutura que se refere á estruturação dos artigos (compreendendo: o lema e a lematização; as entradas soltas ou agrupadas; a polissemia e a homonímia; a ordenação do artigo; a apresentação gráfica).
- Por último, encontra-se *a parte definitória de um artigo*, que corresponde a indicações ortográficas, a indicações gramaticais, a indicações cronológicas e à definição propriamente dita.

Haensch (1982b, p. 396) chama atenção ainda para as *observações finais* que, quando necessárias, devem ser colocadas depois de todos esses procedimentos.

Ressalte-se que não serão considerados todos esses aspectos para a elaboração desse vocabulário. Chama-se a atenção, então, para os aspectos que serão observados e como serão utilizados.

O primeiro refere-se à *seleção de entradas*, de que apenas são destacados os *princípios linguísticos da seleção*, com ênfase na *importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário* registrado. Considerando a importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário registrado e observando o critério da necessidade, todas as lexias registradas são, redundantemente, necessárias. Dá-se ênfase, também, para o *material léxico*, em que se escolhe, de maneira pragmática, que classe de unidade léxica será lematizada: combinações de palavras, frases. Lembre-se de que a maioria dos trabalhos lexicográficos usa palavras ou unidades léxicas como lema. Neste apanhado lexicográfico, porém, serão lematizadas lexias simples e complexas, e ainda algumas unidades fraseológicas.

Em segundo lugar, tem-se a *recoleção e elaboração de materiais léxicos*, destacando-se, nesse caso, como *fontes do lexicógrafo*, os *textos originais*. Haensch (1982b) ressalta que, mesmo servindo-se de materiais de fontes secundárias, a lexicografia tem verdadeiros progressos com o aproveitamento de fontes primárias, pois é nos textos que unidades léxicas aparecem contextualizadas. A fonte para este trabalho é mista: grande parte é

fonte secundária, representada pelos glossários que integraram este vocabulário. A fonte primária diz respeito aos textos literários e a correspondência consultados para a seleção de lexias consideradas regionalismos e neologismos. Segundo Haensch (1982b), para selecionar as unidades léxicas de textos originais, não será bastante o conhecimento linguístico, o conhecimento da teoria lexicográfica, o domínio da língua por parte do lexicógrafo, é necessário ter certo "olfato" para localizar as unidades léxicas mais interessantes.

Em terceiro lugar, a própria *macroestrutura: a ordenação dos materiais em conjunto*, com relevância aqui para a *ordenação alfabética*: esta é a forma de ordenação do material léxico mais utilizada pelos dicionários gerais. Sendo este recorte lexicográfico um vocabulário semasiológico, optou-se também pela ordenação alfabética rigorosa, sem levar em consideração o agrupamento de palavras segundo as solidariedades léxicas.

Por questões de organicidade, preferiu-se analisar separadamente os aspectos relacionados à macroestrutura como *lematização*, e a constituição da microestrutura do artigo.

5.1.2 A MICROSTRUTURA DO VOCABULÁRIO

Uma leitura nos verbetes *lema* e *lematização* do *Dicionário de termos linguísticos* (XAVIER; MATEUS, 1992, s.v.) mostra que se entende como lema a forma gráfica escolhida convencionalmente como entrada de um dicionário ou de um léxico. E como *lematização*, o reagrupamento sob uma forma gráfica representativa de todas as formas que pode apresentar uma mesma unidade de significação lexicográfica. Dessa forma, escolhe-se, geralmente, o infinitivo para representar a forma verbal e o masculino singular para representar o substantivo e o adjetivo.

Segundo Haensch (1982b, p.463), um dos problemas mais frequentes no que se refere à lematização está relacionado à distinção entre homonímia e polissemia. Entretanto, ele admite que há problemas de lematização também em outros casos. Enumera, então, alguns casos, dos quais só serão tratados aqui, os que são pertinentes para a tese que ora se apresenta. Por exemplo, quando uma forma de flexão está lexicalizada no sentido de que adquiriu uma acepção especial. No *corpus*, pode-se indicar o exemplo do SV *Não Sei* que foi substantivado pelo poeta, transformando um sintagma verbal negativo em um substantivo (SN). Nesses

casos, seguindo as diretrizes de Haensch (1982b), preferiu-se dedicar a essa unidade uma entrada, seguindo a ordem alfabética:

> "...Horas na sua marcha para o *Não Sei*; aqui, neste ermo que estrellei com o meu canto e hoje crepuscúlo com a minha Saudade". (doc. 064:0290, L. 5)

> "...a defrontar com o nebuloso do *Não Sei*" (doc. 062:0238, f. 2, L. 11)

Como já se viu, a microestrutura de uma obra lexicográfica é formada, essencialmente pelo lema, ou palavra-chave e pela definição.

Welker (2004), ao tratar da microestrutura de um dicionário, cita Josette Rey-Debove, que define o termo como o conjunto de informações ordenadas de cada verbete após a entrada. Nessa perspectiva, a microestrutura deve ser ordenada de forma constante, porém como algumas informações não serão necessárias, ou mesmo cabíveis em todo o verbete, admite-se um grau zero de informação.

Gouws (2003, p. 36) estabelece os diferentes tipos de verbetes a depender da estrutura adotada, são eles: verbetes com lema principal e com sublema como guia e verbetes com estrutura única e com estrutura sinótica. O verbete adotado aqui será aquele com lema principal cuja ordem é vertical, isto é, alfabética.

Welker (2004, p. 93-4) ao tratar de lema, no que tange à sua seleção, põe a frequência como principal critério para um signo linguístico a ser lematizado. Entretanto, neste trabalho, a frequência não pode ser critério para seleção do lema, pois, como já se afirmou, trata-se de um vocabulário de formas não frequentes no léxico geral.

É importante definir qual a unidade de significante que se deve adotar como unidade básica da descrição lexicográfica, principalmente para os dicionários semasiológicos. É vasta a literatura na área da linguística teórica acerca do significado da palavra, no entanto, as respostas são inúmeras e distintas entre si, e ainda, nenhuma delas encontra total acolhida. É essa unidade a que denominamos, por convenção metodológica, *palavra*, a unidade mínima do dicionário. Não obstante, mesmo com todos os problemas que circundam a escolha da *palavra* como unidade léxica nas obras lexicográficas, de acordo com Werner (1982b, p. 224), em muitas línguas, quase todos os lexicógrafos tomam como base essa denominação. Para o

Vocabulário de Arthur de Salles, escolheu-se a denominação *lexia*[50] de Bernard Pottier (1977, p. 324) que é considerada como sinônimo de palavra por muitos teóricos dessa área.

De acordo com Welker (2004, p. 112) a padronização da microestrutura é indispensável para facilitar o uso do dicionário. Por isso, se propõe a microestrutura do *Vocabulário de Arthur de Salles*, da seguinte maneira:

- Informações que identificam o lema na sincronia (grafia, classe gramatical, flexão);
- Definição;
- Abonações.

Essas informações serão distribuídas na construção da entrada lexical do vocabulário. A primeira é a *cabeça de verbete* que compreende o lema e as informações anteriores à definição. Na cabeça de verbete, constarão apenas a classe gramatical e outras informações gramaticais. De acordo com Welker (2004, p. 112), na maioria das vezes essa informação pode ser desconsiderada, pois a classe gramatical fica clara ou pelo equivalente ou pela definição. Entretanto, neste vocabulário todo o lema terá sua classe gramatical indicada, a partir do contexto em que a unidade léxica esteja inserida.

A ordenação dos elementos do verbete seguirá um esquema fixo, no qual o lema virá em negrito e com letras maiúsculas. Optou-se por manter a grafia utilizada pelo autor, com o intuito de apresentar a maneira de grafar do sujeito Arthur de Salles. A pronúncia não será registrada, por sua vez, alguns elementos relativos à etimologia serão apresentados sempre que se julgar necessário. A palavra-entrada está contextualizada nos exemplos retirados dos textos analisados, está destacada em itálico para facilitar sua visualização.

A definição é considerada a parte mais importante do verbete. De acordo com Werner (1982c, p. 275), a técnica da paráfrase é a mais aconselhável para a definição lexicográfica. Ele afirma que uma das possibilidades de se definir o conteúdo referencial de uma unidade léxica, é parafraseando o semema[51] que lhe corresponde mediante um sintagma, cujo conteúdo referencial é idêntico ao do semema que se define. Conclui, lembrando que o

[50] Pottier (1977, p. 324) define *lexia* como a unidade lexical memorizada que pertence a uma categoria (forma do significado) ou a classes superiores. Afirma ainda que a *lexia* nasce de um hábito associativo. Em geral trata-se de um lento processo de lexicalização de uma seqüência. Ele divide as lexias em quatro tipos: lexia simples − corresponde à palavra tradicional; lexia composta − que é o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente; lexia complexa − é uma seqüência em via de lexicalização em diversos graus e, por ultimo, define a lexia textual como uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto: hino nacional, provérbios etc.

[51] De acordo com Pottier (1977, p. 72), *semema* é o conjunto dos semas distintivos em um conjunto dado. É a substância do morfema.

semema de uma unidade léxica se explica mediante a combinação dos sememas de outras várias unidades léxicas (WERNER, 1982c, p. 275).

Os sememas de unidades léxicas não se definem sempre segundo um mesmo procedimento, em muitos dicionários. Sendo assim, ao lado da definição mediante paráfrase, aparece a explicação através da indicação de sinônimos, na qual se dá a indicação ao usuário sobre que elemento do semema de um sinônimo está também contido no semema da unidade léxica definida. É importante salientar, entretanto, que os sinônimos indicados servem apenas como ponto de partida para a delimitação do conteúdo de uma unidade léxica e que não se pretende que os sememas da unidade léxica se identifiquem exclusivamente, mediante a indicação de sinônimos (WERNER, 1982c, p. 279). Entretanto, afirma que "a explicação só é ótima quando a combinação dos sememas do definidor compreende os mesmos semas que o sema da unidade a se definir" (WERNER, 1982c, p.275).

Para Werner (1982c), a definição lexicográfica, mediante paráfrase ou indicação de sinônimo é vantajosa porque se pode prescindir, geralmente, do uso de um inventário peculiar de signos metalinguísticos. No entanto, chama a atenção para o perigo de cair em definições circulares. Veja-se o que diz sobre o caso extremo de uma definição circular:

> El caso extremo de una definición circular se da cuando un semema de una unidad léxica A es caracterizado directamente por un semema de unidad léxica B, mientras que el semema utilizado para la caracterización de esta unidad léxica B, a su vez, es caracterizado sustancialmente de manera directa por el semema de la unidad léxica A, caracterizado ya por él (WERNER, 1982, p. 280).[52]

A solução para fugir do círculo vicioso é utilizar para a explicação de uma unidade léxica, outras unidades com maior difusão do que aquela e que tenham uma frequência de uso mais elevada.

As definições podem ser lexicográfica, enciclopédica ou terminológica. A definição lexicográfica pode ser lógica, política ou aristotélica, quando feita através do *genus proximum* (arquilexema) e da *differentia specifica* (sememas). A outra maneira de produzir a definição é através da "pseudodefinição" que se realiza a partir de sinônimo ou antônimo. As definições são, essencialmente, feitas através de paráfrases. Elas podem ser classificas em:

[52] Traduzindo: "O caso extremo de uma definição circular se dá quando um semema de uma unidade léxica A é caracterizado diretamente por um semema da unidade léxica B, enquanto o semema utilizado para a caracterização desta unidade léxica B, é caracterizado substancialmente de maneira direta pelo semema da unidade léxica A, já caracterizado por ele".

Paráfrase definitória, quando apresenta os elementos que constituem a definição lógica:

a) gênero próximo + característica específica
b) gênero próximo + característica específica + informações sobre a utilização do objeto.
c) gênero próximo + informação sobre a utilização do objeto.

Falsa paráfrase, quando não apresenta a estrutura da definição lógica:

a) sinônimos
b) ausência de hiperônimo e/ou características específicas.

Esclarecidos os dois tipos de definição, cabe lembrar ainda, que as definições das entradas desse vocabulário foram feitas, em sua maioria por paráfrase. Entretanto, algumas vezes, recorreu-se a definição por sinônimo.

5.2 TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: OS NEOLOGISMOS

O léxico caracteriza-se por ser um sistema aberto, que se amplia à medida que o conhecimento avança, tanto no âmbito individual do falante, quanto no âmbito coletivo em uma determinada comunidade de fala, sendo o neologismo a principal forma de ampliação do léxico.

Ao se tratar de neologismos, deve-se levar em consideração, primeiramente, que a criatividade lexical não tem limites específicos e que se caracteriza exatamente por ser produtiva. O poeta baiano Arthur de Salles – leitor compulsivo de dicionários e de obras de caráter variado – usou de modo singular o léxico da língua portuguesa. O contato com a obra sallesiana faz com que o leitor penetre numa galáxia de signos linguísticos que move a expressão oral e escrita de um falante.

Rocha (1998, p. 79) chama atenção para os dos fatos de língua e para as denominadas *formações esporádicas* e *formações institucionalizadas*, ao responder sua própria pergunta: “Por que se formam as palavras?” As *formações esporádicas* dizem respeito àquelas lexias que são criadas pelo falante/escritor, sob o impulso do momento, mas não são institucionalizadas, ou seja, não são familiares a uma comunidade linguística sequer. A segunda, a *formação institucionalizada*, ocorre quando a esporádica torna-se familiar a um

grupo de indivíduos, sejam eles de uma família, propriamente dita, de uma vila, de uma cidade, de um estado, etc (ROCHA, 1998, p. 82). Essa institucionalização ocorre, considerando-se alguns fatores. Em primeiro lugar, o prestígio do criador da palavra, geralmente um personagem de prestígio na sociedade: escritores, humoristas, jornalistas, etc. Em segundo lugar, ressalta o poder da mídia como elemento disseminador do vocábulo. Em terceiro lugar, justifica a institucionalização de algumas palavras devido ao fato de que certos processos são, num momento determinado, mais chamativo do que outros, são as palavras surgidas a partir de sufixos "da moda".

De acordo com Louis Guilbert (1975, p. 34), a neologia lexical define-se pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas dentro do sistema lexical. O léxico, conforme ressalta Guilbert (1975), não consiste apenas num sistema de criação lexical, desenvolve-se sob unidades de língua, ligadas ao universo das coisas, às modalidades do pensamento, a todo o movimento do mundo e da sociedade. Guilbert (1975) ressalta que as novas criações lexicais devem ser datadas, considerando o fato de pertencerem à história do léxico, de serem ligadas à história da sociedade, mas também pela individualização da criação por locutores de uma comunidade linguística.

O poeta baiano, detentor de uma notória intimidade com o léxico de sua língua, produz inovações, utilizando vários recursos neológicos: metáfora, derivação, composição, onomatopeia, empréstimos etc., fazendo de seus escritos uma fonte de novas lexias, estabelecendo uma atmosfera de surpresa e encantamento entre o leitor e sua obra. Lembre-se, entretanto, que a criação neológica é privilégio de todo e qualquer falante de uma língua, ela constata o conhecimento linguístico de cada um, representado pela sua gramática inerente. Observaram-se aqui os neologismos utilizados pelo poeta baiano como recurso estilístico para suprir uma "falta" no vocabulário por ele conhecido, identificando algumas regiões e o povo do Recôncavo Baiano, servindo-se, assim, de lexias do registro popular, algumas vezes ainda não dicionarizadas.

O vocabulário de Arthur de Salles é permeado por uma notável influência simbolista que é marcada pelo rebuscamento vocabular e pelos neologismos, principais características desta escola. Lembre-se, como assinala Massaud Moisés (1984, p. 6), que o poeta simbolista quer fugir da forma parnasiana e emaranhar-se por caminhos mais livres, levando consigo o mais alto grau de romantismo, mergulhando profundamente no seu ego; desse modo, exprimir seus sentimentos era algo que ultrapassava as fronteiras da lógica da gramática. Afirma ainda que, para exprimir a volúpia pela anarquia, o satanismo, as

perversões, as morbidezas, o pessimismo, o horror da realidade banal etc., não têm mãos a medir na criação de neologismos e na adoção de vocábulos preciosos (MOISÉS, 1984, p. 6)

Em se tratando da forma (rima, versos), Salles era parnasiano, como ele próprio declara, em carta ao amigo Durval de Moraes, porém, alguns temas de seus escritos e, principalmente, suas escolhas lexicais eram explicitamente de estética simbolista, caracterizada por ultrapassar as fronteiras da lógica da gramática tradicional. A esse propósito, Massaud Moisés afirma que:

> Era preciso inventar uma nova linguagem, fundada numa gramática psicológica e num léxico equivalente, pelo recurso a neologismo, inesperadas combinações vocabulares, emprego de arcaísmos e expedientes gráficos de vária ordem (MOISÉS, 1984, p. 9).

Dessa forma, parte-se de um mundo extralinguístico e atinge-se o linguístico modificando-o. Cabe salientar que, para considerar um vocábulo neologismo, é imprescindível destacar alguns fatores extralinguísticos, como: quem criou a nova palavra, em que tempo, em que lugar geográfico e semântico surgiu, para quem foi criada, como foi criada.

O estudo da neologia lexical, conforme explica Guilbert (1975, p. 31), consiste também em reunir um conjunto de neologismos aparecidos num período preciso da vida da comunidade lingüística. Ele ressalta que o acontecimento linguístico, ou seja, a criação lexical nova, deve ser datada tanto em virtude de pertencer à história do léxico, ligada à história da sociedade; quanto em virtude da individualização de criação por parte dos locutores de uma dada comunidade lingüística. Para tanto, é necessário definir-se um mecanismo de reconhecimento do neologismo no tempo. O primeiro procedimento consiste em delimitar o período em que se situa a forma lexical qualificada como nova. A criação, esclarece Guilbert (1975, p. 32), pode ser atribuída ao autor do texto no qual foi descoberto o neologismo, desde que o autor assuma o uso no seu enunciado ou que ele reivindique a paternidade com uma marca qualquer. No primeiro caso, não se deve pressupor a paternidade porque o autor pode ter reassumido um termo que já existe dentro de uma certa comunidade ou que já tenha sido dito por um outro locutor. Sendo assim, o reconhecimento do neologismo implica, por uma parte, a delimitação de um estado de língua em que se situa a aparição, por outra parte, nos critérios de decisão do caráter neológico para todos os casos em que o uso não se denuncie como autor da criação.

Por esse viés, faz-se mister esclarecer que, nem todos os neologismos aqui catalogados podem ser considerados da posse de Arthur de Salles. De todo o material

estudado, o autor faz menção de paternidade para uma palavra apenas, ao fazer um comentário em carta a Durval de Moraes, como se pode observar neste trecho:

> Não esperava o Poeta luminoso de Visio que o Annibal <o leva> lhe levasse um revoltado, um insubimisso, um pensador, fóra dos moldes communs do pragmatismo litterario, dizendo sem curvaturas nas vertebraes, sem *timidezas* (olha lá este substantivo que o Annibal pode condemnar a um fuzilamento summario!) o seu modo de ver, de sentir e de praticar a Arte (doc. 071:0406).

Entretanto, conhecendo a biografia do poeta, bem como o meio cultural e os movimentos literários de que ele fazia parte, pode-se atestar a paternidade de alguns neologismos. Por essa ótica, criações neológicas como *durvalino* e *cruzesousiana* podem ser consideradas criações de Arthur de Salles. A primeira lexia se refere ao poeta e amigo Durval de Moraes, ou seja, um *verso durvalino* é aquele que tem as características da escrita de Durval de Mores. A segunda lexia identifica uma das escolas literárias a que Arthur de Salles estava atrelado, o simbolismo, a lexia faz alusão a um dos maiores nomes deste movimento, no Brasil: Cruz e Sousa, que Arthur de Salles revela ser uma das fontes inspiradoras da sua escrita.

Nesse sentido, podem-se fazer algumas afirmativas a respeito do estilo de Arthur de Salles. Ele, como representante da comunidade linguística do Recôncavo baiano, revela os costumes desse local inserindo no léxico da língua novas unidades lexicais que descortinam a cultura do povo desta região. E ainda, analisando seu discurso individual, veem-se outras unidades lexicais que não retratam o Recôncavo, mas revelam as fontes em que Arthur de Salles se inspirou, o seu conhecimento de mundo, a sua formação como leitor voraz e, confessadamente, amante dos dicionários. É possível, assim, perceber essa tendência híbrida no estilo do poeta, que mescla, muitas vezes no mesmo texto, elementos da cultura popular e da cultura formal.

Na direção do que diz Biderman (2001, p. 36), o poeta utiliza o sistema, a norma e a potencialidade simbólica da língua para criar beleza. A obra poética, então, transcende o código linguístico em que ela é tecida, e elabora um código próprio. A obra artística tem a sua estrutura própria. Assim, explica Biderman (2001, p. 41), o poeta combina os elementos da norma e do sistema linguístico, de maneira inesperada, projetando o seu poema além dos limites da língua.

Sob a perspectiva de ultrapassar os limites da língua, pode-se pensar na criação neológica estilística. Segundo Guilbert (1975, p.41), a *neologia estilística* é uma forma de criação lexical fundada na busca pela expressividade da palavra em si mesma ou da frase pela palavra, a fim de traduzir ideias originais de uma matéria nova, para exprimir uma função

inédita, certa visão pessoal do mundo. Ele observa ainda que essa forma de criação é própria da fala poética, para a qual se fabrica uma matéria linguística nova e uma significação diferente do sentido mais difundido. Está ligada à originalidade profunda do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão e, continua Guilbert (1975, p.41), encontra-se fora dos modelos estabelecidos.

Considerando-se que a criação artística tende a satisfazer o sentimento estético do criador, deve-se recordar com Guilbert (1975, p. 42) que o escritor terá o direito de adotar a mesma atitude e de se abandonar à fantasia. Ele afirma, ainda, que a criação verbal representa um papel importante na literatura para a difusão da cultura, do conhecimento e para o aperfeiçoamento da língua, entretanto, isto não é monopólio da escrita.

Essa forma própria do escritor é o que determina o seu *status* de inventividade, é nesse aspecto que se estuda o poeta Arthur de Salles. Ele estabelece uma forma singular de escrever sobre a gente do Recôncavo ou mesmo sobre os assuntos que delineavam a literatura. Várias lexias podem representar, na obra do poeta, a chamada "extensão da comunicabilidade", tem-se, por exemplo, a forma *treplicante*, no poema *Música dos bilros*, em que o poeta produz o som dos bilros − instrumento de trabalho das rendeiras, ofício de parte das mulheres do Recôncavo, em especial da Ilha de Maré. Arthur de Salles estende a comunicação entre as atividades das rendeiras e a obra literária através da criação dessa palavra. Veja-se o exemplo:

> E na sala pequena a musica sómente
> Do trepido estalar *treplicante* dos bilros. (DRU: MDB, v.20)

O processo de criação de neologismos caracteriza-se por dois grandes tipos de criação lexical: a *neologia de forma* que definirá o *neologismo sintagmático* e o *neologismo fonológico* e a *neologia de sentido*, o qual suscitará a questão do *neologismo semântico*.

5.2.1 A Neologia Fonológica: neologismo onomatopaico

De acordo com Guilbert (1975, p. 59), para definir uma *neologia fonológica* é preciso saber se, com o simples jogo de combinatória dos fonemas específicos da língua, é possível formar uma substância significativa nova.

Podem ser definidas duas formas de criação fonológica, uma que é o princípio essencial de formação de uma palavra simples, a outra que é somente um aspecto dentro de um jogo complexo de relações sintáticas, semânticas e fonológicas. A primeira corresponde à criação onomatopaica, que é também objeto de estudo nessa pesquisa, dado sua frequência no *corpus*; a segunda refere-se às transformações morfo-fonológicas, que se manifestam mais diretamente através dos empréstimos à língua nacional.

Segundo Ieda Maia Alves (1990, p. 12), a formação de palavras onomatopaicas não é arbitrária, já que a onomatopeia tenta reproduzir um som, e é formada a partir da relação entre a unidade léxica criada e os ruídos, não sendo, portanto, imotivada.

Guilbert (1975, p. 61-62) observa ainda que a criação onomatopaica pode corresponder à designação de um referente novo, por exemplo, o barulho inédito de uma realização técnica nova.

No *corpus* estudado, Salles inaugura a lexia *zinzinante*, para expressar o som produzido pela fricção da roda do carro de boi com o eixo:

> Pela estrada ampla, os carros de bois (...) rodando surdamente, sem a cantilena *zinzinante* com que enchiam os ares luminosos (RFO1, L. 15).

O efeito produzido pelos neologismos onomatopaicos é facilmente perceptível, pois eles dão significante ao significado instaurado pelo som; pois a sonoridade dos instrumentos de percussão já era plena de significado, quando o poeta cria uma palavra para designar o som produzido pelo tambor. Veja-se o exemplo em *Samba*, com a lexia *zungumbango*:

> E a pesantina das violas – nota clara trinulante.
> Saltitando no sombrio rumuroso dos pandeiros.
> *Zungubango*, *zungumbango*, *zungumbango*.
> Estrallejando estrallejando as palmas soam.
> Não quero samba no salão da baroneza. (SAM,v. 20)

5.2.2 Neologismo Sintagmático

Ieda Maria Alves (1990) afirma que o neologismo se forma a partir de mecanismos oriundos da própria língua, por processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos. A partir disso, estabelece algumas classificações

para os neologismos surgidos na língua portuguesa. Em meio a essa classificação, tem-se o "neologismo sintático[53]" que, de acordo com a definição, corresponde ao *neologismo sintagmático* de Louis Guilbert (1975). Alves (1990, p.14) diz que são denominados "neologismos sintáticos" porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (união de afixo a uma base); mas concorre também ao nível frástico: o acréscimo de afixo pode alterar a classe gramatical da palavra. Pode-se verificar que este tipo de neologismo é bastante corrente na obra sallesiana; na maior parte das vezes, ao criar uma nova unidade lexical, o poeta acrescenta afixos a uma base já existente na língua.

O léxico como um sistema dinâmico, apresenta estruturas que podem ser usadas para sua expansão, como os processos de formação de palavras que permitem a inclusão de novas unidades no acervo lexical. A partir da observação do *corpus* pôde-se perceber a maestria com que Arthur de Salles utilizou esses processos. Nas cartas, por exemplo, a maioria dos neologismos se dá através desta inovação na forma, utilizando os dois principais processos de formação de palavras: *derivação* e *composição*. Veja-se o registro de derivação por prefixação na lexia *desestrelada*:

> Eu no meu ermo, na minha solidão *desestrellada* mas inda assim com um pouco de luz para o sonho (doc. 062:0247).

Ao particípio do verbo *estrelar* foi acrescido o prefixo *de*s-. Chama-se atenção para essa lexia, pois não se trata apenas de um neologismo de forma, o sentido é acrescido de mais um sema, não significando, portanto, 'sem estrela', mas sim 'sem brilho'; 'sem luz'.

Chama-se *derivação progressiva* ou *derivação sufixal* quando há acréscimo de sufixos. De acordo com Monteiro (1991, p. 135), os morfemas derivacionais acrescentam ao núcleo um significado acessório ou transferem a palavra de uma classe gramatical para outra. Cunha e Cintra (2001, p.88) subdividem a *derivação sufixal* em três classificações, listadas abaixo e sendo ratificadas com exemplos do *corpus* estudado:

a) *Nominal*: quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: "...e na hora da tarde expirante sob o *cinzentamento* do crepúsculo" (MUL, L. 26)

[53] Optou-se, neste trabalho, por utilizar a denominação *neologismo sintagmático*. Ressalte-se, entretanto, que as transformações observadas aqui foram aquelas que se dão no nível da palavra, não da frase.

b) *Verbal*: quando o sufixo está ligado a um radical, dando origem a um verbo: "A praia nua estala, rebrilha, *fulvesce* nas poças de água e formiga na correria dos crustáceos" (SMA, p. 126, 66, L. 7).
c) *Adverbial*: o sufixo *–mente* acrescenta-se à uma forma feminina de um adjetivo: "E é de nov*o* a vida dos dias fugidios, das horas ôcas, das noutes scismativas. O rio, o Signus, que lá embaixo se arrasta *amollentadamente*, dá-me impressões de um passado luminoso e bello" (doc. 063: 0265, f. 1, L. 13).

Se combinados os prefixos e os sufixos a uma base, tem-se a *derivação parassintética*. Segundo Cunha e Cintra (2001, p.88), a parassíntese é mais produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos, como *a-*, *e-*, *em-*, é participar desse tipo especial de derivação. No *corpus*, podem-se citar como exemplo as lexias *afarçalado* e *incompletar*, respectivamente:

> ... enquanto os que vendem, liquidam esta desgraçada terra sonham <toda> com os encantos de uma expatriação um punhado de homens ou a maior parte da gente brasileira arrasta-se misera e perdida sem luz, sem ar, sem razão, assistindo o dramalhão *afarçalado* de um grupo de Barchochebas. (doc 070:0390, f. 2, L. 19).

> Não lhe *incompletou* a visão rude da Vida a visão verde do Mar. E ela é, ao contrario, perfeita, ou pelo menos, placida, porque elle não está, não entra com a sua parte. (doc. 064:0282, f. 2, L. 10).

Há ainda no *corpus* estudado, casos de *derivação imprópria* em que as palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificações na forma. Tem-se como exemplo a lexia *immenso*, um adjetivo que tem a função de advérbio, no trecho que se segue:

> Amo *immenso* esse rugido dos vendavaes, esse bramido atroador das enxurradas, esse transbordamento dos rios, essa revolta da natureza (doc. 061-0226, L. 7).

A respeito desses processos exemplificados acima, Margarida Basílio (2004, p. 10) afirma que para garantir a máxima eficiência do sistema, a expansão lexical é efetuada, sobretudo pelos processos de formação de palavras que são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras, a partir de material já existente no léxico.

5.2.3 Neologismo Semântico

A criação neológica está pautada também na questão da mudança de significados, através dos *neologismos semânticos*. Segundo Ullmman, os semanticistas, nas três primeiras décadas do século XX tiveram consideráveis progressos, pois se emanciparam das categorias da retórica com vista a uma compreensão mais ampla dos processos semânticos.

Bréal (1992 [1921], p. 80) afirma que nas sociedades modernas, o sentido das palavras se modifica mais rápido que na antiguidade. É preciso, diz ele, observar o efeito da mistura de classe, da luta dos interesses e das opiniões, das diversidades das aspirações e dos gostos. Sendo assim, o sentido das palavras pode ser determinado também pela influência do meio.

A experiência de leituras, bem como o espaço físico a que Arthur de Salles submetia seu fazer literário determinou, de certa forma, um novo sentido para palavras já existentes no acervo lexical da língua. Surgem, então, os neologismos semânticos como resultado dessa relação entre o léxico e o meio em que se dá determinada lexia.

A *neologia semântica* é sempre produto, ou reconhecida pelo contexto estrito da frase ou do sintagma, em que se insere a unidade; o contexto amplo, do domínio discursivo de referência. Bastuji (1974, p. 7) ressalta, ainda, que o *neologismo de sentido* não existe sem suas regras de inserção lexical, dentro da frase e/ou do sintagma; sem o discurso ou interdiscurso, o *neologismo de sentido* não tem vida.

Segundo Alves (1990, p. 62) a *neologia semântica* revela-se de diversas maneiras na língua, a mais usual ocorre quando a lexia sofre alguma transformação no conjunto dos semas, ocasionando com isso um novo elemento.

O *neologismo semântico* é muito corrente na obra do poeta. No vocabulário ora apresentado, tem-se, por exemplo, o verbo *chular*; nos dicionários consultados está registrado apenas, *chula*, como substantivo, que nomeia uma ‘variedade de dança e música popular’. No entanto, no texto sallesiano o vocábulo está sendo usado como um verbo, cujo significado é ‘puxar um samba, começar a cantar um samba’. Veja-se o exemplo que se segue:

> Os carreiros, sentados ao lado, a aguilhada desprezada, iam, no rodar moroso, desfiando cantigas, *chulando* sambas, numa voz lenta, melancólica, estrada fora ... (RFO1, L.17)

De acordo com Luísa Azuaga (1996, p. 241), a composição consiste em formar uma nova palavra a partir de duas palavras ou de um radical e uma palavra. Ela classifica os compostos em *endocêntricos* e *exocêntricos*. Essa classificação corresponde à de Margarida Basílio, *nomeação descritiva* e *nomeação metafórica*, respectivamente (BASÍLIO, 2003, p.32). Na primeira, um ser, entidade, substância são denominados a partir de suas características objetivas mais relevantes. Nesse caso, explica Basílio (2003, p. 32-33), tem-se uma primeira classificação geral, correspondente ao núcleo da composição, e um elemento particularizante correspondente ao especificador. No presente *corpus*, pode-se verificar a lexia *dias-anciãos*:

> "Lavei as feridas da guerra/ Dos teus *dias-anciãos* que foram peregrinos" (doc. 0001, f. 1r, v. 26).

Nesse exemplo, *dias* seria o núcleo da composição e *anciãos* o elemento particularizante. Entretanto, não se pode dizer nesse caso que o elemento *dias* foi denominado a partir de suas características mais relevantes, pois *anciãos* é um substantivo com traço [+ animado] que indica *mais idade*, que foi perdido, sendo a forma ligada à base *dias*, a partir de uma analogia, caracterizando-a com um sema novo: 'dias antigos', 'dias do passado'. Desse modo, vê-se que mesmo nos exemplos em que se tem nomeação descritiva, o processo metafórico (por analogia) faz-se presente para determinar a nova unidade semântica; tem-se, dessa maneira, o *dia* descrito metaforicamente em relação a *anciãos*, conforme a explicação de Basílio (2003, p. 32). Ela adverte que se tem uma situação de *nomeação metafórica* quando a descrição do objeto, ao invés de caracterizá-lo por critérios objetivos, estabelece para este uma descrição em termos de propriedades transferidas através de associação de termos. No *corpus*, tem-se o caso de lexias como *noute-velha*:

> ...*noute velha*, quando o logarejo dormia João Capataz desceu ao lamarão (JOC, L. 25).

A forma significa 'alta-noite'; período compreendido do escurecer do dia até à meia-noite.

O outro exemplo de *denominação metafórica* é o adjetivo *gethesemanticas*, originado de Getsêmani, 'local onde Cristo isolou-se para orar na madrugada que antecedia sua Paixão'. A forma foi empregada para exprimir um momento de angústia do poeta Arthur de Salles, como se pode verificar neste trecho:

> Felizes nós se podermos ser assim na vida espalhando canções e suavizando-as nas horas *gethesemanicas* da tristezas e nos momentos dyonisiacos da [rasura] Alegria... (doc. 67: 0336).

Note-se também que o conteúdo de *gethesemanicas* é dado através de uma metáfora e a sua expressão é originada a partir da derivação, no qual o acréscimo do sufixo –*ica* formou a nova palavra com mudança de classe gramatical: do substantivo forma-se o adjetivo.

Tem-se ainda a lexia formada a partir do processo da analogia, como se vê na forma *Saharicos*, um substantivo cujo significado é 'que não tem imaginação':

> Esses rythmos que a critica espartilhada e grotesca
> dos aridos, dos *saharicos*, talvez refute por incomprenhensiveis [sic]
> são o que de mais suggestivo, de mais bello tem a poesia brasi-
> leira. Não é uma imitação dos poetas francezes nas suas
> variadas modalidades <poeticas>, de expressão. O verso livre
> triumphando em grande numero delles, foi por ti percebido
> e o fizeste sem outro sentimento que o teu, sem outra escola
> que a tua propria maneira de projetar em toda a tua obra
> a tua radiosa individualidade (doc. 064:288).

Segundo Margarida Basílio (2003 p. 32), no processo de composição por denominação metafórica, pode-se reconhecer a metáfora, uma vez conhecido o significado. Não se consegue inferi-lo apenas pela observação das formas, já que há um distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes.

5.3 TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: OS REGIONALISMOS

A partir da observação das lexias que compõem o Vocabulário de Arthur de Salles, pode-se perceber que o poeta, mesmo estando imbuído das cores, dos ritmos, dos costumes, das crenças, das gentes do Recôncavo, não usou um léxico essencialmente caracterizador do Recôncavo. O seu contato com a literatura universal, a sua paixão confessa pelo dicionário e pela cultura clássica refletiram-se mais fortemente no que diz respeito ao léxico, mesmo na obra de temática regional e na sua escrita particular: as cartas. No decorrer da pesquisa, catalogaram-se vários supostos regionalismos, entretanto, ainda não se havia

escolhido ou determinado critérios para identificá-los como tal. Mesmo porque, vê-se, a partir da procura de materiais sobre o assunto, que a literatura nesse âmbito é ainda muito incipiente: não foi encontrada uma só obra em que se estabelecessem critérios para definir uma lexia como regionalismo. Por isso, tendo em vista a necessidade imediata, estabeleceram-se dois critérios principais para a sua determinação:

> a) Os dicionários consultados são obras contemporâneas ao poeta Arthur de Salles, dicionários estes que ainda não descreviam o léxico do português do Brasil, mas sim o léxico da língua portuguesa que tem como estândar o português de Portugal. Por isso, consideraram-se regionalismos aquelas lexias que eram encontradas nos dicionários como de "uso familiar", "da linguagem chula" ou "brasileirismo".
>
> b) O segundo critério estabelecido foi a consulta em obras lexicográficas específicas, como: *O dicionário de folclore*, de Câmara Cascudo (1988) *O dicionário do nordeste* e o *Assim falava lampião*, de Fred Navarro (2004; 1998) o *O léxico rural: glossário, comentários*, de Suzana Alice Cardoso e de Carlota da Silveira Ferreira et al. (2000), *O léxico de Guimarães Rosa*, de Nilce Sant'Anna Martins (2001), *A lexicologia de "Os sertões": o vocabulário de Euclides da Cunha*, de Manif Zacharias (2001). Quando a lexia era encontrada em alguma dessas obras, era legitimada como regionalismo.

O significado de algumas lexias regionais foi adaptado ao sentido inaugurado no contexto em que estas estavam inseridas. Os dicionários gerais consultados, muitas vezes, traziam o sentido literal da palavra, uma definição mais técnica ou científica, definição esta que, com o uso popular, e, principalmente, pelo uso empregado em determinado contexto, já não cabia à palavra. Quando isso ocorreu, criou-se, a partir da definição dos dicionários gerais e do contexto, uma definição que aproximasse as duas realidades.

5.4 TIPOS DE UNIDADES LÉXICAS QUE FORMAM O VOCABULÁRIO: AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Mediante um acervo de 1275 unidades léxicas, o Vocabulário de Arthur de Salles apresenta algumas lexias complexas que serão denominadas aqui, genericamente, de

Unidades Fraseológicas[54]. Pretende-se fazer um estudo da inserção dessas unidades nos textos do poeta baiano Arthur de Salles, analisando a estrutura externa, os aspectos semânticos e pragmáticos e o efeito estilístico produzido pela introdução dessas formas na escrita do poeta.

Para tal tarefa, selecionaram-se inicialmente as unidades léxicas formadas por mais de uma lexia dentro do vocabulário geral. Em seguida, baseando-se na proposta de classificação de Corpas Pastor (1996), fez-se uma classificação dessas unidades fraseológicas, objetivando fazer, a partir daí, uma análise interna delas, bem como sua função dentro do texto.

Para tanto, divide-se esta subseção em quatro partes: na primeira, faz-se uma breve revisão da literatura acerca dos fraseologismo; a segunda, centra-se numa possivel classificação das unidades recolhidas no *corpus*. Os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos dessas unidades serão o assunto da terceira parte. Na quarta parte, comenta-se quem proncuncia essas unidades fraseológicas no discurso literário de Arthur de Salles.

5.4.1 Acerca das Unidades Fraseológicas

O estudo sobre Unidades Fraseológicas tem protagonizado diversos trabalhos na área da linguística atualmente. Entretanto, apesar de muito discutidas, há ainda controvérsias em relação à taxonomia dessas unidades. Optou-se, portanto, pelo estudo de Corpas Pastor (1996) por parecer uma análise mais adequada à finalidade aqui almejada. Ressalte-se, entretanto, que serão lembrados linguistas que a precederam como Casares (1969), Coseriu (1977) e Zuluaga (1980). Todas essas vozes estarão presentes nesse diálogo polifônico que objetiva analisar intrínseca e extrinsecamente o uso de unidades fraseológicas dentro do discurso literário de Arthur de Salles.

Para iniciar as discussões acerca do tema, Corpas Pastor (1996) recorre à definição de fraseologia encontrada em um dicionário geral, não especializado em linguística. Para ela, essa definição seria a mais adequada ao seu âmbito de estudo:

> Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en la lengua, en el uso individual o el de algún grupo (CORPAS PASTOR, 1996, p. 17). [55]

[54] O termo *Unidade Fraseológica* refere-se à nomenclatura utilizada por Gloria Corpas Pastor (1996), cuja classificação proposta tomou-se como base para este trabalho.

Decidiu-se seguir a mesma denominação adotada por Corpas Pastor para esse fenômeno: *Unidades Fraseológicas*, por ser o termo mais aceito nos países da Europa que têm investigado os sistemas fraseológicos das línguas.

Baseando-se em vários autores, a linguista explicita algumas características linguísticas mais sobressalentes para estas unidades:

a) Trata-se de uma expressão formada por várias palavras;

b) Caracteriza-se por ser institucionalizada;

c) É estável em diversos graus;

d) Apresenta certa particularidade sintática ou semântica;

e) Pode haver variação de seus elementos integrantes, seja como variantes lexicalizadas na língua, seja como modificações ocasionais no contexto.

A partir do exposto, cita-se a definição de Corpas Pastor (1996, p. 20):

> Son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frequencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.[56]

Entre as características das unidades e a definição geral dada por um dicionário geral e aceita por Corpas Pastor, já se nota uma contradição: a primeira definição que ela aceita diz que fraseologia é o conjunto de frases feitas, locuções etc., existentes na língua, no *uso individual* ou de um grupo. Logo em seguida, dentre as características sobressalentes, a segunda é a institucionalização. Vê-se que desde logo se instala um problema no que tange a essa característica, pois é pouco provável que uma unidade fraseológica de uso individual venha a ser institucionalizada, já que para isso se presume o fator frequência de uso.

Duran e Pozas (1998) assinalam que os signos fraseológicos estão mais diretamente vinculados à cultura, às ideias e à forma de vida de uma sociedade que ao léxico em si. E lembram:

---

[55] Traduzindo: Conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e refrães, existentes na língua, no uso individual ou de algum grupo.

[56] Traduzindo: São unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta freqüência de uso, e de coocorrência de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variação potenciais; assim como pelo grau em que se dão todos esses aspectos nos distintos tipos.

> Muy frecuentemente, los fraseologismos son metáforas nuevas que los hablantes crean *ad hoc* basándose en unos referentes culturales que los interlocutores conocen bien. Para entender, por tanto, las unidades fraseológicas de una lengua es necesario conocer tanto el universo cultural de sus hablantes y su visión de mundo como la competencia metafórica de estos.[57]

As unidades fraseológicas aqui analisadas foram retiradas, principalmente, de textos que compõem a denominada obra de temática regional de Arthur de Salles. A sua região compreende pequenas cidades do Recôncavo baiano e o seu ambiente, por ele mesmo declarado, é a zona de pesca desse recôncavo, "tudo entre pescadores". Dessa forma, para compreender algumas unidades é imprescindível saber o ambiente, as ações e os costumes que motivaram o uso e a inserção dessas expressões nos textos. Nesse sentido, Duran e Pozas ressaltam ainda:

> Ningún conocimiento enciclopédico de muchas unidades fraseológicas ya creadas podrá suplir estos conocimientos culturales. Y la razón no es otra que la fraseología no es un inventario cerrado de locuciones sino que, por el contrario, es una actividad creativa en la que, en cualquier momento, un hablante puede producir una nueva variante o crear una invención personal (DURAN E POZAS, 1998, p. 152)[58].

Como já se afirmou, as unidades fraseológicas foram retiradas do vocabulário do poeta Arthur de Salles, o qual é composto por lexias simples e complexas usadas pelo poeta em sua produção literária entre os anos de 1901 e 1935. Salientou-se também que o texto de onde se retirou a maioria das unidades fraseológicas a serem analisadas aqui é o romance em verso *Sangue-mau*, de 1924. Sendo assim, tratando-se de uma obra literária, algumas das características que legitimam determinados termos como unidades fraseológicas não poderão ser levadas em conta. O quesito frequência, por exemplo, também não poderá ser levado em conta, dado que existem expressões que, possivelmente foram utilizadas apenas uma vez naquela obra. Serão poucas as unidades fraseológicas deste estudo que poderão integrar as características frequência e institucionalização. Ressalte-se, entretanto, que algumas unidades do *corpus* analisado são bastante fixadas pelo uso, é o caso da locução *a toa* que está atestada

[57] Geralmente, os fraseologismos são metáforas novas que os falantes criam *ad hoc*, baseando-se em uns referentes culturais que os interlocutores conhecem bem. Para entender, portanto, as unidades fraseológicas de uma língua é necessário conhecer tanto o universo cultural de seus falantes e sua visão de mundo quanto a competência metafórica destes.

[58] Traduzindo: Nenhum conhecimento enciclopédico de muitas unidades fraseológicas já criadas poderá suprir estes conhecimentos culturais. E não há outra razão senão o fato de a fraseologia não ser um inventário fechado de locuções, mas sim uma atividade criativa na qual, em qualquer momento, um falante pode produzir uma variante nova ou criar uma invenção pessoal.

no Dicionário Houaiss (HOUAISS et.al., 2001) como uma forma usada desde o século XV e ainda utilizada na linguagem cotidiana de muitos baianos. Em *Sangue-mau*, Arthur de Salles insere essa locução quando se refere ao barco no mar:

> Na madrugada enregelante,
> lá se vai a alongada e banzeira canoa,
> a vela murcha porque o vento é morto.
> A mão sem tino deixa-a ir *à toa*,
> na tensão da vazante.

Sobre o critério da institucionalização na norma linguística social: os textos de Arthur de Salles refletem um Recôncavo que já não existe nos dias atuais, portanto, esse criterio poderia ser, a principio, de difícil comprovação Entretanto, percebe-se uma provável institucionalização de determinados termos que remetem ao mar, ou ao costume da população ribeirinha da época, devido a seu uso constante e, também, uma provável identificação entre comunidade linguística e obra.

Zuluaga (1997) é bastante renitente no que tange a esse critério para caracterizar um fraseologismo. Ressalte-se, porém, que não é possível pensar em institucionalização social de unidades fraseológicas que refletem uma região que, ao longo do tempo, tem perdido parte de características culturais que se podiam atestar até a década de 30. Algumas unidades fraseológicas são usadas na linguagem cotidiana do povo da região até hoje, outras não poderiam ser usadas, pois o contexto ambiental em que elas foram produzidas já não existe. Percebe-se assim, que tal critério não pode ser tão rigoroso como mostra o linguista.

5.4.2 As Classificações Existentes: segundo Julio Casares

Pode-se notar que o assunto unidades fraseológicas, no que tange a sua taxonomia, ainda não possui uma ideia consensual entre os estudiosos, percebe-se um embate de forças que, em realidade, torna o tema ainda mais profícuo. Por isso, fez-se um apanhando, superficial, da classificação dessas unidades sob a perspectiva de Casares (1969); Coseriu (1977) e Zuluaga (1980).

De acordo com Casares (1969, p. 170), locução é:

> combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como

> una suma del significado normal de los componentes (CASARES, 1969, p. 170)[59].

As duas características principais de uma locução, que ele estabelece já estão descritas na definição, são elas:

a) Inalterabilidade
b) Unidade de sentido

Nota-se que essas características principais estão em convergências com as estabelecidas por outros linguistas: fixação e idiomaticidade. Casares (1969, p. 170) afirma que é locução quando a união de duas ou mais palavras resulta um sentido unitário. Exemplifica com *lengua de vaca*[60], segundo o linguista, não é uma locução, pois a união desses termos serve, unicamente, para designar a língua desse animal, entretanto, *lengua de gato* é, porque nomeia um *bolo*. E isso não se deduz da união do substantivo mais a preposição. A locução nominal *sol por lua*, que integra o *corpus* estudado, ilustra essa identificação, dado que essa expressão quer dizer "dia de lua cheia", ou seja, esse significado não se depreende da união dos termos, dessa forma, seguindo esse critério, essa expressão seria uma locução. Veja-se o exemplo retirado do poema regional *Sangue mau*:

> Teresa: Pelo outeiro. A maré ainda não descambou.
> Saúna: Hoje é cabeça-d'água?...
> Teresa: Oxente! Broco, assim?
> *Sol por lua*, Saúna.
> Saúna: Ah! sim, sim. (SALLES, 1924, p. 209-210).

Julio Casares (1969) subdivide as locuções em conexivas (conjuntivas e prepositivas) e significantes (nominais, adjetivas, verbais, participiais, pronominais, interjetivas). Sendo assim, as locuções nominais assumem a função sintática de sujeito ou complemento do verbo; as adjetivas de complemento do nome, tal como um adjetivo; as verbais têm aspecto de uma oração. Ele ressalta, ainda, que as locuções adverbiais são as mais numerosas em todas as línguas e podem subdividir-se em tantas espécies como os advérbios: tempo, lugar, afirmação, negação, dúvida, modo.

---

[59] Traduzindo: Combinação estável de dois ou mais termos que funcionam como elemento oracional e cujo sentido unitário não se justifica, a não ser como uma soma do significado normal dos componentes.

[60] No Brasil, é um regionalismo, usado para denominar uma erva perene (*Chaptalia integerrima*) da familia das compostas, nativa do Brasil, Uruguai e Argentina, de folhas rosuladas, brácteas lineares e aquênios fusiformes; buglossa. (Houaiss, 2001). Trata-se, nesse caso de uma locução nominal.

Referindo-se às frases proverbiais e aos refrães, Casares (1969, p. 187) lembra que algumas locuções utilizadas atualmente no âmbito familiar são fragmentos de antigas frases proverbiais que se perderam no tempo, de geração a geração. Ele, "sem pretensões de definição", afirma:

> Diremos que el refrán es "una frase completa e independente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma setenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc–, a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas (CASARES, 1969, p.192)[61].

Casares (1969, p. 198) chama atenção, ainda, para o fato de que existem refrães como fórmulas expressivas, que contem determinado conteúdo ideológico, por outro lado existem refrães que são texto de língua que servem para documentar o uso de um vocábulo ou de uma construção *sui generis*.

5.4.3 As Classificações Existentes: a posição de Eugenio Coseriu

A contribuição de Coseriu (1977) acerca do tema dá-se a partir da distinção entre *Técnica do discurso* e *Discurso repetido*. Segundo o linguista, técnica do discurso abarca as unidades léxicas e gramaticais, bem como as regras para suas combinações e modificações dentro de uma oração. O discurso repetido abarca o que está tradicionalmente fixado como expressão, modismo, dito, locução e cujos elementos que os constituem não são substituíveis ou passíveis de outras combinações segundo as regras atuais da língua. Conforme Coseriu (1977, p. 114), estrutura-se apenas a técnica do discurso. Os elementos das expressões fixas por sua vez não são comutáveis, por isso, para ele, não são estruturáveis. Afirma, ainda, que certas unidades do discurso repetido (ditos, refrães, provérbios) só são comutáveis no plano de orações e de textos com outras orações e textos. Dessa forma, o linguista se exime da responsabilidade de estudá-lo, alegando que o estudo do discurso repetido pertence às ciências literárias e à filologia. Diz ainda que as unidades de discursos repetidos que podem ser

[61] Traduzindo: Diremos que o refrão é "uma frase completa e independente, que em sentido direto e alegórico, e em geral em forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento – fato de experiência, ensinamento, adominação, etc –, a maneira do juízo, na qual se relacionam pelo menos duas ideias.

substituídos por um lexema podem ser estudadas pela lexicologia, por exemplo, *hacer hincapié* pode ser substituído por *insistir*, em espanhol.

Segundo Corpas Pastor (1996), essa classificação é pouco rigorosa, pois não delimita claramente critérios de classificação. Percebe-se, em realidade, que Coseriu (1977) dá uma classificação generalizada, pois não pretende estudar os elementos do discurso repetido.

5.4.4 As Classificações Existentes: sob a perspectiva de Alberto Zuluaga

A denominação dada por Alberto Zuluaga (1980) para as unidades fraseológicas são: expressões fixas ou unidades fraseológicas que compreendem desde combinações de ao menos duas palavras até combinações formadas por orações completas. Essas unidades se caracterizam pela fixação. Como Casares, Zuluaga (1980) não inclui as combinações como parte integrante da fraseologia. Sua classificação divide-se a partir de dois aspectos: a) os traços da estrutura interna e b) seu valor semântico-funcional ao ser empregada como unidades de discurso.

Segundo a estrutura interna, podem ser:

1. fixas e não idiomáticas: “dicho y hecho”
2. semi-idiomáticas: “tira y afloja”
3. idiomáticas: “a ojos vistas”

No âmbito semântico-funcional, divide-se da seguinte forma:

1. Os enunciados fraseológicos (aquelas que constituem um enunciado completo)
2. As locuções (que precisam combinar-se com outros elementos para constituir um enunciado)

Vê-se que a classificação de Zuluaga (1980) revisita a de Casares (1969), acrescentando-lhe alguns elementos, porém não há divergências evidentes entre as duas classificações.

5.5 TAXONOMIA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

5.5.1 Colocações

Corpas Pastor (1996), ao estabelecer a taxonomia para as colocações, pauta-se no texto de Haensch et al. (1982), considerando a seguinte denominação: "aquella propriedade de las leguas por la que los hablantes tienden a producir ciertas combinaciones de palabras entre una gran cantidad de combinaciones teoricamente posibles"(HAENSCH et al, 1982, p.251)[62]. Ressalte-se que do ponto de vista do sistema, as *colocações* são sintagmas livres, mas que possuem uma fixação na norma e, devido a essa fixação, esclarece Corpas Pastor (1996, p. 66), apresentam restrições de combinação estabelecidas pelo uso.

Um estudo mais recente sobre *colocações* léxicas no espanhol, o de Kazumi Koike (2001, p. 26) considera a coocorrência dos termos como uma característica fundamental para uma *colocação*, tendo em conta, porém, os problemas que isso pode acarretar. Essa característica, mesmo sendo considerada fundamental para alguns estudiosos, não poderá ser levada em conta para muitas das unidades léxicas do presente estudo, pois, como já foi esclarecido, trata-se de unidades retiradas de textos literários, entretanto, não se poderá atestar a coocorrência dos termos em outros contextos. O critério utilizado para distinguir as *colocações* das *locuções* foi o grau de idiomaticidade da unidade e de flexibilidade dos termos. Ou seja, quanto mais independência semântica tiver os elementos que constituem determinada unidade (ainda que esses elementos mantenham um vínculo entre si), mais esta se aproximará do que aqui foi considerado como *colocação* (KOIKE, 2001, p. 26). Lembre-se, ainda, que existe uma maior transparência semântica nestas do que nas *locuções*.

Sabe-se que as fronteiras entre *locuções* e *colocações* são muito tênues, como mostra Kazumi Koike (2001, p. 37), a coocorrência frequente de unidades léxicas e certo grau de lexicalização podem ser algumas das causas da formação de uma *locução*. Sendo assim, uma colocação pode funcionar como locução a depender do contexto em que ela é empregada. No *corpus* apresentado, por exemplo, a unidade *matar a fome* como se verá seguir, levando-se em consideração os critérios apresentados para se definir uma colocação é classificada como

[62] Traduzindo: aquela propriedade das línguas pela qual os falantes tendem a produzir certas combinações de palavras entre uma grande quantidade de combinações teoricamente possíveis.

tal, entretanto, o seu grau de lexicalização e cristalização no idioma pode sustentá-la como um exemplo de locução:

> Era mister *matar a fome* ao pequenino.
>
> Aos bordos, oscilante
> como um ébrio, ela vence a lama fatigante.
> Como que um choro escasso
> de lá vem, do casebre: "Espera, meu menino".
> Vai vê-lo, arrisca um passo...
> Mas a fome? Recua. E a marcha recomeça (SM, p. 251)

Leonor Ruiz Gurillo (1998) apresenta também as duas propriedades indispensáveis para as denominadas *locuciones prototípicas*: a fixação e a idiomaticidade. Ela afirma que:

> La locución reflejerá una estructura estable y con pocas posibilidades de variación. Mostrará defectividad combinatoria o sintáctica, es decir, no se podrán practicar en ella cambios que repercutan en su estructura, como la conmutación, la permutación, la extracción de sus componentes, etc (RUIZ GURILLO, 1998, p. 21). [63]

A afirmação de Ruiz Gurillo (1998), aliada ao exemplo da lexia *matar a fome* ratifica a dificuldade e a linha tênue por que passa a classificação e a diferenciação entre *locução* e *colocação*. Portanto, é válido salientar a não fixidez das classificações aqui apresentadas. No que tange à idiomaticidade, ela salienta que será praticamente total, ou seja, a *locução prototípica* manterá um significado composicional.

A partir dessa não rigidez no que tange à classificação de algumas unidades fraseológicas, as lexias *ganha-pão* e *coisa-feita*; que, inicialmente, seriam consideradas palavras compostas, poderiam ser consideradas colocação ou mesmo locução. Conforme afirma Pamies (2007) se se considera os três principais critérios para se delimitar uma unidade fraseológica: multilexicalidade, fixação e idiomaticidade, vê-se que ambas as unidades se encaixam nos três critérios. No que tange ao critério da idiomaticidade, tanto *ganha-pão*, como *coisa-feita* assumem um novo significado quando se unem, sendo o primeiro uma expressão que se usa para qualquer atividade produtiva em que se ganhe dinheiro; e a segunda, a um feitiço que alguém faz na intenção de outro, ou seja, como explica Pamies (2007), o significado global desses compostos não é deduzido a partir de seus componentes. Ainda pautando-se nas observações de Pamies (2007), considerando-se o critério da fixação,

[63] Traduzindo: A locução refletirá uma estrutura estável e com poucas possibilidades de variação. Mostrará defectividade combinatória ou sintática, ou seja, não se poderá praticar nelas mudanças que repercutam em sua estrutura, como a comutação, a permutação, a extração de seus componentes, etc.

percebe-se que essas duas unidades são bastante fixas, não admitindo a inserção de nenhum outro elemento. Por exemplo, *coisa* muito bem *feita* perderia o sentido da unidade léxica, o mesmo ocorreria com *ganha* bastante *pão*. Destaque-se que o Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001), considera essas duas unidades léxicas como uma palavra, dando inclusive a classe gramatical de ambas: *ganha-pão*, substantivo masculino e *coisa-feita*, substantivo feminino. Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001) ratifica, dessa forma, o fato de a grafia ser um critério insustentável como critério teórico.

Seguindo o esquema de classificação elaborado por Corpas Pastor (1996), observaram-se os seguintes tipos de colocações no Vocabulário de Arthur de Salles: verbo + substantivo; substantivo + adjetivo; substantivo + preposição + substantivo; verbo + advérbio.

1. Verbo + Substantivo (objeto): *matar a fome*.

A voz do narrador já no desfecho da trama *Sangue-mau* aparece na primeira linha da última parte, narrando o desespero de Tereza, com o filho nos braços, após ter sido abandonada por Saúna, ao que o narrador diz:

> Era mister *matar a fome* ao pequenino. (SM, p. 251,v. 1197)

2. Substantivo +Adjetivo: *terra natal*.

De acordo com Kazumi Koike (2001, p. 49), as *colocações* desse grupo são constituídas por um substantivo e um adjetivo que o modifica, formando assim, um sintagma nominal. A colocação *terra natal* é introduzida no romance por Felício, amigo de *Saúna*, que fala nostalgicamente do lugar onde nasceu e viveu sua infância e adolescência:

> Dez anos que deixei a paz do meu rincão praiano,/ minha *terra natal*, minha amada tapera./ Quase como a deixei... (SM, p. 239, v. 1121)

3. Substantivo + preposição + substantivo: *pescador de caçoeira*

Corpas Pastor (1996) diz que essas *colocações* indicam a unidade da qual forma parte uma entidade menor ou ainda o grupo a que pertence um determinado individuo. Esse dado é ratificado com o exemplo acima, pois *pescador de caçoeira* denomina um "homem que pesca com certo tipo de rede de arrastão usada para pesca em alto mar". Veja-se o exemplo:

> "Mas tudo isto brilhava rapidamente no espírito de Militão, *pescador de caçoeira*." (SM, 10, p. 157)

4. Verbo + Advérbio: *atirar fora*

Os advérbios que formam a maior parte dessas *colocações* geralmente são advérbios de modo ou de intensidade. Contudo, no exemplo apresentado, vê-se a presença de um advérbio de lugar. Observa-se também que no contexto em que é empregada a *colocação*, o sentido dado é metafórico, pois é o marido quem *atira fora* sua mulher, ou seja, nesse sentido seria 'mandá-la embora':

> A Sancha,/quando ele a *atirou fora*, ingrato e desalmado,/deixou tudo ali mesmo. (SM, p. 116, v. 98)

Ressalte-se o fato referido acima, em que uma *colocação* pode vir a funcionar como uma *locução*. A expressão foi utilizada com um sentido figurado, assumindo assim um sentido que já não é tão transparente, tendo, portanto, característica de uma *locução*, como nos chama a atenção Kazumi Koike (2001, p. 37), quando cita que algumas expressões podem ser *colocação* e *locuções* dependendo do contexto empregado.

5.5.2 Locuções

São unidades fraseológicas que fazem parte do sistema da língua, ao contrário das *colocações* que fazem parte da norma. Não constituem enunciados completos, e, geralmente, funcionam como elementos oracionais. São caracterizadas, por sua fixação semântica, ou seja, ainda que não constituam um enunciado completo, pode-se entender uma ideia completa em uma locução.

Apesar da tênue barreira que separa as *colocações* das *locuções*, é possível delimitar alguns traços que geralmente caracterizam o segundo grupo, são eles:

a) a perda de sentido quando ocorre uma substituição;
b) a impossibilidade de eliminar ou adicionar elementos
c) a não comutação ou reordenação dos elementos integrantes.

Esses traços evidenciam a fixidez da locução frente à flexibilidade da colocação.

Os tipos de locuções analisadas foram:

a) Locução Nominal

Desempenham a mesma função que um substantivo ou um sintagma nominal. No poema regional *Sangue-mau*, Saúna conversa com Tereza sobre a maré, perguntando-lhe:

> Saúna: "Hoje é *cabeça d'água*?..."
> Tereza: Oxente! Broco, assim?
> Sol por lua, Saúna.
> Saúna: Ah! Sim, sim. (SM, p. 209, v. 935)

A expressão apresentada significa 'a maré de maior amplitude que ocorre quando a lua é nova ou cheia'. Tereza responde a Saúna, utilizando outra expressão *sol por lua*, que quer dizer, 'dia de lua cheia, quando a maré ainda não está alta'.

b) Locução Adverbial

Os estudos de fraseologia classificam como locução adverbal, unidades de estruturas diversas. De acordo com Corpas Pastor (1996, p. 99), a maioria das locuções adverbiais são sintagmas prepositivos. Essa constatação parece ser ratificada com os exemplos retirados do *corpus*, pois das cinco locuções adverbiais atestadas, quatro são sintagmas prepositivos. Uma locução desse tipo aparece na voz do velho Caeira, quando conversa com Saúna sobre os perigos do sangue-mau:

> Pior, muito pior, que a inveja e que os maus olhos/ é sangue-mau, Saúna. Olha, alli, os escolhos/ com a dentuça limosa. A canoa esgarrada,/ *sem leme e norte*,/ dentro do temporal, bate. E despedaçada/ para sempre ali fica. Assim na vida. A gente/ bate de encontro ao sangue-mau e de repente,/ em cacos, lá se vai a canoa da sorte... (SM, p. 119, v. 134)

A expressão, usada em sentido figurado, quer dizer 'sem direção'. Percebe-se que o personagem Caeira estende o termo utilizado para canoa à vida. Alertando ao jovem pescador dos riscos que este corre se, tal como a canoa, ele anda *sem leme e norte.*

c) Locução Verbal

As locuções verbais expressam processos, formando assim, predicados com ou sem complementos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 102). Dos tipos de locuções aqui apresentados, essas são as mais recorrentes no *corpus*:

> Por que então te deixar apodrecer na vasa?/Não!... Eu quero te ver como sempre, senhora/ do mar, sempre brilhando e sempre vencedora./ Quero ouvir, se viver, feliz e prazenteiro,/ teu nome *andar de boca em boca* no costeiro. (SM, p. 187, v. 719)

Essa locução é ainda hoje muito usual na linguagem dos baianos. O poeta a introduz num "diálogo" entre Saúna e sua canoa, de nome "Conceição"[64]. Essa locução significa 'ser motivo de comentários', geralmente é usada para referir-se a uma pessoa que se tornou motivo de comentário por algum fato, seja ele positivo ou negativo, por exemplo: 'Maria anda de boca em boca'.

d) Locução de cláusula

É formado por diversos sintagmas em que pelo menos um deles é verbal. Corpas Pastor, explica:

> Se trata de cláusulas provistas de un sujeto y un predicado que expresan un juicio, una proposición. [...] Estas unidades no constituen oraciones completas porque: a) necesitan actualizar algún actante en el discurso en el cual se insertan; o b) son cláusulas finitas, restringidas a funcioanar como elementos oracionales. Al igual que el resto de las unidades de esta esfera, las locuciones clausales no pueden formar enunciados por sí mismas (CORPAS PASTOR, 1996, p. 109) [65]

O exemplo *tremer como vara verde*, parece tratar-se de uma locução de cláusula, pois atualiza um agente da ação indicada pelo verbo, ou seja, sujeito do discurso, tal como mostra o trecho:

> Horas a fio a demandar a tempestade./ Logo o mastro estalou acima da metade.../ A vela nova toda rota./ Tito *tremia como vara verde*./ 'Chi!... que a gente se perde'./ Eu gritando pra ele:/ esgota, Tito, esgota.../ Quase todo alagado (SM, p. 155, v. 457).

Sobre esse aspecto, Casares (1969) cita as locuções que podem ser uma oração cabal, como as locuções exclamativas, por exemplo: *!vive Cristo!* E ainda as de tipo verbal: *cortar el bacalao*. Entretanto, as considera como locuções, incluindo ainda aquelas que desempenham papel de subordinada na oração composta.

No exemplo *tremer como vara verde*, tem-se uma oração completa que necessita de um sujeito apenas, mas não é subordinada a nenhuma outra oração. Ao agregar-lhe um sujeito, essa locução torna-se uma oração completa, por isso considerou-se um exemplo de "locuciones cláusales", conforme a classificação de Corpas Pastor (1996).

---

[64] A canoa Conceição é personificada no poema regional, Saúna em alguns diálogos refere-se a ela como se fosse uma guerreira.

[65] Traduzindo: Trata-se de parte de uma oração com um sujeito e um predicado que expressam um juízo, uma proposição. (...) Estas unidades não constituem orações completas por que: a) necessitam atualizar algum actante no discurso no qual se inserem; ou b) são cláusulas finitas, restritas a funcionar como elementos oracionais. Do mesmo modo que o resto das unidades desta esfera, as locuções de clausula não podem formar enunciados por si mesmas.

Zuluaga (1997, 631) denomina *sintagma verbal* ou *locução proverbial* a unidade fraseológica que requer apenas um sujeito para tornar-se oração completa. É o caso da locução acima, em que Arthur de Salles acrescenta o sujeito *Tito* e consegue uma oração completa com o efeito de sentido, fechando, assim, um enunciado.

5.5.3 Enunciados Fraseológicos (Parêmias)

As *parêmias* são enunciados completos em si mesmos, se caracterizam por constituir atos de fala e por possuir fixação interna e externa (CORPAS PASTOR, 1996, p.132). O termo *parêmia* é usado como sinônimo de *refrão* (parêmia por excelência) e funciona como hiperônimo dos subtipos desta categoria. Apesar de constituírem enunciados completos, pode-se confundi-las com as *locuções*. Por isso, é válido salientar algumas diferenças: as *locuções* se referem a situações precisas, enquanto as *parêmias* são mais gerais; estas são enunciados introduzidos no discurso, não permitindo mudanças, salvo referente à concordância, enquanto as *locuções* permitem certas transformações e inserções, funcionando como elementos sintáticos da oração que integram; e ainda, as *locuções* formam parte do sistema, ao passo que as parêmias são unidades de fala.

Corpas Pastor (1996), apropriando-se dos critérios instituídos por Arnaud (1991) para determinar o que denominamos refrão, elenca:

a) Lexicalização
b) Autonomia Sintática
c) Autonomia Textual
d) Valor de verdade geral
e) Caráter anônimo

No corpus, constatou-se a presença de apenas um enunciado completo: *Quem comer a carne que roa os ossos*. De acordo com esses critérios, esse enunciado seria um *refrão*, pois é lexicalizado, não precisa de nenhum outro elemento para constituir-se como enunciado, é autônomo, sintaticamente falando; logo, possui também autonomia textual, ou seja, funciona com caráter de texto completo (são mini-textos). Ao ser inserido no contexto, é colocado como finalizador de um discurso, como uma verdade que não pode ser esquecida,

nem contestada e ninguém assume uma paternidade para o enunciado, ou seja, é repetido pelo povo com um valor de verdade, mas não tem um autor conhecido.

De acordo com Corpas Pastor (1996, p. 156), esse *refrão* é considerado complexo, pois é formado por duas orações: uma principal e a outra subordinada adjetiva restritiva: quem comeu a carne/ que roa os ossos.

As verdades gerais expressas pelos *refrães* são evidenciadas também através da sintaxe (Corpas Pastor, 1996, p. 161): frases sem núcleo verbal, orações com verbos no presente do indicativo ou no modo imperativo, como é o caso da parêmia citada acima, na qual o verbo da segunda oração (roa) aparece no imperativo, denotando esse valor de instrução proveniente da sabedoria popular.

Segundo Servilla Muñoz e De la Fuente (2004, p. 195), o *refrão* exerce um valor didático no discurso, além de atuar como advertências, conselhos e normas de conduta. O refrão *Quem comer a carne que roa os ossos* desempenha um valor moral no discurso. Saúna pronuncia o enunciado no diálogo com um amigo de infância que volta depois de 10 anos para visitar o lugarejo. Quando Felício lhe pergunta por que ele não sai da vila como fizeram muitos outros, ele responde:

> Quem vai comendo a carne é que há de roer os ossos./ Já é tarde Felício (SM, p. 240, v. 1139).

Tomando-se como base a classificação proposta por Servilla Muñoz e De la Fuente (1993, p. 196), existem os *refrães* de alcance geral e de alcance reduzido. Os primeiros estão no âmbito da família, sociedade, trabalho, amor, amizade, virtudes e vícios, prazer e morte. Caracterizam-se por seu sentido figurado, podendo ser usados em variadas situações. Os de alcance reduzido estão vinculados a uma época, são eles os refrães meteorológicos, supersticiosos e geográficos. Sendo assim, é possível considerar o único *refrão* encontrado no *corpus*, como de alcance geral; dado que, apesar de ter aparecido em um só contexto no poema regional, poderia aparecer em situações variadas.

Ainda sobre a função de fraseologismos em textos literários, compartilha-se também da contribuição de Alberto Zuluaga (1997, p. 631) quando ele diz que as unidades fraseológicas (as que são analisadas por ele são: locuções proverbiais e enunciados fraseológicos) exercem uma função textual básica que consiste em facilitar e simplificar ao máximo, tanto a formulação da mensagem por parte do autor quanto a recepção por parte do leitor, posto que diz algo mediante uma construção linguística já feita e conhecida da comunidade respectiva. Nos diálogos ou comentários do narrador em que aparecem essas

unidades no texto analisado, percebe-se essa aproximação entre o discurso literário e a realidade da comunidade de fala que aparece nitidamente representada em *Sangue-mau*. As funções desses enunciados no texto de Arthur de Salles serão abordadas na próxima subseção.

5.6 ASPECTOS PRAGMÁTICOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

As Unidades fraseológicas proporcionam coesão e coerência ao texto. Corpas Pastor (1996, p. 219) diz que "las locuciones funcionan generalmente como elementos anafóricos referidos a acontecimientos, situaciones o comentarios hechos previamente"[66]. Algumas vezes certas unidades têm projeção catafórica (aparece antes, para referir-se a algo que ainda vai ser falado). Ratifica-se o funcionamento anafórico das locuções no seguinte trecho:

> Quem não conhece o mal dos maus olhos? A inveja,
> cobra que ninguém vê, nossos passos rasteja
> e os enche da peçonha invisível do atraso.
> Muita gente não crê, sorri, *faz pouco caso*.
> No entanto, existe tudo isso.
> Uhm! Não crer no feitiço…
> Não crer no mal que chega e no bem que nos foge... (SM, p. 118, v. 120-128)

As parêmias, entretanto, "suelen emplearse como comentarios ritualizados acerca de una situación o manifestación previa"[67] e, como as locuções, geralmente, têm caráter anafórico. Corpas Pastor (1996) sinaliza que as parêmias aparecem com caráter catafórico, quando elas vêm em títulos de artigos de jornais, por exemplo.

Além do posicionamento dessas unidades, outro recurso discursivo sinalizado por Corpas Pastor (1996) são as modificações. Geralmente, ocorrem em textos jornalísticos ou em alguns textos literários com o objetivo de causar um efeito de estilo mais contundente para o que se está querendo transmitir (recurso expressivo). Esse recurso é denominado "desautomatização" por Alberto Zuluaga (1997), são procedimentos criativos que liberam a linguagem de seus automatismos. Segundo o linguista, esses procedimentos se aplicam não só

[66] Traduzindo: as locuções funcionam geralmente como elementos anafóricos referidos a acontecimentos, situações ou comentários feitos previamente.
[67] Traduzindo: costuma-se empregá-las como comentários ritualizados acerca de uma situação ou manifestação prévia.

aos *refrães*, como também às combinações fraseológicas. Dentre as unidades fraseológicas analisadas, entretanto, não se percebeu o recurso da "desautomatização", mas sim, algumas variações, como no caso do refrão introduzido no diálogo entre Saúna (protagonista de *Sangue-mau*) e seu amigo de infância Felício. Nesse diálogo, o poeta usa o verbo no gerúndio, dando uma ideia de duração da ação: "Quem vai comendo a carne é que há de roer os ossos./ Já é tarde Felício."

Esse enunciado fraseológico desempenha duas funções no texto: a função icônica (função inerente), na qual o leitor consegue visualizar uma imagem figurada, através da inserção do enunciado fraseológico. No caso do *refrão* analisado, vê-se a imagem daquele que se aproveitou dos bons frutos do lugarejo, mas, em consequência disso, é marcado pelas "unhas do mar" como afirma o próprio personagem. A segunda função é a argumentativa. Saúna pronuncia esse refrão no final de um diálogo com Felício em que este está tentando convencê-lo a deixar o lugarejo como fizeram muitos outros habitantes do local, ao que Saúna retruca com o *refrão*, trazendo ao leitor o seu sentimento de gratidão ao lugarejo onde viveu toda sua vida, e ainda que as "unhas do mar, do sol e do vento" o tenham "lapeado", "ferido", fornece-lhe a "carne" de todos os dias.

Outro exemplo de variação ocorre na locução *aos trancos e aos sacões*, na qual o poeta efetua uma substituição (um tipo de modificação interna), utilizando-se de um sinônimo. Os dicionários de Vieira (1871-1874), de Moraes (1922) e de Figueredo (1973 [1923]) não registram a locução, mas sim as lexias separadamente, sendo consideradas sinônimas em alguns dos registros lexicográficos. O Dicionário de Houaiss (HOUAISS et.al., 2001), por sua vez, registra a locução *aos trancos e barrancos* cujo significado é 'com grande dificuldade'; registra também a locução *aos sacões* que quer dizer 'aos impulsos, sem tranquilidade' e também remete a lexia *sacão* como sinônimo de *tranco*. Percebe-se que o poeta faz um jogo com essas palavras, e modifica a locução dando ênfase ao estado em que se encontra a canoa, cambaleando muito, por causa do balanço do mar:

> Alçada sobre o monte
> Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte,
> Velha, trissecular, branca de longe, a igreja,
> Voz do céu, abençoa
> E guia aos que se vão, quando a noite negreja,
> *Aos trancos e aos sacões* numa frágil canoa... (SM, p. 110, v. 55-60)

Esse recurso, entretanto, não é muito utilizado por Arthur de Salles, quando introduz as *unidades fraseológicas*, geralmente as usa sem nenhuma modificação e, no que se

refere às *colocações* não se pode falar de alteração, dado que são expressões que, em sua maioria, foram inauguradas no discurso do autor.

A forma canônica das *unidades fraseológicas* será aquela que aparece no texto do poeta, salvo as modificações realizadas por ele, mas que se pode comprovar através dos dicionários utilizados para auxiliar a análise. Como é o caso da locução *aos trancos e aos sacões*.

5.6.1 Quem pronuncia as Unidades Fraseológicas nos textos

Todas as *unidades fraseológicas* analisadas são inseridas nos textos do escritor sem nenhum elemento gráfico que chame atenção para sua inserção. O protagonista de *Sangue-mau* pronuncia o único refrão atestado no *corpus*. Sabe-se que, a cultura de pronunciar refrães atualmente está restrita a determinados estratos da sociedade. Destaque-se que em uma das obras da literatura universal que utiliza um grande número de *parêmias*, considerado por alguns autores como refraneiro, o *Don Quijote de la Mancha*, elas são quase sempre introduzidas na fala de Sancho, caracterizando, assim o personagem e distinguindo-o de seu amo, Don Quixote. O romance *Sangue-mau* é, como já se afirmou, uma estória ambientada num vilarejo de pescadores, e como assegura o próprio poeta em carta ao amigo é "tudo entre pescadores". Sendo assim, as unidades fraseológicas estão presentes no enunciado de grande parte dos personagens, tanto os mais velhos, quanto os mais jovens, e ainda, são inseridos nos comentários do narrador como no trecho abaixo:

> Felício, *correndo com os olhos* o trecho do lugarejo (SM, 590)

> É uma velhinha santa, esquecida de mágoas,
> rezando o terço e adormecendo junto às águas,
> mas inda assim tão boa... (SM, p. 239, v.1126-1128)

O narrador utiliza a locução verbal *correndo com os olhos* para informar ao leitor que Felício, enquanto conversa com Saúna, olha rapidamente a paisagem que o rodeia.

Em voz alta, no diálogo direto, evidenciando a linguagem e a forma de pensar daquele povoado, o pescador octogenário, Caeira, tem seu discurso sempre ornamentando com *unidades fraseológicas* e lexias que soam a cultura do local, como elementos supersticiosos. Sáuna o ouve com muita atenção, conforme comenta o narrador do romance:

"Saúna, mudo, bebendo avaramente as suas palavras", destacando-se, dessa maneira, o quanto eram ouvidas as palavras do velho pescador. Apesar da diferença de idade, o jovem pescador, Saúna, denominado pelo narrador de "belo rapagão", é também um dos principais porta-vozes de fraseologismos como: *à toa na vida*, *tremer como vara curta*, *Quem vai comendo a carne é que há de roer os ossos* etc.

Ao comentar o uso de provérbios por Saramago, Postigo Aldeamil (2001, p. 292) salienta a questão das denominadas leis do discurso, ou seja, os princípios de adequação à situação, de reiteração e de conhecimento por parte da comunidade linguística a quem o escritor se dirige. Observando-se a inserção das *unidades fraseológicas* no texto do poeta Arthur de Salles, pode-se afirmar que o seu discurso cumpre referidas leis, pois as expressões usadas por ele estão em comunhão com a época, as atividades produtivas e com o cotidiano do local onde o poeta ambienta suas estórias.

Saliente-se que algumas unidades fraseológicas do *corpus* não cabem em nenhuma das classificações propostas por Corpas Pastor (1996). Os processos de lexicalização e coocorrência dessas unidades não podem ser analisados, pois aparece apenas uma vez na obra do poeta, mas que, dentro de determinado contexto, a união dos termos assume um só significado. São expressões como: *agulha de rede*, *andar de rasto*, *andar no escuro*. Não se pode afirmar que são lexicalizadas, nem mesmo pelo uso, pois se trata de um texto que fala de uma região que já não existe.

Pelos questionamentos fomentados, percebe-se que não se teve pretensões de definir classificações estanques para as *unidades fraseológicas* aqui analisadas, mas sim, de partilhar algumas possibilidades classificatórias, levando em conta, os diferentes estudos feitos nessa área.

6 O VOCABULÁRIO DE ARTHR DE SALLES: UMA REPRESENTAÇÃO

A NOVA FELIZ loc. adj. Novidade boa que nos deixa em estado de graça. “Logo *nova a feliz* de que sou sua mãe" (PO, 46/L. 77, p. 67)

À SOCAPA loc. adv. Falar de alguém às escondidas.“...mulher que a rapaziada, *à socapa*, chama de Sofia Fantasma.” (SM, p. 246, v. 1193)

À TOA loc. adv. Navegar a esmo. “lá se vai a alongada e banzeira canoa/A mão sem tino deixa-a ir *à toa*.” (SM, p. 179, v. 680)

ABA s. f. Rebordo de chapéu. “Chico Souza,... a cabeça metida num chapeirão de palha, de *abas* molengas.” (SM, p. 150, v. 410)

ABADIA s. f. Mosteiro de religiosos ou religiosas governado por abade ou abadessa. 2. Mosteiro, convento. “Levo o passo, hora morta, através da sombria/ Soledade feral desta antiga *abadia*” (SUMB, V. 2, fº 1)

ABANO s. m. Objeto em forma de leque. “... atravancada de mercadoria das quitandas - do carvão em cestos de tostão, aos *abanos* e aos cestos de ouricuri pendurados na porta suja” (ITR, L. 8).

ABARROTAR v. t.d. Encher em demasia. “Ora aqui, ora ali: hoje, em Itapajipe atupido de mangas e de abacaxis, amanhã em Santo Amaro *abarrotado* de cocos, ...” (PAM, L. 76)

ABATIDO adj. Deprimido; desfigurado. “Senta-se, *abatido*, exausto, resfolegando ansiosamente, com os olhos cheios de água.” (SM, p.190, v. 759)

ABENÇOAR v. int. Dar ou lançar a bênção a. “Alçada sobre o monte/Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte,/Velha, trissecular, branca de longe, a igreja,/Voz do céu, *abençoa*/E guia aos que se vão, quando a noite negreja,/Aos trancos e aos sacões numa frágil canoa...” (SM, p. 110, v. 55)

ABICAR v. int. Encalhar, propositadamente, uma embarcação na praia, quer de proa, quer de popa; aportar. “A canoa *abica*.” (SM, 214, v. 955) “Às vezes, apressado da compra, cortava insomne as águas da enseada, e surgia em Mar Grande para as mangas ou *abicava* em Saubara para as melancias”(JOC, L. 81).

ABISMAR v. reflx. Lançar-se, precipitar-se no abismo. “(...) A náo perdida entre as <vagas> [↑ondas] vagueia / (...) / Vagueia e pula e estala e rodopia e range / E **se** *abysma*, de vez, no turbido regaço...” (HSV, V. 65).

ABISMO s.m. Mar profundo; pélago; pego. “Has de sempre vibrar quando na ancia do vago / A alma se debruçar nos teus glaucos *abysmos*” (HSV, V.2); (AMC, V. 81; Sm, V. 3, 13, 26).

ABRIGO s.f. Moradia ou habitação permanente.“No entanto, a vida pulula e cresce,/No desabrigo daquele *abrigo*” (SM,p. 109, v. 44)

ABROLHOSs. m. pl. Vários baixios, sirtes e restingas no mar do Brasil. Fig. Pungimento, incitamento, flagício, remorso, dor lenta. “ah! quanta mágoa, quantos *abrolhos*”. (MES, V. 25).

ABROQUELADO adj. Protegido com broquel (escudo), resguardado, defendido (ou defeso). “Por um profundo sentimento de humanidade, lamentava áquelles homens *abroquelados* no seo fanatismo, eivados da torpeza do crime, enrijados na couraça bronzea de uma coragem indomavel.” (DOHLR L.94)

ABUSÃO s.f. Crendice, superstição, abuso. “*Abusão* que apavora a pobre meninice, / Mentira torva e má da crendeira velhice?!” (OB, V. 66).

AÇAIMAR v. t.d. fig. Reprimir, refrear, silenciar: “Pastor: a nave é a ovelha e o alto recife é o globo / Mas essa luz que sai do seu acesso globo / Doma e *açaima* recife aos seus pés rebusnando.” (FA, v.11, 112)

ACALENTO s.m. Ato ou efeito de acalentar. Cantiga para adormecer as crianças. 2. Conchego, afago, carinho. “A meninada chorava pedindo pão, em volta da pobre mãe que os amimava quase sorrindo, e em volta do pai, mudo, brutalizado pela impotência, com um olhar pasmado de quem recorda, ia e vinha, depois do ligeiro *acalento*, de novo a choramingar, amarela, empapuçada”(ASS, L. 27).

ACERBO adj. Azedo, amargo. “Ainda vibra, ferido, o rir *acerbo*.” (VC, V. 13, 169)

ACHAMBOADO adj. Grosseiro, rude, tosco. " (...) este mar que as paginas evocadoras do Pindorama nol-o fez recordar, deserto, solitario, cortado apenas pela piroga *achamboada* do caboclo, reflectindo o vulto aprumado e negro das montanhas (...) " (DOHXM, L.112)

ACINTOSO adj. Que age premeditadamente com o fim de desgostar alguém. “E a risada *acintosa* da caveira!?” (RC, v. 14, 160)

ACISMADOR adj. Que leva à divagação. “Em frente e nos lados o mar escampa e a ondulação dos monte*s acismadores*, envoltos nas beatitudes christãs do luar”. (doc. 067:0344, f. 2, L. 17). [Neol.]

ACOIMAR v. int.(de coima) Acusar, taxar, dar classificação desonrosa ou depreciativa: “Que o *acoimem* de prolixo os que na obra de arte buscam o leve, o gracil, a filigrama, o perfumado, o fugitivo, o inconsistente, os sonetilhos (...)” (DRDM, L.432)

ACOMPANHAMENTO s.m. 1. Corrida de barcos.2. Cortejo de barcos em procissão, transportando o santo padroeiro. “Não havia um *acompanhamento* para que Flor do Mar não fosse convidado e isto era bastante para que o rapazio se esquentasse e voassem todos ao mar na certeza da victoria daquelle pedaço de pau que Deus tinha abençoado como diziam na sua linguagem pittoresca...” (FLM, L. 21). [Neol.] Ex. 2 “Ali... examina as canoas, a ‘Ligeira’... e a ‘Conceição’... invencível nas justas marítimas dos *acompanhamentos*...” (SM,p. 123, v. 180).

AÇOUTAR v. t. d. us. met. Golpes contra a embarcação dados pela tempestade. “Meu coração foi sempre uma canoa presa/à praia deste amor. Os temporais vieram/e a *açoutaram* sem pena.” (SM, p. 229, v. 1044; p. 253, v. 1240)

ACRYSOLADO adj. Purificado, Intenso. "A invulnerabilidade de seo caracter, a immaleabilidade de seo dever amaciadas pela doçura e pela bondade, avigoradas pela seiva de sentimentos grandiosos faziam-no um exemplo vivo e bello de *acrysoladas* virtudes." (DOHLR, L.123)

AÇUCENA s.f. bot. Planta bulbosa liliácea, cultivada nos jardins e apreciada pelo aroma e beleza das flores. “Mimoso como a pudica *açucena* / Era o rosto, a derramar candura.” (CE, V. 5, 56)

ACUDIR v. int. Socorrer de alguma coisa ou de alguém. Vir ao chamamento de alguém. "*Acudimos* todos atropeladamente. Com efeito: estava estendido, bem aqui assim, ao comprido, bem em cima da porta, com as folhas esturricadas..." (PR, L.57, p.46).

ÁDITO s. m. Câmara secreta nos templos antigos. 2. Entrada, acesso, aproximação. Porta, portal. “Quanta vez no *ádito* dessa ermida eu tenho evocado as reminiscências...” (PAS, L. 25).

ADORMENTADO adj. Dormente, entorpecido. “A estrada, como uma faixa fulva, estirava-se, em zigue-zagues, erma e *adormentada*” (ASS, L. 9)

ADORMENTADOR adj. e s. m. O que adormenta. O que causa dormência. 2. Sedante, sedativo, calmante, soporífero. “Amo-os assim, na hora de fogo, *adormentadora,* e na hora da tarde expirante”. (MUL, L. 27)

ADRIÇA s. f. Cabo utilizado para içar velas. "A um velame que desce a ranger nas *adriças*, / Ou que sobe entesando e retesando as cordas” (CB, V.14, p.108).

ADURENTE adj. Que queima. “E o lamarão rebrilha/do sol sob a *adurente* e fulva maravilha.” (SM, p. 251, v. 1210)

ADUSTO adj. Queimado, abrasado, tostado, ressequido, encalmado, abraseado, torrado, exposto ao sol, É bastante usado na linguagem poética. “(...) sombreados de plumosos bambus tremulantes e de anosos, austeros, jequitibás *adustos*”. (PAS, L. 11).

AFARÇALADO adj. Com traços de comicidade. “... enquanto os que vendem, liquidam esta desgraçada terra sonham <toda> com os encantos de uma expatriação um punhado de homens ou a maior parte da gente brasileira arrasta-se misera e perdida sem luz, sem ar, sem razão, assistindo o dramalhão *afarçalado* de um grupo de Barchochebas”. (doc 070:0390, f. 2, L. 19). [Neol.]

AGASTADO adj. Irritado, irado. “... descaso pelas outras praianas que replicavam *agastadas*.” (SM, p. 159, l. 33)

AGNUS DEI lat. ´Cordeiro de Deus´. Loc. s. lit. Oração recitada ou cantada na missa, e que antecede a comunhão. "Vem soando alto e grave o canto lamentoso do *Agnus Dei*." (PO, 33/L.28, p.62)

AGONIA s. f. angústia; aflição. “Órgão que ninguém vê, rezando a salmodia/Sobre aquela *agonia*.” (SM, p. 111, v. 90)

AGOURENTO adj. Presságio, pressentimento, previsão. "desde essa noute o ramo esturricado e negro / Começou a crescer, bracejando *agourento* / dentro do coração, dentro do pensamento." (PO, 64/L. 125, p. 72)

AGOURO s. m. Mau presságio: “Eu sou como um *agouro*.” (SM, p. 232, v. 1090)

AGRO s.m. (do lat. *ager*) Campo; terra cultivada ou cultivável; terra frutífera. "Campo que não dá joio, *agro* fecundo – a Vida..." (VD, V.1)

ÁGUA DO LARGO s. f. O mar, fora das vistas da terra. "A *água do largo* começava a dourar-se, enquanto que nos recanto da praia era ainda um lusco-fusco...". (SM, 307, l. 5)

AGUACEIRO s. m. Chuva repentina e de pouca duração. "O mar foi-se encrespando. Um *aguaceiro* formou-se/por cima de Maré e depois desmanchou-se." (SM,p. 154, v. 440)

AGUARDENTE s. f. Bebida alcoólica, extraída da cana-de-açúcar, do vinho, da cidra, do trigo, da batata, etc.; Cachaça: *"*Reunidos em conversa variada, animada pelos copázios de vinho e *aguardente*, estão João Mareta, André, Chico Souza, João Tuna, pescadores e barqueiros moços, o velho Anteroe Zé Ventura. Entra Saúna pranzenteiro e rizonho." (SM, p. 149, 157)/ *"*O taverneiro foi à frasqueira, bebeu um forte gole de *aguardente*, cuspinhou e sumiu-se."(JOC, L. 54)

AGÜENTAR A MÃO NO LEME loc. verb. Ter mão no leme, de modo que ele não desande para o bordo contrário: "*Agüente a mão no leme* e que venha a refrega." (SM, p. 159, v. 483)

AGUILHADA s.f. Vara comprida com ferrão na ponta, usada para tanger os bois. "Os carreiros, sentados ao lado, a *aguilhada* desprezada, iam, no rodar moroso, desfiando cantigas, *(...)*" (PR, L. 18, p. 44)./ *"*Dentro, a um canto da estreita saleta, os utensílios de lavoura, a *aguilhada*, a corda de laçar enroscada como uma serpente adormecida*"*. (ASS. L. 6).

AGULHA DE MAREAR col. Bússola. Uso met. Indicador de sentimentos. "Somos como um navio. O coração no peito/é *agulha de marear*." (SM,p. 133, v. 235)

AGULHA DE REDE col. Peça de madeira ou metal usada na confecção de redes. "Abre a gaveta e procura, entre os bolos de fio, as *agulhas de rede*, as bitolas..." (SM, p. 166, v. 502)

AGULHANTE adj. Anguloso, pontudo: " (...) e lá, no topo *agulhante* dos mastros, a flamula de guerra(...) " (DRDM, L.36) [Neol.]

AHASVERUS s.m. Um dos nomes populares do judeu errante[68]: "(...) É que girando em vórtices/De mudos desesperos,/Muito trilhado *Ahasverus* /De ignota maldição, /Acha em teu verso o páramo /Onde a palmeira acena(...)" (O, V.27)

ALABASTRINO adj. Da cor do alabastro. Muito branco, translúcido, semelhante ao mármore: "Branca Visão das noites lactescentes / Luminosa, diáfana, divina / Bendita a tua luz *alabastrina*" (LU, V.3, 76)

ÁLACRE adj. Alegre, jovial, animado, entusiasmado: "E adeus àquela graça e àquele encanto / Festivo e *álacre* das manhãs sonoras!..." (SO, V.14, 93)

[68] Personagem lendário, condenado à imortalidade e ao movimento contínuo, não possuindo nunca mais de cinco soldos, mas encontrando sempre esta diminuta soma na sua algibeira. Desta lenda, que parece originária de Constantinopla (fins do séculoIV), existem duas versões principais: a do Oriente, que faz do Judeu Errante o porteiro de Poncius Pilatos, e a do Ocidente, que diz ter sido ele o sapateiro que personificou os destinos do povo judeu desde o cristianismo, inspirando, além da famosa lamentação de Isaac Laquedem, os alemães Goethe, Shubert e Musaeus, entre outros.

ALACRIDADE s. f. Alegria, expansão festiva, jovialidade, gracejo de bom humor. "(...) e os panoramas das manhãs primaverais, plenificadas de alacridades gárrulas de pássaros.(PAS, L. 32)

ALBATROZ s.m. Ave grande dos mares, conhecida também por carneiro-de-cabo, em conseqüência de seu tamanho e da cor das pernas, em que predomina o branco. designação comum às aves procelariformes do gênero Diomedea. "Em que asas de *albatroz* dando-lhe, o pensamento / Deixo, por entre a voz rude e rouca do vento / Partir mares afora." (AMC, V. 2); 2.Que o mar lhe há de trazer, e as rudes penedias / Novos tronos serão do *albatroz* soberano." (IE, V.11, 136)

ALBENTE adj. Que branqueja; que alveja. 2. Alvejante. "Sinos no campanário *albente* das ermidas!..."(Paz, V. 44) / "A castidade branca e peregrina / Da tua luz de liriais *albentes* / De Narcisos noivais e florescentes." (LU, V.6, 76)

ALCANTIL s.m.lugar alto e despenhado, monte muito íngreme e com escabrosidades. "De onde rebenta e flui essa larga harmonia? / De aprumado *alcantil* aspérrimo e tristonho / Ou de remota praia enluarada e fria? " (AMd'A , V.7, p. 123).

ALÇAR v. t. Altear: "*Alçada* sobre o monte../Velha, trissecular, branca de longe, a igreja..." (SM, p. 110, v. 55)

ALFOMBROSO adj. de alfombrado, lugar coberto de alfombra; campo arrelvado."Despovoaram-se os prados *alfombrosos*, ridentes de eterna primavera por onde os pastores deixavam pascer o rebanho"(DOHXM, L.11)

ALHEADO adj. Absorto. Desatento. "GAMBOA *(alheado)*" / "Pereira, *alheiado*, a meia voz." (PO, 51/L.49, p. 68).

ALIGERO adj. (do lat.*ale+gerere***)** que tem asas." A tua voz ainda tem a suavidade sonora das fontes crystalinas, os brandos murmurejos dos regatos serpenteando atravez ás folhagens viçosas e verdes, os ruidos queixosos dos rios, a doçura ineffavel das pombas e os festivos accordes dos canarios *aligeros***.**" (FL, L.34)2.Rápido, veloz, ligeiro. "O sono passa e após – *alígeras* escoltas - / Os sonhos vão rastreando as solidões caladas..." (NO, V.5, 140)

ALJOFRADO adj. salpicado com gotas; orvalho."Ferindo a água, que férvida marulha / E ressoa no esteiro que borbulha /*Aljofrado*... " (ANMM, V.9, p. 117).

ALLEIAR v. trans. var. de Aleár. Bater as azas para voar. "Creio que [↑não] porque mares peiores por ahi vemos a *alleiarem* as suas vagas tragadoras e abrirem os seus pegos profundissimos."(doc. 066:0313, f. 1, L. 19) [Regionalismo]

ALMIRANTE s. m. Oficial superior da armada: "Que espera? Um *almirante*?... algum conde ou barão?" (SM, p. 124, v. 188)

ALMOÇO s. m. A primeira das duas refeições substanciais do dia: "Um jenipapo, vá, para a goela da gente./E o *almoço*." (SM, p. 247, v. 1195)

ALTANEIRO adj. Que se eleva muito. Soberbo, altivo: "É o cérebro humano uma cidade.../ Síntese de metrópole *altaneira*, / Movimentada, manufactureira." (LO, V. 2, 158)

ALTAR s. m. mesa onde se celebra a missa: “Os vivazes cordões, como jibóias, cingem/Os velhos nichos e em seus cíngulos constringem/A colunata dos *altares* desluzidos.” (SM, p. 111, v.84)

ALTEIA(R) v.int. var. de Altear. ‘Elevar-se, levantar, avançar’. Ex: “E o dia *alteia*, o sol está senhor do Azul, o vento incita-as para o largo. E as lanchas movem-se, balançam-se impacientes, anciosas, inquietas incitadas pelos appelos sussurrantes do <veto> vento.” (doc. 066:0320, f. 2, L. 12) [Regionalismo]

ALTEIADO adj. var. de Alteado. Tornado mais alto, posto em maior altura. “A Arte é um mare-magnum e no entanto a muitos é “dolce navigare in questo mare” os politicos, ou antes os oradores politicos da nossa terra , nos arroubos estridentes e borrascosos de suas perorações, ao arrancarem dos mares do pensamento as metaphoras e os tropos originaes com que innundam os auditorios assombrados, não esquecem nunca que o povo é como o oceano, ora em bonança ora *alteiado* em tempestade”. (doc. 066:0313, f. 1, L. 26) [Regionalismo]

ALTÍVOLO adj. Que voa alto. “E a alma, liberta da feral tristeza / O azul do verso, *altívola*, subia!...” (SO, V.8, 93)

ALUMIAR v. t. d. Iluminar. “Fazei que volte a esta choupana a paz antiga/que *alumiou* nossa pobreza.” (SM, p. 197, v. 809)

ALVAÇÃO adj. Diz-se da rês branca, sem manchas. Us. met. Sarará: “Por pouco não chamou os barcos, os saveiros/ e os batelões da costa. Aquela deslambida./Furriel Miroró, hein, garrote *alvação*?” (SM, p. 126, v. 217)

ALVARENGA s.f. Embarcação utilizada para carga e descarga de navios. “... estivador conhecido pela força, vigia das *alvarengas*, depois negociante clandestino de carvão de pedra...”(ITR, L. 19)

ALVINITENTE adj. De alvura imaculada: “Laura tristonha e cheia de pesares / Vagueia pela praia *alvinitente*...” (VS, V.4, 80)

AMARO adj. Amargo: “Dulcente e *amara*, cavernosa e forte, / Vibra na rapsódia húngara, cigana, / (..) / Convulsamente, toa a angústia humana.” (SLT, V.1, 162)

AMARRA s.f. Corda ou corrente grossa para prender o navio à âncora ou a um ponto fixo. “E o leme, mal seguro, e as âncoras, sem garras, / Presas a uns restos vãos de estraçoadas *amarras*...” (N, V. 8).

AMARRADILHO s.m. Fio ou linha com que se amarram as voltas de um cabo colhido; qualquer peça de lona enrolada, etc. “Saúna... desce à praia com um punhado de *amarradilhos*, olhando para a direita e a esquerda.” (SM, p. 207, v. 918)

AMARRAR NO MAR loc. verb. Andar devagar, ronceiro. “*Amarrava no mar* como um carro na lama.” (SM, p. 151, v. 417)

AMASIA s.f. Amante. “Ali morava a *amasia* Filiberta, também da ilha, ...” (ITR, L. 12)

AMAVIO s.m. beberagem que, na crença dos antigos, produzia amor. “Cada um dos beijos dos teus tem *amavio*, / O travo amargo de uma dor secreta, / E os meus lábios sedentos de poeta / Bebem sorrindo este veneno frio.” (AF, V.5, 69)

AMOLLENTADAMENTE adv. De modo vagaroso. “E é de novo a vida dos dias fugidios, das horas ôcas, das noutes scismativas. O rio, o Signus, que lá embaixo se arrasta *amollentadamente*, dá-me impressões de um passado luminoso e bello”. (doc. 063: 0265, f. 1, L. 13). [Neol.]

ANACORETA s.m. (do gr. *anachorêtes*, pelo lat. *anachoreta*) Religioso ou penitente que vive na solidão; aquele que vive insulado de relações sociais; eremita. "Não é uma renuncia á vida como a dos monges, a dos *anachoretas* enlapados nas covas dos montes, dilatando a alma pelo aniquillamento da carne (...) " (DRDM, L.26)

ANACREONTE n. p. poeta lírico grego. Suas obras, de que só restam fragmentos, celebram o amor, a boa mesa, os prazeres da vida, e inspiram a poesia denominada anacreôntica, da Renascença. “Lá o quio espumante brilhando nas taças e ânforas sorrindo nos versos de *Anacreonte*.” (RFO3, L. 22, p. 78)

ÂNCORA s.f. Peça de ferro que se liga à amarra e se destina a, agarrada no fundo, agüentar o navio. “A uma *âncora* que salta, a um remo que ressoa / Abrindo ao lume d’água estrelas movediças” (OCB, V. 12); (N, V. 7).

ANDAR À TOA NA VIDA loc. verb. Não encontrar razão para viver. “Não dorme. É só chorando. A costura esquecida/lá está dentro da cesta. *Anda à toa na vida*.” (SM, p. 121, v. 162; p. 136, v. 285)

ANDAR AO ATÁ loc. verb. Caminhar sem direção. “...Eu *andando ao atá*/por causa desta peste...” (SM, p. 219, v. 993)

ANDAR AQUI E ALI DE ESTEIRA E POTE loc. verb. Entregar-se a mulher a qualquer homem. “Deixa-te estar, meu grande safardana,/ Furriel Miroró, hein, descarado,/foi tua mãe a tal de Fabiana,/que *andava* aqui e ali *de esteira e pote*.. [...] E tua mãe?... Aí pra toda a gente, / Por pouco não chamou os barcos, os saveiros / e os batelões da costa. Aquela deslambida”. (SM, p. 125, 61, v. 207) [Regionalismo]

ANDAR DE BOCA EM BOCA loc. verb. Ser motivo de comentários. “Quero ouvir, se viver, feliz e prazenteiro,/teu nome andar de boca em boca no costeiro.” (SM, p. 187, v. 719)

ANDAR DE RASTO loc. verb. Estar, achar-se na miséria. “Caieira, Zé Ventura *anda* mesmo *de rasto*.” (SM, p. 115, v. 93; p. 241, v. 1149)

ANDAR NO ESCURO loc. verb. Ficar sem rumo na vida. “*Andar no escuro*, andar sem rumo como cego/babatando na vida!... Andar surdo, andar mudo.” (SM, p. 206, v. 916)

ANDAR POR OUTRO CANTO loc. verb. Tomar outra direção. “Saúna há muito tempo *anda por outro canto*.” (SM, p. 160, v. 490)

ANDAR RONDANDO A PORTA DO FUNDO loc. verb. Aproximar-se de alguém com objetivos exclusos. “...eu creio que Saúna *anda rondando a porta*,/a *do fundo*, por certo, a qualquer hora morta.” (SM, p. 160, v. 485)

ANDEJO adj. Que anda muito. “Teresa... traída pelo tremor... das mãos *andejas* sobre a cabeça do pescador.” (SM, p. 195, v. 801)

ANDRAJO s.m. Farrapo; trapo. “Chega a miséria, espia e ronda/e se assenta na soleira do pobre./E de *andrajos* o cobre./Empurra-o para sempre à vida desgraçada,/reduzido no mundo a pó, a cinza, a nada.” (SM, p. 120, v. 144)

ANEDOTA s.f. relatos sucintos de fatos jocosos ou curiosos, usual nas rodas de palra, à noite, reunindo familiares e/ou conhecidos, na região ribeirinha ou sertaneja do nordeste do Brasil. “..., rolavam, desfilados pelo velho pescador *anedotas*, histórias, casos tristíssimos da epidemia, narrações de naufrágios notáveis no costeiro, lances da Guerra do Madeira e do Paraguai.” (SM, p. 157)

ANIAGEM s. f. Tecido grosseiro de linho cru ou de juta, para encapar fardos. “Zé Ventura... com uma camisa de *aniagem* de mangas curtas e um cacete de jenipapo.” (SM, p. 152, v. 422)

ANTANHO adv. No ano passado; nos tempos idos, outrora. “Os gestos crescentes dos braços magros... surgem entanguidos, frágeis, como fiapos de sua vivacidade e ligeireza de *antanho*.” (p. 187, v. 720)/ “(...) Alma, o rio bendito / Flava Jordão de *antanho*; escarrado barranco, / Verde infecto aguaçal, infecundo, maldito...” (SG, V.10, 145)

ANTEGOZO s. m. Gozar antecipadamente. “...ele canta para o enlevo dos dous namorados, olhos nos olhos um do outro... num *antegozo* de ventura...”(SM,p. 170, v. 574)

ANTE-MANHÃ adv. Pouco antes do amanhecer. “*Ante-manhã,* Militão fez a segunda corrida” (SM, l. 159, p. 167)

ANZOL s. m. Pequeno gancho, terminado em farpa, para pescar. “Nós é que não sentimos,/bem dentro de nós mesmos, os *anzóis* encravados.” (SM, p. 143, v. 370)

AO LÉU loc. nom. Ao acaso. “Do povo errante... a estranha caravana / Longes plagas buscando *ao léu* da sorte!” (SLT, V.8, 162)

AOS TRANCOS E AOS SACÕES loc. adv. Instável, à mercê do mar. “Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte, / velha, trissecular, branca de longe, a igreja, / Voz do céu, abençoa/ e guia aos que se vão, quando a noite negreja, / *Aos trancos e aos sacões* numa frágil canoa...”(SM, p. 110, 11, v. 60). [Regionalismo]

APANHAR O RASTO E JOGAR NO MAR loc. verb. Cortar a sorte, o destino de alguém, tornando-o, assim, desgraçado. "É, feitiço, feitiço. / Os maus olhos, a inveja. Está no que vem dar. / *Apanharam seu rasto e jogaram no mar*. (SM, p. 193, 378, v. 782). [Regionalismo]

APATACAMENTO s.m. Coisa de pouco valor. “E tudo isto para te dizer que o cesarismo anda tão barato, a preço tão refece, que, a alma, fugindo de tanta barateza, de tanto *apatacamento*, vae buscar essas cousas remotas com que mate o enjôo...”(doc. 067:0340, f. 3, L. 11). [Neol.]

APAULAR v.t. Converter em paul, encharcar; tornar pantanoso, lamacento, lodoso. "Quando o inverno chega *apaulando* os caminhos’ dando ás arvores gestos loucos de desesperadas, enchendo esta paisagem de rumores de tempestade de transbordamentos tonitroantes(...)" (AND, L.3)

APELIDAR v.t. Designar (por apelido); cognominar. “No entanto, esse Mareta/já não me *apelidou* de Furriel Miroró?” (SM, p. 125, v. 202)

APENDOADO adj. Ornado, enfeitado ou guarnecido de pendões. "...já eu tinha o milharal todo *apendoado*..."(RFO1, L. 37).

APOITAR v. int. Fundear com poita. “três canoas ali *apoitadas* na vasa...” (SM, p. 124, v. 187)

APONTAR v. int. Dirigir (a ponta ou a proa da embarcação) para alguma parte, a fim de fazer navegar naquela direção’. “As canoas *apontam* para além da enseada / As longas proas negras. (...)” (ACA, V. 1); (OHM, V.13).

APORTAR v. int. Chegar ao porto; fundear. “Sou a ilheta/sem costa, onde ninguém pode *aportar*.” (SM, p. 230, v.1056)

APOSTROFAR v. tr. ind. e int. Dirigir apóstrofe a; interromper com apóstrofe; 2. Dirigir-se ou referir-se a alguém insultuosamente. “(...) e rugiu, e blasfemou, e *apostrofou*”. (ASS, L. 83).

APOUCADO adj. Enfraquecido. “A onda *apoucada* e manca em fragmentos espelha” (UC, V.3, 147)

APRESTAR v.t.d. Preparar com prontidão. “Tarde de elísia graça. A campanha se *apresta* / Mar verde. Céu azul. Asas brancas ruflando. Eis que parte lesta.”(EM, V.9, 131)

APRESTO s.m. Preparo, apronto, aprestamento. “... o pescador ia e vinha, no *apresto* para a partida.” (SM, l. 94, p. 162)

APROAR v.t.d. Direcionar a embarcação. “Liberto do canal, Militão *aproou* para a Boca do Rio.” (SM, l. 169, p. 167)

AQUILES n. p. Personagem mitológico; filho de Peleu e da deusa Têtis."*Aquiles* bronco e chão do nativo costeiro, / Tinha o ponto em que o dardo entraria certeiro" (OB, V. 44, p. 72).

ARABESCO s. m. ornatos a imitar folhagens, flores, frutos e fitas entrelaçadas, no estilo árabe. "Grandes manchas de opala, *arabescos* e lhamas, / (...) / Vibram na valva azul que a valva verde espelha. " (OCM, V.6, p. 170).

ARAÇÓIA s. f. saiote de penas usado pelas índias. "A luz envolve o azul numa fulva *araçóia*.” (A, V. 32, p.142).

ARAPUCA s. f. Casa velha e esburacada.“Era a *arapuca* do Anthero como diziam / os rapazes.”(ANT, L. 08 f. 1)

ARDENTIA s.f. Fosforescência do mar, à noite. “(...)É Jovita, é o corpo de Jovita / (...) / Na *ardentia* que esplende e na espuma que dança” (OB, V. 72).É o amor!... É Jovita, é o corpo de Jovita / Que lhe surge no mar (...) / Na *ardentia* que esplende e na espuma que dança" (OB, V.72, p.172).

ARENGADA[69] s.f. Conversa muito longa, cansativa, lengalenga. “Há poucos dias li no Filhote a proposito da questão do Almachio uma pequena *arengada* a teu respeito, sobre a tua pagina.” (doc. 071:0417, f. 1, L. 19)

[69] Houaiss (2001) considera regionalismo do Brasil. Registra esse significado como de uso informal. Figueiredo 1973 (1923) também registra a lexia como brasileirismos.

ARFAR v.intr. / v.t.d. Fazer ondulações; altear e baixar ritmadamente. "A onda vem sussurrosa, *arfa*, chofra, e desmaia / E volta e apaga o canto embutido na praia, / Que inda há pouco traçara aquela estranha pena." (A, V. 78); (CA, V. 23, 49, 102; AMC, V. 7). 2 v. int. Respirar com dificuldidade; ofegar. "O colo *arfa* sacudido de estremeções violentos." (SM, Adv.p. 234, v. 1112)

ARGÊNTEO adj. Prateado. Da cor da prata. "O teu Saara. Em bulcões de *argêntea* poeira envoltas / Sobre núbios corcéis – Valquírias desgrenhadas – / Passam horas em confusas desfiladas / Através da extensão das areias revoltas." (NO, V.1, 140)

ARGENTINO adj. Que tem o aspecto de prata; usa-se principalmente para caracterizar o som ou a voz. 2. Claro, sonoro. "(...) "e o bando festivo das crianças que se vão, caminho da escola, em risadas *argentinas* e correrias ingênuas". (PAS, L. 37)

ARGENTO s.m. Prata. "Mas eis que na canoa azul do firmamento / O sol vai atirando entre espumas de *argento* / Sua rede tecida a fios de ouro e chamas." (MN, V.10, 138)

ARGONAUTA s.m. Mitol. 'Tripulante lendário da nau mitológica *Argo*; navegador'."- *Argonauta* sem glória, ó mísero navarca*!* " (N, V. 40).

ARIEL s.m. (do hebr.) Nome de um anjo que se interpreta como "leão de Deus". Ariel é também o nome do *Espírito do vento* na peça *A Tempestade*[70] de Shakespeare. "(...) *Ariel* de filtros dúlcidos, Quanta carícia morna/A tua mão entorna,/Ó mágico risonho!(...)" (O, V.33.)

ARRAIA s. f. Nome comum a todos os batóides, peixes de esqueleto cartilaginoso, fendas respiratórias na face abdominal do corpo e vastas nadadeiras peitorais. "Lá se foram, aos tombos... onde caruja o maçambê e fervilham as corvinas prateadas, as arraias barulhentas..." (SM, p. 207, v. 918)

ARRAIEIRA s. f. Rede de tucum para pescar arraias. "Lá se foi o calão, lá se foi a *arraieira*..." (SM, p. 185, v. 702; p. 207, v. 918)

ARRAMPADO s. m. Declive. "Pelo chão levemente *arrampado* da riba estendem-se as redes altas, como grandes manchas negras." (SM, Adv.p. 121, v. 157)

ARRENEGAR v. t. d. Renunciar; amaldiçoar. "Cruz; te *arrenego*. Ave Maria." (SM, p. 219, v. 1000)

ARRIBAR v. int. Guinar para sotavento, isto é, desviar a embarcação para onde vai o vento.]: "E vem vento e vem mar: '*Arriba*, João Saúna',/gritou Tito da proa." (SM, p. 154, v. 442)

ARRIMAR v. t. d. Pôr em rima. "Caminheiro bordão, sócio amigo e poeirento / (...) / *Arrimas* o torpor do passo exausto e lento," (A, V. 68, p.142).

ARROIO s.m. Pequeno curso de água, permanente ou não. "Hoje ele é do que foi sombra erradia / *Arroio* de onda flébil, mansa / Sendo outrora a centelha que esplendia / E vaga do alto mar que não se cansa!" (VC, V.2, 169)

ARRULHAR v. int. Fazer ouvir a sua voz o pombo ou a rola: "É manhã. A floresta canta, ruje, gorgeia, trilla, *arrulha*, pipila, assovia, gurincha, trina, crocita, esvoaça, rufla, guaya,

[70] Cf. William SHAKESPEARE, A Tempestade. In. Id. *Comédias*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. Trad. de Carlos Alberto Nunes.

esplendece e tatala{s}, rumoreja e crespuscula." (DRCR, L.58). 2 v. int. Namorar, galantear. “Alli, na baixa, construira a casa onde *arrulharia* a moçoila mais bella do logar.” (GED, L. 06)

ARRULHO s.m. Canto para adormecer crianças. “A alma de cada nota em cada vaga treme: / Cavatina, soluço, anseio, endecha, *arrulho*, / Preamar de harmonia. (...)” (AMD’A, V. 14); (AMC, V. 9).

ARVOREDO s.m. Conjunto de mastros e vergas dum navio. “Depois o lenho tosco e acamboada altera / A forma, alarga o bojo, arremessa nos ares / Os <pincaros> [↑*arvoredos*] triunphaes dos mastros: é galer(a).” (HSV, V. 39).

ÀS CASCAS POR DINHEIRO loc. adv. Ávido por dinheiro. “Ora, ora.../um pancadão daquele *às cascas por dinheiro*. (SM, p. 159, v. 479)

ÁS GUINADAS loc. adv. Ora para um lado, ora para o outro. “As canoas vão e vêm *às guinadas*, presas às varas nas ondas empoladas pelo nordeste.” (SM, p. 131, v. 219)

ASA-MÁ s.f. Indivíduo que tem azar. “O violão pesteado/havia de perder o som e ele, coitado,/ havia de ficar com a cabeça vazia./Não fazia mais trova. Asa-negra! *Asa-má*!...” (SM, p. 219, v. 999)

ASA-NEGRA s. f. Indivíduo que tem azar. “O violão pesteado/havia de perder o som e ele, coitado,/ havia de ficar com a cabeça vazia./Não fazia mais trova. *Asa-negra*! Asa-má!...” (SM, p. 219, v. 999)

ASIMISMO[71]s.m. Mesmice. “Mas cheguei a esta paragem, deixando atraz de mim a mentira truanesca dos homens, a chateza das almas, o *asimismo* triumphante coroado de louros, a beleza dos sentimentos, o ephemero dos affectos inconsistentes...” (doc. 063:0256, f. 2, L. 7). [Neol.]

ASPEITO s.m. Aspecto, aparência: “Porque na mudez do vosso seio / Morrer todo este grande e doudo Anseio / (...) / E vos tornais de aterrador *aspeito* / A toda a prece que sai do peito” (CL, V.12, 72); “Vê que martírio enorme, empolgante, profundo: / Descer serenamente a escarpa da Descrença / Com este riso, e este canto, e este *aspeito* risonho.” (DR, V.12, 150)

ASPERGIR v. t.d. Borrifar; rociar, molhar espalhando o líquido em pequenas gotas ou em forma de chuva com o aspersório ou de outro modo. “E em bênçãos divinais ilumina-os e *asperge-os*” (PAZ, V. 20)

ASSA-PEIXE s. m. Planta da família das *Urticáceas*. “Saúna, apontando de novo o sítio, canteiro bravo de *assa-peixes*, coiranas e bilreiros, com uma matataúba esguia e fina como um coqueiro enfezado.” (SM, p. 237, v. 1112)

ATAR A REDE loc. verb. **[**exp. náut.] Amarrar com laçada ou nós. “*As redes* no telheiro,/precisando de *atar*.” (SM,p.121, v. 166)

ATARANTAR v.t.d. Perturbar, atrapalhar. “No cenário da escola futurista, / (...) / Não sei um passo dar, pois dói-me a vista, / *Atarantada* nesse labirinto...” (LP, V.4, 154)

[71] Provavelmente, empréstimo do espanhol.

ATARRACADO adj. De estatura baixa e cheio de corpo. "Achaparrado. Quarentão, baixo, *atarracado*, a cara redonda, escura, cintada pelo bigode grisalho..." (JOC, L. 2) [Regionalismo]

ATERRADOR adj. Pavoroso, aterrorizante. "E vos tornais de *aterrador* aspeito." (CL, V.12, 72); "Findara do Calvário a *aterradora* cena." (DV, V.1, 150)

ATLÂNTICO s.m.Mar. "(...) Esse olhar que se embalou no idílio, / Nas églogas triunfais do *Atlântico* soberbo," (M, V.18).

ATOBÁ s.m. Ave das costas e mares brasileiros, cor de café, barriga branca, garganta e loro nus, encarnados, que se alimenta de peixes, que captura mergulhando; mergulhão. "Lembrando um *atobá* que rápido caísse, / Como ferido ou morto, e súbito surgisse" (OB, V. 21).

ATOCHAR O CACHIMBOloc. verb. Encher com excesso. "..., *atochado o cachim[bo]* veio-lhe de manso,..." (SM, Adv.l.128, p. 165)

ATORMENTANTE adj. Qualidade daquilo que provoca tormento. "Trago a obsessão *atormentante* da deformidade. Estou herniado". (doc. 065:0301, f. 1, L. 7). [Neol.]

ATRAVANCADO adj. Cheio em demasia. "... e guinou para uma sobreloja, uma baiuca escura, *atravancada* de mercadoria das quitandas..."(SM, Adv.0079 — L. 07)

ATROADA s. f. Estrondo. "... lá fora o infinito de águas, em cuja vastidão solitária, a *atroada* das ondas grossas, flageladas dos ventos, sob o céu, retraídas, ..." (SM, Adv.0079 — L. 88).

ATROAR v. intr. estrondear, anunciar com o som retirado do busio: "...e o busio atroando foi chamando a gente para a compra do pescado." (SM, l. 163, p. 167)

ATUPIDO, adj. Entupido; cheio. *"Ora, aqui, ora ali: hoje, em Itapajip, atupido de mangas e de abacaxis, ..."* (SM,0087 — L. 75)

AURA s.f. Vento brando e aprazível. "E *aura* tremula e fria as plumas emballando / Aos recurvos bambús e aos coqueiros erectos. " (PDL, V. 7); (PDL, V. 4). 2 s. f brisa, aragem, sopro: "Vamos! Ergue-te a rir do teu divã, formosa! / Solta às *auras* da noite as desnastradas comas!" (SA, V.2, 84)

ÁUREO, adj. De grande esplendor. "Hoje a morte levou para transfigura-lo / No Tabor da Epopéa, e para transportá-lo / Às *áureas* catedrais olímpicas da Glória!" (FR, V.14, 86); "Salve três vezes, Deus de *áureos* pagodes" (SL, V.9, 61)

AVE MARIA loc. nom. Tentativa de expulsar a maldição de outra pessoa para que não seja atingido por ela também. "Cruz; te arrenego. *Ave Maria*." (SM, Adv.p. 219, v. 1000)

AVEJÃO s.m. aparição, fantasma. "De légua e meia ou de légua de estrada / Batida de *avejões* rubros e pretos." (UL, V.4, 164)

AZARs. m. Má sorte, caiporismo."E a doença me roendo e o *azar* me acompanhando." (SM, p. 242, v. 1158)

AZIAGIO adj. Infausto, infeliz: "Ah! Que maldito, que *aziago* dia / O de hoje! ver-te nunca mais quisera" (RO, V.7, 95)

AZINHAVRADO adj.Coberto de azinhavre (hidrocarbonato venenoso que se forma na superfície do cobre ou latão quando exposto ao ar e à humidade). "Aqui foi que o seu nome nunca rolou, como moeda *azinhavrada*, sobre o balcão, na taberna das ambições, dos interesses de momento (...) "(DRDM, L.130)

AZOINANTE adj. cheio de zumbidos. "Tramas de ouro do sol, quasi apagada fragoa,/ Veste a lagoa. Um mundo *azoinante* de insectos/ Zune e zumbe, cruzando-a. Os canniços inquietos/ Vão e vêm, alongando esguias sombras na água". (DRU, A lagôa, v. 2). [Neol.]

AZUL[72] s.m. Firmamento. "E o dia alteia, o sol está senhor do *azul*, o vento incita-as para o largo..." (doc. 066:0320/16.10.1916, L 12, f. 2). [Neol.]

AZULAR[73] v.int. Fazer crítica destrutiva. "Acabei, hontem, um soneto para o Mar; podia mandal-o, porem, vou acabar outro fóra do assumpto e então enviarei. Então o Kilkerry *azulou* com os pobresinhos? E tú andaste a fazer cousas e cousas com o poeta sergipano? Bom proveito te façam essas apresentações do poeta do Mar que não as merecem." (doc. 071:0425, f. 2, L. 15). [Neol.]

AZULESCÊNCIA s. f. Ponto de encontro entre o azul do céu com o azul do mar. "E sobre o azul do mar... o azul do céu como que vai também baixando, para fundir-se nas ondas, numa só *azulescência* sussurosa e lucilante." (SM, p. 115, v. 92)

BABATAR v. int. Buscar orientar-se, tateando. "Andar no escuro, andar sem rumo como cego/*babatando* na vida!... Andar surdo, andar mudo (SM, p. 206, 441, v. 916)."2 v. int. Tatear. "GAMBOA: Qual? A minha memória / É memória de velho. (...) /GAMBOA: Não. Às vezes *babata*. E que querem vocês? / Oitenta e dois lá vão, falta somente um mês." (PO, 10/V.5, p. 58).[Regionalismo]

BABOSEIRA[74] s.f. Tolice, disparate. "Resultado de tudo esta *baboseira* ridicula, pequenina e nojenta" (doc. 069:0365, f. 3, L. 19). [Regionalismo]

BABUGEM s. f. Espuma que se forma à flor d'água. " (...) É Jovita, é o corpo de Jovita / Que lhe surge no mar (...) / (...) / Na *babugem* da vaga amolentada e mansa ..." (OB, V.73, p.72).

BACAMARTE s. m. Arma de fogo de cano curto e largo, reparada com coronha, e que se carrega com muitas balas e quartos. Espingarda de salteador. "Apanhou o largo chapéu de couro duro e negro, sobraçou o *bacamarte*, e ganhou a estrada" (ASS, L. 43)

BACHARELICE[75] s.f. O vicio de falar muito; tagarelice; verbosidade indiscreta. "Mas, dirás: a historia se repete: hontem cesares de amplos mantos de purpura, laicos, miseros, grandes, estupendo, hoje, cesares de chapéo panamá, frak, *bacharelice* durnidanas [sic] e calças kaki. Todos os mesmos." (doc. 067:0340, f. 3, L.17) [Regionalismo]

[72] Transforma-se em neologismo através do processo de metonímia.
[73] Houaiss (2001) registra como regionalismo do Brasil: pôr-se em fuga, retirar-se em debandada; fugir, escapar. Figueiredo 1973 (1923) diz que é brasileirismo popular: desaparecer.
[74] Segundo Vieira (1873), linguagem chula.
[75] Segundo Vieira (1873), linguagem chula.

BAETA[76]s. f. Tecido felpudo de lã. “João Tuna... os cabelos negros escapando-se pelo chapéu de baeta.” (SM, p. 151, v. 411)

BAFORADA s. f. Expiração de hálito desagradável.“Pára. Olha o mar, accende o cachimbo. Tira uma *baforada* longa.” (SM, p. 117, v. 115)

BAILADEIRA s. f. Bailarina, dançarina. “...as *bailadeiras* enfileiram-se aos pares.” (SM, l. 43, p. 159)

BAILADO s.m. Ação teatral representada por meio de dança, com acompanhamento musical. “O *bailado* começou diante do presépio largo, ...” (SM, l. 43, p. 159; l. 54, p. 160)

BAIUCA s. f. Local onde se armazenam mercadorias diversas; bodega. Miquim da Ilha saltou do saveiro carregado de carvão, encapotou-se e passou por entre as gamellas de peixe, os montes de banana, de aboboras, de lenha, de carvão em saco, falando a um falando a outro, e guiou-se para a sobreloja, uma *baiuca* escura, atravancada de mercadoria das quitandas (ITR, L. 07).

BAIXAR v. t. Pôr em baixo. “E sobre o azul do mar... o azul do céu como que vai também *baixando*, para fundir-se nas ondas.” (SM, p. 115, v. 92)

BAIXEL s.m. Pequeno navio. “E vibra e anseia o canto, e ferve o espúmeo traço / Do ligeiro *baixel. (...)*” (AMD’A, V. 26); (EQTM, V. 3; HSV, V. 19). 2 s. m. barco ou outra embarcação qualquer: " E anseia o canto e ferve o espúmeo traço / Do ligeiro *baixel*. (...) " (AMd'A, V.26, p.123). 3 s.m. barco ou navio: “E em que trecho de mar à luz de um céu maldito / A procela enterrou tenebroso coveiro, / O primeiro *baixel* e o náufrago primeiro?” (EM, V.3, 131)

BAIXO s. m. Coroa de lama ou areia localizada no fundo do mar, que, na baixa-mar, fica descoberta ou quase ao nível das águas. “Mas não morre este mar, não morre este costeiro,/nem também esses *baixos* e coroas.” (SM, p. 190, v. 763). "*Baixo*, perau, coroa, ou canal, nada aos olhos / Perspicazes de Lúcio escondido ficava... " (OB, V.10, p.72).

BALUMA s. f. O lado de uma vela latina quadrangular ou triangular. “Sim, pra cada *baluma* uma refrega.” (SM, p. 152, v. 421)

BAMBEAR v. t. Tornar bambo. “No ar da nave, eles vêm, coriáceos, extensos,/ - cordoalhas *bambeando* ao vento – se estirando/Até o solo. E daí se esgueirando” (SM, p. 110, v. 77)

BAMBOCHATA[77] s.f. Patuscada, troça. “Ora aqui [↑está], o que por desfastio, te escrevo a respeito desta força ministerial, desta *bambochata* agricola e pecuniaria.” (doc. 069:0365, f. 4, L. 11-2) [Regionalismo]

BANQUETA s. f. Pequena banca. “O quarto está clareado fracamente por uma vela que arde sobre uma *banqueta* num castiçal de folha diante de um registo do Senhor dos Navegantes.” (SM,p. 196, v. 801)

BANZEIRO adj. Diz-se da embarcação que se agita vagarosamente por conseqüência da ondulação das águas em que flutua; cambaleante. “É de ti alongada e *banzeira* canoa,” (CA,

[76] Do fr. Picardo bavette. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[77] Segundo Vieira (1873), linguagem familiar.

V.62). 2. adj. Triste, nostálgico. “Vivo, ligeiro, forte... Hoje, *banzeiro* e mudo,/fugindo até da gente.” (SM,p. 117, v. 103)

BARÃO s. m. Título nobiliárquico imediatamente inferior ao de visconde. “Que espera? Um almirante?... algum conde ou *barão*?” (SM, p. 124, v. 188)

BARATEZA s.f. falta de caráter; mesquinhez. “E tudo isto para te dizer que o cesarismo anda tão barato, a preço tão refece, que, a alma, fugindo de tanta *barateza*, de tanto apatacamento, vae buscar essas cousas remotas com que mate o enjôo, a repugnância.” (doc. 067:0340, f. 3, L. 11) [Regionalismo]

BARCA s.f. Embarcação de fundo chato, para transporte de passageiros e carga. “ (...) A procella / Ha muito que não vem, raivando e restrugindo / As *barcas* a fundir e os lares enlutar...” (PDL, V. 14); (Ob, L.50; N, V. 41). “Mas vai tombando aos poucos, solitária, esquecida/Como o sol no deserto, como *barca* partida.” (SM, p. 110, v. 66; p. 170, v. 575; p. 171, v. 590)

BARCAÇA s. f. Embarcação de madeira ou de ferro, geralmente de fundo chato, com grande boca e pequeno pontal, destinada à transporte de mantimentos, combustíveis, água, etc. As barcaças, geralmente, andam à reboque. “Tudo que anda no mar tem rasto como a gente./Navio, batelão, lancha, bote, *barcaça*...” (SM, p. 124, v. 183; p. 200, v. 844) “*Ancorada a barcaça, à noute, a marinhagem / Ao vinho e ao jogo, esquece a trabalhosa viagem*” (OCB, V. 9); (OCB, V. 44; Ob, L.1). 2. s. f. Uso met. Mulher formosa. “O rapaz, um bom mestre, a menina *barcaça*/bonita, nova e bolineira...” (SM, p. 123, v. 183)

BARCO s.m. Qualquer embarcação. “Rolam no mar azul, num temporal desfeito, / Teus *barcos*, teu poder, tua soberania.” (V, V. 2); (OB, V. 107, 115; OHM, V. 13; E, V. 12; M/P, L. 5; TP, L. 1). 2. s. m. Embarcação pequena sem coberta; designação genérica de qualquer embarcação. “E a riba, a vasa, o mar, tejupar canoa,/*barcos*, redes, a infância...” (SM, p. 144, v. 389; p. 152, v. 421; p.200, v. 855)

BARDO s.m. trovador; poeta. “Chego de além, sombra de *bardo* extincto, / De antiga escola que mui longe dista! / - Se a idéia vem do sonho, o verso pinto.” (LP, V.5, 154)

BARQUEIRO s. m. Homem que governa ou trabalha com barco. “Na taberna do Libório, à noute...pescadores e *barqueiros* moços, o velho Antero e Zé Ventura.” (SM, p. 149, v. 401; p. 156, v. 462)

BARRANCEIRO s.m. ‘margem esbarrancada’. “Versos malditos!... Versos malditos, que lhe roem o coração, como a onda minaz aos *barranceiros* da riba.” (SM, p. 170, 292, L. 9). [Neol.]

BARRANCO s. m. Lugar cavado por enxurradas ou por outra causa. “Ele é que há de arrojar um contra o outro, Pereira,/Como arroja a canoa no *barranco* da costa.” (SM,p. 145, v. 401)

BASBAQUE[78] s.m. Tolo, insensato. Ex: “...direito, liberdade e uma porção de cousas outras que leram nos livros estrangeiros e andam a papagueiar, muito anchos, á multidão *basbaque*.” (doc. 066:0321, f. 3, L. 3) [Regionalismo]

[78] Segundo Vieira (1873), linguagem chula.

BATEDOR s. m. Saveiro ligeiro que vai à frente. “Olha o “Fortuna”, saveiro esbelto, novo, bolineiro e forte *batedor* das águas, de proa para a terra.” (SM, p. 123, v. 180)

BATELÃO[79] s.m. Canoa pequena e alta, de grande pontal. “Minha saude vae tambem aos trambolhões. E como ella a vida. Sou, digo sempre em casa, um *batelão* um pobre *batelão* ronceiro, cheio de gusano e bom para ficar ahi na praia, numa enseada onde não soprassem ventos fortes nem batessem vagas altas.Um *batelão,* ahi.(doc. 070: 0394, f. 1, L.16) [Regionalismo] 2. (s.m.). ‘Canoa curta, de grande boca[80] e pontal,[81] impelida a remo’. “Lento, em remada curta, o *batelão* avança” (OB, V. 88); (OB, V. 16, 28, 111).

BATENTE s. m. Ombreira onde se bate a porta quando se fecha e na qual penetra a lingüeta da fechadura. “Mareta levantou-se, abriu a porta e sentou-se no *batente*, vendo a noute encher-se do luar.” (SM,p. 173, v. 631)

BATER AS MATAS, loc. verb. Andar muito na mata, sem direção certa, em procura de alguma coisa. "Antes da derrubada, quando ainda não tinha lenha, já o ramo que havia de enfeitar a futura fogueira estava escolhido, porque eu *batia as matas***,** vendo a árvore mais linheira e mais engraçada." (PR, L.30, p.44).

BATER LÉGUA loc. verb. Andar em demasia.*“*... o passo daquela gente, *batendo léguas* para os recontros com o flamengo, / para os lances de 17, de 23, 24.*”*(SM,0064 — L. 16)

BEIRAL s.m. Faixa de terra em contato com o mar; margem; borda. “À tarde, no beiral da praia curva e branca.” (E, V. 9). "Quando o inverno chega apaulando os caminhos (...) ellas fogem, ellas desertam o meu *beiral* e vão-se acoitar em não sei que mysterioso recanto. " (AND, L.6)

BEM-AMADO adj. Que é alvo de afeição particular. “Embarca, meu *bem-amado*,/a vela é de seda fina” (SM,p. 167, v. 512).

BESTA s. m. sent. fig. Pessoa muito estúpida. “Esse salabardote/em terra é um falastrão e no mar um peixote./Nunca soube cambar uma vela, essa *besta*.” (SM,p. 124, v. 195)

BILREIRO s. f. O mesmo que carrapeta. Árvore pequena da família das meliáceas, de flores geralmente alvas com frutos capsulares. “Há frêmitos de luz nos verdes vivos, nas águas, zarelhamentos, chirrios, esvoaçamentos de pássaros nas coiraneiras e *bilreiros* próximos do casarão.” (SM, p. 119, v. 138; p. 237, v.1112)

BIRRA s. f. Teima; zanga. “A *birra* é o puxamento. O rapaz brincador,/...ao barbaça chamou de Patão Chiador.” (SM,p. 125, v. 198)

BISAGRA s. f. Dobradiça da porta ou janela. “Pelo corredor, as palavras estalam esganiçadas e emperradas, numa gaguez irritante, como *bisagras* desazeitadas.” (SM,p. 247, v.1195)

BISSO s. m. Musgo, verdete; secreção filamentosa que saem de certas conchas bivalves e que servem ao animal para se fixar aos corpos submarinos. " Do *bisso* estende no ar a incendida centelha. " (Om, V.4, p.170).

---

[79] Houaiss (2001) registra como regionalismo da Bahia.
[80] Diz respeito à largura do casco da embarcação.
[81] Refere-se à altura da embarcação entre a quilha e o convés principal.

BITOLA s. f. Medida reguladorapara a malha da rede de pescaria; padrão. “Abre a gaveta e procura, entre os bolos de fio, as agulhas de rede, as *bitolas*, os romances, o caderno de suas trovas e modinhas.”(SM, p. 166, v. 502)

BIZARRO adj. Excêntrico, estranho. “A lua cheia a imensidade banha; / nuvens *bizarras*... uma, a forma estranha / do legendário Júpiter revela...” (ES, V.3, 152)

BOBO s. m. Tolo. “Velho *bobo*. No entanto, esse Mareta já não me apelidou de Furriel Miroró... (SM,p. 125, v. 201)

BOCA DO RIO loc. nom. Embocadura do rio, a parte mais funda do rio. “Um grande caixão de ferro, arrojado, ali, na *Boca do Rio*, pelos frades da companhia de Jesus.” (SM, l. 19, l. 24, p. 157) l. 134, p. 164; l. 169, p. 166; l. 189, p. 168)

BOCEJANTE adj. Que não apresenta novidades; monótona. “Queria dizer-te numas linhas mais longas as minhas dolorosas impressões do pobre logarejo tão amado e tão triste na sua vida *bocejante* á beira das aguas placidas que o banham”. (doc. 069:0368, L. 5). [Neol.]

BOIAR v. intr. Flutuar; estar ao cimo da água. “A vela branca solitária / (...) / *Boia* silente (...)” (AV, V. 18); (OM, V.10; N, V.41; HSV, V. 16).

BOITATÁ s. m. Cobra de fogo; fogo-fátuo. Elemento do folclore brasileiro.“Eram seu pesadelo, eram sua tortura / Os *boitatás*... Os *boitatás*!... Ah! nunca, nunca, /Esse horror o deixou... (...)” (OB, V. 48); (OB, título, 65, 69, 75, 101).

BOJO s.m. Parte mais larga e arredondada do navio. “Incauta nave o *bojo* espedaçara inteiro?!...”(EQTM, I, V.5) / “Desfeita a nave o *bojo* espedaçara inteiro...” (EQTM, L, V. 5); (HSV, V.38).

BOLHA s.f. Glóbulo cheio de ar que se eleva à superfície dos líquidos em movimento. “Lá se vai na água escurentada, / Como fugaz e estranha *bolha*.” (CF, V. 8).

BOM DE ARAGEM col. Que navega bem na brisa ou vento brando. “Alto lá João Mareta:/*Bom de aragem* somente. O mais história, peta.” (SM, p. 151, v. 415)

BOMBARDA s. f. Antiga peça de artilharia, de cano curto e grosso calibre, que atirava grandes bolas de ferro ou de pedra. “Que os altos carrilhões das Torres fuscas, pardas,/ Dos campanários das Augustas Catedrais/ Se transformem na forja em canhões e *bombardas*,” (PAZ, V. 87)

BONANÇA s. f. Bom tempo. “Há sempre calma e *bonança*/no mar do amor.” (SM, p. 170, v. 580)

BONECA s.f. Espiga de milho ainda em formação. “E o homem olhava o céu que o matava! Era preciso sair, trilhar o caminho abrasado. Já não saltara da rede, vivo e lesto, como dantes, nas madrugadas antigas para a lida no campo, quando a terra sorria na alegria planturosa das safras, quando o milheiral maneava as louras plumas das *bonecas*, e o mandiocal verde-escuro ondulava...” (ASS, L. 37) [Regionalismo]

BONECAS DE OURO loc. adj. espigas de milho verde. "Quando Junho chegou j´eu tinha o milharal todo apendoado, com as *bonecas de ouro*, brilhando ao sol, e a lenha pronta". (PR, L. 37, p. 44)

BONITEZA s. f. Beleza. “Pois a Flora ali está. Na verdade, bonita./*Boniteza* maldita.” (SM, p. 120, v. 147). “E todas as moças a quem o ciume feria quando Luiza pompeava nas festas a sua *boniteza*,...” (GED, L. 13)

BORDA s.f. Parte superior do costado de um navio ou embarcação. “Gastas *bordas*, a quilha e o costado em remendos,” (N, V. 4); (OCB, V. 16). [(CB (2A), V.12, p.108); (CB, V. 16)].

BORDÃO s. m. Pau grosso, bastão, vara que serve de apoio ou de arrimo. "Do nodoso *bordão* pela areia tranqüila / Rebentam linhas mil que em breve o mar apaga; " (A, V.52, 64,65,66,88, p.142).

BORDEJAR v. int. Navegar a mercê do vento. “— O grupo dissolveu-se, ajeitando outra entrevista para a noute imediata, ali. — Ou se o vento estiver bom, *bordejando* pela enseada, disse Miquim.”(ITR, f. 2v, L. 100)

BOTE s. m. Pequena embarcação de remos ou de velas. “Tudo que anda no mar tem rasto como a gente./Navio, batelão, lancha, *bote*, barcaça...” (SM, p. 200, v. 844)

BOTICA s. f. Farmácia. “O primeiro conselho/é deixar de tomar remédio de *botica*.” (SM, p. 192, v. 772)

BRAÇA s. f. Antiga unidade de comprimento equivalente a 2,2 m; unidade de comprimento do sistema inglês equivalente a 1,8m. “E quando, na carreira em que vinha, esbarrou,/tinha deixado atrás quinze *braças* de lama.” (SM,p. 190, v. 757)

BRACEJAR v. tr. dir. Balançar como braços. Envolver. “(...) eles aparecem à beira das estradas, grossos, *bracejando*, num complicamento de ramos retorcidos”, (MUL, L. 5). 2. v.t.d. Agitar, balançar; estender para um e outro lado, como se fossem braços. "Disse comigo, vendo a formosa ramada: / Darás por São João a primeira florada. / E toda noute *bracejou* as ramas de ouro."(PO, 59/V.99, p. 70); "Desde essa noute o ramo esturricado e negro / Começou a crescer, bracejando agourento / Dentro do coração, dentro do pensamento." (PO, 64/V 125, p. 72).

BRADO s.m. Queixa, reclamação em voz alta. “Para onde vão os *brados* implacáveis / Dos batidos da dor, dos miseráveis / Nos tantalismos das supremas ânsias!” (CL, V.6, 72)

BRAHMA n. pr. Divindade do bramanismo da religião hindu. Forma masculina que designa o deus criador, parte da trindade completada por Vishnu e Shiva, à palavra neutra brahman, realidade última do universo, que corresponde, grosso modo, a absoluto. O bramanismo está ligado à existência da Índia, engloba sistemas de regras de comportamento social, orientadas pela divisão da sociedade em castas. “Dos pagodes de *Brahma* às Catedrais de Cristo! “ (PAZ, V. 64).

BRAMIDO s.m.O ruído que o mar faz ao bater na costa ou em qualquer obstáculo. “(...) A água, em surdo *bramido*, / Salta com o vento e o molha.” (OCB, V. 55).

BRAMIR, v.intr. Dar bramidos, rugir, berrar. “Cantávamos do Amor o hinário infindo / E não víamos o Mundo – inferno em chamas, / Aos nossos pés, como um leão *bramindo*!” (UP, V.14, 78)

BRANDAL s. m. Cabo usado na canoa em que o embarcadiço faz o contra-peso. “As ondas lavando os peitos dos homens nos *brandais*.” (SM, p. 189, v. 740)

BRASILEIRO s.m. Fogo brando de brasas. "É que nossa memória, é como um vento sobre um braseiro escondido / na cinza morna. Já sem força, amortecido / estava. Vem o vento e sopra no cinzeiro / E o lume vivo acende outra vez no *brasileiro*." (PO, 28/V.17, 20, p. 61).

BRIGUE s.m. Embarcação veleira de dois mastros, dos quais o maior é inclinado para trás’. “*Brigue* que quer partir em busca de um tesouro / Cujo brilho incendeia o céu e o mar,” (E, V. 23); (HSV, V. 27).

BRINCO s.m.Cada um dos cabos que servem de alça aos moitões dos laises da verga destinados aos braços e que deixam entre o moitão e a verga o comprimento suficiente para que ele ande à feição do braço.“O búzio, a espuma, o *brinco,* as pequeninas frotas/ Que lá vão, que lá vêm, na mareta que anseia” (OHM, V. 3); (OB, V. 16). " O tosco batelão, como um *brinco*, subia " (OB, V.6, p.72).

BRISA s.f. Vento brando e fresco que, à tarde, costuma soprar do mar para a terra. “Um cicio de *brisa*. Um canto, uma plangência, / Um longe quebro...” (ANMM, V. 4); (CA, V.17).

BROCO adj. Amalucado ou abobalhado em razão da idade e/ou de doença. “Oxente! *Broco*, assim?” (SM, p. 210, v. 935)

BRONCO adj. Tosco, grosseiro, rude."Aquiles *bronco* e chão do nativo costeiro, / Tinha o ponto em que o dardo entraria certeiro, " (OB, V.44, p.72).

BRUMA s.f.Névoa. “Tudo em roda é *bruma* / E eu levanto (...) // Para um céu de *bruma* duas mãos vazias.” (E, 43 e 46); (PF, V. 13; AV, V. 6; HSV, V.22). 2.s. f. Inverno. Nevoeiro, especialmente no mar. “No rudo/e brusco embalo da água esbatia-se tudo,/tudo foi-se velando em *brumas* de incerteza” (SM, p. 140, v. 331)

BRUMEJAMENTO s.m. Visibilidade escassa. “Lê a Cruzada daquelle tempo inicial e vê se aquelles versos exquisitos, languidos, doridos, não se destacam, não abrem um remansado trecho claro dentre todo aquelle *brumejamento*, aquella musica estonteante como brados vermelhos de vida impetuosa...” (doc. 063:0279, f. 2, L. 1). [Neol.]

BRUXOLEAR v. int.Tremeluzir; brilhar frouxamente."Do teo Amor a chamma que irradia/ A orbita desta gehena não percorre:/ Ella é tão vasta...! e a tua luz tardia/Nesses espaços *bruxoleia* e morre.... " (C, V.40)

BULCÃO s.m. Nuvens espessas que anunciam tempestade. “(...) Aí nessas regiões estranhas, / Nem fúrias, nem *bulcões*, nem frêmitos, nem sanhas...” (Sm, V. 6); (N, V. 16; DM, V. 2).

BURBURINHAR v. int. Fazer burburinho, ou seja, som confuso e prolongado de muitas vozes; rumorejar. "...Naquela noute, quando o meu tijupar *burburinhava* e alegria era grande, uma voz partiu do terreiro e veio, (...) gelar a nós todos: (...)" (PR, L.55, p.45)

CABAÇA s. f. Vaso feito do fruto maduro do cabaceiro, depois de esvaziado do miolo. “Lá vai, lá vem, boiando no mar como *cabaça*...” (SM, p. 201, v. 864)

CABEÇA-D'ÁGUA loc. nom. A maré de maior amplitude. "Pelo outeiro. A maré ainda não descambou./Hoje é *cabeça-d'água*?... [...] Oxente! Broco, assim? / Sol por lua, Saúna." (SMA, p. 209, 460, L.1). [Regionalismo]

CABORÉ s. m. Pequeno vaso de barro. "Ali, estão pedras negras que serve de trempe... *caborés*, cacumbus, cestos e cofos." (SM, p. 225, v. 1004)

CABROCHA s.f. Rapariga mestiça escura quase negra. "Chico Souza, baixo, atarracado, *cabrocha*, a voz lenta, arastada, a cabeça metida num chapeirão de palha, de abas molengas." (SMA, p. 150, 170, L. 2) [Regionalismo]

CACHAÇA s. f. Aguardente feita com o mel ou borras do melaço. "O vendeiro vai à frasqueira, toma uma golada de *cachaça*, cuspinha e vara o interior..."(SM, p. 161, 267)

CACHACEIRO adj. Que, ou aquele que é dado ao uso imoderado da cachaça, e que com ela se embriaga. "E teu pai o que foi, salabardote?/De semente.../o maior *cachaceiro* desta terra." (SM, p. 125, v. 211)

CACHIMBAR[82] v.int. Estar ou ficar absorto ou concentrado em pensamentos ou reflexões enquanto se fuma cachimbo; matutar, meditar."Uma ante-manhan, *cachimbando* largo, Simão/ Mutuca viu o tabuleiro rir o riso innumerável/ das folhas tenras, de um verde leve e doce, e numa/ allell(u)ia promissora de safra rica no Setembro vindouro." (PAM 0097, L.18) [Regionalismo]

CACHIMBO s. m. Aparelho de fumador, composto de um fornilho onde se deita o tabaco e de um tubo por onde se aspira o fumo. "O velho pescador passeia, alto e seco, chupando o *cachimbo* de barro desbeiçado." (SM,p. 115, v. 92)

CACIMBA[83] s.f. Escavação, semelhante a um poço, em local baixo e úmido ou em leito seco de rio, onde a água do solo se acumula. "Nem mais uma raiz, nem mais uma gota de água!... E tão longe a *cacimba* que ainda respingava um pouco, e ele tão fraco, tão fraco para arrostar a inclemência da viagem por estradas escaldantes, a pé, porque o cavalo lhe morrera, à porta, de fome..." (ASS, L.19) [Regionalismo]

CAÇOEIRA s. f. Rede de arrastão usada para a pesca em mar alto. "Nos varais, em frente dos tejupares, as *caçoeiras* secam ao sol. Velas latinas alvejam no oitão das casas." (SM, p. 121, v. 157)

CAÇOULA s. f. Vaso em que se queimam resinas ou plantas aromáticas. "Arde a mirra cristã na *caçoula*do Lácio... " (A, V.60, p.142).

CACUMBU s. m. Faca ou pequeno machado já gasto. "Ali, estão pedras negras que serve de trempe... caborés, *cacumbus*, cestos e cofos." (SM, p. 225, v. 1004)

CAFUZO s. m. Filho de negro e índio. "Entra uma moçoila *cafuza* com dous cálices de licor de jenipapo." (SM, p. 247, v. 1196)

[82] Houaiss (2001) diz que em sentido figurado é um regionalismo do Brasil.
[83] Figueiredo 1973 (1923) e Houaiss (2001) registram como regionalismo do Nordeste do Brasil.

CAIXÃO DE FERRO loc. nom. arca de ferro, grande urna de ferro. "... o grande *caixão de ferro*, atirado ali, na oca do Rio, pelos frades da companhia de Jesus." (SM,.l. 19, p.158; l. 101, p. 131; l. 131, p. 233; l. 148, p. 234; l. 188, p. 236)

CAJUEIRO s. m. Árvore da família das anacardiáceas. "Um *cajueiro* emerge de um cerrado de coiranas, bilreiros e são-gonçalinhos e esbraça os longos ramos pinhados de flores de um leve róseo e de maturis." (SM, p. 242, v. 1152)

CALÃO s. m. Vara curta que se amarra de cada lado da rede de pesca. "Lá se foi o *calão*, lá se foi a arraieira,/e a groseira e também 'Novidade' e 'Ligeira'." (SM,p. 185, v. 702; p. 207, v. 918)

CÁLIDO adj. Quente. " E eis que a maré bulhenta/lhe salta em *cálidas* golfadas." (SM,p. 252, v. 1222) 2. adj. Fig. Ardente: "Derrama sobre mim os *cálidos* aromas / Que se evolam subtis dos lábios cor de rosa..." (SA, V.5, 84)

CALIGEM s.f. Nevoeiro escuro e espesso. "Da alma envolta nos véus de gelada *caligem* / A coragem fugia, em túrbida vertigem / De fluxo temeroso e esgotante de Março..." (OB, V. 58).

CAMALOTE s.m. (do esp. *Camalote*) Ilha flutuante que desce os rios, formada de plantas aquáticas." (...) tinha como limites marginaes uma orla de frondes virentes, pelucia verde rutilando ao sol, e feita, dir-se ia, de dois infinitos *camalotes* entre os quaes o vapor singrava (...)" (DOHLR, L.193)

CAMARADA s. m. Companheiro. "Era preciso trabalhar para vencer a antipathia do pae, a malquerença dos *camaradas."*(ANT, L. 02 f. 3)

CAMARADAGEM s.f. Convivência amigável entre pessoas que têm a mesma ocupação: vaqueiros, trabalhadores do campo etc. "João Capataz vivia arredio, sem *camaradagem* naquelle grupo de pescadores do logarejo." (JOC, L. 6) [Regionalismo]

CAMARÃO s. m. Pequeno crustáceo decápode. "O vendeiro vai e... vara o interior de onde vem o cheiro convidativo da moqueca de *camarões*..." (SM, p. 161, v. 493)

CAMBAR UMA VELA loc. verb.[exp. náut.] Passar a vela de um lado para o outro. "Nunca soube *cambar uma vela*, essa besta." (SM, p. 124, v. 195)

CAMBIANTE adj. Que muda de cor, que passa gradualmente duma cor a outra. "pouco depois, a estrela, aos seus abraços, / foge, sorrindo, pelo céu *cambiante*..." (ES, V.11, 152)

CAMPA s.f. Pedra que cobre a sepultura; lousa de sepulcro. "No isolamento lúgubre da *campa*..." (NN, V.4, 90)

CAMPINA, s.f. Campo extenso, pouco acidentado e sem árvores, geralmente coberto de ervas; prado: "Cobrem fagulhas de ouro a *campina* sombria." (NU, V.4, 119)

CAMPO SANTO n. pr. Na Bahia, havia o hábito de enterrar-se nas igrejas e conventos e a isto se chamava "no sagrado". Mas isto não bastava no meio urbano. Então, a Santa Casa de Misericórdia comprou a fazenda São Gonçalo e lá construiu o Campo Santo, reedificando a capela já existente com o aspecto gótico, ainda atual, e inaugurado a 7 de junho de 1874, obra do arquiteto Carlos Crozy. O lugar localiza-se num plano mais alto donde se divisa terra e

mar. Na necrópole, encontram se enterrados vultos importantes da História da Bahia. “Hoje a minh’alma é um *Campo Santo* mudo”(REC, V. 19).

CANDEEIRO s. m. Instrumento de iluminação, alimentado por querosene ou óleo. “À noute, metido dentro da baiuca mal esclarecida pelo *candeeiro* fumacento, convida os três companheiros a uma saída...” (ITR, L. 52)

CANDEIA s. f. Candeeiro; quaisquer meios usados para alumiar. "Dentro da casa a luz de uma *candeia* brilha, " (OB, V.86, p.72).

CANDOMBLEZEIRO s.m. Praticante da religião afro-brasileira, denominada candomblé; feiticeiro. “Capoiera notável, *candomblezeiro* assíduo nos terreiros, forte na navalha e no facão”. (ITR, L. 25-26) [Regionalismo]

CANGALHA s. f. Armação de madeira usada no animal para transportar cargas. “A chuva enlamaçava o caminho, de uma lama suja, nauseante, que as carroças e os animais de *cangalhas* resolviam ainda mais, ...”(ITR, L. 12)

CANJICA s.f. Papa de consistência cremosa, feita com milho verde ralado, a que se acrescenta açúcar, leite de vaca ou de coco, e polvilha com canela. "A mulher andava atarefada, às voltas com a *canjica*, as meninas iam e vinham também no trabalho." (PR, L. 46, p.46).

CANOA s.f. Embarcação indígena, feita de um tronco de árvore adelgaçado e escavado, que possui dois remos, empregada na pesca fluvial e costeira. “Alçada sobre o monte/...a igreja,/Voz do céu, abençoa/E guia aos que se vão.../Aos trancos e aos sacões numa frágil *canoa*...” (SM, p. 110, v. 60) "É de ti alongada e banzeira *canoa*," (CA,V.62, p.50).

CANOA DA SORTE loc. nom**.** [sent. fig.] Ventura. “A gente/bate de encontro ao Sangue-mau e de repente,/em cacos, lá se vai a *canoa da sorte*...” (SM,p. 119, v. 138)

CANOEIRO s.m. Indivíduo que dirige uma canoa. “Depois ninguém mais viu canoa e *canoeiro*.” (AMD’A, V. 48).

CANTO DA CORUJA loc. nom. Mau presságio. “Meu sangue é como o *canto da coruja*.” (SM,p. 230, v. 1061)

CAOLHO adj. Que não tem um dos olhos; zarolho. “Entra Sofia, extremamente magra, *caolha*...” (SM,p. 246, v. 1192)

CAPANGA[84] s.m. Valentão que se põe ao serviço de quem lhe paga, para lhe ser o guarda-costas. “Deram-lhe o bacamarte em vez da escola, deram-lhe o crime; e <como> estatuarios tenebrosos do Mal, deram-lhe todas as formas grotescas, com elle fizeram todo um museu teratologico social e moral que abre com o jagunço tesmeroso [sic] que derrota um exercito e fecha com o *capanga* que assassina para a victoria <†>/d\as eleições” (doc. 066:0321, f. 2, L. 20) [Regionalismo]

[84] Segundo Câmara Cascudo (1988, p. 191), o capanga acompanha seu chefe sempre armado, em suas viagens; para auxiliá-lo em obter satisfação de quem o ofendeu e servir-lhe de agente nas campanhas eleitorais.

CAPATAZ s. m. Responsável na coordenação de tarefas. "... ninguém o via, salvo quando um naufrágio, uma canoa aparecida, punham em ação o mister de *capataz* daquela costa."(JOC, L. 13)

CAPITÃO-DE-FRAGATA s. m. Na hierarquia militar, posto imediatamente inferior ao de capitão-de-mar-e-guerra. Zombaria ao mestre da canoa. "Libório, perfilando-se militarmente, gestos respeitosos, a mão em continência./*Capitão-de-fragata*." (SM, p. 158, v. 476).

CAPOEIRA s.m. Indivíduo que pratica a capoeira. "*Capoiera* notável, candomblezeiro assíduo nos terreiros, forte na navalha e no facão". (ITR, 25-26) [Regionalismo]

CAPOTE s. m. Capa comprida e ampla usada pelos pescadores para proteger-se das chuvas durante a pescaria em alto-mar. "O *capote* como uma asa negra esvoaça. Os pingos da água das conchas estelares caem nas ondas, dançando, dançando." (SM, p. 143, v. 367)

CARARI s.m. Espécie de peixe comum em água salgada. "*Cararis* ao fundo da canoa debatendo-se, espanejando-se na ânsia de liberdade..." (SM, Adv, p. 167.l. 161)

CARAVELA s.f. Pequena embarcação de vela latina, usada no século XV e XVI. "É *caravella* abrindo a estrada de outro mundo" (HSV, V. 42) 2. n. pr. . Cidade litorânea do interior da Bahia."Canavieiras, Ilhéus, Belmonte, *Caravelas*..." (OCB, V. 46).

CARCAÇA s. f. [sent. fig.] Corpo já velho, esqueleto. "O casario dos pescadores/...É uma centena de tejupares/...Uns rastejando pela planura/Como *carcaças* apodrecidas." (SM,p. 108, v. 29). "Hei de te ver a *carcaça* batida/a pano de facão." (SM, p. 126, v. 218)

CARDINHOSA adj. Espinhosa: "Longa, tristonha e *cardinhosa* a estrada / Esta que vou trilhando amargamente." (MA, V.1, 65)

CARDO s.m. (do lat. *cardum*) Bot. Planta espinhosa da família das asteráceas, parecida com a alcachofra e de que há várias espécies."De um lado a esperança, "sempre mais larga do que a vida", como diria Sully Proudhome, sempre a dar ao *cardo* o purpuro das rosas, ao tojo o nevado dos lyrios " (DRDM, L.29) 2. s.m. Planta considerada praga da lavoura, de flores amarelas, folhas com espinho, acinzentadas, e caule ereto, revestido de pêlos: "O gládio e a cruz, ramo de louro e *cardo*, / Suspendia sereno à luz do verbo." (VC, V.10, 169)

CARREIRO s.m. Guia de carro de bois. "os *carreiros*, sentados ao lado, a aguilahda desprezada, iam, no rodar moroso, desfiando cantigas, chulando sambas, numa voz lenta, melancólica, estrada fora..." (PR, L. 16, p. 43).

CARRO DE BOI col. Carro puxado por bois. "a musica dos *carros de bois* azoinaria as aves matinaes como um mundo invisivel / de cigarras saltando dos eixos."(SM, 113- L. 08)

CARROÇA s. f. Carro de tração animal. "A chuva enlamaçava o caminho, de uma lama suja, nauseante, que as *carroças* e os animais de cangalhas resolviam ainda mais, ..." (ITR — L. 10)

CARUJAR v. t. d. Movimento da água do mar em virtude da existência de grande quantidade de peixes, semelhante ao chuvisco. "Lá se foram... para além, onde *caruja* o maçambê e fervilham as corvinas prateadas." (SM, p. 207, v. 918)

CASA DA FUNCÇÃO col. Prostíbulo. "... beijos atras da *casa da funcção,* dansas em / que os corpos andavam escandalosamente juntos,..." (ANT, L. 12 f. 2)

CASA DE MULHER-DAMA col. Prostíbulo. "Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do vendeiro em que iam relampear navalhas em estúrdias nocturnas, em *casas de mulheres-damas*, lá pelas cidades do Sul." (SM, p. 160, 261)

CASA DE PALHA col. Cabana feita com a palha da palmeira. "Abriu a porta da *casinha de palha* e entrou ciscando..." (ANT, L. 05 f. 1)

CASAL s.m. (do lat. vulgar *casale*) Casa de campo e grangearia; lugarejo com poucas casas."(...) Á futura claridade das cidades e das vilas / Das altas torres clangorantes, /Dos *casaes*, celeiros do pão do riso claro(...) " (CH, V.23)

CASARIO s.m. Agrupamento de casas. "O *casario*< agarra-se (?) < † >gor(...) os costumes" // "O *casario* esparso < † meia encosta>" (DM 1 v , L. 1, 5) "O *casario* dos pescadores/...é uma centena de tejupares" (SM, p. 107, v. 16)

CASEBRE s. m. Casa pequena e velha ou arruinada. "É o búzio que saltou do temporal na areia./Nele é que escuto a voz de Deus no meu *casebre*." (SM, p. 2131, v. 1072)

CASINHOLA DE TAIPA col. Casa pequena feita de trançado de madeira e barro:" ... fechou a *casinhola de taipa* e ganhou a praia." (SM, l. 161, p. 167)

CASQUIANTE adj. 'que faz quiá, quiá, quiá'. "O velho Matheus com aquella risada *casquiante,* muito conservador, muito alegre, mastigando o charuto sempre ao canto da boca, nesses dias de acompanhamento..." (FLM, L. 32). [Neol.]

CASSA s. f. Tecido transparente, de linho ou de algodão. "E a gente fica banzeiro,/pensando.../nas duas ondas captivas/no casaquinho de *cassa*." (SM, p. 169, v. 554)

CAVALO DE MADEIRA BREADA col. [sent. fug.] Canoa. "...todo o gado do mar que aqueles vaqueiros de remo e rede foram campear nos seus *cavalos de madeira breada*." (SM, p. 207, v. 918)

CAVATINA s. f. qualquer peça de música de canto que permite ao artista desenvolver os seus recursos vocais. "A alma de cada nota em cada vaga treme: / *Cavatina*, soluço, anseio, endecha, arrulho, / preamar de harmonia.(...) (AMd'A, V.14, p.123).

CAVERNA s.f. Cada uma das peças que assentam sobre a quilha formando o arcabouço do navio. "Arrebentando as proas e as *cavernas* nos tombos..." (SM, p. 201, v. 867)

CEIFEIRO s.m. Homem que abate a seara madura com foice ou com outro instrumento apropriado. "Chega, e, *ceifeiro* atroz, cega a messe florida... / Ei-lo, o *ceifeiro* atroz, arrebatando a messe... / Exulta em teu labor. E, ao vir da outra *ceifeira,* / Pensa num campo aberto à tua sementeira..." (VI, V.4, 10, 12, 122)

CÉLICO adj. Poét. Celeste, celestial. "Seu olhar tinha a *célica* brandura / De loira estrela a cintilar amena." (CE, V.7, 56); "Ó perenais e *célicas* Distâncias / Para onde vão os brados implacáveis" (CL, V.5,72)

CEPTRO s.m. Bastão de apoio usado outrora pelos reis e generais. "Clamas contra o destino, este maldito oceano, / Que o *ceptro* secular te espedaçam nas fragas." (VE, V.11, 107)

CERRAÇÃO s. f. Nevoeiro espesso. “Ou temporal desfeito,/tormenta, *cerração*, mar crespo e vento forte,/sempre ela está, Pereira, a apontar para o norte.” (SM, p. 133, v. 236)

CESTA s. f. Utensílio ordinariamente de verga, e com asa, para guardar ou transportar qualquer coisa. “Não dorme. É só chorando. A costura esquecida/lá está dentro da *cesta*. Anda à toa na vida.” (SM, p. 120, v. 160)

CESTO s.m. Cesta pequena, sem asa; cabaz fundo, às vezes com tampa. “Ali, estão pedras negras que servem de trempe... *cestos* e cofos.” (SM, p. 225, v. 1004)

CHAMEGO s. m. Ato de acariciar algo ou alguém; namoro. “Mãe também ia e vinha e sempre resmungando:/E nunca mais há de acabar este *chamego*?” (SM, p. 136, v. 277)

CHAMEJANTE adj. Com muito brilho.“... ela seria a revelada, abolhando *chamejante*, abolhando em moedas rútilas.” (ITR, L. 118).

CHAMEJAR v. int. Brilhar, resplandecer."Olhando o céu escuro, ermo de estrelas, vago, / Ou delas *chamejando*; ao luar sereno e mago; " (CB, V.6,p.108).

CHANCHAN[85] s.m. Som produzido pelo movimento da enxada. “Simão Mutuca coveteia E canta: ao batido compassado da enxada no agro bruto: *chanchan*, *chanchan*.” (PAM, 0094, v. 17-18). [Neol.]

CHAPEIRÃO DE PALHA loc. nom. Chapéu de copa cilíndrica, rígida, e abas curtas e fortes, tecido de palha. “Chico Souza,... a cabeça metida num chapeirão de palha, de abas molengas.” (SM, p. 150, v. 410)

CHAPEIRÃO s.m. Chapéu de grandes abas. "Um afina o violão outro ponteia nocavaquinho, outro chula um samba, rufando os dedos no *chapeirão* de palha, como um pandeiro." (PO, 2/L. 8, p.57).

CHAPÉU DE BAETA loc. nom. Chapéu de tecido felpudo de lã. “João Tuna, meião de altura, cicioso... os cabelos negros escapando-se pelo *chapéu de baeta*.” (SM, p. 151, v. 411); “Conheci-o nos primeiros tempos da minha vida de Artista quando elle deixou as praias de Caravellas e aqui chegou, risonho, tabaréo, mettido no fato de brim pardo com o *chapéo de baeta* preta desabado de um lado.” (doc. 063:0279, f. 1, L. 6) [Regionalismo]

CHEIO DE CORPO loc. adj. Pessoa corpulenta. “Teresa, entrando corada... esgalga... *cheia de corpo*, a voz clara e saltitante.” (SM, p. 191, v. 767)

CHIADEIRA s. f. Asma. “Ora fique você com a sua *chiadeira*.” (SM, l. 620; p. 145)

CHIAR v. int. Reclamar de alguma coisa ou de alguém; resmungar. “Ora, o Pereira.../Sempre *chiando* e sempre embirrento o barbaça.” (SM, p. 124, v. 182) 2. v. intr. Fazer barulho. “Pela taverna pairava o cheiro incitante da moqueca de camarões, quente ainda, *chiando* na frigideira cabocla.” (JOC, L. 56)

CHICHICHI s.m. Ruído causado pela chuva muito fina e ininterrupta. “Ao cair da noute, a festa começou. Uma chuva miudinha num *chichichi* constante, molhava a lenha; mas eu

[85] A forma é registrada por Houaiss (2001) como regionalismo do Brasil, segundo o dicionarista é o mesmo que *quenquém*, que é designação para um tipo de formiga. Figueiredo 1973 (1923) registra a lexia com uma definição idêntica.

consegui acendê-la e com pouca dúvida, era um fogaréu enorme. (RFO1, L. 43, p. 45.). [Neol.]

CHILREANTE adj. Que faz pipilos; tagarela; cantante (de chilro – voz das aves)."Sê bemvinda, tu que deixaste os teus lagos serenos (...) teus ninhos *chilreantes*, teus luares opalinos, para vires florescer nos campos do meu amor " (FL, L.43)

CHIRRIO s. m. Som agudo e prolongado como a voz da coruja. "Há frêmitos de luz nos verde vivos, nas águas, zarelhamentos, *chirrios*, esvoaçamentos de pássaros nas coiraneiras e bilreiros próximos do casarão." (SM, p. 119, v. 138)

CHLOROTICA adj. Que padece de clorose, doença do sexo feminino determinada pela ausência de catamério e caracterizada por fraqueza e palidez: " (...) raro surgia uma cabana, aqui denominada barraca, (...) uma canôa á porta, uma mulher e varias crianças enfezadas e *chloroticas* sobre uma estiva alta de um metro, acocoradas e immoveis, pensativas e tristes como cegonhas (...) " (DOHLR, L.196)

CHORRO s.m. jorro, [provável regionalismo]. "A agua fervida refagulhou enroscando-se e gemendo um *chorro* longo..." (SM, l. 168, p. 167)2."Mas será que somente este esbater das águas / Este *chorro*, este quebro (...) / (...) / Despertem mágoas, ressuscitem mágoas*?* (AMC, V.50, p.91).

CHOUPANA s. f. Pequena casa rústica. "Fazei que volte a esta *choupana* a paz antiga" (SM, p. 197, p. 808) 2. s.f.Cabana; casa rústica de madeira coberta de ramos ou de colmo." (...) E os meus ritmos de esperança / Vão caindo pelas estradas luminosas,/ Que essas *choupanas* malassombram (...) " (CH, V.17)

CHULAR v.trans. Começar a cantar. "Os carreiros, sentados ao lado, a aguilhada desprezada, iam, no rodar moroso, desfiando cantigas, *chulando* sambas..." (RFO1, L.17). [Neol.]

CHUMAÇO DE ESTOPA col. Pasta de algodão em rama, entre o forro e o pano do vestuário, para lhe altear a forma. "Saúna vai e vem, seminu, vestindo com o *chumaço de estopa* os flancos do barco de uma capa negra e luzidia." (SM, p. 126, v. 219)

CHUPADO adj. Muito magro. "Os olhos encovados, o rosto *chupado*, seco, os cabelos e a barba crescidos, o pescador... tem o aspecto derruído dos retirantes." (SM, p. 185, v. 699)

CHUVEIRO s. m. Chuva forte e passageira. "... eu alleguei as seis leguas, legoas debeiço, ainda esbarrocadas pelos *chuveiros* trovejantes do / inverno." (ULB— L. 03)

CICIO s.m. Murmúrio de palavras em voz baixa. "Há um *cicio* no terreiro de casa. Os / pescadores rezam pelos irmãos que aquela hora pescam e navegam." (PO, 41/L. 40, p. 65)

CINTAR v. tr. dir. Cercar de cinto ou cinta. Formar a cerca de, cercar. 2. Orlar, envolver. "A estrada, como uma faixa fulva, estirava-se, em zigue-zagues, erma e adormentada, *cintando* o campo"; (ASS, L. 9).

CINZENTAMENTO s. m. Diz-se daquilo que tem a cor de cinza. 2. Perda de luz; escurecimento. "...e na hora da tarde expirante sob o *cinzentamento* do crepúsculo" (MUL, L. 26). [Neol.]

CIRANDA s. f. Dança popular, com trovas. “O rio, o campo, a vasa,/as rodas ao luar, no terreiro da casa,/ as noutes de novena, a ciranda, as modinhas...” (SM, p. 139, v. 313)

CIRCUNVOLVENTE adj. Que se move ou se volve em roda. “Pelas *circunvolventes* ruas, há de / Suceder colisões, diante a poeira / Soerguida pelos táxis em carreira.” (LO, V.5, 158)

CÍRIO s.m. vela grande de cera: “- *Círios* curvos velando o cadáver do Sonho / No túmulo glacial da nossa Indiferença!” (DR, V.13, 143)

CISMA s. f. Devaneio; sonho. “... falou, como que despertando de sua longa *cisma* funda...” (ITR, L. 59)

CLANGOR s.m. som rijo e estridente com o de certos instrumentos metálicos de sopro; p. ex., a trompa e trombeta: “Ao *clangor* desse grito e ao clarão dessa espada.” (UC, V.14, 147)

CLANGORANTE adj. Que produz som forte e vibrante. " (...) Á futura claridade das cidades e das vilas / Das altas torres *clangorantes*, /Dos casaes, celeiros do pão do riso claro (...)" (CH, V.22)

CLARINANTE adj. (de clarinar) que soa vibrante como o clarim. "Vieste – astro chammejante – para os brilhantismos das Noites enluaradas – ave irriquieta – para osthrenos *clarinantes* e argentinos das Alvoradas rubras, (...)" (FL, L.14)

COBREJAR v. intr. mover-se tortuosamente como cobra. " (...) Irrompiam das cruzes / Chamejavam febris, *cobrejavam* sinistras, / Pulavam (...) e riscavam de listras / Vivas o campo-santo .... (...)" (OB, V.94, p.72).

COCHICHO s. m. Falar baixinho ao pé da orelha. “... correram toda a costa do promontório, olhando as casas, parando em *cochichos*, e como indagando com os olhos o interior das casas...” (ANT, L. 04 f. 2)

COCHILAR v. int. Passar pelo sono; dormitar. “Começa a *cochilar*. Moscas zunzunam no telheiro. O cachimbo cai-lhe das mãos” (SM, p. 126, 66, l.1)

COFO s. m. Cesto bojudo, pequeno, e de boca estreita em que os pescadores arrecadam o pescado. Samburá. “...a mulher fica num desassossego,/como peixe no *cofo*. Agora tudo morto.” (SM, p. 136, v. 280)

COIRANEIRA s.f. Planta trepadeira em forma de arbusto, da família das Solanáceas. “Os olhos buscaram-se na sombra aromada das *coiraneiras* próximas.” (SM, l. 104, p. 163)

COLMAR v. t. d. Encher; cobrir. “Inda é meiado o cesto/e é preciso *colmá-lo*.” (SM, p. 251, v. 1213) " Nuvens, a raro e raro, o céu *colmam* de neve. " (CA, V.4, p.50).

COLMO s. m. Palha comprida, de que se tiravam os grãos e que serve para cobrir as habitações pobres nos campos. 2. Choupana, colmado. “Desce ao *colmo* do pobre, à mísera choupana” . (PAZ. V. 26)

COLUNATA s.f. Disposição arquitetônica de várias colunas dispostas simetricamente. “Os vivazes cordões, como jibóias, cingem/Os velhos nichos e em seus cíngulos constringem/A *colunata* dos altares desluzidos.” (SM, p. 111, v. 84)

COMBURIDO adj. de comburir (do lat. *comburere*) combusto, queimado, abrasado. "E porque te não vença o velho tempo astuto /Lança, da mão referta, heroico e resoluto,/Tua nova semente á terra *comburida*." (VD, V.8)

COMBURIR v.t.d. queimar: "Lança, de mão referta, heróico e resoluto, / Tua nova semente à terra *comburida*. / Ei-la que viça e fulge, Ei-la que amadurece." (VI, V.8, 122)

COMBUSTO adj. Queimado, comburido. "Oh! se Deus a fizesse florir e frutificar, se dos galhos *combustos* apontassem folhas e flores e frutos!..." (ASS, L. 73).

COMER ÁGUA loc. verb. Encher o barco de água; quase a inundá-lo. "E fomos. Bambeei um pouco a escota e toca a *comer água*. Monte-Serrate nós passamos num átimo." (FLM, L. 89) [Regionalismo]

CÔMORO s.m. Montículo, pequena elevação de terreno. "E é tudo sob a chama asfixiando e tremendo, / Dos *cômoros* da praia à rocha áspera e fusca." (S, V. 4).

COMPLICAMENTO s.m. Emaranhamento; enredamento, envolvimento dificultoso. "Nesta viagem que ora faço por um trecho do Recôncavo baiano, sob a fulguração queimante do sol dezembrino, eles aparecem, à beira das estradas, grossos, bracejando num *complicamento* de ramos retorcidos, o tronco de amarelo escuro, crivado de espinhos recurvos, nus, sem folhas." (MUL, L. 5). [Neol.]

CONSPURCAR v. t. d. (do lat. *conspurcare*) Deixar máculas; corromper. "E, no entanto, Gaponi transigio, trahio a seos irmãos, cuspio nos evangelhos sagrados de sua fé, *conspurcou* as aras sacrosantas [sic] de seos ideaes de liberdade." (CHR, L.44)

CONTRADANÇA, s. f. Danças em fileiras opostas. "... em uma fes- / ta, os sorrisos, as *contradansas*, as horas passadas entre as olhadelas / ineficazes do rapazio..." (ANT, L. 08 f. 2)

CONTRISTADOR adj. e s. m. Que, ou o que contrista. 2. Entristecedor. "Feita a primeira volta, a perspectiva dilatou-se mais *contristadora* ainda"(ASS, L. 66)

CONVULSÃO s. f. [sent. fig.] Choro. "Dentro da placidez da hora matutinal,/ olhos metidos/ na bruma que lhe cerra o costeiro natal,/ João Mareta é uma insana/*convulsão* de soluços desabridos./ Uma suprema tempestade humana" (SM, p. 179, v. 686)

COPÁZIO s. m. Copo grande. "Reunidos em conversa variada, animada pelos *copázios* de vinho e aguardente, estão João Mareta, André, Chico Souza, João Tuna..." (SM, p. 149, v. 401)

COPEGANTE adj. De copegar; escorregar e cair em feitos amorosos. " Fria e triste a gemer na noute plumbea e vasta/Numa velha canção, ouço-te a voz agora ..../Num tacteio de sons pelas ruas a fóra/Um tristonho violão *copegante* te arrasta ... /Velha que vens rever teus caminhos de outr'ora (...) " (S, V.4).

CORDÕES COMPLICADOS col. Emaranhado de galhos de árvores. "Já se estendem no tecto os *cordões complicados*,/Já descem, já se vão, crespos, multiplicados," (SM, p. 110, v. 73)

CORISCO s. m. [sent. fig.] Ágil como um raio."Amarrava no mar como um carro na lama./Um trambolho, Mareta. E 'Fortuna' é um *corisco*." (SM, p. 151, v. 418)

COROA s.f. Pequeno baixo de areia que cobre e descobre com as marés. "(...) E praia, vasa, escolhos, / Baixo, perau, *coroa*, ou canal, nada aos olhos / Perspicazes de Lúcio escondido ficava..." (OB, V. 10) 2. s. f. Baixio, persistente ou temporário, produzido por aluviões, nos estuários e baixo curso dos rios e lagoas. "Sua alma... alarga-se como essas *coroas* que as marés grandes descobrem."(SM, p. 165, v. 492)

CORREDEIRA s.f. Trecho de rio onde as águas, dada a inclinação do terreno, correm céleres, e que, muitas vezes, corresponde à última etapa de uma queda d'água. " (...) o batelão descia / Na *corredeira* estrepitosa da vazante... " (OB, V.112).

CORRER A VISTA loc. verb. Aplicar (os olhos) a alguma coisa ou alguém, em geral rapidamente, ou por alto, para uma visão de conjunto. "*Corri a vista* em roda. E a meu lado corria/somente 'Juriti'. Uma hora proa a proa." (SM, p. 189, v. 747)

CORRIDA s.f. Momento de retirar a rede d'água e verificar seu conteúdo: "Mas veio a hora de fazer a *corrida*. Nenhum peixe." (SM, l. 147, p. 166)

CORRUIRA s.f. Designação comum a duas aves da família das Troglodytias. "Subito o Yrapurú põe-se a cantar. E o silencio se faz. A *corruira* cessa o galreio na ramaria rasteira."(DRCR, L.61)

CORSÁRIO s.m. Pirata. "É brigue de *corsario*, é gondola dourada" (HSV, V. 43).

CORTAR (A) ÁGUA loc. verb. Atravessar, cruzar, fazer caminho. "(...) Amanhã estaremos / Barra afora *cortando águas* do sul." (OCB, V. 24).

CORTAR A PRAIA loc. verb. Caminhar, passar, seguir por. "*Cortando a praia* extensa, à hora em que o dia acaba, / Anchieta, o passo tardo, anda em cismas absorto" (A, V. 41).

CORTAR A PROA loc. verb. [exp. naút.] Cruzar-se com uma embarcação que vai a navegar, passando-lhe a distância relativamente curta da proa. "Aí está 'Conceição'. Quem lhe *cortasse a proa*/não veio ainda." (SM, p. 156, v. 468; p. 189, v. 753)

CORTIÇAME s.m. conjunto de discos de cortiça que, flutuando, sustentam as bordas da rede de pescar. "... o *cortiçame* negro e movediço da extensa caçoeira..." (SM, Adv.l. 138, p. 165)

CORUSCAMENTO s.m. Fulgor súbito. "Imaginava um mundo de clarões, de lampejos, de *coruscamentos*, dentro do ferreo cofre, tal um cortiço assanhado." (DOM3, L.149). [Neol.]

COSTA s.f. Faixa de terra em contato com o mar. "O tronco. Ei-lo, depois, entre as vagas boiando./ Voga, apegado à *costa*, a alma cheia de medo (...)" (HSV, V. 17). "A *costa* é irregular, escancelada e obscura" (SM, Adv. p. 107, v. 11)."... ninguém o via, salvo quando um naufrágio, uma canoa aparecida, punham em ação o mister de capataz daquela *costa*." (JOC, L. 12)

COSTA ESCANCELADA col. O costeiro muito aberto. "A *costa* é irregular, *escancelada* e obscura" (SM, p. 107, v. 11)

COSTA IRREGULAR col. Sem formação geológica definida. "A *costa* é *irregular*, escancelada e obscura" (SM, p. 107, v. 11)

COSTADO s.m. Parte externa do casco do navio. “Gastas bordas, a quilha e o *costado* em remendos,” (N, V. 4). 2. s.m. O flanco da embarcação. “Olha o ‘Fortuna’... o *costado* limoso, a quilha incrustada de ostras e gusano.”(SM, p. 123, v. 180)

COSTEIRO s.m. Costa; litoral. “E foi a vida, em pleno mar, ao rude embalo / Da barcaça, ao marulho estridoroso e insano / Dessas águas, do sul do *costeiro* baiano” (OCB, V. 4); (OB, V.2, 44; TP, L.8). 2 s.m. Costa, extensão de terra, próxima ao mar: “... Matilde andava glosada pelas noutes de pesca nas coroas do c{osteiro}.” (DOM, L 26, p. 158). “As excursões de João Capataz por todos esses portos do *costeiro*, no negócio ambulante,...” (JOC, L. 22, 73).

COSTURA s. f. Material utilizado na profissão de coser. “Não dorme. É só chorando. A *costura* esquecida/lá está dentro da cesta. Anda à toa na vida.” (SM, p. 120, v. 160)

COURAÇA s.f. [sent. fig.] Armadura; fortaleza. “E o pensamento voltara agora decisivo, revestido de uma *couraça* de / vontade indomada,...” ANT, L. 18 f. 1)

COUSA-FEITA s.f. Alguma coisa que acontece de mal e que se atribui ter sido mandado fazer por alguém; feitiço. “Então, não precisa receita?.../ Não, não precisa mais... Você tem *cousa-feita*.” (SM, p. 193, 374, v. 778) [Regionalismo]

COVETEAR[86] v.int. Preparar a cova para a semeadura. “Simão Mutuca *coveteia* E canta: [ao batido compassado da enxada no agro bruto: chanchan, chanchan...]” (PAM, 0094, L. 16). [Neol.]

CRAVAR v.t.d. Fincar alguma coisa. "Todos os anos, quando acendemos uma fogueira e lhe *cravamos* ao centro uma árvore qualquer, temos um oráculo 'a porta que nos pode predizer a morte." (PR, L. 9, p. 43).

CRENDEIRO adj. Aquele que crê em absurdos ou abusões ridículas. “Abusão que apavora a pobre meninice, / Mentira torva e má da *crendeira* velhice?!” (OB, V. 67).

CREPUSCULADO adj. Sem luz; esmaecido. “A sua tristeza fecunda o seu eterno marulho, suas revoltas tudo abre em mim largas portas de Sonho [sic] mar de Sonho *crepusculado* de saudades e de evocações.” (doc. 066:0312, f. 2, L. 14) “Á luz da tarde que esmorece, murmura e risonha, nesta cela de convento, terra da minhalma, paiz nevoento e *crepusculado* pela Tristeza onde viéram morrer, de fome e sêde, na [†]/d\errocada tremenda da vida, todos os sonhos da mocidade e todas as mocidades do meu Sonho, á luz da tarde de Agosto escrevo-te estas linhas...” (doc. 066:0318, f. 1, L. 3). [Neol.]

CREPUSCULAR v. int. ‘Tornar escuro, sem luz’. “... ouvindo o som lento e magoada [sic] das Horas na sua marcha para o Não Sei; aqui, neste ermo que estrellei com o meu canto e hoje *crepuscúlo* com a minha Saudade.” (doc. 064:0290, L. 6). [Neol.]

CREPUSCULAR-SE v. refl. Perder a luz; apagar-se. “... historias bellas e grandes, do afogamento de Moema ao naufragio do marujo hollandez, tu evocaste numa pagina fremente

---

[86] Ferreira (1975) e Houaiss (2001) registram *coveta* como uma brasileirismo do Nordeste, cujo significado é‘Cova ou buraco onde se põe a semente da cana’.

e divina o Futuro da Patria, *crepusculam-se* com a fumaça da polvora, turbam-se com os estampidos do canhão.” (doc. 063:0255, L. 14). [Neol.]

CREPÚSCULO s. m. A luz frouxa que precede o nascer do Sol e persiste algum tempo depois de ele se pôr. “Caieira... falando para o pescador que se vai sumindo, abocanhado pelo *crepúsculo*.” (SM, p. 141, v. 335)

CRESTADO adj. Que tem o corpo magro. "*Crestado* do jejum, batido da vigília" (A, V.7, p.142).

CRISOL s.m. Lugar onde as coisas se misturam, se fundem. “Funda desolação, mudez imensa, / Enchem de horror aquela plaga extensa... / em cima fulge o céu como um *crisol*”. (NS, V.11, 88)

CRISPAÇÃO s. f. Contração "O agudo lenho corre. A praia estala e range, / E como que estremece em *crispação* violenta. " (A, V.72, p.142).

CROCITAR v. int. (do lat. *crocitare*) Fazer ouvir sua voz o corvo, o abutre e outras aves semelhantes. "É manhã. A floresta canta, ruje, gorgeia, trilla, arrulha, pipila, assovia, gurincha, trina, *crocita*, esvoaça, rufla, guaya, esplendece e tatala{s}, rumoreja e crespuscula." (DRCR, L.59)

CRUSTÁCEO s. m. Espécime dos *Crustáceos* animais artrópodes de respiração branquial, tegumento rico em calcário e com dois pares de antenas. “Como os *crustáceos* ali na vasa...” (SM, p. 109, v. 45)

CRUZESOUZIANA adj. À maneira do poeta simbolista Cruz e Sousa. “O livro tem o titulo de – Poesias. I Volume,dividido em tres partes: Purpuras,Rosas de antanho, Ermo em flôr.Da <†>/p\rimeira parte um bocado da phase *cruzesouziana*. <Da> A segunda versos <menos> lyricos. Narração de um fructo, e outros.”(doc.: 066:0326). [Neol.]

CRYSOL s.m. (do cast. *Crisuelo*) Cadinho; aquilo que serve para patentear as boas qualidades; onde se purifica o ouro e a prata. "Vae sosinho, a alma estrellada na Fé, purificada no *crysol* da vontade, accesa na chamma fecundadora da Arte, utilizada na idéa sacrosanta do combate sem treguas, da luta sem armisticios. " (DOHXM, L.155)

CUMBUCA s.f. Casa de jogo. “... uma visita a qualquer *cumbuca* a ver se a lebre dava alguma cousa para o cigarro.” (ITR, L. 66-67) [Regionalismo]

CÚPULA s. f. Parte côncava e superior de alguns edifícios. Parte côncava do zimbório. 2. Zimbório. Abóbada. “(...) sem tintas suaves, rígido, rígido, como uma *cúpula* de aço” (ASS, L. 31)

CUSPINHAR v. intr. Cuspir à miúde. “O vendeiro vai à frasqueira, toma uma golada de cachaça, *cuspinha* e vara o interior...”(SM, p. 161, 267).

CUSTOSO adj. Difícil. “— Não é isto o mais *custoso*, adiantou Miguel.” (ITR, L. 43)

D. BRANCA n. pr. Personagem-título do poema de Garrett, filha de D, Beatriz e de D. Affonso de Portugal, um dos maiores filósofos e filólogos do seu tempo, ocupando um dos primeiros lugares entre os trovadores da península. Foi escrito na França, quando o autor contava apenas vinte anos. O poema fala sobre a recatada infanta. “Longe desse refúgio de

paz de minh'alma, quando contemplo pelo caleidoscópio da imaginação, risonho e pacíifico à beira-mar, tenho murmurado muita vez como o poeta de *D. Branca*" (PAS, L. 55).

DÁCTILO s. m. Na versificação grega ou latina, pé de verso formado de uma sílaba longa seguida de duas breves. "O *dáctilo* ressurte e, alto, o espondeu rebenta. " (A, V.75, p.142)

DADIVOSO adj. Generoso. "Estende sobre nós o olhar purificante, / Derrama sobre nós a bênção *dadivosa*!" (DR, V.4, 143)

DANTESCO adj. Relativo a Dante Alighieri, que tem o caráter da obra de Dante. 2. De um horror grandioso. "(...) estas são as mais trágicas, são os tercetos *dantescos* daquele inferno flamejante e azul". (ASS, L. 57)

DANTINHO s.m. De Dante. Pequeno Dante apresentando boa forma física. "Ah! chamma-se Dante o ladrão do teu amor, perguntei./– Sim, Dante/ – Então deixa-*a* ás mãos do Dante. Disso sairão bellissimos tercettos..... *Dantinhos* e não quasimodinhos./ O nosso commum amigo não gostou e retrucou:/ – Onde a dignidade, a pureza, o amor etc. etc.""".(doc. 063:0266, f. 3, L. 11). [Neol.]

DAR NA COSTA loc. verb.[exp. náut.] Encalhar na costa de continente ou ilha. "E a canoa da minha sorte/*deu na costa* da doença e da miséria." (SM, p. 218, v. 990)

DAR PANO A loc. verb. [exp. náut.] Largar o pano. Dar à vela. "*Dê-lhe pano* e verá como aquilo navega." (SM, p. 159, v. 481)

DAR UNS VINTÉNS loc. verb. Render algum dinheiro. "Tão somente o saveiro/é que ainda vai *dando uns vinténs*." (SM, p. 121, v. 167).

DARDO s. m. Arma ofensiva de arremesso, espécie de lança curta e delgada. "Tinha o ponto em que o *dardo* entraria certeiro" (OB, V.45, p.72).

DE BORCO loc. adv. De boca para baixo. "As ondas largas... batem nas pernas de Saúna, arrojando-o *de borco* na areia." (SM, p. 202, v. 884)

DE CHOFRE loc. adv. De repente; de súbito; repentinamente. "Eu sempre tive um respeito aos ramos; mas a alegria da noute, a festa, faziam-me esquecer que ali, a dous passos eu tinha o que poderia gelar, *de chofre***,** todo o contentamento a encher, na noute do Batista, a minha choupana." (PR, L.11, p.43)

DE SEMENTE loc. adv. De nascença. "E teu pai o que foi, salabardote?/De *semente*.../o maior cachaceiro desta terra." (SM, p. 125, v. 210)

DECANTADO adj. Exaltado. "Lembra essas virgens louras, encantadas, / Das *decantadas*, campesinas lendas." (VI, V.14, 122)

DEITAR PRESENTE À SEREIA loc. verb. Colocar, obedecendo a um ritual, dádivas à Sereia ou Mãe-d'água. "Não se canse em *deitar presentes à sereia*." (SM, p. 213, v. 943)

DEITAR[87] v.tran. Lançar, botar, pôr. "Hoje mesmo vim á Villa *deitar* uma carta para ti. Aqui chegando, encontrei a tua de 13 com o trecho italiano do autor do "Il Piacere". (doc. 063:0258, L.3) [Regionalismo]

[87] Sentido antigo; arcaizante.

DEITAR-SE COM O DIABO loc. verb. Fazer pacto com o diabo que, como conseqüência, se estende por diversas gerações. "Sangue-mau que roubou o meu amor!... De que fonte/ veio esta maldição? Ninguém há que me conte./ Peste de minha raça.../ Quem fo i esse avô meu que dormiu com a desgraça?/ou essa minha avó que *se deitou com o diabo?*/...Se eu pudesse dar cabo/ desta peste que fez meu sofrimento eterno!.../ O diabo te gerou do lamarão do inferno,/ o fogo dele te consuma,/ sangue amaldiçoado... "(SM, p. 234, 574, v. 1105) [Regionalismo]

DELPHINS s.m. (mit. gr. *Delfine*) Um dragão, mulher da cintura para cima e serpente da cintura para baixo, incumbido de vigiar os tendões ou os nervos de Zeus. "E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de oceanides, de *delphins*, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o zephiro leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de Thetis, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das nynfas coroadas" (MAR, L. 22-27).

DEMANDAR O PORTO loc. verb.[exp. náut.] Navegar em direção ao porto. "Eu só via a 'Simoa'/com a vela cheia *demandandoo porto*." (SM, p. 136, v. 275)

DENTÃO s.m. Espécie de peixe, que tem grandes dentes. "À medida que os seus braços iam colhendo a rede, as corvinas e as pescadas, os *dentões* e ..." (SM, l. 160, p. 167)

DERROTA s.f. Rumo ou direção que leva o navio. "E vai de mar a mar, presa à invisível teia / Dessas vozes, abrindo e fechando *derrotas*." (OHM, V. 7).

DERRUÍDO adj. Destruído. "o pescador... tem o aspecto *derruído* dos retirantes." (SM, p. 185, v. 699)

DESABROCHAMENTO s m. Ato ou efeito de desabrochar. O mesmo que desabrocho. 2. Albor, juvenescimento. "Ele guarda as correrias de minha infância e os primeiros *dasabrochamentos* da minha adolescência." (PAS, L. 49).

DESADORADAMENTE adv. Sem render culto a uma divindade. "Nesse ano eu dei com uma embaúba nova, alta, lisa, com a sua coroa de folhas verdes espalmadas e que era o aposento de um sabiá que todas manhãs cantava *desadoradamente*". (RFO1, L.32). [Neol.]

DESALMADO adj. Que demonstra maus sentimentos; cruel, perverso, desumano. A Sancha,/quando ele a atirou fora, ingrato e *desalmado*,/deixou tudo ali mesmo." (SM, p. 116, v. 99)

DESARVORADO adj. Que voga sem governo. "(...) O batelão, batido da procela, / *Desarvorado*, ermava... (...)" (OB, V. 29).

DESCALABRO s.m. Ato que ocasiona grande dano. "Na sensual, frenética folgança, / Contorcendo-se em doudos *descalabros*, / Em bamboleios lúbricos, macabros" (CA, V.6, 59)

DESCAMBAR v. int. Diminuir o volume de água; baixar. "A maré ainda não *descambou*." (SM, p. 209, v. 934) 2. v. int. Mudar de direção; mudar de rumo. "Aí nós *descambamos* para a meia-travessa." (SM, p. 155, v. 449).

DESCARADO s. m. Atrevido; imprudente. “Deixa-te estar, meu grande safardana, Furriel Miroró, hein, *descarado*,/foi tua mãe a tal de Fabiana,/que andava aqui e ali de esteira e pote..” (SM, p. 125, v. 205)

DESCERRADA adj. Aberta. “Saúna ressona... a boca *descerrada*.” (SM, p. 196, v. 801)

DESCORA DE PÃO QUEIMADO col. Raspa que sai do pão queimado. “Ali morava a amasia Filiberta, também da ilha, que quitandava do verão aos princípios do inverno - o que Miquim da tirava: dança e *descora de pão queimado*.” (ITR, L. 14)

DESDÊMONA s.f. Figura principal da tragédia de W. Shakespeare, *Otelo*. Desdêmona é uma figura delicadíssima, modelo da mulher modesta, terna e submissa, protótipo literário da esposa virtuosa, vítima de intriga perversa e do ciúme desvairado. Esposa de Otelo, é vítima da infâmia de Yago que, despertando o ciúme no peito do negro veneziano, leva este a matá-la no leito, com requintes de ferocidade: "E o Ibero, teu Otelo, ardendo de áureos ciúmes, / Afoga-te no leito entre raros perfumes, / Ó soberba e imortal *Desdêmona* das vagas." (VE, V.14, 107)

DESEMBUÇAR v. t. d. Revelar. “O céu aos poucos se *desembuça*.” (SM, p. 179, v. 689)

DESESTRELADA adj. Sem brilho, sem luz. “Eu no meu ermo, na minha solidão *desestrellada* mas inda assim com um pouco de luz para o sonho”. (doc. 062:0247, f.1v, L. 2). [Neol.]

DESFIADO adj. Esmiuçado. “No terreiro amplo do casarão antigo, após cantado o offício de Nossa Senhor, rolavam, *desfiados* pelo velho pescador anedotas,histórias,casos tristíssimos de epidemia, narração de naufrágios notáveis no costeiro...” (SM, l.4, p. 157)

DESFORTUNA s.f. Má sorte; desgraça. “Você deve ter dó da minha *desfortuna*.” (SM, p. 202, v. 888)

DESGRENHADO adj. Descabelado: “Sobre núbios corcéis – Valquírias *desgrenhadas* – / Passam as horas em confusas desfiladas” (NO, V.2, 140)

DESLAMBIDA s.f. Sem vergonha; cínica. “E tua mãe?... Aí pra toda a gente./Por pouco não chamou os barcos, os saveiros/e os batelões da costa. Aquela *deslambida*.” (SM, p. 126, 63, v. 216) [Regionalismo]

DESLEMBRAR v.t.d. Esquecer. "É noute de sábado. O rapazio *deslembra* o labor da pesca semanal." (PO, 2/L.2, p.57).

DESLUMBRAMENTO s. m. Ato ou efeito de deslumbrar. Perturbação da vista ou cegueira momentânea, causada por uma luz demasiado forte. Fig. Sedução, encanto, fascinação. “Umas apareciam, estalando ao sol, outras desmanteladas, a cobertura desfeita ou queimada, pelo último incêndio outras, entre aquele *deslumbramento*” (ASS, L. 54)

DESLUZIDO adj. Estragado devido à ação do tempo. “A colunata dos atare *desluzidos*.” (SM, p. 111, v. 85)

DESMANCHAR v. t. Desfazer. “À beira da praia que a maré vai desnudando, a onda chofra e se *desmancha*, num grande espreguiçamento felino e fugitivo.” (SM, p. 115, v. 92)

DESMANCHO s.m. ato ou efeito de desmanchar o presépio, ima das partes da festa popular da Queimada de Palhas. “Mathilde ao terminar o bailado, dera início ao *desmancho*.” (DOM2, L. 81) [Neol.]

DESNASTRADO adj. A que se tiraram os mastros; desentrançado, destrançado: “Vamos! Ergue-te a rir do teu divã, formosa! / Solta às auras da noite as *desnastradas* coma!” (AS, V.2, 84)

DESPREZO s. m. Desconsideração; desdém. “Cerra os punhos e avança um pouco, lembrando... dos ciúmes, do ódio, do *desprezo* da Naninha...” (SM, p. 144, v. 394)

DIÁFANO adj. Que dá passagem à luz, apenas por poros invisíveis. Transparente. “Branca Visão das noites lactescentes / Luminosa, *diáfana*, divina / Bendita a tua luz alabastrina.” (LU, V.2, 76)

DIANA n. pr. Mitol. Deusa da caça. “Nascia Venus formosa / Linfa (?) *Diana* bella.” (ENP, V. 44).

DIAS-ANCIÃOS s.m. Dias antigos; dias do passado. “Lavei as feridas da guerra/ Dos teus *dias-anciãos* que foram peregrinos” (doc. 0001, f. 1r, v. 26). [Neol.]

DIVULGAR v. t. d. [sent. fig.] Entrever. “Teresa, *divulgando* o vulto de Saúna.” (SM, p. 204, v. 903)

DOBADOURA s. f. Agitação provocada por excitação. “Seus olhos lá do mar, meus olhos cá de terra/já se encontravam, já. Que *dobadoura* em casa.” (SM, p. 136, v. 271)

DOLENTE adj. Magoado, lamentoso. “Toda de branco, mística e *dolente*, / Laura, no mar, no vasto mar plangente / Imerge os seus tristíssimos olhares...” (VS, V.6,80)

DOM QUIXOTE n. p. Refere-se ao romance Dom Quixote, obra de Miguel de Cervantes, cujo personagens principal é um engenhoso fidalgo D. Quixote. “Mas que história foi essa? A dos Pares de França? / De Magalona? *Dom Quixote* e Sancho Pança?” (PO, 10/ V.8, P. 58)

DORIDO adj. Consternado, triste, magoado. "E a voz extingue-se-lhe na garganta, trêmula e *dorida* e os olhos pequenos foram-se anuviando de lágrimas." (PR, L.5, p.43). “Só, certas noutes, quando o luar flui luz *dorida*, / Surges Visão amada... as lágrimas estanco / E eis-te, um momento, em luz, rio escuro da Vida!...” (SG, V.14, 145)

DORMIR COM A DESGRAÇA exp. ‘Fazer pacto com o diabo que, como conseqüência, se estende por diversas gerações’. “Sangue-mau que roubou o meu amor!... De que fonte/ veio esta maldição? Ninguém há que me conte./ Peste de minha raça.../ Quem foi esse avô meu que *dormiu com a desgraça*?/ou essa minha avó que se deitou com o diabo?/...Se eu pudesse dar cabo/ desta peste que fez meu sofrimento eterno!.../ O diabo te gerou do lamarão do inferno,/ o fogo dele te consuma,/ sangue amaldiçoado... ” (SMA, p. 234, 574, v. 1104). [Regionalismo]

DOUS DE FEVEREIRO loc. nom. Dia da festa de Iemanjá, ou a Mãe-d’água. “Sim. Mas escutem cá: em *dous de Fevereiro*,/da cidade pra aqui, nordeste de cinzeiro...” (SM, p. 152, v. 424)

DURVALIANO adj. Relativo a Durval de Moraes. “Os teus rythmos confirmam essa ancia de individualisação: vão allem do verso livre, é o verso *durvaliano*, original comportando uma variedade de rythmos, cujo encadeiamento produz essa poesia magnifica...” (doc. 064:0288, f. 5, L. 9). [Neol.]

DYONISIACO Adj. Relativo ao deus grego Dioniso ou Dionísio. Alegre; que celebra com festas. “Felizes nós se podermos ser assim na vida espalhando canções e suavizando-as nas horas gethesemanicas da [sic] tristezas e nos momentos *dyonisiacos* da <Ael> Alegria”. (doc. 067:0336, f. 2, L. 13).

DYONISIACAMENTE adv. À maneira de Dionísio; alegremente. “ ...o estado por certo passageiro – mas que, neste momento, á luz desta montanha rumorosa, illumina-me, vibra-me, transporta-me, faz-me doudejante, risonho, amar a Vida anciosamente, *dyonisiacamente* como um agypan trefego bebendo na bocca de uma naya uma porção luminosa de Volupia e de Vida”. (doc. 063:0274, f. 2, L. 18). [Neol.]

EIVAR v.t.d. Contaminar, infectar. “Dias, a folha, o fructo *eivados*, que, às rajadas, / O tédio arranca e espalha a essas águas barrentas.” (SG, V.3, 145)

ELDORADO n.p. País imaginário entre o Amazonas e o Orinoco, e, que, segundo se afirmava, abundava em ouro. “O *Eldorado*, que, além de serras misteriosas / Misterioso fulgia em babéis luminosas / Morre como um clarão fugitivo nas ondas...” (Sm, V. 19).

ELÍSIO s. m. Mitol. A morada dos heróis e dos justos após a morte; campos elísios, eliseu. P. ext. Lugar de delícias, bem-aventurança. 2. Prazeroso. “(...) como o silêncio impressionativo de um templo deserto pelo esmaecer das tardes *elísias* da primavera!” (PAS, L. 24).

EM CACOS loc. adv. [sent. fig.] Estado lastimável de pobreza. “A gente/bate de encontro ao Sangue-mau e de repente,/*em cacos*, lá se vai a canoa da sorte...” (SM, p. 119, v. 138)

EMBASBACAMENTO s.m. Grande tolice. “Eu que venho do ermo onde escondo a vida, o orgulho, o odio e a desventura, a febre do sonho e os restos da mocidade mal que defronto esta immensa parvalhada, este *embasbacamento* soberano e triumphante, sinto a vontade indomada de buscar os meus outeiros, o meu rio e as minhas arvores”.(doc. 062:0245, L. 15-16). [Neol.]

EMBAÚBA[88]s.f. Árvore silvestre, de tronco indiviso, alto e elegante. “Nesse ano eu dei com uma *embaúba* nova, alta, lisa, com a sua coroa de folhas verdes espalmadas e que era o aposento de uma sabiá que todas as manhãs cantava desadoradamente” (RFO1, L. 31). [Regionalismo]

EMBIRRENTO adj. Que reclama constantemente. “Ora, o Pereira.../Sempre chiando e sempre *embirrento* o barbaça.” (SM, p. 124, v. 182)

EMBUÇADO adj. Cinzento; nublado. “... naquela tardezinha *embuçada* de julho.”(ITR, L. 02)

EMBUÇAR v. t. d. Encobrir, disfarçar. "Que, na calma solene, alguém que a noute *embuça* / Junto de mim pranteia ou suspira ou soluça... " (AMC, V.47, p.91).

[88] Variante lexical de *matataúba*.

EMPA[N]TURRADA[89] adj. Muito cheio, repleto. “Hoje, a torre deste convento amargurou-me a visão. Esbrechada, vasia, muda....É uma abandonada, uma esquecida. Dê-lhe estes versos, revoltados e piedosos que a burguezia letrada e *empaturrada* [sic] de theorias transcendentes, regeitará e que eu exultarei.. Ao menos não serei lido. Ha uma volupia dolorosa nisto.” (doc. 063:0268, L. 17). [Regionalismo]

EMPAPUÇADO adj. Inchado, opado. “A meninada chorava pedindo pão, em volta da pobre mãe que os amimava quase sorrindo, e em volta do pai, mudo, brutalizado pela impotencia, com um olhar pasmado de quem recorda, ia e vinha, depois do ligeiroacalentode novo a choramingar, amarela, *empapuçada*,” (ASS, L. 28).

ENCHENTE s.f. ‘Movimento das águas do mar, resultante do fenômeno das marés, quando a altura da água vai crescendo’. “Só, no desvão da rocha, onde o mar, nas *enchentes*, / Entra gorgolejando, espumaroso, *(...)*” (PF, V.5); (PDL, V. 21). 2. s. f. [sent. fig.]. Fartura, sorte. “Tudo se foi então: canoas, redes, lancha./A saúde fugiu espantada de casa,/a maré começou a vazar e inda vaza./E nunca mais *enchente*.” (SM, p. 117, v. 115)

ENCRESPADO adj. Agitado, com fraca ondulação. “Esfuzia o nordeste. A onda *encrespada* estua” (EN, V. 1).

ENCURTAR A LINHA loc. verb. Aproximar-se da morte. “Um dia.../um mal, um quer que seja. Tristezas hein?... saudades?/...São os anzóis ferindo.../...É a *linha encurtando*.” (SM, p. 143, v. 376; p. 144, v. 393)

ENEVOAR-SE v.refl. Cobrir-se de névoa; nublar. “O azul que *se ennevôa*! A aza da magua espalma” (EN, V.7).

ENEVOENTA adj. Cheia de nuvens. “Esta manhã fria *enevoenta* dá a este degredo um ar de Siberia” (doc. 071:0412). [Neol.]

ENFEBRECER v.int. Contagiar; entusiasmar. “Não a incitou com o seu brado, não a *enfebreceu* com a sua vastidão, não a embalou com a sua caricia, não intimidou com as suas tempestades”. (doc. 064:0282, f. 2, L. 13). [Neol.]

ENFERMAR v. int. Tornar-se doente; adoecer. "Não me enganei: Em março Ana *enfermou*. Tão forte / Quem a diria assim já tão perto da morte?" (PO, 65/V.12, p.73); "Não me enganei, aí por Setembro Ana *enfermou*, a moléstia galopava, querendo arrebatar a minha companheira de tantos anos." (PR, L.65, p.47).

ENFIBRATURA s.f. Firmeza de caráter. “Alegria, disse-te. E ella veio quando me disseram que, numa pagina, o escriptor da “Carne de Jesus” te proclamara o maior poeta da Bahia e quiçá do Brasil. Alegria ainda porque em, uma noute, eu, antes delle, proclamei teu Nome como quem defralda um pavilhão coberto de victorias e de esperanças. Jubilo intenso porque os que ainda duvidavam do teu genio, da tua Arte, da tua extraordinaria *enfibratura* potente de intellectual, da magestade olympica do teu Verbo, hoje sentirão que o teu Nome é um labaro de Fé ...” ” (doc. 062:0238, f. 2, L. 22). [Neol.]

ENFLORAR v.t.d. Fazer florescer: “Era liso e sereno este trecho de oceano. / Cindia-o quanta nave estas águas *enflora*...” (IE, V.2, 136)

[89] Segundo Vieira (1873), termo popular.

ENFUNAR-SE v. refl. Encher-se de vento, tornar-se bojudo. “E ao derradeiro mar lá *se* lhe *enfuna* a vela.” (OHM, V. 14); (N, V. 32).

ENLAPADO adj. (de enlapar) Metido em lapa; encavernado; enfurnado, escondido, encovado. " (...) Não é uma renuncia á vida como a dos monges, a dos anachoretas *enlapados* nas covas dos montes, dilatando a alma pelo aniquillamento da carne: (...) " (DRDM, L.26)

ENREGELANTE adj. Que provoca a sensação de frio. “Na madrugada *enregelante,*/lá se vai a alongada e banzeira canoa” (SM, p. 179, v. 677).

ENSANGÜENTADO adj. Coberto de sangue. “Caí ferido *ensangüentado* em Tuiuti.” (SM, p. 143, v. 381)

ENSANGUENTAMENTO s.m. O tornar-se vermelho como sangue. “...figuras hirtas, graves e austeras de resignados, derramando sobre o braseiro dos caminhos o *ensangüentamento* de flores pequenas”. (MUL, L. 7). [Neol.]

ENSEADA s.f. Pequeno porto ou baía; recôncavo da costa marítima. “As canoas apontam para além da *enseada* / As longas proas negras. (...)” (ACA, V. 1); (A, V. 1, 31). “Teu beijo é minha *enseada*...” (SM, p. 171, v. 592). “Às vezes, apressado da compra, cortava insomne as águas da *enseada*, e surgia em Mar Grande...” (JOC, L. 83)

ENTENEBRECER v.t. (do lat. *tenebrescere*) tornar escuro; entristeceu; enlutou; encheu de sombras: "A sede de ouro *entenebreceo* aquella alma, que parecia guardar sob um ceo vermelho de revoltas, sublimes madrugadas serenas de amor e de patriotismo. " (CHR, L.45)

ENTOCAR s. fig. Esconder. “Fora disto, *entocado* no tejupar, ninguém o via,...”(JOC, L. 10)

ENTREVADO adj. Que tem os movimentos do corpo limitado por algum motivo, como doença, limitações da idade, etc. “e não fora a velha mãe *entrevada* na palhoça da ilha, havia destado marinheiro do Agulha Branca. *“* (ITR, L. 24.)

ENTRONCADO adj. Indivíduo corpulento. “Tinha uma cor acobreada, de cola verde, *entroncado*, a cara larga...”(ITR, L. 16).

ENXUGA s.f. Secagem, enxugamento. “Ao claro sol matinal, a fulgir, num céo ainda nevoado, as lanchas, porque os aguaceiros torrenciaes da noute lhes encharcasse[↓m] os pannos, abrem-nos para a *enxuga*.” (doc. 066:0320, f. 1, L. 4) [Regionalismo]

EPOPÉA s.f. [sent. fig.] Ação ou série de ações heróicas: “Hoje a morte o levou para transfigurá-lo / No Tabor da *Epopéa*, e para transportá-lo / Às áureas Catedrais olímpicas da Glória!” (FR, V.13, 86)

ERIÇAR v.t.d. fazer erguer; arrepiar. “Na velhice é a restinga *eriçada* de escolhos...” (HM, V.9); “O granito do real, bruto, *eriçado*, imoto...” (LE, V.6, 124)

ERMAR v.intr. Ir para o ermo. “(...) O batelão, batido da procela, / Desarvorado, *ermava*... (...)” (OB, V. 29). 2. v. int. andar ou viver no ermo, na solidão: " (...) O batelão, batido da procela, / Desarvorado, *ermava*... (...) " (OB, V. 29, p.72).

ERMIDA s.f. Capela ou igreja pequena, fora do povoado. "Sonoro como um clamor de trompas ferindo o azul sereno e immaculo de uma clara manhã de estio, crystalino e vibrante

como o tilintar dos sinos de uma *ermida* branca junto ao mar num dia alegre e rutilo de festa (...)" (ESM, L.20) “Uns.../Alvejam no alto como as *ermidas*.”(SM, p. 108, v. 27)

ERMO s.m. deserto, desabitado, solitário. “*Ermo* e vazio o coração doente” (MA, V.7, 65); “Ia por uma estrada *erma* e sem caminheiro.” (SE, V.3, 127)

ERRADIO adj. Perdido no caminho; desnorteado, errante. “Por toda a casa o olhar paira, ansioso e *erradio*...” (BV, V.6, 103)

ERRANTE adj. Que vagueia. “Eu sou como o judeu *errante* desta costa.” (SM, p. 215, v. 965)

ESBARRANCADO s. f. Valas ou quebradas nos campos, por efeito das chuvas, desbarrancado. 2. Adj. Em que se fizeram barrancos; esboroado, socavado, escarvado, esburacado. “Agora, sobre as margens *esbarrancadas* dos riachos de águas lentas, (MUL, L. 22).

ESBATER v. trans. Graduação dos movimentos (das ondas). “(...) As ondas, / No revolto *esbater* monotono e perenne / (...) / Pareciam dizer-lhe: avança. (...)” (HSV, V. 11). 2. v. s. atenuar os contrastes da cor ou do tom de, passando gradualmente do mais forte ao mais fraco, ou vice-versa. " Mas, será que somente este *esbater* das águas, / (...) / (...) / (...) / Despertem mágoas (...) " (AMC, V. 49, p. 91).

ESBOROADO adj. Desfeito, desmoronado. "A onda, aqui neste muro antigo e *esboroado* / (...) / Arfa (...) " (AMC, V. 5, p. 91).

ESBURGADO adj. Com a carne arrancada. “Sua pele está fina. E a minha... /arranhada, lapeada, *esburgada*, ferida pelas unhas do mar, do sol, do vento...” (SM, p. 240, v. 1136)

ESCACHOANTE adj. (de escachoar) Que forma cachões, ebuliente, fervente, borboteante. "Há uns annos elle começou a rimar sonetos e poesias á luz já sem calor do velho condoreirismo esgotado no forjar as decimas *escachoantes*,(...)"(DRDM, L.45)

ESCACHOAR v. refl. Ferver em cachão; borbotar. "Perto, *escachoando-se*, em rebojos revoltos, borboteando tumultuoso, rolando triumphalmente as aguas enturvecidas, o Rio-Mar cantando o hymno soberano de sua força e magestade. " (DOHLR, L.36)

ESCALDADO s. m. Espécie de pirão, feito com o caldo a ferver e farinha. “E o tacho ferve com os siris para o *escaldado* da ceia.” (SM, p. 210, v. 937)

ESCAMPO *adj*. (de escampar) Limpo de nuvens; desanuviado; descampado; desabitado. "Ora os meos olhos pairam no Azul inmenso e *escampo*, insondavel e mysterioso, extasiados como diante de uma visão de Apocalypse." (ESM, L.33). 2. Diz-se de tempo sereno, estiado, desanuviado. “O sol irrompera com a implacabilidade costumada, e era o mesmo firmamento *escampo* sem frescuras matinais” (ASS, L. 31).

ESCANCARAMENTO s.m. Abertura total. “Aquele *escancaramento* rasga fundo a alma, aterroriza, assombra.” (ASS, L. 58). [Neol.]

ESCARPA s.f. Rampa ou declive de terreno, deixado pela erosão, nas beiras; alcantil. “E um dia do pendor da marulhenta *escarpa* / Vê um barco apontar.(...) ” (HM, V. 12); 2. Ladeira íngreme. “Vê que martírio enorme, empolgante, profundo: / Descer serenamente a *escarpa* da

Descrença" (DR, V.11, 143); "E, um dia, do pendor da marulhenta *escarpa,* / Vê um barco apontar. Aborda-o. Toma-o. Zarpa. (HM, V.12, 116)".

ESCARPADO adj. Íngreme. "Sem penedias *escarpadas*." (SM, p. 107, v. 13)

ESCAVÃO s.m. Cavernas marítimas escavadas em rocha calcária pela ação erosiva das águas. "Deflagrasse revel nos *escavões* sombrios / Que fora abrindo no sopé dos penedios, / Sempre esse mar o via. (...)" (OB, V. 7). 2. Cava, cavidade. "Deflagrasse revel nos *escavões* sombrios / Que fora abrindo no sopé dos penedios," (OB, V. 7, p.72).

ESCOLHO s.m. Rochedo à flor da água. "Nauta: um *escolho* a mais para a traição e o dano." (IE, V. 4). "Na velhice é a restinga eriçada de *escolhos*..." (HM, V.9, 116); "Nauta: um *escolho* a mais para a traição e o dano. / Por se livrar do *escolho,* o mar perquire... E uma ilha / Inda ontem povoava este trecho de oceano." (IE, V.4, V.13, 136)

ESCONJURAR v. t. d. Exorcizar. "Diga três vezes: cruz, te *esconjuro*, Teresa." (SM, p. 230, v. 1063)

ESCONSO s. m. Esconderijo. "Daquele *esconso,* de torvo aspecto,/...Ruem paredes de bofetão." (SM, p. 109, v. 39) "Em rua *esconsa*, arrumo as miudezas" (LO, V.13, 158).

ESCORNADO adj. Deitado sem poder levantar-se por excesso de bebida; exausto; bêbado. "Eu andava na guerra/e ele *escornado* nos telheiros." (SM, p. 126, v. 213)

ESCOTA s. f. Corda, que nas canoas, se amarra na ponta da vela ou traquete. "A canoa abica. A vela, de *escota* solta, blatera ao vento." (SM, p. 214, v. 955; p. 220, v. 1004, 1004)

ESCRINIO s.m. (do lat.scrinium) Escrivaninha; pequeno armário ou cofre. "E grande o *escrinio* do notavel poeta e prosador rio-grandense. Fora longo enunciar toda as suas obras, onde o estylo se conserva puro e sereno, onde a lingua brilha na sua pureza e frescura e onde a sua erudição se desdobra triumphante " (CHRM, L.49)

ESCRUTAR v.t.d. Investigar; pesquisar; sondar: "Gira e *escruta* esse olhar inquieto de duende." (FA, V.8, 112)

ESCUNA s. f. Embarcação de vela de dois mastros e um só mastaréu em cada mastro. "Esse 'Fortuna', então, é brigue, nau, *escuna*/ou que diabo é?..." (SM, p. 157, v. 473)

ESCURIDADE s. f. Qualidade do que é escuro; falta de luz. "A água do largo começava a dourar-se, enquanto que nos recantos da praia era ainda um lusco-fusco, quase a mesma *escuridade* de há pouco." (SM, p. 173, v. 631)

ESCURO s. m. Refere-se à cor da pele do homem negro. "O velho Antero, octogenário... *escuro*, a cara rapada..." (SM, p. 149, v. 404)

ESFARPAR-SE v.refl. Rasgar-se em farpões; desfiar-se. "Da vida, qual no mar às garras do dragão / *Se esfarpa* a vela que buscava o porto. ? ..." (AMC, V. 59).2. " É a voz de uma ilusão / Que *se esfarpou* no vórtice medonho / Da vida, qual no mar às garras do dragão / *Se esfarpa* a vela que buscava o porto?... " (AMC, V. 57, V.59, p. 91).

ESFARRAPADO adj. Que ou aquele que tem as vestes em farrapos. "Lá embaixo passa, Zé Ventura *esfarrapado* como um mendigo." (SM, p. 115, v. 92)

ESFUZIAR (v. intr.). Soprar rijo e forte. "*Esfuzia* o nordeste. A onda encrespada estua" (EN, V. 1).

ESGALGO adj. Esbelto. "Teresa, entrando corada... *esgalga*... cheia de corpo, a voz clara e saltitante." (SM, p. 191, v. 767)

ESGOTAR v. t. d. Tirar até a última gota de. "...*esgota*, Tito, esgota..." (SM, p. 155, v. 460)

ESGROUVIADO adj. Magro e alto como um grou; que tem o cabelo em desalinho, desgrenhado. "Saúna, *esgrouviado*, desce à praia com um punhado de amarradilhos..."(SM, p. 207, v. 918) 2. Esfarrapado. (///) anunciando a passagem da bandeira fantástica e *esgrouviada* dos retirantes". (ASS, L. 11)

ESGUEIRAR-SE v. t. Rastejar. "No ar da nave, eles vêm, coriáceos, extensos,/ - cordoalhas bambeando ao vento – se estirando/Até o solo. E daí se *esgueirando*" (SM, p. 110, v. 77)

ESGUIO adj. Alto e delgado. "Mareta, magro, *esguio*, vermelhaço, a voz ligeira e clara."(SM, p. 149, v. 401) "Não vem! Não virá mais! E o sapatinho, o *esguio* / cortinado, uma touca, um brinco, tanta cousa" (BV, V.7, 103)

ESMAECENTE adj. Que esmaeceu, atenuado, desmaiado. 2. Empalidecido. "(...) bambus de plumas quietas, muitos de ouro *esmaecente*", (MUL, L. 11).

ESMARRIDO adj. Seco; desanimado. (SM, p. 196, v. 801): "Teresa... olha... o corpo *esmarrido* de Saúna."

ESMIRRADO adj. Emurchecido; esquelético, enfraquecido. "No tempo em que o sol expulsou a vergastadas de luz os casais felizes outr'ora e hoje, estertorando, *esmirrados*, pelas estradas desertas..." (ASS, L. 61).

ESPADAÚDO adj. Largo, forte. "Mas a queda era por Militão *espadaúdo*, vermelhão..." (l. 28, p. 158)

ESPADELA s. f. Peça que trabalha na parte mediana da canoa. "A vela desferrada, de escota solta, bate, enquanto Saúna põe a *espadela* e ganha o largo." (SM, p. 221, v. 1004)

ESPATA[90] s. f. A palha do coqueiro. "A coroa dos coqueiros, com as espartas derreadas" (SM, p. 178, v. 659)

ESPECTRAL adj. Relativo ou semelhante a espectro ou fantasma: " E trasgos, duendes, visões, almas mal-assombradas / - Caravana *espectral* – cruzam, rondando às soltas." (NO, V.8, 140)

ESPEDAÇAMENTO s.m. Ato de quebrar-se a onda na costa, ao espraiar-se. "Quem vae ao Rio Vermelho, por fim de tarde clara e radiosa, e galga o Monte Conselho pode, dahi, contemplar um dos mais bellos espetáculos: aquella vastidão desenrolada, infinita tumultuando em grossos rolos precipites e aos nossos pés por entre as fragas negras, todos aqueles *espedaçamentos* das vagas, toda aquella espumarada alvíssima, refervente, borbulhante, subindo acima dos rochedos, no impulso violento do embate, feito poeira finíssima a refranger, rapidamente, todas as cores do arco íris." (CMY, L. 7). [Neol.]

[90] Do lat. *spatha –ae*, deriv. do gr. *spathe*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

ESPIAR v. t. Observar secretamente. “Chega a miséria, *espia* e ronda/e se assenta na soleira do pobre./E de andrajos o cobre./Empurra-o para sempre à vida desgraçada,/reduzido no mundo a pó, a cinza, a nada.” (SM, v. 142, c. I, p. 119)

ESPICULO s. m. (do lat. *spiculu*-) Ponta aguçada; objeto em forma de dardo; aguilhão, ferrão. "Que o acoimem de prolixo os que na obra de arte buscam o leve, o gracil, a filigrana, o perfumado, (...) – porque não no farão as almas anciosas de almas, sedentas de almas remordidas pelo *espiculo* do sonho, insoffridas por saberem de outras almas porque rumos andavam perdidas, porque infernos e porque ceus andaram (...) " (DRDM, L.438)

ESPIPADO adj. Que ou aquele que apresenta ruptura; quebrado. Um velho D. Quixote, as folhas despegadas, Tal o manchego herói, todo esfarrapadinho, *Espipado* no dorso, as capas deslocadas... Eis os livros da casa. – É pão que farte e é vinho (DRU – PV, v. 1-8)

ESPONTAR v. intr. Começar a surgir, despontar. 2. Aparecer. “E a mulher ainda moça, sustentando nos ossos que *espontavam*” (ASS, L. 17).

ESPRAIO s.m. Alastramento das águas pela praia. “A maré vem subindo... aos *espraios* fúlgidos, resoante.” (SM, p. 195, v. 801)

ESQUADRINHAR v. tr. dir. e indir. Examinar atenta e miudamente. 2. Investigar, olhar com atenção. “Chegou à porta, *esquadrinhou* com o olhar fatigado o caminho” , (ASS, L. 38).

ESQUIFE s.m. Pequena embarcação, a remo ou à vela. “(...) E d’água sai, relampejando, o remo, / E é gaivota o *esquife* ao rijo e doudo esforço.” (AMD’A, V. 24). 2. m. batel, barquinho: " (...) E d'água sai, relampejando, o remo / E é gaivota o *esquife* ao rijo e doudo esforço. " (AMd'A , V. 24, p. 123).

ESQUISSAR[91] v.trans. Esboçar à mão. “Quero mesmo me libertar o mais cedo possivel das Poesias para me entregar ao trabalho, se bem que já estou reunindo annotando, e *esquissando* alguns assumptos para tratar, indispensaveis no livro”.(doc. 066:0326, f. 4, L. 19). [Neol.]

ESQUIVO adj. Que mostra esquivança; áspero, rude. “Longe agora, no céu, aponta um róseo traço. / Cresce e se alarga e cresce. *Esquivo* e sussurroso. / O mar deixa entrever no clarão duvidoso.” (MN, V.6, 138)

ESSENIO s.m. (do sir. *asa*) indivíduo pertencente à seita dos essênios, seita judaica que professava a comunhão de bens, evitava todos os prazeres, bebia só água, condenava o juramento. "E o verbo suave e manso do louro *essenio* chegára aos ouvidos dos Deuses num regougo ullulante de cem batalhas." (DOHXM, L.22)

ESTALAR v. int. O bater das ondas do mar na praia. “A praia nua *estala*, rebrilha, fulvesce nas poças de água e formiga na correria dos crustáceos.” (SM, p. 126, v. 219)

ESTAR DE PÉ loc. verb. Conseguir reerguer-se; melhorar de vida. “Andei de rasto mas agora *estou de pé*.” (SM, 241, v. 1149)

ESTAR NA TOCAIA loc. verb. Estar à espreita. “*Estava na tocaia*/dum gaiamum ali...” (SMA, p. 209, 456, v. 932). [Regionalismo]

[91] Decalque do francês.

ESTEIRA s.f. Tecido de palha seca. “Lançava a rede, arrumava a *esteira* no vão da proa, e dormia ou fumava até o primeiro lanço...”(JOC, L. 17)

ESTEIRO s.m. Braço de mar que entra pela terra adentro e cujo fundo, às vezes, fica em seco, na vazante’. “(...) E o sonho se dilata / E ferve como o *esteiro* espumante das quilhas” (HSV, V. 35)

ESTERTORAR v. intr. Agonizar; estrebuchar. “E hoje, *estertorando*, esmirrados, pelas estradas desertas”... (ASS, L. 61).

ESTILAR v. t.(do lat. *stillare*) Deixar cair gota a gota; destilar: "Há uns annos elle começou a rimar sonetos e poesias á luz já sem calor do velho condoreirismo esgotado no forjar as decimas escachoantes, os alexandrinos indomados por entre os quaes, passavam as figuras homericas dos heroes redivivos e as figuras constelladas das datas nacionaes, quando nos decassylados tremulos, *estillando* subjectivismo magoados, não se debruçavam as visões tristonhas das bem amadas como santas piedosas (...)" (DRDM, L.48)

ESTOPA s.f. A parte grosseira do linho, que se separa por meio do sedeiro. “Saúna vai e vem, seminu, vestindo com o chumaço de *estopa* os flancos do barco de uma capa negra e luzidia.” (SM, p. 126, v. 219)

ESTORTEGAR v. int. Variante de estorcegar; contorcer, contrair. " O corpo em contorções tetânicas torcido, / A *estortegar* e a recurvar-se como um arco _ " (OB, V. 106, p. 72).

ESTRALEJANTE adj. Crepitante, que produz estalos. “ ... em roda da fogueira *estralejante*, as moças ...” (SM, l. 57, p. 160)

ESTRELA-D’ALVA s.f. Estrela da manhã. “Desmaia a *estrela-d’alva*. O vento sopra escasso.” (MM, V. 4).

ESTREMUNHADA[92] adj. Atordoada, em decorrência do despertar repentino, ficando meio tonto, sem tomar bem conhecimento da realidade. “E a pobre Louise lá se foi *estremunhada* fazer o ch*a* emquanto no sotão nosso Alvaro adormecia profundamente.” (doc. 066:0324, f. 1, L. 26). [Regionalismo]

ESTRESILHADO adj. Variante de entresilhado; magro, descarnado, escanifrado. "Tritão envelheceu. *Estresilhado*, ossudo, / Perdida aquela cor macia de veludo, " (CB, V. 27, p.108).

ESTRUGIR v. intr. Vibrar fortemente, estrondear, estalejar, produzir som agudo. “Estruja o Hino da Paz da terra aos Firmamentos!” (PAZ, V. 57).

ESTUANTE adj. (do lat. *aestuante)* Que ferve; febril, ardente; estuoso. " (...) porque o Artista mesmo no tumultuo *estuante* da multidão é um solitario, essa voz de solus ex-anima, " (DRDM, L.18)

ESTUOSO adj. Agitado. “Noite, um largo rumor quebra o silêncio em torno / Da tarde setembrina o ar serenado e morno / Treme dele – É o rumor de *estuosa* cavalgadda” (UC, V.11, 147)

ESTUPOR s. m. Patol. Estado mórbido em que, embora se ache desperta a consciência, o doente não reage a excitação alguma, mantendo-se imóvel na mesma posição. Catatonia. 2.

[92] Segundo Vieira (1873), de uso familiar.

Imobilidade, inexcitabilidade. “A terra estuava, contorcia-se, num delírio, num *estupor* de luz” (ASS, L. 40).

ESTÚRDIA s. f. Extravagância. “Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do vendeiro em que iam relampear navalhas em *estúrdias* nocturnas, em casas de mulheres-damas, lá pelas cidades do Sul.” (SM, p. 160, v. 489)

ESTURRICADO adj. Muito seco, queimado; quase torrado. "Desde essa noute o ramo *esturricado* e negro / Começou a crescer, bracejando agourento / Dentro do coração, dentro do pensamento." (PO, 64/V.125, p.72); "... Com efeito: estava estendido, bem aqui assim, ao comprido, bem em cima da porta, com as folhas *esturricadas*." (PR, L.58, p.46).

ESTURRICAR v. t. d. Causar danos; destruir. “Fogo que *esturricou* toda a minha fortuna.” (SM, p. 242, v. 1162)

EVOLAR-SE v. refl. Voar; exalar-se. "Porque de cada estrofe a *se evolar* na noute infinda / Vem redor uma seta aguda e bruta " (CA, V. 76, p. 50). 2. v.p. desvanecer-se, desfazer-se : “ Derrama sobre mim os cálidos aromas / Que se *evolam* subtis dos lábios cor de rosa...” (AS, V.6, 84)

EXÍDIO s.m. (de exido) Terreno inculto que serve de pasto ou passeio comum; vulgo “baldio”. "Elas aparecem á beira das estradas./Como fantasmas.../Como restos de *excidios*, de escombros e de ruinas.(...) " (CH, V.3)

EXSICADO adj. (de exsicar, do lat. *exsiccare*) Seco, sedento. ressecado, queimada pelo sol. “A cabana, inclinada e silenciosa, aparecia naquele trecho de terra *exsicada*, como uma ruinaria”. (ASS, L. 2).

EXSURGIR v. int. Levantar-se. "Tudo, diante do Mar *exsurge* e desabrocha." (AMC, V.29, p. 91).“Quanto ao *exsurge* ficou excellente. É um/ Verbo muito meu amigo." (062:0249, f.1, l.20-21)

EXUMAR v. t. d. Retirar do esquecimento. “Cala, como *exumando* recordações.” (SM, p. 238, v. 1118)

FAGUEIRO adj. Meigo, carinhoso, ameno. “Para um reino melhor partiu da térrea gena. / Mas, um dia, Jesus, numa visão *fagueira*, / Retorna ante o saudoso olhar da Madalena” (DV, V.6, 150)

FALA RASGADA col**.** A voz que sofre intervalos em sua pronúncia. “João Tuna, meião de altura, cicioso, a *fala rasgada*, os cabelos negros escapando-se pelo chapéu de baeta.” (SM, p. 151, v. 411)

FALASTRÃO adj. Indivíduo falador; que conta vantagem. “Esse salabardote/em terra é um *falastrão* e no mar um peixote.” (SM, p. 124, v. 193)

FANFARRÃO adj. Aquele que ostenta valentia sem o ter, blasonador. “Silvino não passa de um *fanfarrão*.” (SM, l. 111, p.164)

FATIAS DE PARIDA s.f. Espécie de alimento feito com pão molhado ao leite. Rabanadas. “... o café acompanhado de *fatias de parida* e bananas fritas, um poema! ” (TAM, L. 149-150) [Regionalismo]

FAZER O RUMO loc. verb. v. t. d. Pôr a caminho, orientar. "*Feito o rumo,* presa a escota, a vela encofa-se e a canoa toma carreira." (SM, p. 221, v. 1003)

FAZER POUCO CASO loc. verb. Desdém. Muita gente não crê, sorri, *faz pouco caso*." (SM, p. 118, v. 124)

FEBRENTO[93] adj. De quem tem febre' "Viste-o ao longe. Era enorme. E o cavallo suarento/ Estugaste, ferindo-o á vertigem dos passos./ E torres, barbacans, pontes, golpes, lançaços/ Tudo a ruir e a sangrar, queimou-te o olhar *febrento*." (doc. 067:0332, f. 1, v. 4) [Regionalismo]

FECHAR v.t.d. Ficar triste, angustiar, aflingir. "Quando voltava do trabalho, (...) o coração *fechava*, parecia que alguma cousa de triste me esperava, em vez do repouso e do aconchego costumados." (PR, L.63, p.46).

FEITIÇO s.m. Cousa-feita; malefício de feiticeiros; bruxaria'. "No entanto, existe tudo isso./Uhm! Não crer no *feitiço*.../ Não crer no mal que chega e no bem que nos foge..." (SMA, p. 118, v. 126; p. 121, v. 168; p. 193, v. 780; v. 983). [Regionalismo]

FELPA s. f. Buço de rapaz, pêlos raros e finos que nascem no lábio superior dos rapazes, quando começam a barbar. "Apontara-lhe a *felpa* anegrada do buço " (OB, V. 1, p.72).

FERAZ adj. Que produz muito; fértil, fecundo. "Solo ubérrimo e *feraz* onde a natureza ostenta" (PAS, L. 7).

FEREIRO[94] s.m. Var. de feireiro, que trabalha na feira. "...depois negociante clandestino de carvão de pedra, que vendia aos *fereiros* pobres da costa de S. Thomé ao S. Paulo." (ITR, L. 24-25) [Regionalismo]

FERRAR A VELA loc. verb. Colher o pano. "A vela, de escota solta, blatera ao vento. O pescador *ferra-a* e prende a 'Conceição' à vara." (SM, p. 214, v. 955)

FÉRVIDO adj. Agitado, muito rápido. "Um longe quebro... / (...) / Ferindo a água, que *férvida* marulha " (ANMM, V. 7, p. 117).

FESTA DA QUEIMADA DE PALHA loc. nom. Festa final do ciclo natalino, na qual, ao som de cantos, se queimam as palhas de presépios e lapinhas. "Volta a página do caderno, dá com os versos que cantara na *festa da queimada de palhas,* em casa de Teresa." (SM, p. 170, v. 574)

FIAPO s. m. Restos de uma força física não mais existente. "Os gestos crescentes... surgem... como *fiapos de* sua *vivacidade* e ligeireza de antanho." (SM, p. 187, v. 720)

FINCADO adj. Cravado; enterrado. "Cala um instante, com os olhos *fincados* no chão e, depois, com os punhos cerrados." (SM, p. 215, v. 962)

FLABELANTE adj. Em forma de leque agitado. "... glutão eterno, cioso daquelas areias e daqueles coqueiros *flabelantes*." (JOC, L. 88).

---

[93] Está registrado em Caldas Aulete(1968) e em Figueiredo 1973 (1923) como brasileirismo do Nordeste.

[94] Figueiredo 1973 (1923) registra *feireiro* como bras. do Nordeste.

FLAGELADA DE VENTO col. Açoite do vento forte sobre algo. "... lá fora o infinito de águas, em cuja vastidão solitária, a atroada das ondas grossas, *flageladas dos ventos*, sob o céu, retraídas, ..." (ITR, L. 89)

FLAMANTE adj. Ardente. "Cantando e alçando à mão, *flamante,* como um raio / Minha lira inundada em meu sangue de herói." (SE, V.13, 127)

FLAMEJANTE adj. Ostentoso, vistoso. "Tu, que nos vês cantar sob o céu *flamejante*." (DR, V.1, 143)

FLAMEJAR v.i. Lançar raios luminosos como as chamas; resplandecer: "Seu estro *flamejava* assim como no Espaço." (FM, V.3, 74)

FLAMÍVOMA adj. poét. Que vomita ou lança chamas. "Salve três vezes, Deus de áureos pagodes, / Quando em pompa *flamívomas* explodes / Toucando o espaço de vermelhos rastros!" (SL, V.10, 61)

FLANCO (s.m.) 'Costado do navio'. "A primeira impressão das vagas turbulentas, / Doudas, aos vortilhões, precipites, quebrando / os *flancos* do baixel, *(...)*" (HSV, V. 56). 2. [s. m. As laterais do barco.] (SM, Adv.p. 125, v. 197; p. 126, v. 219): "Olhando a trabalheira de Saúna, que limpa os *flancos* do barco." 3. s.m. parte lateral; lado: "Da montanha da Dor do negro *flanco*, / Surdo aos meus longos, lacerantes brandos." (SM, V.1, 63)

FLOR DA TERRA loc. nom. Na superfície. "Por que nada está lá esperando por nós, *à flor da terra".* (ITR, L. 48)

FLORIPES antr. Princesa moura, convertida ao cristianismo, heroína de um dos episódios do conhecido romance de cordel: "Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França, narrativa inspirada nas canções de gesta do ciclo carolíngeo": "Roldão e *Floripes,* os mouros e os gigantes..." (DOM, L. 11, p. 157)

FLUCTÍVAGO adj. Que anda sobre as águas do mar. "Canção de amor! Porque, *fluctívago* cantor?... " (CA, V. 50, p. 50).

FLUXO s.m. Enchente ou vazante das águas do mar. "Da alma envolta nos véus de gelada caligem / A coragem fugia, em túrbida vertigem / De *fluxo* temeroso e esgotante de Março..." (OB, V.60).

FOGO s. m. [sent. fig.] Má sorte; desventura. "*Fogo* que esturricou toda a minha fortuna." (SM, p. 242, v. 1162)

FOLGANÇA s.f. Brincadeira, divertimento, festa. "Na sensual, frenética *folgança,* / (...) / Aquele Corpo varonil não cansa." (CA, V.5, 59)

FOLGAZÃO adj. Brincalhão. "A casinha / estava enfeitada, os convidados iam e vinham *folgazões*." (ANT, L. 04 f. 4). "Mas eu desfiz aquele instante malfadado / Com meu apelo *folgazão,* mas já travado / De um profundo amargor." (PO, 63/V.122, p.72)

FORTUNA s. f. Sorte. "Fogo que esturricou toda a minha *fortuna*." (SM, p. 242, v. 1162)

FRADE s. m. Duas cavernas à proa dos barcos que se sobressaem e nos quais se dá voltas às amarras. "Tão grossa,/tão crespa e bruta como um cabo, como um *frade*." (SM, p. 240, v. 1134)

FRÁGUA s. f. Amargura, aflição. "Dói-lhe a dor de pensar que nas humanas *fráguas*/ Arda a flor virginal de sua juventude " (A,V. 14, p. 142).

FRALDEJAMENTO s.m. Ação ou efeito de tremular ao vento. “Depois a vida da caserna, a miseria moral do homem, a mentira agaloada passeiando por entre *fraldejamentos* verdes.” (doc. 063:0264, f. 1, L. 2). [Neol.]

FRANZINO adj. Muito magro; delgado. “Já sem forças na cama, o seu rosto *franzino*/sorria para mim...” (SM, p. 135, v. 257)

FRASQUEIRA s. f. Caixa ou lugar onde se guardam frascos ou garrafas de bebidas. “O vendeiro vai à *frasqueira*, toma uma golada de cachaça...” (SM, p. 161, v. 493). “O taverneiro foi à *frasqueira*, bebeu um forte gole de aguardente, cuspinhou e sumiu-s*e.”* (JOC, L. 54)

FREMIR v. intr. Vibrar, agitar-se ligeiramente. “Cada vaga que *fremindo* / É a voz de uma saudade, um tormento pungindo, / (...) / Que se esfarpou no vórtice medonho / Da vida (...) ” (AMC, V. 54).

FRIGIDEIRA s. f. Utensílio de barro ou de metal para frigir. “O vendeiro vai à frasqueira, toma uma golada de cachaça, cuspinha e vara o interior de onde vem o cheiro convidativo da moqueca de camarões, chiando ainda na *frigideira* cabocla.” (SM, p. 161, v. 493)

FROTA s.f. Grande número de navios de guerra. “O búzio, a espuma, o brinco, as pequeninas *frotas*/ Que lá vão, que lá vêm, na mareta que anseia.” (OHM, V. 3).

FRUTESCENTE adj. que produz frutos, fruticoso. “.. ele surgiu vistoso, no canto da sala, florescente e *frutescente*, cheirosa gruta...” (SM, l. 52, p. 160)

FRUTESCIDO adj. Cheio de frutos. “As estradas me appareceriam, na graça de suas curvas, dos seus desvios, de seus lances, florescida e *frutescida*.” (ULB, 0113, L. 11). [Neol.]

FUGIDIO adj. Que tem pouca duração. “e cortinado bole ao sopro *fugidio*...” (BV, V. 11, 103). “Teus olhos têm o brilho *fugidio***”** (NN, V.5, 90)

FULGE *adj*. Brilha, resplandece, cintila. "Eil-a que viça e *fulge*. Eil-a que amadurece." (VD, V.9)

FULGIR v. intr. Brilhar, resplandecer. "(...) O sol na vaga mansa / *Fulge* numa explosão de pérolas e jóias... "(A, V. 2). " Teu nome em cada rima arde, *fulge*, irradia," (CA,V. 88, p.50).

FULGOR s. m. Brilho, esplendor. "Perto, no seu *fulgor* de selvagem beleza, / Resvala o corpo nu de uma virgem tamoia. " (A, V. 34, p.142).

FULGURAÇÃO s. f. Clarão, brilho, cintilação rápida, fulgor. “(...) sob a *fulguração* queimante do sol dezembrino (MUL, L. 3).

FULVESCENCIA s.f. Qualidade de fulvo; apresentação da cor fulva, alourada, cor de bronze ou de ouro. "Vieste, trazendo n’essa bocca rosea, os fervidos beijos voluptuosos (...) n’esses olhos doudejantes, as *fulvescencias* dos Soes flavos da tua terra " (FL, L.18)

FULVESCER v.int. Aproximar-se de uma tonalidade amarelada; tornar fulvo. “A praia nua estala, rebrilha, *fulvesce* nas poças de água e formiga na correria dos crustáceos.” (SMA, p. 126, 66, L. 7). [Neol.]

FULVO adj. Amarelado, de cor amarelo-tostado. "A luz envolve o azul numa *fulva* araçóia." (A, V.32, p.142). “Mil Sóis a refulgir num *fulvo* revérbero.” (FR, V.4, 86); “Sem brilhantismos *fulvos* de Alvorada.” (MA, V.4, 138)

FUNESTA adj. Que fere mortalmente; fatal, mortal: “Oh! *Funesta* atracção, fatal quebranto!...” (AF, título, V.9, 69)

FURRIEL[95] s. m. Antigo posto militar, entre cabo e sargento. “No entanto, esse Mareta/já não me apelidou de *Furriel* Miroró?” (SM, p. 125, v. 202)

FUSTA s. f. ant. Embarcação comprida e estreita, de pequeno calado, proa beque, armada de esporão, dotada de 10 a 26 bancos de remadores, mastro que podia largar uma vela bastarda, e tendal à popa. " Quando ancorada a nave, os mastros nus, a *fusta*/ Dispersa em terra ao vinho e às mulheres (...) " (CB (2A), V. 9, p.108).

GADO DO MAR loc. nom. [sent. fig.] Os peixes.“Lá se foram, aos tombos... onde caruja o maçambê e fervilham as corvinas prateadas... todo o *gado do mar*...” (SM, p. 207, v. 918)

GAGUEZ s. f. Qualidade ou embaraço fônico dos gagos. “Pelo corredor, as palavras estalam esaniçadas e emperradas, numa *gaguez* irritante...” (SM, p. 247, v. 1195)

GAIAMUM s.m. Caranguejo da terra, mas que vivem em buracos à borda do mar. “Estava na tocaia/dum gaiamum ali... Mas você não passou?” (SMA, p. 209, 456, v. 933). [Regionalismo]

GAIATICE s. f. Brincadeira. “... o velho Simão redobrava as *gaiatices* e multiplicara as anecdotas.” (ANT, L. 03 f. 4)

GALEÃO s.m. Antigo navio de guerra, de sólida construção e formas finas, popa arredondada e bojuda, com quatro mastros. “É *galeão* triumphal de amplo rosto rotundo.” (HSV, V. 44).

GALERA s.f. Barco de guerra, a remos e a vela, largo e baixo, movido por galeotes e usado até o século XVIII. “Depois o lenho tosco e acamboada altera / A forma, alarga o bojo, arremessa nos ares / Os <pincaros> [↑arvoredos] triunphaes dos mastros: é *galer(a)*.” (HSV, V. 39).

GALREIANTE adj. Balbuciante, palrador, chalreiante. 2. Cantante. “A manhã deu-lhe os pássaros *galreiantes*” (MUL, L. 28).

GALREIO s. m. Emissão de voz sem articulação de palavras; pios; chilros. "Subito o Yrapurú põe-se a cantar. E o silencio se faz. A corruira cessa o *galreio* na ramaria rasteira" (DRCR, L.61).

GAMA s. f. [sent. fig.] Sucessão de cores. "Da luz todos os tons, da cor todas as *gamas* / Vibram na valva azul que a valva verde espelha. " (Om, V. 7, p. 170).

GAMELA s. f. Utensílio de madeira ou barro em forma de alguidar, utilizado para uso doméstico. “Ali, estão pedras negras que servem de trempe... *gamelas*, caborés...” (SM, p. 225, v. 1004) “... Miquim da Ilha saltou do saveiro carregado de carvão, encapotou-se e passou por entre as *gamelas* de peixes, os montes de bananas...”(ITR, L. 05)

---

[95] Do fr. *fourrier*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

GAMELEIRA s.f. Árvore da família das Moráceas, de que há diversas espécies. “Como sentindo ao longe o cheiro das ruínas,/Vieram pousar ali, leves e pequeninas,/Sementes da gigante e basta *gameleira*.” (SM, p. 110, v. 68)

GANHA-PÃO loc. nom. Qualquer trabalho ou instrumento de que se possa tirar o meio de subsistência. “Não tarda a me deixar, meu velho *ganha-pão*. Quando ela for, será meu maior abandono” (SM, p. 186, v. 705)

GANHAR A PRAIA loc. verb. Atingir a praia. “Saúna *ganha a praia*. A esperança enfia um raio quente de sua luz pelo coração escurentado do belo rapagão.” (SM, p. 123, v. 180)

GANHAR O LARGO loc. verb. Afastar-se da costa. “A vela desferrada... bate, enquanto Saúna põe a espadela e *ganha o largo*.” (SM, p. 221, v. 1003)

GARÇONIERE s. f. (do fr. *Garçonier, ière*) Apartamento ou quarto de solteiro. "E deixou a mais decidida impressão de sympathia e admiração a leitura de suas composições{.}[que] Durval fez para uma roda amiga reunida uma noite em minha *garçoniere*. "(DRDM, L.326)

GARROTE s. m. Bezerro de dois a quatro anos de idade. “Furriel Miroró, hein, *garrote* alvação?” (SM, p. 126, v. 217)

GÁRRULO adj. Aquele que fala muito; palrador, tagarela. 2. Barulhento. “(...) plenificadas de alacridades *gárrulas* de pássaros”. (PAS, L. 32).

GELAR v.t.d. Perder a animação ou entusiasmo. "Eu sempre tive um respeito aos ramos; mas a alegria da noute, a festa, faziam-me esquecer que ali, a dous passos eu tinha o que poderia *gelar*, de chofre, todo o contentamento a encher, na noute do batista, a minha choupana." (PR, L.11, p.43).

GÊNIO DO MAR loc. nom. Divindade marinha. “Voz de um *gênio do mar*?...” (CA, V. 29).

GESTA CARLOVÍNGIA loc. nom. canção que celebra os feitos guerreiros de Carlos Magno, rei dos francos e imperador do ocidente, e dos seus guerreiros - Os pares de França. “...cantava no terreiro enluarado, a velha *gesta carlovíngia*...” (DOM, L. 7, p. 157)

GETHESEMANICA[96]adj. Triste; angustiante. “Felizes nós se podermos ser assim na vida espalhando canções e suavizando-as nas horas *gethesemanicas* da [sic] tristezas e nos momentos dyonisiacos da <Ael> Alegria”. (doc. 067:0336, f. 2, L. 13). [Neol.]

GLÁDIO s.m. [sent. fig.] Poder, força. “Paladino da Idea, árduo soberbo, / O *gládio* e a cruz, ramo de louro e cardo, / Suspendia sereno à luz do verbo.” (VC, V.10, 169)

GOELA s.f. Grande onda. “Eu nunca de temi. Tu deixaste o “Fortuna”/ espedaçado ali, nas pedras.m.as, escuta:/ Fui teu senhor. Zombei da tua força bruta/ e labutei contigo enquanto são e forte./ Vi tua *goela* se abrir para me dar a morte,/e não fugi.Covarde. Eu sou o mesmo dantes.” (SM, p. 204, v. 903) [Regionalismo]

GOIVO s. m. Flor do goiveiro, de diversas cores: branca, amarela, raiada etc. [Uma das flores prediletas dos simbolistas]. "Sobre as covas do mar, *goivos* e rosas de ouro!... " (ANMM, V. 18, p. 117).

[96] De *Gethesemani*, local onde Cristo orou pela ultima vez antes de sua Paixão.

GOLFÃO s.m. Mar alto e longe da terra. “Dentre o bruto clamor das vagas tenebrosas, / Com o peixe preso ao bico, e as asas vitoriosas / Acima do *golfão* regougante ruflasse...” (OB, V. 25); (Sm, V. 41); " Vai vê-lo no *golfão* em vórtice espumoso " (CB(2A), V. 42, p. 108).

GOLFAR v. tr. dir. lançar de repepente; arrojar pela boca; vomitar. “(...) balançando a cabeça, *golfando* palavras de raiva” (ASS, L. 83).

GÔNDOLA s.f. Embarcação comprida, de pequena boca, com as extremidades um tanto levantadas, movida por um remo na popa, peculiar à navegação nos canais de Veneza. “É brigue de corsario, é *gondola* dourada” (HSV, V. 43).

GOSTOSAMENTE adv. Com prazer. “Canção, barcarola, ballada, não sei... E nisto estava o encanto acerba e *gostosamente* sentido e gozado daquelle canto”. (CMY, L. 54). [Neol.]

GRAUÇÁ[97]s. m. Espécie de caranguejo brancacento das praias arenosas; por comparação, indivíduo que sofre de albinismo; sarará.. “Pois esse *grauçá*, só porque faz modinha/e toca violão, há de ter a tainha/na malha da tarrafa?” (SM, p. 124, v. 191)

GROSEIRA s. f. Aparelho de pesca em que se emprega anzóis em número que chega à vezes a duzentos. “Lá se foi o calão, lá se foi a arraieira,/e a *groseira* e também ‘Novidade’ e ‘Ligeira’.” (SM, p. 185, v. 702)

GROSSO adj. Corpulento. “Libório, baixo, sessentão, vermelho, *grosso*...” (SM, p. 158, v. 474)

GROTA s.f. Abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio. “Escuta-os salmodiando à boca hiulca das *grotas*, / Ao pé dos penhascais à carícia da lua.” (A, V.96); (DM, V. 7).

GUAIAR v. int. Soltar gargalhadas extensas ou entrecortadas. "É manhã. A floresta canta, ruje, gorgeia, trilla, arrulha, pipila, assovia, gurincha, trina, crocita, esvoaça, rufla, *guaya*, esplendece e tatala{s}, rumoreja e crespuscula" (DRCR, L.59).

GUARIDA s. f. Covil de feras, abrigo, refúgio, proteção. “De fazer do silêncio a divina *guarida*”. (UMB, V. 27)

GUINDAR v. t.d. Levantar, elevar, içar; erguer a uma posição elevada. "Urrava por lá fora o temporal, *guindando* / A vela ao mastro (...)" (OB, V. 14, p.72).

GUINDAR A VELA loc. verb. Elevar, alçar, içar a vela. “... plantando o mastro, *guindando a vela* o pescador...” (SM, l. 93, p. 162)

GWYNPLAINE s.m. Personagem criado pelo escritor francês Victor Hugo na história *L'Homme qui rit* (O homem que ri). "Rir de *Gwynplaine*, atro sorrir de Hamleto... / Rir tresvairado de quem perde o senso, / Medonho gargalhar de Rigoleto!" (RC, V.9, 160)

HAURIR v. t.d. Tirar para fora de lugar profundo. “*Haurir* deste teu sopro a indômita alegria” (AMC, V.91, p.91).

HAVER VENTO E MAR loc. verb. Obstáculo. “Nas outras mãos não sei, mas em mão de Saúna/não *há vento nem mar*.” (SM, p. 153, v. 434)

---

[97] Do tupi *quara* = *quar*. Cf. J. P. M. *Dic. Etim. L. P.*

HERO n.pr. personagem mitológico; Hero e Leandro eram amantes. Todas as noites, Hero ascendia uma tocha para que Leandro atravessasse o estreito a nado. Numa noite de tempestades, a tocha apagou-se, e Leandro, desorientado, por causa da escuridão no mar, não conseguiu chegar a outra margem onde estava Hero. No dia seguinte, Hero vê o cadáver de Leandro ao pé da torre, e se lança dela, vindo perecer ao lado do amante morto. "Luz de *Hero* que norteia ao novo Leandro a trilha." (OB, V. 87, p. 72).

HIANTE adj. Que tem grande fenda ou abertura. “Sentir que na minh’alma – abismo *hiante*, escuro, / Brilha a luz de uma aurora esplendorosa e linda!” (EL, V.3, 134)

HILAR adj. Que tem ou exprime alegria doce, suave, ingênua. "Hoje, porém, ao chegar aqui, dei com ellas *hilares*, travessas, irriquietas, aos revoejos em fente á janella bicentenaria aberta para o nascente e para o campo." (AND, L.11)

HOMERO s.m. Nome próprio a que está ligado a mais antiga poesia épica da Grécia. É o poeta a que se atribuem a *Ilíada* e a *Odisséia*. O tempo em que teria vivido é colocado por Heródoto em cerca de 850 a.C.; pelos modernos, entre 900 e 1100. Seja como for, é o primeiro nome da literatura europeia. "Tinha o nobre valor dos guerreiros de *Homero* / A têmpera viril, a enfibratura d'aço." (FR, V.1, 86)

HORA MORTA col. Período de tempo compreendido entre o escurecer e a meia-noite. “Foi-se a maré de enchente/ e eu creio que Saúna anda rondando a porta, / a do fundo, por certo, a qualquer *hora morta*./ Com fama de bonito e de rico... que quer?.../ E Zé Ventura orçou na vida. E uma mulher...” (SM, p. 160, 258, v. 486). [Neol.]

HORA ÔCA col. Período de tempo compreendido entre o escurecer e a meia-noite. “E é de nov*o* a vida dos dias fugidios, das *horas ôcas*, das noutes scismativas.” (doc. 063: 0265, f. 1, L. 11). [Neol.]

HORA VESPERAL col. Final da tarde, antes do pôr-do-sol. “...almas e cousas <en> tudo emfim tem um{a} porção de sombra pensativa, numa certa porção de *hora vesperal* preza á alma, diluida nalma – sombra de sonho, de saudade e de eras mortas que torna a cidade um asylo um recesso de evocação.”(doc. 065:0310, f. 2, L. 6). [Neol.]

HORÁCIO n. pr. Poeta latino. "E enche o verso pagão de Virgílio e de *Horácio* / Do místico fervor, do sentimento vivo / Da pureza e da fé, no cântico votivo " (A, V. 57, p. 142).

HÓRRIDO adj. Que causa horror; horrível. “A Alma em raivas cruéis estrangulando, / Brado implacável, *hórrido*, nefando, / Tredo ruir de Céus e de Montanhas” (RE, V.7,67); “Rir alarve do bêbado, à poeira... / Os esgares do trismo, *hórrido* e tenso... / E a risada acintosa da caveira!?” (RC, V.13,160)

HUMAITÁ (Tomada de). Episódio da Campanha contra o governo do Paraguai, no comando-chefe do Marquês de Caxias. O forçamento da passagem à frente das baterias de Humaitá foi confiado ao Capitão-de-mar-e-guerra Delfim Carlos de Carvalho, que a 19.02.1868 o realizou, de combinação com as tropas de terra. Durou a passagem 42 minutos. Coube ao Marechal-de-Campo Alexandre de Argôlo Ferrão a missão de romper as linhas de Rojas, obrigando o inimigo a se concentrar dentro dos muros de Humaitá, que era uma fortaleza defendida por 10.000 combatentes, cuja capitulação de seu comandante aconteceu a

24.07.1868 e cuja rendição total ocorreu a 5.8.1868. “Se este eterno Padrão de inexcedível glória/ que impávido surgiu nos muros de *Humaitá*” (PAZ, V. 71).

IDÍLIO s.m. Amor poético e suave: “Roubaste o *idílio* à minha primavera, / Meu peito encheste de uma treva fria...” (RP, V.5, 95)

IMMARCESSIVEL adj. Que não pode murchar. "Mas uma vez, sobre o manto sagrado da Patria cahe o sangue forte dos seos propros filhos, Mater Dolorosa assistindo, muda e crucificada na sua agonia, o conspurcamento de suas tradições, de seo passado glorioso e de seos louros *immarcessiveis* " (DOHLR L.253)

IMMENSO adv. De maneira intensa; que não tem limites. “Amo *immenso* esse rugido dos vendavaes, esse bramido atroador das enxurradas, esse transbordamento dos rios, essa revolta da natureza.” (doc. 061-0226, L. 7). [Neol.]

IMPRECAÇÃO s.f. Fazer pedidos, rogar. "Vem soando alto e grave o canto lamentoso do Agnus Dei. Todos se ajoelham, curvados para o chão, batendo no peito, durante as três *imprecações*. E erguem-se." (PO, 33/L. 29, p.62).

IMPRESSIONATIVO adj. Que causa comoção. “Para as almas sofredoras nada consola como o silêncio impressionativo de um tempo deserto pelo esmaecer das tardes elíseas de primavera!” (PAS, L. 23). [Neol.]

INCOMPLETAR v.trans. Não preencher. “Não lhe *incompletou* a visão rude da Vida a visão verde do Mar. E ela é, ao contrario, perfeita, ou pelo menos, placida, porque elle não está, não entra com a sua parte.” (doc. 064:0282, f. 2, L. 10). [Neol.]

INDÔMITO adj. Indomado; invencível, indomável. "Haurir deste sopro a *indômita* alegria " (AMC, V. 91, p.91). “Mas não vê-la é sentir um fogo enorme, insano, / *Indômita* paixão devoradora, imensa.” (EL, V.6, 134)

INEBRIANTE adj. Que inebria; que embebeda. “Sorvamos gota a gota o vinho *inebriante* / Que nos faz esquecer o negro mudo e a dor...” (AS, V.10, 84)

INEXPUGNAVEL adj. Invencível por força d’armas; fortaleza. "Lá fora, nos campos ensanguentados da Mandchuria, na praça de Vladivostok, no reducto *inexpugnavel* de Porto Arthur, nas aguas de Thasishima, as aguias imperiaes de Nicolao dobravam-se vencidas, recuavam pavidas. " (CHR, L.20)

INFECTO adj. Que lança mau cheiro. “A rubra flor fechava. Alma, o rio bendito / Flava Jordão de antanho: escarvado barranco,/ Verde *infecto* aguaçal, infecundo, maldito...” (SG, V.11, 145)

INGENTE adj. (do lat. *ingens*) poét. Muito grande, enorme, desmedido; estrondoso. "A escassez dos meios, a luta *ingente* para levar aos filhos o pão de cada dia quebrantaram-lhe, pouco a pouco as energias do robusto organismo." (CHRM, L.21)

IN-PACE loc. nom. Lat. que se traduz por “em paz”, fórmula eclesiástica usada em cerimônias funerárias. Usa-se também como *s.m.* para significar o cárcere fechado dos conventos em que eram metidos os religiosos culpados de certos delitos. " (...) e no *in-pace* dos seus silencios, na tristeza dos seus retiros (...)" (DRDM, L.22)

INTEMPÉRIE[98]s.f. Mau tempo. “Aqueles pendem desaprumados, rudes e austeros,/Como vontades dominadoras dos desesperos,/Das *intempéries*, das inclemências.” (SM, p. 109, v. 51)

INÚBIA s.f. Buzina ou trombeta de guerra dos índios. "É Anchieta, o detentor das *inúbias* tamóias..." (A, V. 5, 87, p.142).

INVECTIVA s.f. Injuria, insulto. “*Invectiva* de guerra, altivo, brado austero, / Seu verbo ardente, audaz, triunfava a cada passo...” (FR, V.5, 86)

INVERNOS s.m. Anos de vida. “Estes suspendem.../Oitenta *invernos* no pobre dorso.” (SM, p. 109, v. 34)

IR MAR EM FORA loc. verb. Progredir na vida. “Nunca mais vi Saúna. Está forte, bonito.../Ele *vai mar em fora*.” (SM, p. 232, v. 1084)

IRREFRAGAVEL adj. (do lat. *irrefragabilis*) Irrecusável; incontestável. "Incapaz de uma mentira, levando o culto da verdade até o sacrificio, elle provou com factos *irrefragaveis*, de uma realidade cruel as depredaçãoes, os assassinatos feitos em nome da Patria "(DOHLR L.239)

ITINERÁRIO s.m. Caminho a percorrer. “Das mil bocas da noute um salmo soluçante/ Ressoava, quando a sós, sem rumo e *itinerário*, / Pelas águas descia o barco funerário.” (OB, V. 114).

JAGUNÇO[99] s.m. Valentão assalariado, capanga. “Deram-lhe o bacamarte em vez da escola, deram-lhe o crime; e <como> estatuarios tenebrosos do Mal, deram-lhe todas as formas grotescas, com elle fizeram todo um museu teratologico social e moral que abre com o *jagunço* tesmeroso [sic] que derrota um exercito e fecha com o capanga que assassina para a victoria <†>/d\as eleições. (doc. 066:0321, f. 2, L. 19). 2. Ex: A leva de jagunços que aqui chegam é en*or*me. O sertão conflagra-se e a cidade parece não deixará de ter a sua conflagração. (doc. 068:0356, L. 15)[Regionalismo]

JANGADA s.f. Embarcação chata formada de cinco (ou seis) paus roliços e munida de mastro. “— A cousa está, disse Miquim, em construir a jangada, uma *jangada* larga e bem feita, para as águas de barra fora.” (ITR, L. 43, 46, 49).

JASÃO n. pr. Mitol. gr. ‘Herói da Tessália que organizou a expedição dos argonautas para conquistar o velocino de ouro na Cólquida’.[100] “Ó nave – rocinante!... Ó *Jasão* – D. Quixote!...” (N, V. 34).

---

[98] Do lat. *intemperies –ei*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

[99] De acordo com Câmara Cascudo (1988), originalmente, na BA e em PE, era um pedaço de madeira com uma ponta de ferro agudo, uma arma de defesa pessoal: “Passou a jagunço quem o manejava profissionalmente e jagunçada a reunião de jagunços, significando valentões assalariados, capangas, bandoleiros, correspondendo aos cangaceiros do século XX”.

[100] Jasão era filho de Esão, rei do Iolco, e foi criado pelo centauro Quíron. Despojado do trono paterno por seu tio Telias, recebeu deste (como condição para lhe restituir o trono)a incumbência de conduzir os Argonautas à Cólquida para conquistar o Tosão de Ouro. Da Cólquida trouxe Medéia, com quem se casou. Depois, retirou-se para Corinto e repudiou Medéia para desposar Creúsa, filha de Creonte. Medéia, por vingança, matou Creúsa e os próprios filhos que tivera de Jasão.

JERERÉ s.m. Espécie de rede ligada a um semicírculo, com um cabo de madeira, que serve para pescar no mangue ou no mar raso. “É uma casa pequena, num recanto despovoado da costa, afocinhado quase no lamarão largo que se desenrola em frente. Uma parte sem parede serve de telheiro e cozinha a um lado. Ali, estão pedras negras que serve de trempe, panelas de barro, *jererés* e munzuás, gamelas, caborés, cacumbus, cestos e cofos...” (SMA, p. 225, 522, L.6) [Regionalismo]

JERUSALÉM n. pr. Cidade Santa das três grandes religiões monoteístas, Jerusalém representa para os judeus a prova viva da grandeza passada e o póli do seu renascimento nacional. Para os cristãos é o cenário da agonia e triunfo de seu salvador. E para os muçulmanos, o destino da viagem mística do profeta Maomé e local de um dos mais venerados santuários do Islã. “Seja o imenso farol guiando o mundo inteiro / Para a *Jerusalém* da nossa liberdade!”(PAZ, V. 60).

JOIO s.m. fig. Coisa ruim, que surge entre as boas e as corrompe: “Campo que não dá *joio*, agro fecundo – Vida.../ Lavra-o sereno e forte. Aí vem a flor e o fruto.” (I, V.1, 122)

JUDEU ERRANTE loc. nom. Sapateiro que vivia em Jerusalém, chamado Ahasverus. Quando Jesus Cristo, com a sua cruz aos ombros, passou diante da tenda do sapateiro, esse deixou o trabalho para empurrar o Salvador, gritando: “Vai andando! Vai logo” Nosso Senhor respondeu: “Eu vou e tu ficarás até a minha volta!” E o homem ficou, até hoje, andando pelo mundo, liberto da lei da morte, sem pressa e sem descanso. Daí surgiu a figura do Judeu Errante, que durante a Quinta-Feira Maior e a Sexta-Feira da Paixão aparece onde a morte de Jesus Cristo está sendo comemorada. “Eu sou como o *judeu errante* desta costa.” (SM, p. 215, v. 965):

JÚPITER s.m. mit. Deus dos romanos, identificado com o Zeus dos gregos. Júpiter era a divindidade da luz do dia, do céu, dos raios e trovões e de um geral dos fenômenos atmosféricos: "Nuvens bizarras... uma, a forma estranha / Do legendário *Júpiter* revela... (ES, V.4, 152)

JUSTA MARÍTIMA loc. nom. Duelos marítimos. “Ali com a maré lá embaixo, examina as canoas, a “Ligeira”, a “Novidade” e a “Conceição”, rainha das canoas, invencível nas *justas marítimas* dos acompanhamentos, de fama larga em todos os costeiros vizinhos.” (SM, p. 123, v. 180)

JUVENESCER v. tr. dir. O mesmo que *rejuvenescer*; tornar-se jovem. 2. Desabrochar. “—Luz estelar alumiando escolhos/ — Luz matinal *juvenescendo* a palma” (REC, V. 12).

JUVENTA s.f. Mitol. Deusa da Juventude. “É a fonte de *Juventa*, é a flâmula altaneira!” (M, V. 37).

LABÉU s. m. Desdouro, nota infame ou infamante; mancha na honra; nódoa na reputação de outrem. 2. Desonra. “Se à Efígie sagrada, excelsa e soberana/de nossa Pátria, for atirado um *labéu*”(PAZ, V. 81).

LABIRINTO s.m. Disposição irregular e confusa de caminhos; dédalo. “E dêdalos, golfões, *labirintos*, voragens / (A)ssombram de esplendor (...)” (Sm, V.41).

LABOR s.m. Atividade produtiva geralmente remunerada; trabalho. “E eis tua mão, de novo a semente espalhando.../ Exulta em teu *labor*. E, ao vir da outra ceifeira, / Pensa num campo aberto à tua sementeira...” (VI, V.12, 122)

LABUTAR v. int. Exercer uma atividade produtiva; trabalhar. “Eu que levei a vida a *labutar* contigo...” (SM, p. 202, 885; p. 203, v. 901)

LACTESCENTE adj. Que tem aparência de leite. “Branca Visão das noites *lactescentes*” (LU, V.1, 70)

LÁGEA s.f. Pedra tumular lisa e plana pela parte superior. “A radiosa ascensão da imagem nazarena / Da *lágea* do Sepulcro avulta sobranceira!” (DV, V. 4, 150)

LAMARÃO s. m. Grande lamaçal; lodo que fica descoberto, ao vazar a maré. “Daquele esconso, de torvo aspecto,/A poucos passos do *lamarão,*/Tombam pedaços puidos do tecto,/Ruem paredes de bofetão.” (SM, Adv. p. 109, v. 39; p. 185, v. 699; p. 201, v. 918; p. 234, v. 1108) **2**. s.m. lodo que fica descoberto: “Sentou-se, acendeu o cachimbo, e rebalsou-se na idéia como canoa em lamarão”. (SM, Adv. l. 37, p. 159)

LAMPA s.f. pop. Lâmpada “Teus olhos têm o brilho fugidio / De uma fugace e moribunda *lampa*.” (NN, V.6, 90)

LAMPARINA s.f. Recipiente de vidro ou lata, de forma variável, que consiste num reservatório de querosene ou azeite, munido de uma mecha ou pavio que se acende para iluminar. “Como a luz do (sic) amortecida *lamparina* / Que expira e que após pallida e tremula / Broxuleia medrosa. (...)” (ENP, V. 33).

LAMPIRO s.m. Pirilampo. “Uniam-se e sutis, coriscantes, saltavam, / *Lampiros* desse campo insondável da morte.” (OB, V. 100).

LANCHA s. f. Embarcação pequena com motor; embarcação de boca aberta empregada na pesca do alto. “Uma *lancha*,/canoa, rede, casa. Agora nada...” (SM, p. 116, v. 97)

LANCINANTE adj. Que golpeia. “A seta ervada do feroz gentio, / tem um punhal o *lancinante* fio.” (AF, V.3, 69)

LANÇO s. m. A quantidade de peixe apanhado na rede. Constr. Arquit. A extensão de um pano de um muro, de uma parede, de um entrincheiramento. Lanço de casa. P. ext. quantidade ou série de canaviais. “(...) trechos de terra negra manchando o murchecimento dos campos, *lanços* de canaviais” (MUL, L. 11).

LANGUE adj. Sem energia, sem força; frouxo, abatido; mórbido. "E a ingênita lascívia embaladora e *langue* / Da pudica nudez da feminina turba." (A, V. 19, p.142).

LAPEADO adj. Cortado com chicote ou lapo. “Sua pele está fina. E a minha... /arranhada, *lapeada*, esburgada, ferida pelas unhas do mar, do sol, do vento...” (SM, p. 240, v. 1135)

LARGO s.m. Alto mar, afastado da costa. “Empurrou a canoa, remou para o *largo*.” (SM, l. 167, p. 167)

LASSO adj. Cansado, fatigado, enervado. “desmaia a estrela Dalva. O vento sopra escasso. / (...) / O mar deixa entrever no clarão duvidosos / Da ante manhã seu corpo imenso, plúmbeo e *lasso*.” (MN, V.8, 138)

LATAGÃO s. m. Homem robusto e de grande estatura. “Saúna, levantando-se e movendo o corpo lesto, cheio e bem talhado de *latagão* moreno.” (SM, p.115, v. 92)

LAUTO adj. Suntuoso, magnífico. “E fazíamos (com as bolsas desprovidas) / *Lautos* festins em crípticos recantos...” (UT, V.8, 166)

LEANDRO n. pr. Mitol. Jovem da cidade de Abidos apaixonado por Hero da cidade de Sestos. Leandro a amava e costumava atravessar o estreito a nado, mas, numa noite de tempestade, em que o mar estava muito agitado, o jovem perdeu as forças, e afogou-se. As ondas levaram o corpo à margem européia, onde Hero tomou conhecimento de sua morte e, desesperada, atirou-se da torre ao mar e pereceu. "Luz de Hero que norteia ao novo *Leandro* a trilha." (OB, V. 87, p. 72).

LEDO adj. Alegre, jubiloso. "Passou na vida como um sonho *ledo*. / Pomba celeste, voejou bem cedo." (CE, V.9, 560)

LEME s.m. Peça ou estrutura plana de madeira ou metal, adaptada à parte posterior de embarcações, destinada a dirigi-los. "E o *leme*, mal seguro, e as âncoras, sem garras, / Presas a uns restos vãos de estraçoadas amarras..." (N, V. 7). "Mas pra quê? De que serve a canoa sem *leme*?" (SM, p. 135, v. 254)

LENDA s.f. Narrativa transmitida pela tradição popular. "A humana fantasia, ao galgar esta senda / Vê desfeito num sonho, o áureo mundo das *lendas*." (SM, V. 18).

LENHO s.m. Madeiro. Sent. fig. Embarcação "O agudo *lenho* corre. A praia estala e range, /E como que estremece em crispação violenta" (A, V. 71, p.142).

LESTO adj. Ligeiro; ágil; rápido. "Saúna, levantando-se e movendo o corpo *lesto*, cheio e bem talhado de latagão moreno" (SM, p. 115, v. 92). "Era preciso sair, trilhar o caminho abrasado. Já não saltara da rede, vivo e *lesto*, como dantes", (ASS, L. 35).

LETARGO s.m. fig. Sono profundo: "Flor cujo aroma euforbiáceo e forte / Traz a nevrose, o êxtase, o *letargo* / E as convulsões terríficas da Morte!" (FM, V.13, 74)

LEVADIA s. f. Agitação das ondas do mar. "Fique: ela lhe dará vasa, rede e canoa,/como dantes, Felício, a chuva, a *levadia*,/o temporal e o ramerrão da pescaria." (SM, p. 240, v. 1130)

LHAMA s. f. Tecido de fio de prata ou de ouro batido. "Grandes manchas de opala, arabescos e *lhamas*, " (OCM, V. 6, p.170).

LICOR DE JENIPAPO loc. nom. Bebida alcoólica açucarada feita com o jenipapo. "Entra uma moçoila cafuza com dous cálices de *licor de jenipapo*." (SM, p. 247, v. 1196)

LINHEIRA adj. Bem posta. Que não é torta; reta. "Buscando entre o arvoredo uma árvore *linheira* / Bela para enfeitar a futura fogueira (PO, 58/L.93, p.69); "Antes da derrubada (...) já o ramo que havia de enfeitar a futura fogueira estava escolhido, (...) vendo a árvore mais *linheira* e mais engraçada" (PR, L.30, p.44).

LIRA s.f. Instrumento musical de cordas, cuja origem se perde nos tempos mitológicos, usando por todos povos da Antigüidade, e que tinha a forma de um U cortado no alto por uma barra onde se fixavam as extremidades superiores das cordas: "A capa ao vento, a *lira* à mão, magro troveiro, / (...) / Cantando e alçando à mão, flamante como um raio / Minha *lira* inunda em meu sangue de herói. " (SE, V.2, V.14, 127)

LÍRIO s. m. Flor muito aromática, de várias plantas do mesmo nome. "Canto, (...) / *Lírio* crepuscular da Renúncia, que cresce " (A, V. 82, p. 142).

LÍVIDO adj. De cor entre o branco e o preto, aproximadamente plúmbea. "A insônia erra esmaiada e o Saara se ilumina / De *lívido* clarão da vigílias insanas." (NO, V.14, 140)

LOA[101] s.f. Prólogo de qualquer composição dramática, destinado a captar a benevolência do auditório. "Tua mãe cantando *loas* para te adormecer..." (SM, p. 141, v. 348) 2. s.f. cantiga popular em homenagem aos santos: "... as *loas* e os sons, onda larga e marulheira de fé primitiva e rude..." (SM,.l. 79, p. 229)

LOBO DO MAR loc. nom. Marinheiro velho e experiente. "Eil-o o *lobo do mar* que envelhecera / Nos trabalhos insanos do Oceano" (ENP, V. 3).

LOCA s. f. Esconderijo do peixe, debaixo da água. "Galga a pequena ponta que se alteia à esquerda, em cujas *locas* lá embaixo, há estrondos, estouros, retumbos." (SM, p. 199, v. 844)

LONGES[102] s.m. Lugar distante e indefinido. "A mocidade chegou e já numa nevoa fria, fina, nublara os *longes*" (doc. 067:0337, f. 3, L. 24); "Enquanto a lua illumina a ruinaria vizinha – a velha casa dos meus avós – eu evoco olhando a canoa, todo um mundo nevoento e remoto perdido lá nos *longes* indefinidos das origens imprescrutaveis, todo uma não sei que melopéa gemedora, toda uma tragedia obscura desenrolada no palco movediço e traidor das ondas" (doc. 067:0344, f. 3, L. 1). [Neol.]

LOUÇA CABOCLA col. Louça feita de argila negra. "... na venda lucrativa da *louça cabocla* que apanhava em Nagé" (ASS, L. 77).

LOUSA s.f. Pedra tumular rasa, que assenta sobre a sepultura. "Oh! Visão dolorosa a de um berço vazio! / Maior do que a florida e pequenina *lousa* / Em que, longe de nós, tão sozinho, repousa." (BV, V. 2, 103); "Criança ainda, foi dormir na *lousa*. / No céu sua alma, em doce paz, repousa" (CE, V.12, 56)

LÚBRICO adj. fig. Que desperta luxúria; sensual. "Na sensual, frenética folgança, / Contorcendo-se em doudos descalabros, / Em bamboleios *lúbricos*, macabros, / Aquele Corpo varonil não cansa" (CA, C 7, 59)

LUCILANTE adj. Brilho com pouca intensidade. "E sobre o azul o mar... o azul do céu como que vai também baixando, para fundir-se nas ondas, numa só azulescência sussurrosa e *lucilante*." (SM, p. 115, v. 92)

LUFADA s.f. Rajada de vento com caráter violento mas intermitente. "Cambaleando, ganindo, incontentado investe / À rígida *lufada* atroante do nordeste." (OCB, V. 48, p. 108).

LÚGUBRE adj. Fúnebre; triste. "Curvado lembras um cipreste esguio / No isolamento *lúgubre* da campa." (NN, V.4, 90)

LUGUBRECER v.trans. Tornar fúnebre, macabro 2. Apavorar. Escurecer. Tornar medonho, funesto, lúgubre. "Feita a primeira volta, a perspectiva dilatou-se mais contristadora ainda; o campo desatado ostentou os cadáveres secos das reses, os mandacarus, hirtos, acinzentados, *lugubrecendo* a paisagem, velhos mandacarus heróicos, escavados pela mão desesperada de sedentos, os umbuseiros, evocação apunhalante da fartura e da alegria" (ASS, L. 68). [Neol.]

---

[101] Deriv. regr. De *loar*// *loar* do verbo '*louvar*'. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[102] *Pluralia tantum.*

LUMARÉU s. m. Fogueira, labareda, fogacho. 2. Fogaréu. “Rubra de maldição, sangüissedenta, insana/Surja a guerra acendendo o estranho *Lumaréu***!**" (PAZ, V. 81)

LUME s. m. Clarão, luz, fulgor, brilho. "Hoje, aqui nesta ruína e sob os vivos *lumes* / Dos astros, vim ouvir os trêmulos queixumes " (AMC, V.41).

LUME D’ÁGUA (AO) loc. adv. À superfície da água. “A uma âncora que salta, a um remo que ressoa / Abrindo *ao lume d’água* estrelas movediças,” (OCB, V. 13).

LUSCO-FUSCO s. m. O anoitecer, a hora crepuscular. “A água do largo começava a dourar-se, enquanto que nos recantos da praia era ainda um *lusco-fusco*, quase a mesma escuridade de há pouco.” (SM, p. 173, v. 631)

LUZIDIA adj. Que ou aquele que emite brilho; brilhante. “Saúna vai e vem... vestindo com o chumaço de estopa os flancos do barco de uma capa negra e *luzidia*.” (SM, p. 126, v. 219)

LUZIDO adj. Vistoso, brilhante. "Perdida aquela cor *luzida* de veludo / (...) / (...) / O velh[o] cão de bordo agora vaga, em terra " (CB (2A), V. 24, p. 108).

LUZILUZIR[103] v. int. Emitir luz; brilhar. “Novembro em meio. Noute inquieta e sussurante/ De mil fogos sutis mirífica e brilhante./ *Luziluzem* no mar vivos, rútilos rastros./ Em Novembro, esse céu é uma pletora de astros!” (BOI, v.78). [Neol.]

MAÇAMBÊ s.m. Espécie de sardinha. “Lá se foram, aos tombos, na água escura, para as coroas, os pesqueiros, os lamarões, para ali, para além, onde caruja o maçambê e fervilham as corvinas prateadas, as arraiais barulhentas, os meros, as pescadas, todo o gado do mar que aqueles vaqueiros de remo e rede foram campear nos seus cavalos de madeira breada.” (SM, p. 207, 445, L. 6). [Regionalismo]

MAÇARICO[104] s. m. Designação comum a diversas aves. “Os *maçaricos* mariscam na vasa e o ar claro se enche da gritaria dos bem-te-vis nas palmas irrequietas dos coqueiros.” (SM, Adv.p. 119, v. 138; p. 167, v. 526) 2. s.m. designação comum às aves caradriformes, que têm pernas e bicos muito longos, dedo livres, com três anteriores e um posterior; são comuns no Brasil vivem nas margens do mar, rios e lagoas: “ Como um bando de garças ou de *maçaricos* de manhã pela praia...” (SM, l. 12, p. 157)

MACILENTO adj. Pálido, magro. "*Macilento*, inexausto, inacesso à canseira " (A, V.6, p. 142).

MADEIRA BREADA loc. nom. A madeira untada com breu para preservar da ação da água. “...aqueles vaqueiros de remo e rede foram campear nos seus cavalos de *madeira breada*.” (SM, p. 207, v. 918)

MÃE D’ÁGUA loc. nom. Ser fantástico, espécie de sereia de rios e lagos. Uiara, Iara. “Medo da noute, medo da *mãe-d’água*.” (SM, p. 140, v. 323, v. 932) “Penso que a *mãe-d’água* foi que as deixou soltas / Ao sabor do vento, das marés revoltas,” (E, V. 3); (AMD’A, título).

MAGALONA n. p. Princesa Magalona. História da Princesa Magalona, filha de el-rei de Napoles e do nobre e valoroso cavaleiro Pierre, Pedro de Provença, e de muitos trabalhos e

[103]Houaiss (2001) registra como regionalismo do Brasil. Figueiredo 1973 (1923) registra luziluzir da seguinte maneira: v. i. Neol. Brilhar a espaços, como os pirilampos.
[104] De orig. obscura. Cf. Cf. A. G. C. *Dic.Etim. L. P.*

adversidades que passaram é um original do cônego Bernardo de Trenier, em provençal ou latim, já popular no quarto do século XIV. “Mas que história foi essa? A dos pares de França? / De *Magalona*? Dom Quixote e Sancho Pança?” (PO,10/ V. 8, p. 58)

MAL QUE CHEGA E O BEM QUE FOGE (O) loc. claus. O azar constante. “Não crer no *mal que chega e no bem que nos foge*...”(SM, p. 118, v. 127)

MAL-ASSOMBRADAMENTE adv. De maneira assombrosa; assustadoramente. “De subito, transpozemos a barreira do Presente e eis-nos a desfiar os nomes da gente illuminada por Hugo, Musset e Byron: de Magalhães sobrevivendo nos versos brancos de Waterloo a Carlos Ferreira tempesteiando *mal-assombradamente* no Baile das Mumias.”(doc. 063:0278, f. 1, L. 20). [Neol.]

MAL-ASSOMBRAR v. t. d. Ato de assustar por influência de duendes ou de almas de outro mundo. “(...) Dir-se-ia / A própria alma do mar, num leito de agonia, / Lacerada, a ulular, *mal-assombrando* a noute” (OCB, V. 36).

MALDITO s. m. O diabo. “Vai-te embora, *maldito*, por esse mar afora...” (SM, p. 207, v. 919)

MALFADADO adj. Que tem má sorte. "O ramo estralejou no seu ninho de fogo / E caiu para a porta. Alguém falou. E logo / Um rápido silêncio em que todos se olharam. / Mas eu desfiz aquele instante *malfadado* / Com meu apelido folgazão, (...)" (PO, 63/V.121, p.72).

MALQUERENÇA s. f. Falta de estima. “Era preciso trabalhar para vencer a antipathia do pae, a *malquerença* dos camaradas.” (ANT, L. 01 f. 3)

MAMBEMBE[105] s.m. Indivíduo sem valor, sem préstimo; medíocre. “E ficas ahi, leão enjaulado!... Mas quando te é dado ganhar a arena, onde echoaste o teu bramido, gloria da phalange leonina! é sempre a mesma bravura indomada e bemdita regindo pela bocca das tuas Estrophes!... Mot de la fin – A cessão para a iniciação de José Domingues esteve fria. Não houve *mambembe*!!!!....” (doc. 071:0400, f. 1, L. 14) [Regionalismo]

MANCENILHA[106]s. f. Árvore de folhas serreadas e cujas flores se apresentam em espiga, sendo o fruto uma baga e o látex venenoso. “Ouvi dizer que existe uma árvore no mundo chamada *mancenilha*. Ai daquele que um dia passa e pede repouso a sua ramaria...” (SM, p. 120, v. 150)

MANCHEGO s. m. O fidalgo da Mancha, na Espanha central, Dom Quixote, personagem de Miguel de Cervantes. “Um velho D. Quixote, as folhas despegadas, Tal o *manchego* herói, todo esfarrapadinho, Espipado no dorso, as capas deslocadas... Eis os livros da casa. – É pão que farte e é vinho (DRU – PV, v. 1-8)

MANGUE s. m. Terreno pantanoso das margens das lagoas e desaguadouros dos rios, onde em geral vegeta o mangue. “Ele os casa./Ele já respondeu. Ele os casa./O *mangue* pede a vasa.” (SM, p. 145, v. 399)

---

[105] Figueiredo 1973 (1923) diz que é brasileirismo, cujo significado é “lugar afastado e desagradável”.
[106] Do cast. *manzanilla*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

MÃO SEM TINO loc. nom. Navegar sem destino certo. "...lá se vai a alongada e banzeira canoa.../A *mão sem tino* deixa-a ir à toa,/na tensão da vazante." (SM, p. 179, v. 680

MAR AFORA loc. nom. Mar alto, fora das vistas da terra. "_ Lúcio, muita doudice... _ O que!... Nossa Senhora, / Minha madrinha, é quem, por esse *mar afora*, / Toma conta de mim!..." (OB, V. 38); (AMC, V.4).

MAR ENCRESPADO col. Diz-se de mar, cuja superfície se agita em pequenas ondas; encarneirado. "E pouco a pouco no horizonte immenso / Do *encrespado mar*, se divisava / Allem muito allem um ponto branco" (ENP, V. 27).

MAR LARGO col.. Mar alto, fora das vistas da terra. "Praia dormente e larga ao *mar* sonoro e *largo*/ Aberta, sob a luz scismativa da lua" (PDL, V. 2); (PF, V. 30).

MARÉ s.f. Movimento periódico das águas do mar. "Penso que a mãe-d'água foi que as deixou soltas / Ao sabor do vento, das *marés* revoltas," (E, V. 4). "Levá-la satisfeito, dispersada/No tumulto revolto das *marés*" (SM, 107, v. 10).

MARÉ DE LUA CHEIA loc. nom. Maré alta, maré grande. "Nas *marés de lua cheia*/ o mangue quase afundava." (SM, p.169, v. 559)

MARÉ GRANDE loc. nom. Maré alta. Altura máxima que as águas do mar atingem durante o fluxo da maré; preamar; maré-cheia. "Sua alma cheia de esperança de alcançar esse amor... alarga-se como essas coroas que as *marés grandes* descobrem." (SM, p.165, v. 492)

MARÉ VAZIA loc. nom. Baixa-mar. "A *maré vazia* deixa ver a praia extensa e escura, refagulhando." (SM, p. 238, v. 1118)

MAREANTE s.m. Marinheiro, navegante. "Na asa da barcarola a alma dos *mareantes* / Vai gemendo através desse infinito de águas" (EQTM, I, V. 13). "A saudade aflorou como um lírio orvalhado / Em tristonha canção na alma dos *mareantes*?..." (EQTM, L, V.14).

MAREJANTE adj. Cheio de gotas d'água. "Do mar trabalha desgastando a rocha..../ E ella impassivel, rija, a augusta fronte eleva/ E fita o céo/ "Aos pés, que o niveo e *marejante* véo/ De espuma cobre, á noute, a ardentia desbrocha."(doc. 063:0267, f. 2, L. 8). [Neol.]

MAREJAR v.t.d. Encher de lágrimas. "E de novo, os olhos *marejaram* e a voz tremeu na garganta." (PR, L.13, p.43).

MARESIA s.f. Cheiro característico vindo do mar por ocasião da vazante. "O munzuá... enxameia de siris... derramando um cheiro picante de *maresia* e lama." (SM, p. 208, v. 930)

MARETA s.f. Onda pequena. "(...) as pequeninas frotas / Que lá vão, que lá vêm, na *mareta* que anseia." (OHM, V. 4). "Sobe o claro rumor da apressada *mareta* ..." (A,V. 63, p.142). "O búzio, a espuma, o brinco, as pequeninas frotas / Que lá vão, que lá vêm, na *mareta* que anseia." (HM, V.4, 116)

MARINETTI[107] s.f. Transporte coletivo; ônibus. "Libertei-me das seis leguas diarias, em *marinetti*, por esses caminhos piçarrentos. Aqui, nos dias de folga ver cidades e villas deste Sergipe." (doc. 070: 0397, f. 1. L.7) [Regionalismo]

[107] Houaiss (2001) registra como um regionalismo de Alogoas, Sergipe e Bahia. O mesmo que *ônibus*.

MARINETTISTA adj. Relativo a Marinetti, poeta, romancista e dramaturgo italiano, criador do movimento futurista: "Não renego o passado. Felizmente, / Não sou *marinettista*... alma assombrada / Visto não ter o dom de tal mirada, / Não canto o que há de vir, futuramente." (LPr, V.6, 156)

MARINHAGEM s.f. Conjunto de marinheiros. "Ancorada a barcaça, à noute, a *marinhagem* / Ao vinho e ao jogo, esquece a trabalhosa viagem" (OCB, V. 9).

MARISCAR v. t. Colher, apanhar (mariscos); pescar. "Os maçaricos *mariscam* na vasa e o ar claro se enche da gritaria dos bem-te-vis nas palmas irrequietas dos coqueiros." (SM, p. 119, v. 138; p. 225, v. 1004)

MAROUÇO s.m. Mar de ondas grandes. "Ouve-os que vêm de lá, de outras ribas remotas, / Num trêmulo explodir de soluçantes notas, / Saltar vivos, aqui, no *marouço* que estua." (A, V. 100); (OB, V. 17). "o *marouço* que rasga tua rede no baixio,/o gusano que rói tua canoa na vasa" (SM, p. 141, v. 339).

MARQUESA s. f. Espécie de canapé largo com assento de palha. "Saúna sentado na *marquesa* de jenipapo, encostada à parede da saleta, olha extenuadamente a praia vazia." (SM, p. 185, v. 700)

MARUJO s.m. Marinheiro. "(...) Ei-lo o *marujo*!... E ao canto que ressoa, / De pé, na popa, busca a fonte misteriosa..." (AMD'A, V. 19); (AMD'A, V. 26, 38).

MARULHANTE adj. Inquieto, revolto. "Quantos, à hora em que cismo / Estão dizendo ao *marulhante* abismo / Todas as mágoas do seu coração!...." (AMC, V. 81).

MARULHAR v. int. Agitar-se com violência o mar. "Um longe quebro... / (...) / Ferindo a água, que férvida *marulha* " (ANMM, V.7, p.117).

MARULHEIRO adj. Inquieto, agitado, em que há marulho. "... onda larga e *marulheira* de fé primitiva e rude..." (SM, l. 80, p. 160)

MARULHENTA ESCARPA loc. nom. Onda agitada e elevada: "E, um dia do pendor da *marulhenta escarpa*, / Vê um barco apontar. A borda. Toma-o . Zarpa." (HM, V.12, 116)

MARULHO s.m. O ruído produzido pela agitação das ondas. "E foi a vida, em pleno mar, ao rude embalo / Da barcaça, ao *marulho* estridoroso e insano / Dessas águas, do sul do costeiro baiano" (OCB, V. 3).

MASTARÉU s.m. Cada um dos mastros suplementares. "Frunchados *mastaréus*, puídos mastros, cordame / Em fiapos, (...)" (N, V. 1).

MASTRO s.m. Peça de madeira comprida e vertical sobre a qual espigam os mastaréus, que serve para sustentar as velas de um navio. "Frunchados mastaréus, puídos *mastros*, cordame / Em fiapos, (...)" (N, V. 1); (OB, 15, 27; N, V. 20, 37).

MATAR A FOME loc. verb. Saciar a necessidade de alimentar-se. "Era mister *matar a fome* ao pequenino." (SM, p. 251,v. 1197)

MATATAÚBA[108]s.f. Árvore silvestre, de tronco indiviso, alto e elegante. "Saúna, apontando de novo o sítio, canteiro bravo de assa-peixes, coiranas e bilreiros, com uma *matataúba* esguia e fina como um coqueiro enfezado." (SM, p. 237, 579, L.4). [Regionalismo]

MATINADA s.f. algazarra, festa ou espetáculo matinal. ".. como a *matinada* dos bem-te-vis nos coqueiros." (SM, l. 14, p. 157)

MATURI[109]s.m. Caju novo; propriamente, a castanha verde, grande e mole do caju antes do desenvolvimento do pendúculo. "Um cajueiro emerge de um cerrado de coiranas, bilreiros e saõ-gonçalinhos e esbraça os longos ramos pinhados de flores de um leve róseo e maturis. A sombra rescende azoinada de insetos". (SM, p. 242, 608, L.5) [Regionalismo]

MAU DOS MAUS-OLHOS loc. nom. Desgraça. "Quem não conhece o *mau dos maus-olhos*?" (SM, p. 118, v. 121)

MAUS-OLHOS loc. nom. Aquilo que prejudica ou fere; aquilo que se opõe ao bem, à virtude. "Quem não conhece o mal dos *maus-olhos*? (SM, p. 118, v. 121; p. 193, v. 781)

MEIA-TRAVESSA loc. nom. Metade da distancia que deve ser percorrida entre duas terras, no caso, o porto no Recôncavo e a cidade de Salvador. "Vamos hoje à cidade ou o diabo sabe disso./ O mar hoje está doudo; para um doudo outro doudo./ Tome tento, senão eu lhe espedaço todo./ Se falar outra vez eu lhe racho a cabeça./ Aí nós descambamos para *meia-travessa*./ Tudo era escuridão e mar e ventania./ A cidade sumiu-se, o saveiro subia/ os outeiros das ondas como um desesperado./ Quase desgovernado..." (SM, p.155, 215, v. 449). [Regionalismo]

MENDAZ adj. Mentirosa, hipócrita, falso. "Quem não conhece o tal riso amarelo / Do pegado em flagrante? – Nem é riso... / O riso motejador de Sganarelo? / O *mendaz*, o sarcástico, o impreciso..." (RC, V.8, 160)

MENDOBI s.m. var. de mendubi. Amendoim. "Plantou um banana, melancia, *mendobi*, comprou um saveiro e começou nova vida." (ITR, L. 32) [Regionalismo]

MERCADEJAMENTO[110] s.m. Negócio indecoroso. "Passavam as mulheres de vestes rofantes, perfumadas, falando alto para annunciarem a sua passagem. O Anthero recolhido, concentrado, não as via, não as ouvia no seu *mercadejamento*." (TAM, L. 31-32). [Neol.]

MERO s.m. var. de melro. Espécie de peixe. "Lá se foram, aos tombos, na água escura, para as coroas, os pesqueiros, os lamarões, para ali, para além, onde caruja o maçambê e fervilham as corvinas prateadas, as arraiais barulhentas, os meros, as pescadas, todo o gado do mar que aqueles vaqueiros de remo e rede foram campear nos seus cavalos de madeira breada." (SMA, p. 207, 445, v. 918) [Regionalismo]

MESQUITA s. f. O templo dos maometanos. "(...) que lembra uma catedral que a moirama infiel transformasse em *mesquita*". (MUL, L. 17)

---

[108] Variante lexical de *embaúba*.
[109] Do tupi **matu' ri*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[110]Houaiss et. al. (2001) registra, mas não estabelece a data de registro na língua. A lexia *mercadejar* está registrada desde 1552, segundo o mesmo dicionário.

MESSE s.f. Seara em bom estado de se ceifar, ou seja, de se colher: “Chega, e, ceifeiro atroz, sega a *messe* florida.../ Ei-lo, o ceifeiro atroz, arrebatando a *messe*...” (VI, V.4, V.10, 122)

MESTRE s.m. Marinheiro mais graduado ou antigo que dirige uma embarcação. Mal que os olhos abriu o *mestre* veio um dia / Buscá-lo e se partiu à longa travessia (OCB, V.1). “O rapaz, um bom *mestre*...” (SM, p. 124, v. 183; p. 158, v. 476)

MEXERICAR v. int. Falar da vida alheia; fofocar. “O povo cochichou, *mexericou*, fallou em / visitas nocturnas atraz da casa,...” (ANT, L. 04 f. 2)

MEZINHA s.f. Qualquer remédio caseiro. “Caieira, Zé ventura anda mesmo de rasto./ Faz pena. Quase nu. Uma rede de arrasto/que restava lá foi pra compra da *mezinha*.” (SMA, p. 115, 18, v. 95) [Regionalismo]

MIRORÓ s. m. Espécie de peixe. “No entanto, esse Mareta/já não me apelidou de Furriel Miroró?” (SM, p. 125, v. 202)

MISERANDO adj. Que inspira comiseração; lastimável, deplorável. “Uns restos *miserandos* da antiga energia assomam-lhe como espuma pouca em água mansa.” (SM, p. 203, v. 894)

MISERERE Lat. lamentação, súplica. “O céu que triste idéa te sugere? / Rezas... a tua prece é um *miserere* / sobre o teu velho coração magoado.” (NN, V.10, 90)

MODINHA s. f. Gênero de cantiga popular urbana. “Pois esse grauçá, só porque faz modinha/e toca violão, há de ter a tainha/na malha da tarrafa?” (SM, p. 124, v. 191)

MOIRAMA s. f. O mesmo que *mourama*. Terra dos mouros. Grande porção de mouros. Os mouros. “(...) que lembra uma catedral que a *moirama* infiel transformasse em mesquita” (MUL, L. 17).

MOQUECA DE CAMARÃO loc. nom. Guisado de camarões com azeite de dendê. “...cuspinha e vara o interior de onde vem o cheiro convidativo da *moqueca de camarões*, chiando ainda na frigideira cabocla.” (SM, p. 161, v. 493)

MOROSO adj. Que anda ou procede com lentidão; demorado, lento. "Os carreiros, sentados ao lado, a aguilhada desprezada, iam, no rodar *moroso*, desfiando cantigas, (...)" (PR, L.17, p.44).

MOSCA s. f. Inseto díptero que tem por tipo a mosca vulgar ou doméstica. “Começa a cochilar. *Moscas* zunzunam no telheiro. O cachimbo cai-lhe das mãos. Lá embaixo, a fumaçada do piche, fervendo no panelão de barro, sobe, enovela-se no ar.” (SM, p. 126, v. 219)

MOSCARDO s.m. Moscão, tavão, mutuca. “O velho cão de bordo agora vaga em terra, / O olhar sumido e morto e fugindo da guerra / Da meninada má, do *moscardo* mordente.” (OCB, V. 33).

MOTEJADOR adj. que Zomba, que debocha. Irônico. “Quem não conhece o tal riso amarelo / Do pegado em flagrantes? – Nem é riso... / O rir *motejador* de Sganarelo?” (RC, V.7, 160)

MOURO s.m. indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica; mauro.“E tudo virou *mouro*. Oh! quando ainda me lembro.” (SM, p. 188, v. 724)

MULHER-DAMA s.f. Meretriz; prostituta. “Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do vendeiro em que iam relampear navalhas em estúrdias nocturnas, em casas de *mulheres-damas*, lá pelas cidades do Sul.” (SM, p. 160, 261, L.5). [Regionalismo]

MULUNGU[111] s. m. Nome dado a diversas árvores da família das Leguminosas. “O vento sacode do *mulungu* próximo uma revoada de flores vermelhas”. (SM, p. 230, v. 1063) “*Em flor, os mulungus*. (MUL, L. 2).

MÚMIA s.f. Pessoa extremamente magra, descarnada, seca. 2. Cadáver. “O sertanejo trôpego, escaveirado, olhou em roda os filhos, que pareciam *múmias* milenárias, “ (ASS, L. 16).

MUNZUÁ s.m. Armadilha de taquara, de tamanho médio, de forma alongada, com uma abertura, onde se põe a isca, e pela qual entra o peixe, o siri, etc. “Da porta de casa, Teresa, que chegara do marisco, vê os gestos de Saúna se aniquilarem na sombra invasora. O *munzuá*, no chão do telheiro, enxameia de siris, num bater de bocas e de cascos, derramando um cheiro picante de maresia e lama”. (SM, p. 208, 450, L.3). [Regionalismo]

MURCHECIMENTO s.m. Acto de murchar. “... trechos de terra negra manchando o tristonho *murchecimento* dos campos...” (MUL, L.9). [Neol.]

MURMUREJO s. m. Murmúrio, murmurinho. Ruído brando que fazem as águas correntes. 2. Canto suave. “(...) ouvindo perto o mar no seu *murmurejo* constante e inquieto!” (PAS, L. 45)

MUTUCA s.f. Mosca ou mosquito de grande porte, moscão, cuja ferrada vale um calombo e muita irritação na pele (Navarro, 2004, s.v.). “Na lama escura, quente, espessa,/ as suas mãos labutam./ Um bando de jandaias/ − algazarra da luz − pousa no mangue e voa/ para outras praias./Zumbe e morde a *mutuca*. E o lamarão rebrilha/ do sol sob a adurente e fulva maravilha..” (SMA, p. 251, 648, v. 1209). [Regionalismo]

NÃO SEI s.m. Aquilo que ainda não é conhecido; inexplorado. “...a defrontar com o nebuloso do *Não Sei*” (doc. 062:0238, f. 2, L. 11); “...Horas na sua marcha para o *Não Sei*; aqui, neste ermo que estrellei com o meu canto e hoje crepuscúlo com a minha Saudade”. (doc. 064:0290, L. 5); “...a canoa, todo um mundo nevoento e remoto perdido lá nos longes indefinidos das origens imprescrutaveis, todo uma *não sei* que melopéa gemedora, toda uma tragedia obscura desenrolada no palco movediço e traidor das ondas.” (doc. 067:0344, f. 3, L. 2). [Neol.]

NARCISO s.m. Erva nativa no Mediterrâneo, de folhas longas e estreitas, flores grandes, alvas, perfumadas e solitárias, cultivadas pelo seu valor ornamental. “A castidade branca e peregrina / Da tua luz liriais albentes / “De *Narcisos* noivais e florescentes” (LU, V.7,76)

NAU s.m. Antigo navio redondo, tanto na forma do casco quanto no velame, de grande tamanho; navio. “(...) A *náo* perdida entre as <vagas> [↑ondas] vagueia / Pela noute infernal, sob a treva do espaço.... / Vagueia e pula e estala e rodopia e range / E se abysma, de vez, no turbido regaço....”(HSV, V. 62). 2. s. f. Termo genérico empregado até fins do séc. XV para designar os navios de porte relativamente grande, com acostelamentos à proa e à popa, de

[111] De origem africana, mas de étimo indeterminado. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

pano redondo e que, na sua maioria, senão todos, arvoravam um só mastro. "Esse 'Fortuna', então, é brigue, *nau*, escuna/ou que diabo é?..." (SM, p. 157, v. 473)

NAUTA s.m. Navegante, navegador, marinheiro. "*Nauta*: um escolho a mais para a traição e o dano" (IE, V. 4).

NAVARCO s.m. Poét. Comandante de uma nau de guerra ou de uma frota, na antiga Grécia. "- Argonauta sem glória, ó mísero *navarca*!" (N, V. 40); (N, título do poema).

NAVIO s.m. Embarcação de grande porte. "Tudo que anda no mar tem rasto como a gente./*Navio*, batelão, lancha, bote, barcaça..." (SM, p. 133, v. 234)

NEFANDO adj. Abominável, perverso. "A Alma em raivas cruéis estrangulando, / Brado implacável, hórrido**,** *nefando*, / Tredo ruir de Céus e de Montanhas." (RE, V.7,67)

NEGRESCO adj. De cor negra. "...Até hoje arrasta-me o ceo *negresco*. Destas muralhas o perfil bemdito" (doc 066:315). [Neol.]

NEOCRUZADO s.m. integrante da agremiação literária Nova Cruzada, fundada em maio de 1901, em Salvador-Ba, cujas atividades se estenderam até 1914, da qual Arthur de Salles foi um dos fundadores. "Companheiros, amigos... tive-os, tantos! / Nós róseos dias bons de horas vividas / A adorar castelãs de olhares santos... Oh *Neocruzados* das troveiras lidas!" (UT, V.4, 166)

NÉVOA s.f. vapor atmosférico menos denso que a cerração; neblina, nevoeira. Bruma. "O olhar, furando a bruma , inquire o longe, espia: / Porque não percorrer essa entrada tão vasta?! / E porque não rasgar essa *nevoa* sombria.?! " (HSV, V. 24).

NEVOAMENTO s.m. Nevoeiro denso; obscuridade. Ex: "A luz sob<†>/e\ victoriosa, os ultimos *nevoamentos* diluem-se no ar, o vento é mais pressuroso, ha uns rumurejos de arvores na ilha fronteira." (doc. 066:0320, f. 1, L. 12-13). "(...) cintando o campo havia muitos dias já que se não a via alvoroçar-se em densos *nevoamentos* quentes e avermelhados". (ASS, L. 10). [Neol.]

NICHO s. m. Cavidade em parede para colocar estátua. "Os vivazes cordões, como jibóias, cingem/Os velhos *nichos* e em seus cíngulos constringem/A colunata dos altares desluzidos." (SM, p. 111, v. 84)

NICKEIS[112] s.m. Dinheiro em pouca quantidade. "...falta-me o titulo que ainda não tirei por falta de *nickeis*. Imagina que, se for verdade, eu ficaria lá com 300 mensais.". (doc. 064:0281, f. 1v, L. 8). [Neol.]

NYNFA s.f. (mit. gr.) jovens divindades que personificam as forças da natureza. Segundo a mitologia, elas encarnam árvores (são as Dríades, as Hamadríades, as Melíades), as águas correntes e as fontes (Náiades), os campos e as montanhas (Oréades). As Ninfas são filhas de Zeus ou filhas dos rios. "E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de oceanides, de delphins, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o zephiro leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de Thetis, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo

[112] Caldas Aulete (1968) registra uma das acepções como bras. significando 'nada'.

como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das *nynfas* coroadas" (MAR, L. 22-27).

NO PINO loc. adv. O ponto mais alto; auge. "A lua tinha galgado todo o ceo, estava *no pino,* muito branca, ..." (ANT, L. 01 f. 1)

NORDESTE s.m. Vento que sopra do Nordeste. "As canoas vão e vêm às guinadas, presas às varas nas ondas empoladas pelo *nordeste*." (SM, p. 131, v. 219)

NORDESTE DE CINZEIRO loc. nom. Vento nordeste acompanhado de nebulosidade. "Mas escutem cá: em dous de Fevereiro,/da cidade pra aqui, *nordeste de cinzeiro*..." (SM, p. 152, v. 425)

NORTE s. m. O vento procedente desse ponto do horizonte, vento frio do norte. "(...) a chegada das canoas que voltam da pesca, velas brancas abertas aos bafejos do *norte,* (PAS, L. 35).

NORTEAR v. t. d. Guiar, orientar. "Luz de Hero que *norteia* ao novo Leandro a trilha." (OB, V. 87).

NOUTE DO BAPTISTA loc. nom. Noute de São João. "Eu sempre tive um respeito aos ramos; mas a alegria da noute, a festa, faziam-me esquecer que ali, a dous passos eu tinha o que poderia gelar, de chofre, todo o contentamento a encher, na *noute do Baptista*, a minha choupana." (PR, L.12, p.43).

NOUTE VELHA s.f. Altas horas da noite. *Noute velha*, quando o logarejo dormia João Capataz desceu ao lamarão. (JOC, L. 25). [Neol.]

NOVENA s. f. Rezas feitas durante nove dias. "...as noutes de *novena*, a ciranda, as modinhas..." (SM, p. 139, v. 313) "... e quando lhes era dado um momento de estarem jun- / tos, na egreja, à cabida, na *novena* em casa com Lecida,..." (ANT, L.07 f. 2)

NUNCA MAIS s.m. Aquilo que pertence ao passado. "Evocação das cousas bellas, saudades das cousas bellas inattingidas, tristeza funda gerada da [sic] sonho e da dor das cousas imperfeitas, passado – a poesia dolorosa do *nunca mais*, do que foi o lamento tremulo da vaga na pagina branca da praia ou a doçura de um luar, certa noute, junto a riba acalentada pelo silencio – pelo mysterio das cousas." (doc. 066:0312, f. 2, L. 6). [Neol.]

OCEANIDE s.f. (mit. gr.) ninfas das águas. "E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de *oceanides*, de delphins, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o zephiro leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de Thetis, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das nynfas coroadas" (MAR, L. 22-27).

OFFÍCIO CANTADO DE NOSSSA SENHORA loc. nom. Cantos de louvor, loas a Nossa Senhora: "... após o *offício cantado de Nossa Senhora*, rolavam, desfiados pelo velho pecador anedotas, histórias..." (SM, l. 3, p. 157)

OITÃO s. m. Cada uma das paredes laterais da casa, situadas nas linhas de divisa do lote. “Nos varais, em frente dos tejupares, as caçoeiras secam ao sol. Velas latinas alvejam no *oitão* das casas.” (SM, p. 121, v. 157)

OLHADELA s. f. Olhada rápida e sutil. “... em uma fes- / ta, os sorrisos, as contradansas, as horas passadas entre as *olhadelas* / ineficazes do rapazio...” (ANT, L. 08 f. 2)

OPALESCENTE adj. Que tem cor leitosa e azulada, como a da opala. “Branca Visão das noites lactescentes / Luminosa, diáfana, divina / Bendita a tua luz alabrastina / Os teus magos clarões *opalescentes*.” (LU, V.4, 76)

ORÇAR NA VIDA loc.verb. Prosperar; subir na vida. “E Zé Ventura *orçou na vida*. E uma mulher...” (SM, p. 160, v. 488)

OREADES s.f. (do lat. Oreas,oreadis) Cada uma das ninfas que presidiam aos bosques e monte.: "De ha muito emmudeceram as aguas cantantes de seus rios sombreados de salgueiros e de myrtaes em flor; as nayades não cantam mais e as *oreades* não correm por entre as sebes e os loureiraes perseguidas pelos faunos coroados de parra e de pampano. " (DOHXM, L.9)

OSÓRIO n. pr. Manuel Luiz. Militar e titular brasileiro (1808-1879). Nasceu no Rio Grande do Sul e morreu no Rio de Janeiro. Patrono da Cavalaria do Exército Brasileiro. Participou das operações da Guerra do Províncias Unidas do Rio da Prata, destacando-se no desastroso encontro de Sarandi. Tomou parte na Revolução Farroupilha e na campanha contra Oribe, Rosas e, mais tarde, contra Aguirre. Pelos seus méritos, recebeu o título de Barão do Erval. Em 1887, era escolhido senador vitalício por sua província e no ano seguinte integra, como Ministro da Guerra, o Gabinete libera do Visconde de Sinimbu. “Mas se a Bandeira Augusta, o Pavilhão sagrado / Desta terra de *Osório e* de Tamandaré,” (PAZ, V. 66).

OTELO s.m. Título e nome da principal personagem de uma tragédia de Shakespeare. É uma de suas peças mais bem compostas, em cinco atos e em verso, escrita talvez em 1604. Otelo é um audaz soldado mouro a serviço de Veneza. Os relatos que faz da sua vida inspiram uma jovem e formosa patrícia, Desdêmona, uma paixão profunda, e, apesar da relutância do pai, a donzela casa com Otelo. Dois oficiais seus subordinados gozam da confiança do mouro: um , Iago, homem dissimulado, que tem ciúme de Otelo e que busca a sua perda; outro, Cássio, honrado e leal. Iago, repelido por Desdêmona, é intensamente impelido pelo ódio e pelo anseio de vingança. Propõe-se inspirar ciúmes a Otelo, e consegue-o: o acaso favorece-o, e ele faz crer ao seu chefe que Cássio é amante de Desdêmona. Otelo, dominado por ciúme brutal, asfixia a esposa no leito: "E o Ibero, o teu *Otelo*, ardendo de áureos ciúmes, / Afoga-te no leito entre raros perfumes, / Ó soberba e imortal Desdêmona das vagas." (VE, V.12, 107)

OURAMA s.f. Grande porção de ouro. “Isto lembrou-lhe a *ourama* e a prataria do caixão de ferro.” (SM, l. 148, p. 166)

OURICURIZEIRO[113] s. m. Nome comum a dois tipos de palmeiras (*Cocos coronata* e *Cocos schizophylla*). “Abraça-se a um *ouricurizeiro*, porque o vento entesa as lufadas, e crava os olhos no mar.” (SM, p. 200, v. 852)

[113] Do tupi séc. XIX. Cf. J. P. M. *Dic. Etim. L. P.*

OUTRORA adv. Em tempos remotos; antes. “Ele vai mar em fora,/vento em popa, na vida. É o Saúna de *outrora*.” (SM, p. 232, v. 1085)

OUTUBRINO adj. Característico do mês de outubro. Ex: “...céo azul e um pedaço de outeiro verde, inundados de luz *outubrina*, fico-me assim como num mundo estranho, inedito só feito de sombras – sombras do <p>/P\assado, mudas e tristes.” (doc. 066:0316, f. 1, L. 10). [Neol.]

OXENTE! interj. Forma lexicalizada da expressão *ó gente*, que serve para exprimir espanto, surpresa. “Hoje é cabeça-d’água?... [...]*Oxente*! Broco, assim? / Sol por lua, Saúna.” (SM, p. 210, v. 935) [Regionalismo]

PAGODE s. m. Espécie de pavilhão que alguns povos asiáticos destinam ao culto e adoração dos seus deuses. “Estruja o Hino da Paz da terra aos Firmamentos!/Dos *Pagodes* de Brahma às Catedrais de Cristo!” (PAZ, V. 57). “Salve três vezes, Deus de áureos *pagodes*, /Quando em pompas flamívomas explodes / Toucando o espaço de vermelhos rastros!” (SL, V.9, 61)

PALA (EM) loc. adv. Uma forma de proteção que as pessoas usam sobre os olhos para evitar a claridade sobre eles. Anteparo. “A mulher, à porta, coma a mão *em pala*, acompanhou-lhe o vulto bamboante” (ASS, L. 46).

PALESTINA n. pr. Região da Síria, entre a Fenícia ao Norte, o Mar Morto ao Sul, o Meditrrâneo a Oeste, e o deserto da Síria a Este, banhada pelo Jordão. Também se chamava na Escritura sagrada Terra de Canaã, terra da Promissão, Judéia. Foi cenário da pregação de Jesus Cristo. “As tardes desenrolam-se amenas e saudáveis, numa poesia mística e suave de tardes da *Palestina*” (PAS, L. 40).

PALHOÇA s. f. Casa coberta de palha de palmeira. “E não fora a velha mãe entrevada na *palhoça* da ilha...” (ITR, L. 24).

PÁLIDO adj. Descorado. “Com as mãos nos olhos... contido por Teresa, *pálida*, trêmula, atônita...” (SM, p. 194, v. 784)

PALMEIRA s. f. Nome comum a todas as plantas da família das *Palmáceas*. “Ainda abraçado à *palmeira* enfezada, estende os olhos como puas, furando a noute.” (SM, p. 201, v. 868)

PAMPANO s.m. sarmento, ramo tenro de videira; parra. "De ha muito emmudeceram as aguas cantantes de seus rios sombreados de salgueiros e de myrtaes em flor; as nayades não cantam mais e as oreades não correm por entre as sebes e os loureiraes perseguidas pelos faunos coroados de parra e de *pampano*" (DOHXM, L.10) .

PAMPEIRO s. m. Vento sudoeste violento, acompanhado de chuvas, e cuja duração pode ir de 6 a 26 horas. “... rostro numa attitude arrogante de porfiar com as procellas, velame pando, dando-se ao desafio dos *pampeiros* "(DRDM, L.34) “Do *pampeiro* rebôa e o mar furiosa (sic) anceia / Incha e rebrama e zune e regouga espumando! ” (HSV, V. 58).

PANCADÃO s.m. ‘Mulher vistosa e corpulenta; peixão’. É certo que Saúna anda rondado Flora?... / Homem, eu sei. Mas ele anda esquivo./ “Ora, ora.../ um *pancadão* daquele às cascas por dinheiro/ Um soberbo veleiro.../ Dê-lhe pano e verá como aquilo navega./ Agüente a mão no leme e que venha a refrega.” (SM, p. 159, 254, v. 479). [Regionalismo]

PANELA DE BARRO loc. nom. Vasilhame feito de argila, fundo, utilizado para cozinhar alimentos.]: "Começa a cochilar. Moscas zunzunam no telheiro. O cachimbo cai-lhe das mãos. Lá embaixo, a fumaçada do piche, fervendo no *panelão de barro*, sobe, enovela-se no ar" (SM, p. 126, v. 219).

PANO s.m. Velas do navio. "(...) Range o cordame / A onda ruge, em cachões, e na arvore dos mastros / Trapejam, branquejando, os *pannos* do velame" (HSV, V. 28); (N, V. 22, 25).

PAPAGUEIAR v. int.var. de papagaiar. Falar à maneira de um papagaio, sem perceber nada do que diz, por ter ouvido a outrem "... direito, liberdade e uma porção de cousas outras que levam nos livros estrangeiros e andam a *papagueiar*, muito anchos, á multidão basbaque." (doc. 066:0321, f. 3, L. 2). [Regionalismo]

PARCEL[114] s. m. Escolho; recife; baixio. "Mas, de repente, a formosa ribeirinha lhe aparece, como uma praia riçada de *parcéis* e vigiada pela tempestade." (SM, p. 165, v. 492)

PAREDE DE BOFETÃO col. Parede feita com barro, introduzido entre uma taipa e outra com o auxílio das mãos. "Abriu a porta da casinha de palha e entrou riscando o phosporo / e accendendo o candieiro de palha, espetado na *parede de bofetão."* (ANT, L. 06 f. 1)

PARNASO s.m. (mit. gr.) Monte da antiga Grécia, na Fócida, consagrado a Apolo e às musas, hoje chamado Liacura. "Era o Pentelico, o Helicon, o *Parnaso*, a aléa das Scismas, as Propyléas. " (DRDM, L.508)

PARRA s.m. Folha de videira, pâmpano**:** "De ha muito emmudeceram as aguas cantantes de seus rios sombreados de salgueiros e de myrtaes em flor; as nayades não cantam mais e as oreades não correm por entre as sebes e os loureiraes perseguidas pelos faunos coroados de *parra* e de pampano" (DOHXM, L.10) .

PARU s.m. Peixe marinho de cor escura e de escamas orladas de cor de ouro. "À medida que os seus braços iam colhendo a rede, as corvinas e as pescadas, os dentões e os *parus*..." (SM, l. 160, p. 167)

PARVALHADA s.f. Situação em que reina a desordem; baderna. "Eu que venho do ermo onde escondo a vida, o orgulho, o odio e a desventura, a febre do sonho e os restos da mocidade mal que defronto esta immensa *parvalhada*, este embasbacamento soberano e triumphante...".(doc. 062:0245, L. 15). [Neol.]

PASMAR v.t. Causar pasmo ou admiração a. "Tanta infelicidade assim é de *pasmar*." (SM, p. 117, v. 102)

PASSADISTA adj. Pessoa que venera o passado. "Chego de além, sombra de bardo extincto, / De antiga escola que mui longe dista! / - Se a idéa vem do sonho, o verso pinto, / E sendo sonhador, sou *passadista*..." (LP,V.8, 154)

PASSÉ n. pr. O nome Passé nasceu da denominação indígena de uma das ilhas situadas defronte à terra firme que se chamava Pacé como observa Gabriel Soares de Souza[115], que em 1587, deu o nome de freguesia de Passé da qual, mais tarde, se desmembrou a de Candeias.

[114] Do cast. Ant.*placel* (hoje *placer*). Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[115] Cf. Gabriel Soares de Sousa. *Tratado descritivo do Brasil*, em 1587. 3 ed. São Paulo: p. 155-157.

Teodoro Sampaio[116] interpreta a palavra Passé como "coisa destacada da terra firme, ilha". A região possuía vários engenhos e fazendas. Era terra fértil, própria para o plantio da cana de açúcar. A freguesia de Passé foi uma das maiores em extensão territorial, razão porque se dividiu em duas, sendo a segunda a de Candeias. "Saudável, poética, com suas casas brancas, disseminadas aqui e ali, pelas encostas dos outeiros verdes, perto da praia, dando uma graça festiva, um certo encanto bíblico, ei-la à beira mar, refletindo-se na esmeralda das águas, a pitoresca e risonha povoação de *Passé*. (PAS, L. 6).

PATÃO CHIADOR loc. nom. Cognome dado a alguém devido à enfermidade (asma)."O rapaz brincador,/de cabeça esquentada, era dia de festa,/ao barbaça chamou de *Patão Chiador*." (SM, p. 125, v. 199)

PATUSCO adj. Aquele que gosta de patuscadas (folgança); brincalhão. "Noite velha, embuçado, o mestre, um bom *patusco*, / Um cinqüentão de barba arruivascada e espessa. "(CB, V. 18, p.108).

PAUDA[117]adj. Cheia de água; encharcada. "E ellas agora bojam-se, entufam-se, batem barulhentas e caem murchas ao longo dos mastros quando o vento foge; e de novo enchem-se numa alegri*a* gerada pela luz, pelo sol que as aquenta e enxuga<m>. Cheias, bojadas, *paudas*, parecem as ilhas inexperto [sic] que levantaram ferro e seguem, rio abaixo, na derrota interrompida. Mas são prisioneiras, as ancoras prendem-nas á riba. (doc. 066:0320, f. 1, L. 17). [Neol.]

PAVILHÃO s.m. Bandeira, estandarte. "Viram, fremindo ao sol, após as longas rotas, / O luminoso *pavilhão*." (M, 0003, V. 41).

PAXEIUBA s.f. mesmo que paxiúba. Bot. Espécie de palmeira, cujas folhas e estipites são utilizadas para construir casas na Amazônia. " (...) raro surgia uma cabana, aqui denominada barraca, construida de lascas ou talas de palmeira e coberta de palhas, por baixo da qual o rio se estendia, rente ao soalho da *paxeiuba* (...) " (DOHLR, L.196)

PEANHA s.f. (do Lat. *pedanea*) Pequeno pedestal sobre o qual se assenta imagem, cruz, busto, estátua, etc. "Vejo-te excelsa no alto, numa gloria de apotheose, erguida sobre uma *peanha* de nuvens cor do ceo, pontilhada de estrellas (...) " (ESM, L. 37)

PEÇONHA[118] s.f. Secreção venenosa de alguns animais; veneno; fig. malícia; maldade.]: "Quem não conhece o mal dos maus-olhos? A inveja,/cobra que ninguém vê, nossos passos rasteja/e os enche da *peçonha* invisível do atraso." (SM, p. 118, v. 123)

PEDIR REPOUSO loc. verb. Descansar. "Ouvi dizer que existe no mundo/chamada mancenilha. Ai daquele que um dia/passa e *pede repouso* a sua ramaria..." (SM, p. 120, v. 151)

PEGUARI s.m. Molusco. "Ao fundo, ao pé de bananeiras altas, pequenos montões de cascas de ostras, de sururus, de *peguaris*." (SM, p. 225, 522, L.9) [Regionalismo]

---

[116] Cf. Teodoro SAMPAIO. *O tuoi na geografia nacional*. 4 ed. Comemorativo do 1º Centenário do nascimento do autor. Salvador: Câmara Municipal do Salvador, 1955. (Introdução e notas do Prof. Frederico Edelweiss. p. 261.

[117] Formado provavelmente de *paul*.

[118] Do lat. **potionea*, de *potio –onis*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

PEIXOTE s. m. [sent. fig.] Sujeito desprezível. “Esse salabardote/em terra é um falastrão e no mar um *peixote*.” (SM, p. 124, v. 193)

PELOURO s.m. Bola de metal para arma de fogo, como arcabuz ou espingarda. "Verso que se faz súplica,/Clamor, *pelouro*, endeixa, /Trova de amor e queixa,(...) " (O, V.50)

PENDER v. int. Inclinar-se. “Aqueles *pendem* desaprumados, rudes e austeros,/Como vontades dominadoras dos desesperos,/Das intempéries, das inclemências.” (SM, p. 109, v. 49)

PENDOR[119] s. m. Inclinação das camadas em uma região dobrada. “Acocorados pelos *pendores*,” (SM, p. 108, v. 19)

PENHA s.f. Rocha, penhasco, fraga. “E ele, na *penha* bronca, eis que desperta e acende ” (OF, DT, V. 3); (S, V. 33).

PENHASCAL s.m. Série de penhascos. “Escuta-os salmodiando à boca hiulca das grotas, / Ao pé dos *penhascais* à carícia da lua” (A, V. 97).

PENTELICO s.m. Monte Pentélico, perto de Atenas onde abundava um mármore muito apreciado pelos escultores. "Era o *Pentelico*, o Helicon, o Parnaso, a aléa das Scismas, as Propyléas." (DRDM, L.508)

PERAU s.m. Declive rápido do fundo do mar, a partir da costa ou da margem. “(...) E praia, vasa, escolhos, / Baixo, *perau*, coroa, ou canal, nada aos olhos / Perspicazes de Lúcio escondido ficava...” (OB, V. 10, p 72)

PERCUCIENCIA s.f. (do lat. *percuscientia*) Que percute, que fere mortalmente, agudamente, perspicazmente. "(...) Esses marcos são a sua historia de Artista, onde se vão sentindo a distensão cada vez mais larga de suas vistas, as novas *percuciencias*, as fundas penetrações e as regiões ineditas de sua esthesia, que vão aflorando num luxuoso e soberano desabrochamento"(DOHXM, L.167).

PERPASSAR v.t.d. passar junto ou ao longo. “Vens do vale sombrio, enevoado e remoto / Dos tempos, onde a voz das origens *perpassa*.... / Suprema aspiração da beleza e da graça...” (LE, V.2, 124)

PERQUIRIR v.t.d. Inquirir minuciosamente. “Mas de outra vez, de volta a cortadora quilha, / Por se livrar do escolho, o mar *perquirir*... E a ilha / Inda ontem povoava este trecho de oceano” (IE, V.13,136).

PESCADA s. f. Nome comum a vários peixes da família dos Ciênidas, inclusive as chamadas pescadinhas, de que há várias espécies. “Lá se foram... onde caruja o maçambê e fervilham as corvinas prateadas... as pescadas...” (SM, p. 207, v. 918)

PESCADOR s.m. Pessoa que se dedica à pesca. “O casario dos *pescadores*/...é uma centena de tejupares,” (SM, p. 107, v. 16)

PESCADOR DE CAÇOEIRA loc. nom. Pescador de certo tipo de rede de arrastão usada para pesca em alto mar: “Mas tudo isto brilhava rapidamente no espírito de Militão, *pescador de caçoeira*.” (SM, l. 10, p. 157)

---

[119] Do lat. *pendulus –a –um*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

PESTE DO INFERNO col. [sent. fig.] O diabo. “E tu, *peste do inferno*, vai também, vai-te embora...” (SM, p. 207, v. 920)

PESTEAR v. t. d. Amaldiçoar alguém. “Vá *pestear* o diabo. Eu andando ao atá/por causa desta peste, esta miséria... Saia.” (SM, p. 219, v. 993)

PICHAR v. t. d. Untar com piche; dar mão de piche. “Caieira, vendo Saúna preparar o piche para *pichar* o saveiro.” (SM, p. 124, v. 180)

PICHE s. m. Substância negra, muito pegajosa, usada pelos pescadores para untar as junções das embarcações. “As canoas, cujas proas reluzem do *piche* novo, têm o aspecto ainda fatigado da trabalheira da pesca.” (SM, p. 121, v. 157)

PIRAJÁ n. pr. Batalha travada na área de Cabrito – Campinas – Pirajá. Teria durado oito horas. E movimentou 4.000 homens, constituindo-se desde então na mais alta demonstração da resistência brasileira ao longo da cansativa, ingrata e morosa campanha militar pela Independência. Pouco se sabe sobre ela. Há notícias suas nos jornais “Semanario Civico e Idade d’Ouro. Um dos episódios mais conhecidos é o do cabo-corneta Luiz Lopes que salva o Exército brasileiro com um toque de “avançar cavalaria”, e sucessivamente “à degola”, ao contrário do toque “de retirada”ordenado pelo Tenente-Coronel Barros Falcão. “E que tem percorrido a vastidão da História / Sempre triunfador, de vitória em vitória, / desde que irradiou nos céus de *Pirajá*. (PAZ, V. 74)

PIROGA s.f. Barco estreito, comprido e veloz usado por indígenas da América e da África. "(...) este mar que as paginas evocadoras do Pindorama nol-o fez recordar, deserto, solitario, cortado apenas pela *piroga* achamboada do caboclo, reflectindo o vulto aprumado e negro das montanhas (...) " (DOHXM, L.112)

PLANGENCIA s.f. Choro, pranto, lamento. "Em torno a tristeza, a funda tristeza do deserto ..... e por sobre essa tristeza, na infinita /solidão desdobrada onde meus olhos pousavam cançados e tristes, o requiem da minha tristeza, a *plangencia* da minha magua” (M,L.6)

PLANGENTE adj. Que chora. Lastimoso; triste: “Toda de branco, mística e dolente, / Laura, no mar, no vasto mar *plangente* / Imerge os seus tristíssimos olhares... (VS, V.7, 80)

PLANTUROSO adj. Crescido, volumoso. (Fig.) Abundante, copioso. Prolixo. “Já não saltara da rede, vivo e lesto, como dantes, nas madrugadas antigas, para a lida do campo, quando a terra sorria na alegria *planturosa* das safras (ASS, L. 36).

PLANURA AZULADA col. [sent. fig.] O mar. “Caminha, pára de novo, acompanhando com os olhos um bando de garças que passa renteando a grande *planura azulada*.” (SM, p. 118, v. 120)

PLENILUNIO s.m. (do lat. *plenilunium*) Lua cheia; quando a lua está toda iluminada pelo sol, estando-lhe diametralmente oposta. Fig. totalidade, plenitude; total oposição. “Nós precisamos de um banho lustral” era a sua phrase expressiva ao deparar um phantasma da Miseria ou uma cariatide do Crime – expressão profunda traduzindo o sentimento que lhe pairava nalma[sic], num *plenilunio* sereno e emocionante de piedade e de bem!... " (DOHLR, L.141). “Rumores de ondas e de ventos. Tremulinas do *plenilúnio* nas faixas de praia descoberta (SM, p. 210, v. 937).

PLETORA s.f. superabundância, plenitude, exuberância, estuamentos. "Em Novembro, esse céu é uma *pletora* de astros! "(OB, V. 79, p. 72).

PLÚMBEO adj. Da cor do chumbo. “Desmaia a estrela Dalva. O vento sopra escasso. / (...) / O mar deixa entrever no clarão duvidoso / Da ante manhã seu corpo imenso, *plúmbeo*¸e lasso. “ (MN, V.8, 138) ; “A água *plúmbea* do mar de reflexos se inflama” (NU, V.3, 119).

PÓ s. m. Estado lastimável de pobreza. “Chega a miséria, espia e ronda.../Empurra-o para sempre à vida desgraçada,/reduzido no mundo a *pó*, a cinza, a nada.” (SM, p. 119, v. 146)

POEIRENTE adj. Cheio de ou coberto de poeira. “Lá se vão elles/ Os eternos trilhadores do planeta.../ *Poeirentes* da poeira de todas as estradas.../ Das poeiras novas/ Levantada pelos curtos vertiginosos/ Pelos picos dominadores. Os eternos trilhadores do planeta... *Poeirentes* da poiera de todas as estradas...” (doc. 0015,1r, v.20). [Neol.]

POMPEAR v.t.d. Expor vaidosamente; ostentar, brilhar. ”No régio Corpo de expressão graciosa/ *Pompeia* a Forma em brilhos sobre-humanos!” (FM, V.4, 74); “Bela visão, dirás, miragem sedutora... / No entanto, irrompe ao sol, *pompeia* ao sol, ufano, / O perfil insular. Não tarda o olhar humano / O mistério indagar deste mundo que aí flora.” (IE, V.6, 136)

PONTA s.f. Porção de terra que avança pelo mar a dentro. “Ruma à *ponta* que avança... Ah! Vem dali, do extremo (;) ” (AMD’A, V. 21).

POPA s.f. Parte traseira da embarcação. “Ei-lo o marujo!... E ao canto que ressoa, / De pé, na *popa*, busca a fonte misteriosa...” (AMD’A, V. 20). “Isto aqui é ‘Fortuna’/e a *popa* estou eu.” (SM, p. 154, v. 444).

PORACÊS s.f. Dança indígena, festa, folguedo; ajuntamento de pessoas para folgar: "Agora já não é a visão da terra abrazada, já não é o martyrio da terra exsicada gritando a sua dôr pela bocca muda de uma flôr: é a visão da terra selvagem, bella e rude, das tabas e das *poracês*. É o Ypê, symbolo verde e ouro da terra" (DRCR, L.99)

POREJAR v.t.d. Exsudar pelos poros; destilar. “O s estos e os desejos soberanos / Cantam naquela carne veludosa / Onde o sangue numa onda voluptuosa / *Poreja* e freme em turbilhões insanos.” (FM, V.8, 74)

PORVIR s.m. Tempo que há de vir; o futuro: “Se canto alguma sensação passada / É que a sofri, gozei... e, no presente, / É muito natural, sentido-a, ardente! Do *porvir*...que direi? Não direi...nada!” (LPr, 4, 156)

POUCOS PASSOS loc. adv. Certo número diminuto distante de algum lugar. “Daquele esconso, de torvo aspecto,/A *poucos passos* do lamarão,/Tombam pedaços puidos do tecto,/Ruem paredes de bofetão.” (SM, p. 109, v. 39)

PRAIANO s. m. Habitante da praia ou litoral. “Teresa.../Oh! A mais bela e desejada das *praianas*!...” (SM, p. 177, v. 633) “A *praiana* como que vigiava.” (SM, l. 151, p.166)

PRAZENTEIRO adj. Que revela prazer; alegre.. “Na taberna do Libório... Entra Saúna *prazenteiro* e risonho.” (SM, p. 149, v. 401) "Assim foi que a fogueira / Nasceu. Santa Isabel, feliz e *prazenteira* / Disse ao marido: ajunte um bocado de lenha / E acenda para que Maria veja e tenha / Logo a nova e feliz de que sou mãe." (PO, 46/V.74, p.67); "Mas não ponham nunca um ramo em fogueira / Nesta noute feliz, tão bela e *prazenteira*..." (PO, 52/V.82, p.68).

PREAMAR s. f. Momento em que a maré atinge seu limite máximo; maré cheia. "A alma de cada nota em cada vaga treme: / (...) / *Preamar* de harmonia. E sobe e espraia e freme, / Mirífica maré de aromado marulho." (AMd'A , V. 15, p.123) "A maré, na *preamar*, quebra, nos barrancos esbeiçados da riba, em assaltos rápidos e recuos murmurantes" (PO, 66/L.58, p.83).

PREFULGÊNCIA s.f. Brilho muito intenso. "Salve Clarão de eternas *prefulgências*! / soberano das flavas Eminências! / Transluminoso Grão-Mogol dos Astros!" (SL, V. 12, 61)

PRESENTISTA adj. Aquele que prefere o presente, em detrimento do futuro. "Sou *presentista* e, "tolitur"... Portanto, / Futurista, é que não! Reafirmo e escrevo." (LPr, V.9, 156)

PRESSUROSO adj. Cheio de pressa; apressado. "Oh! Funesta atracção, fatal quebranto!... / Vejo-te e o vulto *pressuroso* sigo / Arrebatado por estranho encanto." (AF, V.10, 69)

PRIANGÚ[120] s.m. Ave agoureira. O *priangú* anda-me a piar monotamente a sua canção de desolado e de tristonho poeta das noutes claras. Frio e evocativo o luar acaricia a noute. Esta tristeza do passaro enchendo a estrada e perturbando o somno às outras aves e a tristeza da lua povoam a Turris de não sei vibração, que anceio, que alma..." (doc. 071:0425, f. 3, L. 3) [Regionalismo]

PRISCO adj. Poét. Antigo, velho, que pertence ao tempo passado. "De sombras, tateando estas paredes *priscas*! (UMB, V. 16).

PROA s.f. Parte dianteira da embarcação. "Sozinho, o cão vigia estendido na *proa*." (OCB, V. 11). "As canoas, cujas *proas* reluzem do piche novo, têm o aspecto ainda fatigado da trabalheira da pesca" (SM, p. 120, v. 157). "Lançava a rede, arrumava a esteira no chão da *proa*, e dormia ou fumava até ao primeiro lanço"(JOC, L. 17, 29, 84)

PROA A PROA loc. nom. Lado a lado. "Corri a vistaem roda. E a meu lado corria/somente 'Juriti'. Uma hora *proa a proa*." (SM, p. 189, v. 748)

PROCELA s.f. Tempestade marítima; temporal. "(...) O batelão, batido da *procela*, / Desarvorado, ermava... (...)" (OB, V. 28). "O hinverno! O hinverno! Eil-o que chega insano/Trazendo a chuva e o temporal bravio .../Ruje, em *procellas*, turgido, o Oceano/Regouga, infrene, em turbilhões, o rio." (H, V.44)

PROCELOSO adj. Tempestuoso. "Eil-o o lobo do mar que envelhecera / Nos trabalhos insanos do Oceano / Que tantas vezes irado e *procelloso* / Lhe cuspira nas faces bronzeadas." (ENP, V. 5).

PROMONTÓRIO[121] s.m. Cabo formado de rochas elevadas ou alcantis. "No *promontório* de Passé que galga os ares" (SM, p. 107, v. 01) "... correram toda a costa do *promontório*, olhando as casas,..." (JOC, L. 41).

PULULAR v. int. Lançar rebentos (a planta). "No entanto, a vida *pulula* e cresce,/No desabrigo daquele abrigo" (SM, p. 109, v. 43)

PUNHO s. m. região do membro superior correspondente à articulação do antebraço com a mão; pulso, munheca. "Cerra os *punhos* e avança um pouco, lembrando os longos anos de martírio de casado..." (SM, p. 144, v. 394)

---

[120] Figueiredo 1973 (1923) classifica como brasileirismo do Nordeste.
[121] Do lat. *promontorium*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

PÚRPURESCÊNCIA s. f. Ato ou efeito de aparecer da cor de púrpura. Dar a cor avermelhada. “De longe, a *purpurescência* dos mulungus fere o olhar fatigado das rijezas dos aspectos” (MUL, L. 9).

PUXAMENTO s. m. Asma. “A birra é o *puxamento*.” (SM, p. 125, v. 198)

PYTHONISSA s.f. (do lat. *pythonissa*) Mulher que advinhava; sacerdotisa de Apolo; profetisa. "Partiam-se as tripodes das *pythonissas*, calavam-se os oraculos, as nymphas e os tritões expiravam no fundo entristecido e desolado dos mares" (DOHXM, L.26).

QUASIMODINHO s.m. de Quasímodo. Pequenos seres grotescos. “Ah! chamma-se Dante o ladrão do teu amor, perguntei./– Sim, Dante/ – Então deixa-*a* ás mãos do Dante. Disso sairão bellissimos tercettos..... Dantinhos e não *quasimodinhos*./ O nosso commum amigo não gostou e retrucou:/ – Onde a dignidade, a pureza, o amor etc. etc.” (doc. 063:0266, f. 3, L. 11). [Neol.]

QUEBRANTO s.m. resultado mórbido que, segundo a superstição popular, o mau-olhado de certas pessoas produz em outras. “Oh! Funesta atacção, fatal *quebranto*!... (AF, V.9, 69)

QUEIMADAS DE PALHAS loc. nom. Festa que encerra o ciclo de festas natalinas, onde ao som de cantos, ao redor da fogueira, queimavam-se as folhas de presépios e lapinhas. “Ali estava radiante, na noute da grande festa, na *queimada de palhas*...” (SM, l. 121, p. 164)

QUEIMADO adj. Bronzeado. “Lá vem meu rei, dizia.../baixo, *queimado*, forte.” (SM, p. 135, v. 267)

QUEM COMER A CARNE QUE ROA OS OSSOS prov. Vivenciar tanto o aspecto agradável como o desagradável da profissão ou da vida em geral. “Por que não sai também, como muitos dos nossos?/*Quem vai comendo a carne é que há de roer os ossos*.” (SM, p. 240, v. 1139)

QUIETAR v. int. Acalmar, tranqüilizar, aquietar. “Mas eles vieram crescendo, crescendo, crescendo, quando o vento *quietou*, turbando o silêncio.” (SM, l. 117, p. 164)

QUILHA s.f. Peça estrutural básica do casco de uma embarcação, e que se estende da popa à proa. “Olha o ‘Fortuna’... a *quilha* incrustada de ostras e gusano” (SM, p. 123, v. 180; p. 168, v. 542).

QUIO s.m. Vinho célebre. "Lá o *quio* espumante brilhando nas taças..." (RFO3, L.22).

QUITANDA, s.f. Local onde se faz comércio de pequenos objetos, quinquilharias. “...e guinou para uma sobreloja, uma baiuca escura atravancada das mercadorias das *quitandas* − do carvão em cesto de tostão, aos abanos e aos cestos de ouricuri pendurados na porta suja.” (ITR, L. 8-9) [Regionalismo]

QUITANDAR v. int. Comercializar coisas diversas. “Ali morava a amasia Filiberta, também da ilha, que *quitandava* do verão aos princípios do inverno, ... (ITR, L. 13)

RABO-DE-SAIA s.m. Pessoa em idade jovem ou adulta do sexo feminino. “Há tanta moça aí, tanto *rabo-de-saia*,/ Amália, Rosa, leonor, Matilde, Clara, Benta/ e tantas, Santo Deus, para mais de quarenta...” (SM, p. 132, 75, v. 223). [Regionalismo]

RACHAR v.t. Dividir no sentido do compartimento. “Os troncos vêm descendo através das paredes/*Rachando*-as do alto a baixo. (SM, p. 111, v. 81)

RAIVAR v. intr. Agitar-se com fúria. “Mas, certos dias, quando o vento em doudo açoute / Vergasta as ondas que se escavam, que *raivando* / Vêm se despedaçar, num fragor formidando,” (OCB, V. 39).

RAJADA s. f. Sopro do vento com maior intensidade. “... em largas *rajadas* de norte e lentos escachoos de água corrente...”(ITR, L. 02)

RALHADEIRO adj. Que emite sons altos. “Segue, velhas canções cantarolando: / Velhas tiranas, velhas chulas, trovas, / Rebentadas ao sol dos eitos, quando / A enxada negra abria as negras covas./ Ou quando, ao som da viola *ralhadeira*,/ Ellas saltavam, límpidas e novas.” (DRU, Vesperal, v. 20). [Neol.]

RAMA s.f. Conjunto dos ramos de uma planta. "Era o ramo futuro. / (...) E toda noute bracejou as *ramas* de ouro." (PO, 59/V.99, p.70).

RAMARIA s. f. Ramagem. Em breve, é a selva inteira,/Selva tentacular, selva atroz e piedosa,/Multiplicando a *ramaria* rumorosa.” (SM, p. 110, v. 72)

RAPADO s.m. Sem pêlos. “O velho Antero... a cara *rapada*, os cabelos brancos crescidos.” (SM, p. 149, v. 404)

RAPAGÃO s. m. aum. de rapaz; rapaz forte e corpulento. “Saúna ganha a praia. A esperança enfia um raio quente de sua luz pelo coração escurentado do belo *rapagão*.” (SM, p. 123, v. 180)

RAPAZIO s. m. Bando, reunião, quantidade de rapazes. Os rapazio em geral. “(...) na alegria comunicativa e franca do *rapazio*” (PAS, L. 35). “... em uma fes- / ta, os sorrisos, as contradansas, as horas passadas entre as olhadelas / ineficazes do *rapazio* concorrente...” (ANT, L. 09 f. 2).

RAPSODO s. m. poeta. " Do mal, porque tão tarde, inda velando, tu'alma escuta / O nocturno *rapsodo* e os olhos tens vermelhos?... " (CA, V.75, p. 50)

RASQUEJANTE[122] adj. Que produz estalos. “Muda e só, na mudez dos desesperan*c*ados,/ A visão perturbada aos clarões *rasquejantes*/ Do incendio que estruiiu, trave a trave, os dourados/ <=> /Pantheons que erigiste, rebrilhantes.” (doc. 072:0430, f. 3, L. 11, v. 46) [Neol.]

RASTEJAR v. t. Seguir os rastos ou a pista de algo ou de alguém; rastrear. “A inveja,/cobra que ninguém vê, nossos passos *rasteja*/e os enche da peçonha invisível do atraso. (SM, p. 118, v. 122)

RASTO s. m. Marca dos pés que representa a sorte do indivíduo. “Apanharam meu *rasto* e jogaram no mar” (SM, p. 193, v. 782).

RATAMPLAN s. m. onom. Ruido causado pela fricção do sapato no chão. “Tombam, juncando o chão, que sôa alvoraçado/ No estrepitante *rantamplan* do sapateado./ E a música estonteia e queima a sala inteira./ E a tabarôa dansa, abre os braços, peneira...” (LUN, p. 162)

[122] Provavelmente de rascar: causar incômodo a, perturbar pelo som desagradável.

REBOAR v. intr. Ecoar; ressoa. “A tormenta *reboa*. Alto o vento sibila ” (OF, DT, V. 6); (HSV, V. 58) 2. v.i. fazer eco; retumbar: “A tormenta *reboa*. Alto, o vento sibila.../ e sempre e solitário e insone, arde, rutila.” (FA, V.6, 112)

REBOJO s.m. Bras. Curva formada pela queda das cachoeiras; remoinho, redemoinho: "Perto, escachoando-se, em *rebojos* revoltos, borboteando tumultuoso, rolando triumphalmente as aguas enturvecidas, o Rio-Mar cantando o hymno soberano de sua força e magestade" (DOHLR, L.36).

REBRILHAR [v. int. Brilhar com mais intensidade]: “A praia nua estala, *rebrilha*, fulvesce nas poças de água e formiga na correria dos crustáceos.” (SM, Adv.p. 126, v. 219)

RECHINANTE adj. onom. Que rechina, que produz som agudo ou áspero, som semlehante ao do ferro em brasa sobre a carne. "Em toda noute bracejou as ramas de ouro / Como se rebentasse ali no fervedouro / *Rechinante* das chamas." (PO, 59/V. 101, p.70).

RECIFE s.m. Série de rochas mergulhadas ou à superfície do mar, nas quais ele, normalmente rebenta. “Mas essa luz que sai do seu aceso globo / Doma e açaima o *recife* aos seus pés rebusnando.” (OF, DT, V. 11); (OF, V. 9; N, V. 13).

RECÔNCAVO n. pr. A capitania de Álvaro da Costa foi concedida no reinado do Rei D. Sebastião, em 29 de março de 1566. Passou à História sob as denominações de capitania do Paraguaçu ou do Recôncavo. Era uma das quatro comarcas da capitania da Bahia no século XVIII, que, nesta época (1759), já possuía as freguesias: Nossa Senhora da Encarnação do Passé, São Gonçalo dos Campos, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora do Ó de Paripe, Nossa senhora do Monte, São Gonçalo da Vila de São Francisco, São Felipe, Nossa Senhora de Piedade de Maroim, São Miguel de Cotegipe, Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão, São Sebastião do Passé, São Domingos de Saubara, Nossa Senhora do Desterro de Oiteiro Redondo, São Pedro de Muritba, Nossa Senhora do Rosário da Vila da Cachoeira, São Pedro do Traripe, São Bartolomeu da Vila de Maragojipe, São Tiago do Iguape, Nossa Senhora de Oliveira dos Campos, Santo Amaro da Vila de Nossa Senhora da Purificação. Recôncavo – berço dos canaviais e da história baiana e lugar que encerra páginas empolgantes da resistência dos baianos na época das guerras da Independência como baluarte contra as forças portuguesas do General Madeira de Melo. Desde os seus primeiros dias tem-se realçado a nobreza de seus heróis e se destacado seus grandes filhos seja no sacerdócio, na magistratura e na oratória, seja na política, na poesia e na música como na administração pública, no jornalismo e na vida militar. A região, muito extensa, vem desde a Matriz de Nossa Senhora do Monte, o ponto mais alto de onde se descortina o mais belo panorama da baía de Todos os Santos, até as terras baixas das mangues, aonde chega a água salgada, povoada de caranguejos, camarões e outros crustáceos. Região plena de rios, regatos, ribeiras, ilhas, praias, salinas, localidades e povoações que guardam, desde tempos imemoriais, seus nomes indígenas. As igrejas, com fachadas barrocas, torres originais, sinos tradicionais, paredes recobertas de raríssimos azulejos, apresentam imagens artísticas, alfaias preciosas, batistérios e lavabos originais, com sepulturas históricas. Correm por lá lendas e superstições como a do sangue mau da mulher que exerce influência maligna sobre aquele com o qual convive. Além dessas lendas, existem as histórias de encantamento e de almas do outro mundo. As casas grandes e as senzalas representam a glória de um passado rico e o surgimento dos grandes títulos nobiliárquicos. Ao lado desse passado luminoso, o Recôncavo

detém um riquíssimo acervo na arte culinária. Há ainda a acrescentar o valor educacional das filarmônicas, seu inexplicável folclore e as cantigas plenas de poesia dos barqueiros e canoeiros. Hoje, nesta área privilegiada para o cultivo da cana de açúcar, desenvolve-se a indústria petrolífera, promovendo maior progresso sócio-econômico para a terra que conheceu a grandeza de um passado glorioso e fecundo. "Nesta viagem que ora faço por um trecho do *recôncavo* baiano" (MUL, L. 4).

RECONTRO s.m. Conflito, luta. "... com os lances remotos, o *recontros*, da gente guerreira..." (SM, l. 8, p. 157; l. 11, p. 157)

REDE ALTA loc. nom. Rede grande, larga, difícil de trabalhar, devendo ser puxada pela ponta. "Pelo chão levemente arrampado da riba estendem-se as *redes altas*, como grandes manchas negras." (SM, p. 121, v. 157; p. 207, v. 918)

REDE DE ARRASTO s. f. Grande rede de pesca que é alada para a terra pelos seus extremos, à força de braços, com tralha inferior a arrastar pelo fundo, ou que, no mar, é levada a reboque por barcos de vapor. "Faz pena. Quase nu. Uma *rede de arrasto*/que restava lá foi pra compra da mezinha." (SM, p. 115, v. 94)

REDIVIVO adj. (do lat. *redivivu*) Que voltou novamente à vida; ressuscitado; renovado; reaparecido; restaurado. "Há uns annos elle começou a rimar sonetos e poesias á luz já sem calor do velho condoreirismo esgotado no forjar as decimas escachoantes, os alexandrinos indomados por entre os quaes, passavam as figuras homericas dos heroes *redivivos* e as figuras constelladas das datas nacionaes,(...) " (DRDM, L.46)

REDONDEZA s.f. As cercanias de um lugar, arredores. "Todos os anos a minha fogueira era a primeira que aparecia nesta *redondeza*." (PR, L. 26, p.44**)**

REDONDILHA s. f. Atualmente, verso de cinco ou de sete sílabas. "Trovas. Repete-as, espalha-as na noite. Revê o coração, como uma vela, reflectindo a sombra na água azul das *redondilhas*." (SM, p. 167, v. 526)

REFAGULHANTE adj. Fagulhento: que expele fagulhas, irrequieto. "A maré quase vazia deixa que o sol vista o corpo anegrado da praia vasosa de uma rede tênue e *refagulhante*." (SM, p. 120, v. 157)

REFAGULHAR v. int. Faiscar; cintilar; brilhar. "Nuvens, a raro e raro,o céu colmam de neve./ E a luz mansa e balsâmica extravasa.../ Mar de ouro *refagulhando*,/ Mar de dormências trêmulas, cantando,/ Pela boca sutil das pequeninas vagas,/ A indefinida tremulina/ Das dores vagas."(CAM, v. 6). [Neol.]

REFEGÃO (A) (loc. adv.) Movimentado pela agitação provocada pelo vento tempestuoso e rápido que sopra às lufadas. "O tosco batelão, como um brinco, subia / Tangido, *a refegões*, de marouço em marouço." (OB, V.17, p. 72).

REFERTO adj. Cheio. "Lança, de mão *referta*, heróico e resoluto, / Tua nova semente à terra comburida." (VI, V.7, 122) ; "a natureza em roda abre o seio *referto* / De ninhos de canções de zumbidos de abelha." (UC, V.5, 147)

REFLUXO s.m. Movimento da maré vazante. "Mas o *refluxo* aí vem. Ei-lo que sobe e espraia." (A, V. 76); (A, V. 84).

REFRANGER v. tr. Quebrar ou desviar a direção luminosa ; refratar. "E das cordas do saibro, em que a luz se *refrange,* / O dáctilo ressurte e, alto, o espondeu rebenta." (A, V. 74, p. 142).

REFREGA s. f. Vento tempestuoso que sopra às lufadas. "As *refregas* zunintes do nordeste passam com um rumor de asas imensas..." (SM, p. 152, v. 421)

REFÚLGIDO adj. Refulgente. 2. Resplandecente, brilhante. "(...) vê que contraste entre esta árvore vulgar, sem nome entre o mundo dos grandes vegetais, bronca, pobre e tosca e essa delicada e fidalga paineira "toda cor de rosa que tanta flor que a cor de rosa tem" cantada em versos claros e em prosa *refúlgida*." MUL, L. 39).

REFULGIR v.i. Brilhar intensamente. "Seu estro flamejava assim como no Espaço / Mil Sóis a *refulgir* n'um fulvo reverbero." (FR, V.4, 86)

REGOUGANTE adj. Que produz um som áspero. "E é levantar as ancoras e largar as velas e zarpar pelos desatados *regougantes* do deserto marinho. " (DRDM, L.38).

RELUZIR v. int. Resplandecer, brilhar. "Viu longe, muito longe, um clarão *reluzindo*; / Cor de fogo a brilhar num brilho nunca visto." (PO, 42/V.68, p.66).

REMÍGIO s.m. Vôo das aves. "Águia imortal de triunfais *remígios* / Iluminado mundos e Oceanos." (SL, V.1, 61)

REMO s.m. Instrumento de madeira, que consta de uma parte roliça e de outra espalmada, e que, funcionando como alavanca interfixa, serve para fazer avançar na água pequenas embarcações. Somente a canoa do Pereira... dança... à espera do velho pescador, de calças arregaçadas, o *remo* no ombro, retido pelo velho Caieira." (SM, p. 131, v. 219)

RENDILHADURA s.f. (de rendilha) Renda, ornamento. Fig. O que é variado caprichosa e delicadamente. "O estylo floresce, numa evidencia typica de individualidade; canta em rythmações suggestivas, fulge em facetamentos rebrilhantes na *rendilhadura* sonora e imprevista da phrase. " (DOHXM, L.124)

REPONTE s.m O começo da enchente. "Eis <a> /v\em a vaga: mansa, em <marulhos> [↑ langores,] espraia, / A subir, a subir, no *reponte* da enchente" (PDL, V. 21).

REQUEBROSO adj. Melodioso. "O violão de Camilo espalha pela noute e pelo luar uns sons *requebrosos*, como de onda soalheira num recanto de praia deserta". (PO, 68/L.61, p.74).

REQUIEM s.m. (do lat. requiem) Repouso, descanso. Parte do ofício dos mortos na liturgia católica[123]. "Em torno a tristeza, a funda tristeza do deserto ... e por sobre essa tristeza, na infinita /solidão desdobrada onde meus olhos pousavam cançados e tristes, o *requiem* da minha tristeza, a plangencia da minha magua. " (M,L.6).

RESFOLEGAR v. int. Respirar. "Senta-se, abatido, exausto, *resfolegando* ansiosamente, com os olhos cheios de água." (SM, p. 190, v. 759)

RESOLUTO adj. fig. Determinado: "Lança, de mão referta, heróico e *resoluto,* / Tuas nova semente à terra comburida." (VI, V.7, 122)

RESONANTE adj. (do lat. *resonans*) Que ressona, que faz som, eco; retumbante. "E os meus ritmos de esperança/ Vão caindo pelas estradas luminosas,/ Que essas choupanas

[123]*Requiem aeternam dona eis* – "dai-lhes o repouso eterno".

malassombram,/ Como hosanas/ Como himnos Como fremencias de clarins vitoriosos/ (...) *Resonantes* dos cantos da vida forte." (CH, V.26)

RESSACA s.f. Refluxo da vaga ao encontrar obstáculo que a impeça de avançar livremente. “E tangido pelo desejo, como um batelão batido da *ressaca*, ergueu-se, o cachimbo...” (SM,.l. 1135, p. 165)

RESSONAR v. int. Dormir. “Saúna *ressona*... a boca descerrada.” (SM, p. 196, v. 801)

RESSUPINAR v. t. d. Tornar o corpo voltado para cima, deitar de costas. "Mas, *ressupino* já dessa alongada ronda, / Agora aí na areia. (...)" (CB, V. 54, p. 108).

RESSURTIR v. int. aparecer, surgir. "O dáctilo *ressurte* e, alto, o espondeu rebenta." (AMd'A , V. 19, p.123).

RESTINGA s.f. Banco de areia ou de rocha que se afasta mais ou menos do litoral e às vezes aparece na baixa-mar. “Na velhice é a *restinga* eriçada de escolhos...” (OHM, V. 9). "Desce a revê-lo busca a alongada *restinga*, / Aí fica em fofa areia. (...)" (CB (2A), V. 44, p. 108)

RESTRUGIR v. intr. Vibrar fortemente; ecoar. “(...) A procella - / Ha muito que não vem, raivando e *restrugindo* / as barcas a fundir e os lares enlutar....” (PDL, V. 13).

RESVALAR v. int. Fazer incidir, passar de leve. "Perto, no seu fulgor de selvagem beleza, / *Resvala* o corpo nu de uma virgem tamoia" (A, V. 35, p. 142).

RESVALO s.m. Declive. “Não se contém. Procura aos *resvalos* o estreito / Trilho do penedio. (...)” (OCB, V. 51).

RETICENCIAR v.t.d. Marcar debilmente; insinuar. “... o cortiçame negro e movediço da extensa caçoeira *reticenciava* o trecho manso do mar...” (SM, l. 138, p. 165)

RETIRANTE s. m. Sertanejo que, sozinho ou em grupo, emigra para outras regiões nacionais. “... o pescador e barqueiro tem o aspecto derruído dos *retirantes*.” (SM, p. 185, v. 700)

RETUMBO s. m. Estrondo. “Galga a pequena ponta que se alteia à esquerda, em cujas locas lá embaixo, há estrondos, estouros, *retumbos*.” (SM, Adv.p. 199, v. 844)

REVEL adj. rebelde, insurgente. "Deflagrasse *revel* nos escavões sombrios "(OB, V. 7, p. 72); "Voz de um tritão, (...) / E anda a espalhar / (...) as suas mágoas / Que nasceram *revéis* de uns olhos verdes de sereia?... " (CA, V. 33, p. 50).

REVÉRBERO s.m. Luz, ou efeito da luz refletida; reflexo. “tinha o nobre valor dos guerreiros de Homero / A têmpera viril, a enfibratura d’aço. / Seu estro flamejava assim como no Espaço / Mil Sóis a refulgir n’um fulvo *revérbero*.” (FR, V.4, 86); “Um *revérbero* pelo meu caminho: / Teu sacrossanto e divinal Carinho!... / Teu sublimado e soberano Amor!...” (MA, V.12,65)

REVESSO adj. Avesso, contrário. “... vinte e dous anos, *revessos*, aos namoricos...” (SM, l. 15, p. 157)

REVOLTO adj. Tempestuoso. “Mirando o mar *revolto* ou de múrmuro seio, / Tritão cresceu arisco, asselvajado, e feio.” (OCB, V. 7).

RIBA s.f. Margem alta; ribeira. “Nas cálidas paragens / Das *ribas* que ele banha, acaricia, e acerbo” (M, V. 20); “Pelo chão levemente arrampado da *riba* estendem-se as redes altas, como grandes manchas negras. (SM, p. 121, v. 157)

RIBEIRINHA s.f. Habitante da costa.[124] “Porque de cada estrofe a se evolar na noute infinda / Vem redor uma seta aguda e bruta / Rasgar-te o seio, *ribeirinha* linda?.” (CA, V.78, 110, p. 50). “Mas, de repente, a formosa ribeirinha lhe aparece...” (SM, p. 165, v. 492)

RIBEIRINHO s. m. Morador da região costeira, próximo ao rio ou às ribeiras. “... como se Gedeão, lhe tivesse arrancado do Tijupar esburacado a *ribeirinha* formosa.” (GED,L. 21). “E o *ribeirinho* não viu por detrás daquele sorriso o grande caixão de ferro e...” (SM, l. 88, p. 162)

RIDENTE adj. Vicejante, verdejante. “Bela e piedosa és tu, que choras quando a rude / Verdade entra em teu reino e alça a espada de chama / E expulsa do esplendor dos teus campos *ridentes*” (LE, 11, 124); “Volta, *ridente*, e loura a primavera.” (SO, V.10, 93)

RIGOLETO s.m. Personagem-título da ópera de Verdi, em quatro atos, baseada no drama de Victor Hugo *Le roi s'amuse* (O rei se diverte), representada em Veneza em 1851: "Rir tresvairado de quem perde o senso, / Medonho gargalhar de *Rigoleto*." (RC, V.11)

RIJURA s.f. Que possui pouca ou nenhuma flexibilidade; dureza; firme. “Eternidade da luz / Que fique à *rijura* iluminando/ Luz interna Que illumina sem cessar/ Os caminhos:/ Pelas sendas do tempo e do espaço [↑caminhos] do poeta/ Pelos plainos do tempo <pelos>/ <Ave, ave!...>”. (doc. 0017,1r, v. 26). [Neol.]

RILHAR v. tr. dir. Roer ou comer roendo (comida dura ou fibrosa). Trincar. 2. Ranger (os dentes). “E, levantando a arma para o sol, alvejou-o, *rilhando* os dentes”, (ASS, L. 87).

ROÇAGANTE adj. Que roçaga, que se arrasta pelo chão. “Aos aplausos febris e delirantes, / Solta do Colo as rendas *roçagantes* / Dos Cabelos as louras espadanas.” (CA, V.10, 59)

ROCHEDO s.f. Rocha escarpada à beira do mar. “Às vezes longe desta plaga, / Deste amigo *rochedo*, / Dentro da solidão, riba nua, sem fraga, / Onde o frio rosal do silêncio floresce,” (E, V. 35).

ROLDÃO antr. Figura do romance popular da literatura de cordel: História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França; personagem inspirado em Roland, um dos cavaleiros de Carlos Magno na famosa gesta carolíngia. “*Roldão* e Floripes, os mouros e os gigantes, combates e recontros esvoaçavam-lhe à memória, mal retidos...” (SM, l. 11, p. 157)

ROLO loc. adv. Mar em remoinho de água; vagalhão. “Vento que cava o mar. Mar, aos cachões e *aos rolos*” (OCB, V. 26).

ROQUEIRO adj. Assentado ou fundado sobre rochas. “Numa curva da estrada o olhar se demora / Num teso. Ali campeia um castelo *roqueiro*” (SE, V.6, 127).

ROSAL DE TROVA s. m. Relação de cantigas. “Lá se foi, João Mareta,/despetalado pela ventania,/teu singelo *rosal de trovas* passionais.” (SM, p. 178, v. 666)

ROSICLER adj. poét. De uma tonalidade róseo-pálido que lembra a da aurora. “Nada nessa viagem me apavora / que importa o louro *rosicler* da aurora... / Que importa a estrela que não resplandece.” (LZ, V.10, 97)

[124] Alusão às cantigas de amor.

ROTA s.f. Caminho, direção, rumo. “Viram, fremindo ao sol, após as longas *rotas*, / O luminoso pavilhão.” (M, V. 40); (HSV, V. 45, 64).

ROTEIRO s.m. Itinerário. “(...) Eram, assim lá fora, / Na barcaça veleira, os *roteiros* de outrora (.)” (OCB, V. 44).

RUBESCENTE adj. Enrubescente; que está rubro: "(...) *rubescente* e fina Flôr extranha rebentando em seivas de Sensações, em florescencias de Affectos, n’uma ecclosão de novas e vivas emoções, de fascinantes enlevos e attrativos, aos clarões alvoraes do Sol radiante da Adolescencia!" (FL, L.5)

RÚBIDO adj. poét. Vermelho. “Aparição de espectro formidando, / De intumescidas, *rúbidas* entranhas” (RE, V.2, 67).

RUFLANTE adj. Que produz rumor, semelhante às batidas das asas de uma ave. “Sei que na aza augusta desse Hymno p*a*ssa, por entre a melodia *ruflante*, a plangencia do sonho inattingido ainda, mas que reponta e fulge illuminando o teu roteiro de Sonhador.” (doc. 061-0235, L. 14). [Neol.]

RUFLAR v. int. Agitar-se com rumor análogo ao da ave que esvoaça; fazer tremular. “Tarde de elísia graça. A campanha se apresta / Mar verde. Céu azul. Asas brancas ruflantes / Velas branca *ruflando*. Eis que parte lesta.” (EM, V.11, 131)

RUFLO s.m. Som cadenciado e trêmulo produzido pelo tanger alternativo e rápido de duas baquetas. “Asas de fogo, *ruflos*, de asas violentas.” (SG, V.5, 145)

RUGITAR v.int. Rugindo, fazendo ruído. "...larvas que se não chrysalidaram, chrysalidas que não romperam o casulo, ganhando o mundo nas azas flammejantes da palavra, *rugitando* na estrophe ou vibrando na prosa,"(DRDM, L.8)

RUMINOL s. m. Figueira ruminal, a respeito da qual os romanos tinham várias superstições. 2. Animal mitológico, besta-fera. “Estranho *ruminol* tombando do Infinito” (PAZ, V. 19).

RUMOREJO v. int. O farfalhar das folhas das árvores. “Nesta manhan toda ouro e azul, todo *rumorejo* e rythmo, o poeta desamado das Musas que <†>/o\ não visitam, vae abrindo os olhos fracos de convalescente para a paysagem natural de entorno.” (doc. 063:0274, f. 1, L. 10) “A luz sob<†>/e\ victoriosa, os ultimos nevoamentos diluem-se no ar, o vento é mais pressuroso, ha uns *rumurejos* de arvores na ilha fronteira.”(doc. 066:0320, f. 1, L. 13-14) [Regionalismo]

RUSKINIZAÇÃO s.f. Contemplação; fazer algo à maneira de Ruskin[125]. "Dir-se-hia que desta cultura, lhe resulta o que se pode chamar a *ruskinização* da visão esthetica"(DRDM, L.310).

RUTILANTE adj. (do lat. *rutilans*) Brilhante, resplandecente, luzente. "Temos gravado na imaginação de amigos e de companheiros um scenario imponente e funebre: vasto trecho de terra saibrosa, queimada pelos torridos verões, sob a flammejação barbara e *rutilante* dos sóes tropicaes." (DOHLR, L. 36)

RUTILAR v. int. Resplandecer, chamejar, brilhar. "Onde vetusto e vário o hexâmetro *rutila.* " (A, V. 55, p. 142) “A tormenta reboa. Alto, vento sibila... / E sempre e solitário e insone, arde *rutila*” (FA, V.7, 112).

[125] John Ruskin (1819-1900). Escritor e crítico de arte inglês.

RUTILO adj. (do lat. *rutilus*) poét. Rutilante; muito brilhante, resplandecente. "(...) crystalino e vibrante como o tilintar dos sinos de uma ermida branca junto ao mar num dia alegre e *rutilo* de festa, o teu Nome augusto desperta em mim sentimentos ineditos de alegria e de vida, (...)" (ESM, L.21)

SAARA s.m. O maior deserto do mundo, localizado na África. "O teu *Saara*. Em bulcões de argêntea poeira envoltas / Sobre núbios corcéis - Valquírias desgrenhadas - / Passam as horas em confusas desfiladas / Através da extensão das areias revoltas" (NO, V.1, V.13, 140).

SABAT s.m. Assembléia de bruxos e bruxas que, segundo a superstição popular, se reunia no sábado à meia-noite, sob a presidência de Satanás. "Satã cavalga infrene o cavalo febrento, / Voa para os *sabats* e as festas valpurgianas." (NO, V.11, 140)

SACROSSANTO adj. Sagrado e santo. "Um revérbero pelo meu caminho: / Teu *sacrossanto* e divinal Carinho!..." (MA, V13, 65)

SAFARDANA s.f. Indivíduo desavergonhado, desprezível. "Deixa-te estar, meu grande *safardana*, Furriel Miroró, hein, descarado, / foi tua mãe a tal de Fabiana, / que andava aqui e ali de esteira e pote ..." (SMA, p. 125, 61, v. 204) [Regionalismo]

SAGRADA COMPANHIA loc. nom. Companhia dos Jesuítas. "Levantaram-na ali, entre a selva eriçada/E a costa escancelada,/Os bandeirantes da *sagrada Companhia*." (SM, p. 110, v. 63)

SAHARICO s.m. Ser que não tem imaginação. "Esses rythmos que a critica espartilhada e grotesca dos aridos, dos *saharicos*, talvez refute por incomprenhensiveis [sic] são o que de mais suggestivo, de mais bello tem a poesia brasileira." (doc. 064:0288, f. 4, L. 24). [Neol.]

SAIBRO s. m. Areia grossa misturada com argila. "Anchieta risca o *saibro* ao poente fugitivo," (A, V. 56, 74, p. 142).

SALABARDOTE s.m. Falastrão maçante; bobo. "Isto talvez porque João Mareta veleja/ há muito tempo atrás da menina. Ora veja.../ Pois esse grauçá, só porque faz modinha/ e toca violão, há de ter a tainha/ na malha da tarrafa? Esse *salabardote* / em terra é um falastrão e no mar um peixote." (SMA, p. 124, 55, v. 193) [Regionalismo]

SALETA s. f. Pequena sala. "...Mareta não viu que a lua tardia... lhe semeava o chão da *saleta* de uns leves clarões." (SM, p. 173, v. 631)

SALMODIA[126] s. f. Maneira de cantar ou recitar salmos. "Voa subtil no aroma, evocação do incenso,/Geme na ramaria, onde funda de imenso/Órgão que ninguém vê, rezando a *salmodia*/Sobre aquela agonia." (SM, p. 111, v. 90)

SANCHO PANÇA n. p. Refere-se ao romance Dom Quixote, obra de Miguel de Cervantes, cujo personagem principal, Dom Quixote, possui um fiel escudeiro, Sancho Pança. "Mas que história foi essa? A dos pare de França? / De Magalona? Dom Quixote e *Sancho Pança*?" (PO, 10/ V.8, p.58)

SANGUE-MAU loc. nom. Diz-se do sangue de certas pessoas que, segundo a superstição, causa infelicidade, desgraça e ruína aos que convivem com elas. "*Sangue-mau*! Sangue-mau! Foi ele, vejo agora,/ foi meu castigo, minha praga, meu azar,/ foi meu feitiço e foi o meu rasto

[126] Do lat. ecles. *Psalmodia*, deriv. do gr. *psalmo(i)dia*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

no mar./ Foi ele que perdeu meu saveiro. Foi ele/ que reduziu meu corpo a osso e a pele,/ que arrancou do meu bolso o dinheiro e depois/ ainda atirou a minha rede aos bois./ (...) Foi ele o vento sul que desviou meu norte./ E a canoa da minha sorte/ deu na costa da doença e da miséria." (SMA, p. 208, 499, v. 981). [Regionalismo]

SANGÜISSEDENTO adj. Poét. Sedento de sangue, sanguinário. "Então ... raivando sangue, altissonante, ufana, / Rubra de maldições, *sanguissedenta*, insana," (PAZ, V. 83).

SANTA SOFIA n. pr. Igreja bizantina construída em Ravena, no século XI, por Justiniano, imperador do Império Romano Oriental, erigido por Constantino. O estilo bizantino, que, na era justiniana, atingiu seu grande apogeu, era uma mescla das influências do mundo helênico de um lado, e do oriental, do outro. Inconfundível e vigoroso, sua arquitetura sobressaiu-se, notadamente naquele século, quando se deu a construção de igrejas dotadas de cúpulas, sendo Santa Sofia, ou Hagia Sophia, o mais importante exemplo dessa arquitetura. Construída em Istambul, entre 532 e 537 representou o sentimento religioso que impregnava os imperadores daquelas dinastias. Foi destruída em 1463, e serviu de modelo às de São Marcos, em Veneza, (1066-1065) e Saint-Front, no Periguex, (século XIII). Quando da ocupação dos infiéis mouros, foi transformada em mesquita."Fugi esse casarão, que lembra uma catedral que a moirama infiel transformasse em mesquita, mas sem os esplendores de *Santa Sofia*. (PAS, L. 17).

SÃO-GONÇALINHO s.m. 'Nome popular para diversas espécies de plantas, com folhas escamosas nos ramos principais, de distribuição pantropical'. Ex.:"Um cajueiro emerge de um cerrado de coiranas, bilreiros e *são-gonçalinhos* e esbraça os longos ramos pinhados de flores de um leve róseo e de maturis." (SMA, p. 242, v. 1152). [Regionalismo]

SÃO JOÃO loc. nom. A maior das festas juninas no nordeste do Brasil. "Delicioso licor que ficou do *São João* passado e que deu bem cedo com Saúna na cama..." (SM, p. 247, v. 1196)

SÃO JOSÉ loc. nom. Intervalo de tempo entre 16 a 22 de março. "Aí por *São José*, quando eu semeava o milho, começava também, pouco a pouco, a juntar a lenha." (PR, L.24, p. 44); "Aí por *São José*, quando plantava o milho, / Ia já pela mata a dentro, abrindo um trilho,/" (PO, 58/V.91, p. 69)

SATÃ s.m. Na tradição judaica mais primitiva, um dos anjos de Jeová, advogado ou representante dos homens junto a este, e que posteriormente, sob a influência do problema do mal e das soluções de tipo dualista dadas a esse problema, passou a significar o mau, o acusador, o tentador, o demônio. "*Satã* cavalga infrene o cavalo febrento." (NO, V.11, 140)

SAVANA s.f. Planície das regiões tropicais de longa estação seca. "E o Saara estende os areais queimantes / - Relvas de brasa em tórridas savanas - / " (NS, V.8,88)

SAVEIRISTA s. m. Um dos tripulantes do saveiro. "Fora *saveirista* do cais, por muito tempo, estivador conhecido pela força, vigia das alvarengas,..." (ITR, L. 86).

SAVEIRO s. m. Embarcação de um ou dois mastros, usada para transporte de passageiros, transporte de carga ou para pesca. "Tão somente o *saveiro*/é que ainda vai dando uns vinténs" (SM, Adv.p. 121, v. 166).

SEARA s.f. Extensão de terra semeada, cultivada: "Mas ao sorrir da *seara*, o tempo fere, e bruto / Chega, e, ceifeiro atroz, sega a messe florida..." (VI, V.3, 122)

SEBOSO adj. Sujo. "... corrigindo a gravata preta e surrada em volta do colarinho *seboso*, ... " (ITR, L. 59)

SECO adj. Magro. "O velho pescador passeia, alto e *seco*, chupando o cachimbo de barro desbeiçado." (SM, p. 115, v. 92)

SEDA s. f. Tecido feito de uma sustância filamentosa produzida pela larva de um inseto vulgarmente chamado *bicho-da-seda*. "a vela é de *seda* fina/e o leme é de ouro lavrado." (SM, p. 167, v. 513)

SEGAR v.t.d. Ceifar; cortar. "Mas ao sorrir da seara, o tempo fere, e bruto / Chega, e, ceifeiro atroz, *sega* a messe florida..." (VI, V.4, 122)

SEIO s.m. Costa que circunda o mar. "Mirando o mar revolto ou de múrmuro *seio*, / Tritão cresceu arisco, asselvajado, e feio." (OCB, V. 7).

SEIXO s. m. Fragmento de rocha ou mineral cuja dimensão seja superior à da areia grossa e inferior à do cascalho, ou seja, entre dois e vinte centímetros. "Segue falando e rilhando os tamancos nos *seixos* do caminho úmido." (SM, p. 145, v. 395)

SELVA s. f. Lugar arborizado por natureza. "Levantaram-na ali, entre a *selva* eriçada/E a costa escancelada," (SM, Adv.p. 110, v. 61)

SEM FIM s.m. Lugar distante; remoto. "Quiz em silencio empedrado na minha solidão, enrolado nos mantos plumbeos da minha saudade, perdido nos *sem fim* inviolados da minha tristeza, ver o primeiro passo da descenção do astro." (doc. 067:0337, f. 1, L. 8). " ...pregou como a folha e como a flôr batida do vento forte; a illusão que aromou como um roseiral aberto, um trecho da existencia, tudo o que foi, que lá está no *sem fim* do Passado resurte, hoje ..." (doc. 066:0322, f. 1, L. 25). "E aqui estou para te dizer que não esqueci que não foste uma hora só por mim deslembrado, nem um só instante á minha <V> visão cançada de fitar os *sem-fins* dos horizontes vagos, imprecisos Fugiste ou te ennublaste nalguma nuvem." (doc. 066:0318, f. 2, L. 7). [Neol.]

SEM LEME E NORTE loc. adv. Sem direção. "A canoa esgarrada,/*sem leme e norte*,/dentro do temporal, bate. E despedaçada/para sempre ali fica." (SM, p. 119, v. 134)

SENDA s.f. (do lat. *semita*) Caminho estreito; vereda; atalho. "Para elle nos voltaremos sempre que dermos um passo ou precisarmos de um pharol que nos guie na *senda* invia e escabrosa da vida! "(DOHLR, L.278)

SENHOR DO BONFIM interj. Expressão utilizada para rogar algo a Deus. "Ih! meu Senhor dos Navegantes!.../Meu *Senhor do Bonfim*!..." (SM, p. 198, v. 843)

SEREIA s.f. Ser fabuloso, cujo corpo era de mulher formosa, da cintura para cima, e de peixe, daí para baixo, terminado em cauda, dizendo a lenda que, com a harmonia do seu canto, atraía os navegantes para os escolhos, onde naufragavam e morriam. "*Sereia* ansiosa, abrindo os braços, na fremência / De tudo amar! (...)" (E, V. 25); (CA, V. 33). "A Sancha deixou tudo./Tocada a pontapé porque era magra e feia,/veio a Flora. Que mais?... É a rosa, a *sereia*..." (SM, p. 117, v. 105)

SERENAR v.int. Acabar a tempestade; vir a bonança; chuviscar. "Alli esperou que *serenasse*. Tres dias acolhido na casinha de um tarrafador de camarões." (JOC, L. 105) [Regionalismo]

SERPE s.f. Serpente. "E o rio fluindo leve é uma inquieta centelha / Ou uma *serpe* escamada em seu coleio incerto." (UC, V.8, 147)

SESTROSO[127] adj. Agourento. “Quem sabe se não vem com a enchente? A onda é *sestrosa*.” (SM, p.202, v.878)

SIBILAR v. intr. Produzir um silvo prolongado, assoprando. “A tormenta reboa. Alto o vento *sibila*”. (OF, DT, V. 6).

SIRI[128] s. m. Nome comum a várias espécies de crustáceos. “O munzuá, no chão do telheiro, enxameia de siris, num bater de bocas e de cascos, derramando um cheiro picante de maresia e lama.” (SM, p. 208, v. 930)

SOBRANCEIRO adj. Elevado, proeminente. Que olha ou vê de mais alto. 2. Arrogante, orgulhoso, soberbo. “Que nunca foi vencido e nunca foi rasgado, / Que sempre tremulou *sobranceiro*, de pé.” (PAZ, V. 62).

SOÍDO s. m. ruído, som. "Das vagas, o chofrar, o intermitente *soído*" (AMC, V. 43, p.91).

SOL POR LUA loc. nom. Dia de lua cheia. “Oxente! Broco, assim?/*Sol por lua*, Saúna?” (SM, 210, v. 936)

SOLARIDADE s.f. Claridade do sol. “Que importa Prantos se aqui há Risos/ Que importa <†>Trevas se há *Solaridade*/ Que importa a tumba? Se a tumba vamos/ Nos resurgimos na inmensidade/ E nossas Almas quebrando as Cousas/ Vogam nos mares da Eternidade.” (doc. 0005, 2r, v. 18). [Neol.]

SOLEIRA s. f. A parte inferior do vão da porta, que está rasante com o piso. “Chega a miséria, espia e ronda/e se assenta de vez na *soleira* do pobre. E de andrajos o cobre.” (SM, p.120, v. 143)

SOPÉ s.m. Parte inferior da rocha, mais próxima do solo. “Deflagrasse revel nos escavões sombrios / Que fora abrindo no *sopé* dos penedios, / Sempre esse mar o via. *(...)*” (OB, V. 8, p. 72).

SORRIR v. int. Rir sem ruído. Sent. fig. Desdenhar. “Muita gente não crê, *sorri*, faz pouco caso.” (SM, p. 118, v. 124)

SORTES DE OVO loc. nom. Advinhações feitas, comumente, nas festas juninas. "As moças deitavam *sortes de ovo*, bezendo copos na fogueira." (PR, L.49, p.45).

SORVEDOURO s.m. Remoinho no mar que sorve tudo quanto se lhe lança. “Fulva faixa tremente, e abre no *sorvedouro* / Um flutuante fulgor de fagulhas de incêndio.” (PF, V. 35); (ANMM, V. 13)

SOTURNO adj. Triste, sombrio, lúgubre. “A arma detonou seca e surda no ar parado, quebrando o silêncio luminoso, abaladora, *soturna*,” (ASS, L. 90).

SUBLEVAR v. tr. Levantar de baixo para cima. "O sol *subleva* e inflama o carnal apetite... " (A, V.28, p. 142).

---

[127] Do lat. *Sinistru*; atr. do arc. *Seestro*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[128] Do tupi *si’ ri*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

SUESTADA s. m. Vento forte do sueste. “Levanta-se... abre a porta do fundo em busca da praia, cheia da noute negra e batida da *suestada*.” (SM, p. 199, v. 843)

SUESTE s. m. Vento em rumo a igual distância do sul e do oeste. “*Sueste* desgraçado. O vento me desmancha/a voz.” (SM, p. 200, v. 845)

SURURU s.m. Molusco comestível encontrado no mangue. “Ao fundo, ao pé de bananeiras altas, pequenos montões de cascas de ostras, de sururus, de peguaris.” (SM, p. 225, 522, L. 9). [Regionalismo]

SUSSURROSO adj. Que soa vagamente; que murmura ou rumoreja. “(...) Esquivo e *sussurroso*. O mar deixa entrever no clarão duvidoso / Da antemanhã seu corpo imenso, plúmbeo e lasso.” (MM, V.6) 2. adj. Que produz som baixo. “E sobre o azul o mar... o azul do céu como que vai também baixando, para fundir-se nas ondas, numa só azulescência *sussurrosa* e lucilante.” (SM, p. 115, v. 92)

TABARÉO s.m. Habitante das pequenas localidades do interior (ZACHARIAS, 2001, s.v.) “O Filemon!... É uma triste e bella pagina essa mocidade amargurada e feita para ir alem da Vida, peremnisada numa estrophe. Conheci-o nos primeiros tempos da minha vida de Artista quando elle deixou as praias de Caravellas e aqui chegou, risonho, *tabaréo*, mettido no fato de brim pardo com o chapéo de baeta preta desabado de um lado.” (doc. 063:0279, f. 1, L. 5).“E a riba, a vasa, o mar, tejupar e canoa,/ barcos, redes, a infância...aquela *tabaroa* / que a gente... E vem o pranto,/ a tristeza, o amargor...” (SMA p. 144, 199, v. 389) [Regionalismo]

TABATINGA[129] s. f. Argila sedimentar, mole, untuosa e com certo teor em matéria orgânica. “Na sua casinha branca, com a barra de *tabatinga* amarela, as janelas e a porta pintadas de azul, João Mareta, hora tarda, pensa em Teresa.” (SM, p. 165, v. 892)

TABERNA[130] s. f. Casa onde se vende vinho por miúdo. “Na *taberna* do Libório, à noute.” (SM, p. 149, v. 401)

TABOR s.m. Monte da Palestina setentrional onde se deu a transfiguração de Cristo. "Hoje a morte o levou para transfigurá-lo / No *Tabor* da Epopéa, e para transportá-lo / Às áureas Catedrais olímpicas da Glória!" (FR, V.13, 86)

TACHO s. m. Vaso de metal ou de barro, largo e pouco fundo, geralmente com asas.” “E o *tacho* ferve com os siris para o escaldado da ceia.” (SM, p. 210, v. 937)

TACITURNO adj. Tristonho. "O crepúsculo chegava, *taciturno* e evocativo." (PR, L.14, p.43).

TACTEIAR v. t. (de tacto) Apalpar ligeiramente; conhecer pelo tato. "(...) a visão prolongada para o Além, vibrada pelo intenso *tacteiar* de mundos, ella se nos affigura um promontorio distendido largamente para um mar sem raias (...)" (DRDM, L.31)

TAGARELA adj. Diz-se de, ou pessoa que fala muito. “Ia triste entre as mais amigas *tagarelas*.” (SM, p. 165, v. 500)

---

[129] Do tupi *toua’ tina*. Cf. A. G. C. *Dic. Hist. Pal. Port. O. T.*
[130] Do lat. *taberna*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

TAINHA s. f. Nome comum a quase todos os peixes da família dos Mugílidas. “Pois esse grauçá, só porque faz modinha/e toca violão, há de ter a *tainha*/na malha da tarrafa?” (SM, p. 124, v. 192)

TALHADO adj. Preparado. “Saúna, levantando-se e movendo o corpo lesto, cheio e bem *talhado* de latagão moreno.” (SM, p. 115, v. 92)

TAMANCO s. m. Calçado cuja base é de madeira e não de sola. “Vem soando um batido de *tamancos* pelo corredor tijolado da casa.” (SM, p. 246, v. 1192)

TAMARINDEIRO[131] s. m. Árvore da família das leguminosas, em cujo fruto há uma popa ácida e comestível. “Na taberna do Libório, à noute. O vento barulha nos *tamarindeiros* próximos.” (SM, p. 149, v. 401)

TANGIBILIDADE s. f. Qualidade de tangível, sensibilidade. 2. Futilidade. “Ficaram pelas estradas de envolta com os novelos de poeira avermelhada, as *tangibilidades* truanescas da vida,“ (MUL, L. 19).

TANTALISMO s.m. Inquietação; martírio. "Para onde vão os brados implacáveis / Dos batidos da dor, dos miseráveis / Nos *tantalismos* das supremas ânsias!" (CL, V.8, 72)

TANTALIZANTE adj. Que tantaliza, espicaça ou atormenta com alguma coisa que, apresentada à vista, excite o desejo de possuí-la, frustrando-se este desejo continuamente por se manter o objeto dele fora de alcance à maneira do suplício de Tântalo. P. ext. Provocar desejos irrealizáveis em. "Uma gota de pranto, um átomo iriante / De compaixão, Divina!... Olha esta misteriosa, / Dupla existência má, negra, *tantalizante*..." (DR, V.8, 143)

TAPERA s. f. Aldeia abandonada. “...minha terra natal, minha amada *tapera*.” (SM, p. 239, v. 1121)

TARDE MORTA loc. nom. Fim de tarde, quase ao crepúsculo. “Em pleno campo, recebi do estafeta a tua cartinha. E puz-me a lel-a, á luz da *tarde morta*, no passo bambo do animal.”(doc. 066:0329, f. 1, L. 2). [Neol.]

TARDEZINHA, s. f. Final de tarde. “Naquela *tardezinha* embuçada de Julho, ...” (SM, ITR, L. 2)

TARRAFA [132] s. f. Pequena rede de pesca, circular, com chumbos nas bordas, ou não, e uma corda ao centro, pela qual o pescador a retira fechada da água, depois de havê-la arremessado aberta. “Pois esse grauçá.../há de ter a tainha/na malha da *tarrafa*?” (SM, p. 124, v. 193)

TARRAFA DE TUCUM col. Pequena rede circular de pesca. “... as calças arregaçadas até acima dos joelhos, embraçando a *tarrafa de tucum*, dando caça às saúnas”(JOC, L. 9).

TARRAFA s.f. Pequena rede de pesca, circular, com chumbos nas bordas. “Pois esse grauçá, só porque faz modinha/ e toca violão, há de ter a tainha/na malha da *tarrafa*? Esse salabardote/ em terra é um falastrão e no mar um peixote.” (SM, p. 124, 55, v. 193). [Regionalismo]

TARRAFADOR s.m. ‘Aquele que pesca com tarrafa’. “Alli esperou que serenasse. Tres dias acolhido na casinha de um *tarrafador* de camarões.” (JOC, L. 106).

---

[131] Do ár. *támar híndi*, ‘tâmara indiana’. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*
[132] Do ár. hisp. e maebino *tarrahâ*. Cf. A. G. C. *Dic. Etim. L. P.*

TARRAFEIRO s.m. ‘Aquele que pesca com tarrafa’. “No terceiro dia, quando começou a serenar, João Capataz viu lá em baixo o *tarrafeiro* esfolando a coroa.” (JOC, L. 112) [Regionalismo]

TATALAMENTO[133]s.m. Som seco e estridente. “E as grandes vélas bojadas, como grandes azas brancas, no outono das derrotas, em tempo estivo, estão florindo o rio, dando-lhe o encantamento da sua brancura, do seu *tatalamento*, dos seus ruflos alvoroçados, da sua poesia feita de ancias represas, de lutas, de victorias e derrotas – poesia tragica e risonha a um tempo ...”(doc. 066:0320, f. 2, L. 1). [Neol.]

TATALANTE adj. Que estrala, que produz som estridente, emitido pelo toque dos bilros. “Saltitando, febris, rincalhões, *tatalantes*,/ Os bilros vão e vêm, entre os dedos ligeiros;/ Ora em mólhos aqui ficam prisioneiros,/ Ora descem, cruzando os seus fios brilhantes”. (DRU, A música dos Bilros, v. 5). [Neol.]

TEBAIDA s. f. (de Tebaida, região do Egito) Retiro, ermo, solidão profunda. "Antãodeserta o mundo.Enlapa-se num canto / Da *Tebaida*. Na gruta esconsa em que se perde, / Ronda-lhe a tentação multiforme. (...) " (A, V. 22, 25 , 40, p.142).

TEJUPAR s.m. Habitação feita de taipa: argila e madeira fina. “O casario dos pescadores/ − Búzios do pobre molusco humano −/ É uma centena de *tejupares*,/ Acocorados pelos pescadores,/ Disseminadas pelos outeiros,/ Pela beirada das praias curvas.” (SMA, p. 107, 4, v. 18). [Regionalismo]

TEJUPAR DE BOFETÃO col. Choupana, choça, cabana de duas águas, rebocada de barro com a mão espalmada ou em bofetes [formas variantes de tijupá, ajupá, tajupar e outras]: “Levantaria sobre o *tejupar de bofetão* a casa larga e alta.” (SM, l. 143- 144, p. 166)

TELHEIRO s. m. Alpendre com simples cobertura de telha-vã. “No alto, no *telheiro* do *casarão* antigo do velho Caieira, pescador, veterano do Paraguai, João Saúna conversa, sentado sobre um pedaço de canoa.” (SM, p. 115, v. 92)

TÊMPERA s.f. Índole; caráter. "Tinha o nobre valor dos guerreiros de Homero / A *têmpera* viril, a enfibratura d'aço." (FR, V.2, 86)

TEMPORAL s.m. Grande tempestade; mau tempo. “A canoa esgarrada,/sem leme e norte,/dentro do *temporal*, bate. E despedaçada/para sempre ali fica.” (SM, p. 119, v. 135)

TEMPORAL DESFEITO loc. nom. Tempestade de grandes proporções. “Rolam no mar azul, num *temporal desfeito*, / Teus barcos, teu poder, tua soberania.” (V, V.1).

TENTÁCULO s.m. Apêndice móvel, inarticulado, na cabeça ou na parte anterior dos animais, e que lhes serve de órgão do tato ou de pressão. “É a noute: como um polvo, insidiosa, se eleva (.) / Desenrola os seus mil *tentáculos* de treva...” (OM, V. 13)

TEREBRANTE adj. Sensação comparável à produzida por uma verruma. 2. Perfurante, Pungente. “... A forte / E fria sensação *terebrante* da morte”. (UMB, V. 10).

TERRA BRAVIA loc. nom. Solo selvagem. “Levantaram-na ali, entre a selva eriçada/E a costa escancelada,/Os bandeirantes da sagrada Companhia,/Como um marco de Deus pela *terra bravia*.” (SM, p. 110, v. 63)

[133] Figueiredo 1973 (1923) registra *tatalar* como neologismo do Brasil.

TERRA NATAL loc. nom. Local de origem, nascimento. "...minha *terra natal*, minha amada tapera." (SM, p. 239, v. 1121)

TERREIRO DA CASA loc. nom. Pátio externo da casa. "...as rodas ao luar, no *terreiro da casa.*" (SM, p. 139, v. 312)

TERREIRO s. m. Área coberta, destinada ao ritual do candomblé. "Capoeira notável, candomblezeiro assíduo nos *terreiros*, forte na navalha e no facão." (ITR, L. 22)

TERROSO adj. Que tem aspecto de terra. "O vulto do pescador...às vezes emerge mais pálido, mais *terroso*, mais frio." (SM, p. 196, v. 801)

TETO s. m. A parte superior interna de uma casa ou aposento. "Daquele esconso, de torvo aspecto,/A poucos passos do lamarão,/Tombam pedaços puidos do *tecto*,/Ruem paredes de bofetão." (SM, p. 109, v. 39)

THETIS s.f. (mit. gr.) dinvidade que representa a terra sólida que se uniu com o seu irmão Oceano, o mais velho dos Titãs, deus do elemento líquido. Ela dará à luz os três mil rios e as três mil ninfas das águas (as Oceânides). "E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de oceanides, de delphins, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o zephiro leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de *Thetis*, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das nynfas coroadas" (MAR, L. 22-27).

TIMIDEZA s.m. Acanhamento excessivo. "Não esperava o Poeta luminoso de Visio que o Annibal <o leva> lhe levasse um revoltado, um insubimisso, um pensador, fóra dos moldes communs do pragmatismo litterario, dizendo sem curvaturas nas vertebraes, sem *timidezas* (olha lá este substantivo que o Annibal pode condemnar a um fuzilamento summario!) o seu modo de ver, de sentir e de praticar a Arte". (doc. 071:0406, f. 4, L. 16). [Neol.]

TINTIM onom. Som produzido pelo atrito da prataria. "O *tintim* da prataria barata, o chancham dos talheres soavam cá fo(ra),..." (JOC, L. 56)

TOALHA AZUL loc. nom. [sent. fig.] O mar. "Manhã de Outubro. Domingo. A imensa toalha azul arruga-se, lá fora, levemente." (SM, p. 115, v. 92)

TOCADA A PONTAPÉ loc. adv. Expulsa rudemente. "A Sancha deixou tudo./*Tocada a pontapé* porque era magra e feia,/veio a Flora. Que mais?... É a rosa, a sereia..." (SM, p. 117, v. 105)

TOCAR v. int. In em direção a. "... lavava a rede, embarcava-a de novo e *tocava* para o seu porto" (JOC, L. 21).

TOJO s.m. Bot. Nome comum a várias plantas da família das leguminosas: "De um lado a esperança, <<sempre mais larga do que a vida>>, como diria Sully Proudhome, sempre a dar ao cardo o purpuro das rosas, ao *tojo* o nevado dos lyrios" (DRDM, L.29)

TOMAR TENTO loc. verb. Prestar atenção; tomar cuidado. "Vamos hoje à cidade ou o diabo sabe disso./ O mar hoje está doudo; para um doudo outro doudo./ *Tome tento,* senão eu lhe espedaço todo./ Se falar outra vez eu lhe racho a cabeça..." (SM., p. 155, v. 447)

TOMBAR v. t. Deitar ao chão. “Daquele esconso, de torvo aspecto,/A poucos passos do lamarão,/*Tombam* pedaços puidos do tecto,/Ruem paredes de bofetão.” (SM, p. 109, v. 39)

TONITROANTE adj. Que causa estrondo. “Quando o inverno chega apaulando os caminhos dando ás arvores gestos loucos de desesperadas, enchendo esta paisagem de rumores de tempestade de transbordamento *tonitroantes*, ellas fogem, ellas desertam o meu beiral...” (AND, L. 5). [Neol.]

TORMENTA s.f. Tempestade violenta. “O coração no peito/é agulha de marear. Ou temporal desfeito,/*tormenta*, cerração, mar crespo e vento forte” (SM, p. 133, v. 236)

TORMENTO s. m. Aflição, tortura. “Contei aos brutos rochedos/minhas penas, meu *tormento*...” (SM, p. 172, v. 601)

TORO s.m. Tronco de árvore abatida, ainda com casca. "Sentado num grosso *toro*, junto à porta, o cachimbo apagado, o roceiro continuou: (...)" (PR, L.19, p.44).

TORVO adj. Que causa terror; pavoroso. "Fogo de boitatás, lume de cousa morta, / (...) / Mentira *torva* e má da crendeira velhice?! " (OB, V. 67, p. 72).

TOUCADO adj. Orlado, circundado, coroado. “... com as mãos cheias de cinzas e *toucada* com as rosas murchas das últimas loas.”(SM, l. 86, p. 162)

TOUCAR v.t.d. Aureolar, coroar, circundar. "Salve três vezes, Deus de áureos pagodes, / Quando em pompas flamívomas explodes / *Toucando* o espaço de vermelhos rastros!" (SL, V.11, 61)

TRAGO s. m. Gole. Gole de bebida. “Velho Libório, um *trago*.” (SM, p. 149, v. 404) “E bebido o *trago*, partiu.” (JOC, L. 66)

TRAMBOLHO adj. Qualidade de barco lento. “Amarrava no mar como um carro na lama./Um *trambolho*, Mareta.” (SM, p. 151, v. 418)

TRANSEUNTE s. m. Aquele que caminha. “Durante o dia, espiando o *transeunte*, caía-lhe na marca dos pés, assim que ele desaparecia.” (SM, p. 207, v. 918)

TRANSLUMINOSO adj. Que é luminoso por transparência: "Salve Clarão de eternas prefulgências! / Soberano das flavas Eminências! / *Transluminoso* Grão-Mogol dos Astros!" (SL, V.14, 61)

TRAPEJAR v. intr. Bater a vela, no mastro, com o som peculiar. “(...) Range o cordame / A onda ruge, em cachões, e na árvore dos mastros / *Trapejam*, branquejando, os panos do velame” (HSV, V. 28).

TRAPO DE CASA col. Casa velha. “Ele risonho de rosto amigo/E ela formosa canta e floresce,/Dentro daquele *trapo de casa*.” (SM, p. 109, 9, v. 48) [Regionalismo]

TRAVE s. f. Grande tronco de árvore, empregado para sustentar o sobrado ou o teto de uma construção. “Já descem.../Enroscando aos portais e às *traves*...” (SM, p. 110, v. 75)

TREFEGA adj. Turbulenta; traquinas; manhosa; astuta. "Vieste vivaz, garrula, cantante, labios em risos, esvoaçante e *trefega*, como passaro loiro trinulando por frescas manhãs estivaes (...) " (FL, L.26)

TRÉGUA s. f. Descanso. “Esses,.../Lembram cansaços, lembram fadigas,/Pedindo *trégua*, pedindo paz.” (SM, p. 109, v. 37)

TREMER COMO VARA VERDE loc. claus. Tremer de medo. “Tito *tremia como vara verde*.” (SM, p. 155, v. 457)

TRÊMITO s. m. Rumor surdo e áspero; o mesmo que frêmito; tremor. "(...) Uma cousa, somente, / (...) / (...) / Punha-o, quando lembrava, em *trêmitos* de medo" (OB, V. 43, p. 72).

TREMPE s. f. Arco de ferro com três pés, e sobre o qual assentam algumas vasilhas que vão ao fogo. “Ali, estão pedras negras que servem de *trempe*, panelas de barro, jererés e munzuás...” (SM, p. 225, v. 1004)

TREMULEJANTE adj. Que luz com variações rápidas de brilho; cintilante. “A noute tropical pejada de astros de ouro/ Cobre o dorso do Mar – antigo fervedouro/ De procellas reveis e sanhas assassinas/ E hoje paz e bonança – / Do infinito florir de estrellas pequeninas/ De movediça luz *tremulejante* e mansa.” (doc. 072:0429, f. 1, L. 20, v. 19). [Neol.]

TREMULINA s.f. Reflexos trêmulos da luz do sol ou da lua na superfície da água, quando levemente agitada. “Mar de dormências trêmulas, cantando, / Pela boca sutil das pequeninas vagas, / A indefinida *tremulina* / Das dores vagas” (CA, V. 9).

TREPLICANTE adj. Que tem som estridente e repetitivo. “Pelo beiral da casa ha gorgeios e chilros.../ Anda a manhã lá fóra esplendida e luzente.../E na sala pequena a musica sómente/ Do trepido estalar *treplicante* dos bilros”. (DRU, A música dos bilros, v. 20). [Neol.]

TRESPASSANTE adj. Que passa além de, atravessa. "Traiu-o a sorte infiel, e outro Baiardo / Ainda vibra, ferido, o rir acerbo, / *Trespassante*, certeiro, como um dardo!" (VC, V.14, 169)

TRESVAIRADO adj. Alucinado, delirante. "Rir de Gwvinplaine, astro a sorrir de Hamleto... / Rir *tresvairado* de quem perde o senso, / Medonho gargalhar de Rigoleto!" (RC, V.10, 160)

TRILAR v. int. Cantar fazendo trilos, gorjear. "Depois os canarios *trilaram* alto nos bambús próximos" (AND, L.13).

TRINAR v. int. Gorjeiar, trilar. "É manhã. A floresta canta, ruje, gorgeia, trilla, arrulha, pipila, assovia, gurincha, *trina*, crocita,(...)"(DRCR, L.59)

TRINULANTE adj. Eufônica. “E a pesantina das violas – nota clara *trinulante*./ Saltitando no sombrio rumuroso dos pandeiros./ Zungubango, zungumbango, zungumbango.”(SAM, v. 18). [Neol.]

TRIPODE s.m. Antigo vaso de três pés onde a pitonisa pronunciava seus oráculos. "Partiam-se as *tripodes* das pythonissas, calavam-se os oraculos, as nymphas e os tritões expiravam no fundo entristecido e desolado dos mares” (DOHXM, L.26).

TRIRREME s.f. Embarcação grega da Antiguidade, impelida por remos, armados em três pavimentos (três ordens), e eventualmente por uma vela redonda. “E *trireme* (sic) real da vella purpureada” (HSV, V. 41).

TRISMO s.m. med. Alteração motora dos nervos trigêmeos, que impossibilita a abertura da boca, constituindo sinal característico e precoce do tétano. "Rir alarve de bêbedo, à poeira... / Os esgares do *trismo*, hórrido tenso.../ E a risada acintosa da caveira!?" (RC, V.13, 160)

TRISTURA s.f. Tristeza. "De um céu de brilhos mórbidos /A insólita *tristura* /Desfaz-se na doçura /De tua estranha luz." (O, V.22). "Turba do teu olhar a luz sonora / E que a *tristura* infinda de um sol posto / flui dos teus olhos e me teus olhos mora" (TR, V.7, 99).

TRITÃO s.m. Mitol. Qualquer divindade marítima, com o corpo de homem terminado em cauda de peixe'. "Voz de um *tritão*, que ressurgiu das águas" (CA, V. 30); (OCB, V.8, 22, 27)

TROVA s. f. Composição lírica, ligeira e de caráter mais ou menos popular. "*Trovas*, trovas, que os companheiros cantam no mar, nos terreiros limpos, que as moças cantam nas rodas em noutes de funcção" (SM,.p. 166 v. 502)

TROVADOR s. m. Nome que se dava aos poetas da Idade Média; (por extens.) poeta. "Mas ali o Saúna há de fazer a festa/ao velho e ao *trovador*." (SM, p. 124, v. 197)

TROVEIRO s.m. Cantador de trovas. "Fui, num sonho, o que ansiei ser sempre vida em fora / A capa ao vento, a lira à mão, magro *troveiro*." (SE, V.2, 127)

TRUANESCO adj. Relativo a truão. 2. Impostor, falso, bobo. "Ficaram pelas estradas de envolta com os novelos de poeira avermelhada, as tangiblidades *truanescas* da vida"(MUL, L. 19).

TRUNFA s.f. porção de cabelos apanhados e presos no alto da cabeça. "Entra Sofia... os cabelos... arranjados em *trunfa*..." (SM, p. 246, v. 1192)

TUFÃO s.m. Vento muito forte e tempestuoso; vendaval. "E os túrbidos *tufões* e as túrbidas procelas? " (N, V. 12); (DM, V. 2).

TUMULTO s.m. Grande movimento; agitação. "Do *tumulto* e estridor tenebrosos das vagas" (Sm, V. 7); (N, V. 27).

TURBILHÃO s.m. Redemoinho. "O inquieto *turbilhão* de rápidas centelhas / Voava, revoava e morria entre as ramas." (PO, 59/V.102, p.70).

TURBULENTO adj. Agitado, tempestuoso. "A primeira impressão das vagas *turbulentas*, / Doudas, aos vortilhões, precipites, quebrando / os flancos do baixel, (...)" (HSV, V. 54).

TURÍBULO s.m. Vaso de metal precioso usado para queimar incenso nos templos: "Crucifixos e anéis, brincos e cordões, cálices e *turíbulos*. Que beleza!..." (SM, l. 141, p. 165)

UFANO adj. Orgulhoso, vaidoso. "Olhos senhoriais, vivos e ufanos / Chispando em sóis de chama esplendorosa!...(FM, V.1, 74); "Bela visão, dirás, miragem sedutora... / No entanto, irrompe ao sol, pompeia ao sol, *ufano*, / O perfil insular. (...)" (IE, V.6, 136)

ULISSES n. pr. Mitol. 'Herói grego que se destacou na conquista de Tróia'.[134] "Doce e grave cantor (?) sorridente e † / Do pobre *Ulysses* que sou eu" (B, L. 6).

ULULAR v. intr. Soltar a voz triste e lamentosa. "(...) Dirias / A própria alma do mar, num leito de agonias, Estrescida, a *ulular*, malassombrando a noute. " (CB(2A), V. 33); (CB, V.

[134] Ulisses foi o rei de Ítaca, filho de Laertes, marido de Penélope, pai de Telêmaco e um dos elementos mais atuantes no cerco de Tróia, no qual se destacou por sua prudência e astúcia. Foimaquiador do famoso estratagema do Cavalo de Tróia. O retorno de Ulisses à sua terra, após a conquista de Tróia, é o tema da Odisséia, poema épico de Homero. A má sorte obriga o herói e seus companheiros e errarempelos mares durante dez anos. Quando finalmente chega à Ítaca, Ulisses é obrigado a lutar e a destruir os pretendentes à sua sucessão.

37, p. 108). "O mar como num fojo, entocado e medroso. / Dentro dele, socturno, *ulula* misterioso" (MN, V.3, 138).

ULLULANTE adj. (do lat. ululans) Que ulula; lamentoso. "Aquelle oceano *ullulante* crescia, numa invasão diluviana, ia numa cheia tenebrosa e eversora, numa maré montante de esphacelamentos e destruições (...)" (CHR, L.36)

UMA POUCA DE loc. nom. Pequena quantidade de algo. “Nada!.. Nada! *Uma pouca de* poeira, suffocando..... *Uma pouca de* dor – cobre azinhavrado na minha sacóla de mendigo – e só.” (doc. 063: 0266, f. 2, L. 5, L. 6).[Regionalismo]

UMBROSO adj. Poét. Que dá sombra; escuro. “(...) até às *umbrosas* margens dos rios murmurejantes” (PAS, L. 9).

UNÇÃO s. f. Untura. Cerimônia que consiste em umedecer com óleo certos e determinados pontos do corpo de uma pessoa para sagrá-lo ou para lhe conferir uma graça. “Na mesma doce *unção*, piedosa e soberana! (PAZ, V. 21).

UNDOSO adj. poét. Que contém água; aquoso. "O perfume que sai da cabeleira *undosa*, / - Essência divinal de mística redomas!" (SA, V.7, 84)

UNGIR v.t.d. Aplicar óleos consagrados a; dar unção a; sagrar. "E o nardo, o incenso, a mirra *ungem-te* o régio leito." (VE, V.7, 107)

UNHA DO MAR loc. nom. [sent. fig.] Os recifes. “Sua pele está fina. E a minha... /arranhada, lapeada, esburgada, ferida pelas *unhas do mar*, do sol, do vento...” (SM, p. 240, v. 1137)

USANÇA s.f. Hábito antigo e tradicional. “Queimada de palhas!...Com outras tantas *usanças* e tradições populares...” (SM, l. 83, p. 162)

VAGA s.f. Cada uma das elevações da superfície do mar quando este se encontra agitado em conseqüência da ação do vento. “Viste a *vaga* assaltar teu misérrimo lenho” (AJ, V. 11). “Como uma *vaga* imensa arrojada do fundo/tenebroso dos mares” (SM, p. 107, v. 02)

VAGALHÃO s.f. Vaga grande. “Sonoros *vagalhões*, rudes titânios gritos,” (N, V. 17).

VAGUEAR v. intr. Andar sem destino. “(...) A náo perdida entre as <vagas> [↑ondas] *vagueia* / Pela noute infernal, sob a treva do espaço.... / *Vagueia* e pula e estala e rodopia e range / E se abysma, de vez, no turbido regaço....” (HSV, V. 62).

VALE s.m. Depressão ou planície no sopé de um monte. “Caem-lhe as vestes, como os frocados de bruma / Que a luz, ao vir, da escarpa e dos *vales* arranca.” (PF, V. 14).

VALQUIRIAS s.f. mitol. escandinava. Divindade que presidia o destino dos guerreiros; mensageira de Odin. "Sobre núbios corcéis - *Valquírias* desgrenhadas - / Passam as horas em confusas desfiladas" (NO, V.2, 140).

VALSA s. f. Dança em compasso de 3 ou 4, de movimento variado (lento, alegreto, alegro). Música apropriada a essa dança. “Notas soltas, tons largos, um começo de *valsa*, sons queixosos, trinulantes, um acompanhamento.” (SM, p. 166, v. 502)

VALVA s. f. Cada uma das peças de que constam a concha dos mariscos. "O céu a *valva* azul de uma concha semelha" (Om, V. 1, 2, 8, 14, p. 170).

VAQUEIRO DE REMO E REDE col. [sent. fig.] Pescador. "...todo o gado do mar que aqueles *vaqueiros de remo e rede* foram campear nos seus cavalos de madeira breada" (SM, p. 207, v. 918).

VARA s. f. Haste de madeira fincada no solo onde se prende a canoa, no porto. "As canoas vão e vêm às guinadas, presas às *varas* nas ondas empoladas pelo nordeste." (SM, p. 131, v. 219)

VARAL s. m. Varas compridas onde são postas as redes de pesca para secar. "Nos *varais*, em frente dos tejupares, as caçoeiras secam ao sol. Velas latinas alvejam no oitão das casas. Vultos de homens, de mulheres, de crianças, saem, entram, falam, gritam." (SM, p. 121, v. 157)

VASA s.f. Espécie de lama, fina e inconsistente, característica de certos fundos oceânicos. "(...) E praia, *vasa*, escolhos, / Baixo, perau, coroa, ou canal, nada aos olhos / Perspicazes de Lúcio escondido ficava..." (OB, V. 9, p. 72). "Nem sua canoa na *vasa*" (SM, l. 143, p. 166)

VAZANTE s. f. Movimento das águas de maré entre a preamar e a baixa-mar. "(...) o batelão descia /Na corredeira estrepitosa da *vazante*..." (OB, V. 112) 2. s.f. [sent. fig.] Sorte. "Mas lá se foi também toda a felicidade./É a *vazante* da vida." (SM, p. 117, v. 108)

VELA s.f. Peça de lona ou de brim, de formato quadrangular ou triangular, que, presa ao mastro da embarcação, sob a ação do vento lhe facilita o movimento. "Mar verde, céu azul, asas brancas ruflantes, / *Velas* brancas ruflando... Ei-la que parte lesta... " (EQTM, V. 11); "Como essas *velas* triangulares/Dentro do vago das manhãs turvas" (SM, p. 108, v. 24).

VELA CHEIA loc. nom. A vela enfunada pelo vento. "Eu só via a 'Simoa'/com a *vela cheia* demandando o porto." (SM, p. 136, v. 275)

VELA DESFERRADA loc. nom. Vela aberta, de escota solta. "A *vela desferrada*, de escota solta, bate..." (SM, p. 221, v. 1005)

VELA FERRADA loc. nom. Vela colhida, enrolada e amarrada ao mastro ou à verga. "Umas, os mastros plantados nos bancos, a *vela ferrada*, a rede negra arrumada, desferem." (SM, p. 131, v. 219)

VELA LATINA loc. nom. Vela triangular ou quadrangular, que trabalha no sentido de popa à proa, envergada em verga, mastro, carangueja. "*Velas latinas* alvejam no oitão." (SM, p. 121, v. 157)

VELA MURCHA loc. nom. A vela que ainda não pegou vento. "lá se vai a alongada e banzeira canoa,/a *vela murcha* porque o vento é morto." (SM, p. 179, v. 679)

VELA TRIANGULAR loc. nom. Vela latina. "Uns.../Abrem sorrindo para o oceano,/Como essas *velas triangulares*" (SM, p. 108, v. 24).

VELAME s.m. Conjunto das velas de um navio. " (...) rostro numa attitude arrogante de porfiar com as procellas, *velame* pando, dando-se ao desafio dos pampeiros, (...)" (DRDM, L.34)

VELEIRO s. m. Barco à vela. "Zé Ventura, gargalhando./Um *veleiro*." (SM, p. 159, v. 480)

VELEJAR v. int. Navegar à vela. [sent. fig.] Paquerar. “Isto talvez porque João Mareta *veleja*/há muito tempo atrás da menina.” (SM, p. 124, v. 189)

VENDAVAL s.m. Vento forte e tempestuoso, acompanhado de pesados aguaceiros e mares alterosos. “(...) Aí não verás a raiva, o paroxismo / Dos *vendavais*. (...)” (Sm, V. 5).

VENDEIRO s.m. Dono de venda; taberneiro. “Chico Souza, cortando o caso ainda inédito do *vendeiro* em que iam relampear navalhas em esúrdias nocturnas...” (SM, p. 160, v. 489)

VENTO (DE) FEIÇÃO loc. nom. Corrente de ar favorável ao rumo que se quer seguir, e durável. “Deixe lá navegar que o *vento* é *de feição*.” (SM, p. 124, v. 185)

VENTO EM POPA loc. adv. Progredir na vida. “Ele vai mar em fora,/*vento em popa*, na vida. (SM, l. 1931; p. 232)

VENTO MORTO loc. nom. Vento escasso. “lá se vai a alongada e banzeira canoa,/a vela murcha porque o *vento* é *morto*.” (SM, p. 179, v. 679)

VENTO ROUCO loc. nom. Vento que tem um som áspero ou cavo. “O *vento rouco* atroa e estremece as ramagens..... / Vento da tarde, ah! Que arrepio...” (AV, V. 10 e 11).

VENTO SUL loc. nom. [sent. fig.] Azar. “Agora sim que atino/com este *vento sul* que varreu meu destino.” (SM, p. 213, v. 939)

VENTURA s. f. Sorte; felicidade. “Zé Ventura perdeu a *ventura* que tinha.” (SM, p. 115, v. 96). “O mar dar-lhes-ia a felicidade do heroísmo, a grande *ventura* ou revezes e a felicidade da fortuna, ...” (ITR, L. 105)

VÊNUS n. pr. Mitol. Deusa da formosura, do amor, dos prazeres. “Nascia *Venus* formosa / Linfa (?) Diana bella.” (ENP, V. 44).

VERANICO s.m. (de verão) Pequeno verão, verão de pouca duração; estiada durante a estação chuvosa, com dias de grande calor. "Uma tarde ou outra, quando os ares são mais brandos, numa risonha aberta de *veranico*, ellas, numa revoada escura, espantadiças, apparecem, aos pios, e somem-se" (AND, L.9).

VERMELHAÇO adj. Muito corado. “Mareta, magro, esguio, *vermelhaço*, voz ligeira e clara.” (SM, p. 149, v. 401)

VERMELHO adj. Corado. “Libório, baixo, sessentão, *vermelho*, grosso...” (SM, p. 158, v. 474)

VETERANO DO PARAGUAI col. Soldado antigo ou reformado. “No alto do telheiro do casarão antigo velho Caieira, pescador, *veterano do Paraguai*, João Saúna conversa, sentado sobre um pedaço de canoa.” (SM, p. 115, v. 92)

VEXILO s.m. (do lat. *Vexillum*) Ant. Estandarte, bandeira. A Nova Cruzada ha cinco annos vem rompendo esse adensado bravio de tormenta: "... Quanto esforço, quanta coragem para cravar na muralha sagrada o *vexillo* de uma Idéa! ... "(DOHXM, L.170)

VIRAÇÃO s.m. Vento brando e fresco que, à tarde, costuma soprar do mar para a terra; aragem, brisa marítima. “E depoi<(riscos)> /s\ < avella> /abre a\ vella pardaenta (sic) / Às brandas *viraçõe*s deixando a terra / na rapida canôa.” (ENP, V. 13).

VIRGILIANO adj. Que diz respeito a Virgílio. 2.Campestre, sentimental. “Os bois que descem dos outeiros para as praias, silenciosos e graves, na contemplação abstrata de alguma coisa intangível, dão a essas tardes harmoniosos bucolismos *virgilianos* e ritmos inefáveis de paisagens bíblicas.” (PAS, L. 43).

VIRGILIO n. pr. Poeta latino. "E enche o verso pagão de *Virgílio* e Horácio / Do místico fervor (...) " (A, V. 57, p. 142)

VIVO adj. Esperto, matreiro. “*Vivo*, ligeiro, forte... Hoje, banzeiro e mudo,/fugindo até da gente.” (SM, p. 117, v. 103)

VOEJAR v.i. Elevar-se em vôo. "Passou na vida como um sonho ledo. / Pomba celeste, *voejou* bem cedo, / Deixando o mundo, esta mansão impura." (CE, V.10, 56)

VOEJARAR v.int. Bater as asas energicamente. “Daqui, da tristeza deste retiro, que é tambem o retiro da minha tristeza, vejo-os, esses versos, *voejarando*, abrindo as azas medrosas, tremulas, na grande luz e depois rafla*ndo* por esse Azul e depois cahindo no grande Mar, assim nesta “mort éblouis sante et breve” de que nos falla Heredia...” (doc. 071:0406, f. 4, L. 6-7). [Neol.]

VOGAR v. intr. Navegar. “Queima-te insano fogo, alucina-te os olhos / Esse canto que em vão buscas na estranha ronda... / *Voga* ainda mais e vence os traidores escolhos...” (AMD’A, V. 35).

VOLTAR-SE v. int. Girar. “Chico Souza, espiando lá para fora e *voltando-se* para o grupo” (SM, p. 157, v. 471).

VOLUPTUOSO adj. Em que há prazer ou volúpia; sensual:? "Os estos e os desejos soberanos / Cantam naquela carne veludosa / Onde o sangue numa onda *voluptuosa* / Poreja e freme em turbilhões insanos" (FM, V.7, 74).

VÓRTICES s.m. (do lat. *vortex*) Turbilhão; redemoinho; furacão. "(...) É que girando em *vórtices* /De mudos desesperos,(...)" (O, V.25)

VOZ DO CÉU sent. fig. A igreja. “Alçada sobre o monte/Olhando o mar lá embaixo, aromando o horizonte,/Velha, trissecular, branca de longe, a igreja,/*Voz do céu*, abençoa/E guia aos que se vão, quando a noite negreja,/Aos trancos e aos sacões numa frágil canoa...” (SM, p. 110, v. 55)

VOZ DO VENTO loc. nom. Som produzido pelo vento. “Versos de Anchieta. (...) / E ouve-os na *voz do vento* e nos búzios sonoros;” (A, V. 91); (N, V. 28).

VOZ ESGANIÇADA loc. nom. A voz aguda. “Zé Ventura, magro, *voz esganiçada*, cabeludo...” (SM, p. 152, v. 422)

VOZ ESPARSA loc. nom. Vozes espalhadas. “Vêm do mar, na noute sossegada, rumores de remo, *vozes esparsas*...” (SM, p. 166, v. 502)

VOZ FRANZINA loc. nom. A voz fraca. “O velho Antero, octogenário, a *voz franzina*, baixinho, escuro...” (SM, p. 149, v. 404)

VOZ LIGEIRA loc. nom. A voz desembaraçada. “Mareta, magro, esguio, vermelhaço, a *voz ligeira* e clara.” (SM, p. 149, v. 402)

VOZEIRÃO s. m. Voz muito grossa e forte. “E por cima do mar aquele *vozeirão*...” (SM, p. 188, v. 738)

VULTO s. m. Figura indistinta. “Teresa, divulgando o *vulto* de Saúna.” (SM, p. 204, v. 903)

XALE s. m. Cobertura que as mulheres usam como adorno e agasalho dos ombros e do tronco. “O *xale* dança, vai e volta/e enrosca-se-lhe ao seio.” (SM, p. 253, v. 1234)

YARA s. f. Folc. ‘Entidade mitológica dos rios e lagos; mãe-d'água’. “A manhan bella e moça como a *Yara* / desce a riba do ceo e espalha na água clara / As alvoradas do seu corpo (...)” (N, L. 2). "E o canto sobe, cresce ante a passarada espectante, amplia-se, toma conta da floresta e vae-se enroscando, como invisivel sipoal sonoro, pelos troncos, e rebentando lá em cima, nas comas, como uma flor agreste de sons, e descendo e fluctuando, como outra estranha rosa que a *Yara* deixasse cair das tranças verdes na sua fuga apressada para o seu palacio". (DRCR, L.66)

ZARCÃO s.m. Cor de laranja ou de tijolo muito viva. “... com a cidade ao fundo, pintada de *zarcão*...” (SM, l. 45, p. 159)

ZARELHAMENTO s.m. Ato ou efeito de movimentar-se. “Há frêmitos de luz nos verdes vivos, nas águas, *zarelhamentos*, chirrios, esvoaçamentos de pássaros nas coiraneiras e bilreiros próximos do casarão.” (SMA, p. 119, 35, L. 2). [Neol.]

ZARPAR v. intr. Sair de um porto; partir. “O velame se enfuna, a nave estranha *zarpa*.” (N, V. 32); (OHM, V. 13).

ZEPHIRO s.m. (mit. gr.) Deus do vento do Oeste. Era filho do titã Astreu e de Eos, a deusa da aurora. Seus irmãos eram Bóreas e Noto, respectivamente deuses dos ventos do Norte e do Sul. “E todo esse evocar de lendas, é toda essa ressurreição de oceanides, de delphins, de sereias, de harpas de ouro enchendo o pélago immenso de alvoradas de sons que o *zephiro* leva nas azas de borboleta às mais remotas plagas marinhas, é a passagem de Thetis, no carro da concha puxado por cavalos brancos, trilhando os caminhos salsos tendo como batedores os tritões embocando buzinas recurvas e atrás o cotejo resplandescente das nynfas coroadas” (MAR, L. 22-27).

ZINZINAMENTO s.m. Som produzido pelo canto da cigarra. “E mettia-se de novo entre os rollos negros e as labaredas, lento, sob a imensa coivara do sol setembrino, no ar ceifado de *zinzinamentos* de cigarras cortado de azas, de galreios, de pios, de mugidos...” (PAM, 0098, L.12). [Neol.]

ZINZINANTE adj. Que produz ruído decorrente da fricção da roda do carro de boi com o eixo. “Pela estrada ampla, os carros de bois, vazios, passavam, rodando surdamente, sem a cantilena *zinzinante* com que enchiam os ares luminosos. (RFO1, L. 15). [Neol.]

ZIOZIO s.m. Som produzido pelo canto da cigarra. “A musica dos carros de bois azoinaria as aves matinaes como um mundo invisivel de cigarras saltando os eixos. O *ziozio*. As vergilianas cigarras saltariam quentes...” (ULB, 0099r, v. 10).[Neol.]

ZOEIRA s.f. Zumbido; ruído forte. “Uma *zoeira*, meu Deus! Como que vou cair./ Remédio e mais remédio. E a doença sem ir.” (SM, p. 185, 325, v. 700). [Regionalismo]

ZUNGUMBANGO s.m. Som produzido pelas batidas do pandeiro. “E a pesantina das violas – nota clara trinulante./ *Zungubango, zungumbango, zungumbango*.” (SAM,v. 20). [Neol.]

ZUNINTE s.f. Que emite sons agudos e sibilantes. “As refregas *zunintes* do nordeste passam com um rumor de asas imensas, invisíveis, num alvoroço de espanto, de fuga assombrada.” (SM, p. 142, 142, L. 1). [Neol.]

ZUNIR v.int. Produzir zunido, causar som intermitente. “Tramas de ouro de sol, quasi apagada fragoa,/ Veste a lagôa. Um mundo azoinante de insectos/ *Zune* e zumbe, cruzando-a. Os canniços inquietos/ Vai e vem, alongando esguias sombras na agua.” (DRU, A lagôa, v. 3) “Em vez da alarmica e memorada faia e as cigarras a *zunirem* na sua romaria della, tens ahi essa praia mais murmurante e essas cigarras mais cantadeiras, multicores e ...”(doc. 068:0345, L. 18). [Regionalismo]

ZUNZUNAR[135]v. int. Produzir ruído ao voar. “Começa a cochilar. Moscas *zunzunam* no telheiro. O cachimbo cai-lhe das mãos. Lá embaixo, a fumaçada do piche, fervendo no panelão de barro, sobe, enovela-se no ar.” (SMA, p. 126, 66, L. 1). [Neol.]

[135]Figueiredo1973 (1923) registra como neologismo. *Zunzunar*: v.i. Neol. Fazer zumzum; rumorejar.

7 PALAVRAS FINAIS, MAS NÃO DEFINITIVAS

A filologia se revela como uma disciplina que estuda a língua em toda a sua plenitude. Partindo, então, desse porto, mostrou-se como essa disciplina pode dialogar com a lexicologia, com a lexicografia e com as teorias do discurso, apresentando alguns fatos culturais que podem ter sido esmaecidos no texto, através dos tempos. Foi nesse fazer-se constante que se produziu essa tese.

Sabe-se que na intricada tessitura em que se configura o texto, emerge um elemento que será o responsável por (re)instituir uma unidade ao texto: o leitor. No presente estudo, o olhar do leitor (pesquisador) buscou "reunir" estilhaços do sujeito Arthur de Salles, pleiteando certa unidade discursiva. Tal como salienta Barthes (1988), "a linguagem conhece um «sujeito», não uma «pessoa»". O leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino. Sendo assim, o que se buscou aqui foram fragmentos de sujeito e não fatos biográficos de Arthur de Salles sempre legitimados pela intenção de "reunir" do leitor.

Por isso, concluir um trabalho que teve como objetivo "reunir" estilhaços desse sujeito e que teve como objeto o Vocabulário de Arthur de Salles é, de fato, a parte mais intricada desse "quebra-cabeça". Não pela impossibilidade de se estudarem vocabulários de autores, pois pesquisas anteriores já mostraram a viabilidade, importância e necessidade de fazê-lo. Mas porque não se conseguiu vislumbrar um fim para as observações feitas, foi necessário abortar algumas ideias e criar atalhos de alguns caminhos antes cogitados. O Vocabulário de Arthur de Salles deixou de ser o fim único da pesquisa e passou a ser o meio pelo qual se percebe o poeta. Dessa forma, passou de objetivo a método, possibilitando, desta forma, uma análise mais íntima e ampla das faces que constituem esse sujeito discursivo.

A teoria lexemática de Coseriu foi escolhida como análise possível do Vocabulário por quase dois anos. Entretanto, a organização do vocabulário e as intricadas linhas do texto sallesiano, foram desbotando as estruturas da lexemática e abrindo trilhas para se perceber o sentido que ultrapassa as linhas do texto e chegam até às formações ideológicas a que o sujeito discursivo está vinculado, a historicidade do sujeito e as condições de produção para o acontecimento de determinado discurso. Esses elementos inviabilizaram uma análise que se fechasse nas estruturas sólidas da lexemática, partindo, assim, para uma interpretação fluida em que se percebeu um vocabulário como representação de discursos.

Desse modo, as lexias que poderiam formar o campo léxico da paisagem do Recôncavo, por exemplo, passaram a revelar as cenas em que se legitimou o discurso de Salles sobre essa região.

Fez-se um resumo histórico da teoria dos campos, a fim de mostrar o caminho percorrido em dois anos de labor científico, para entendê-la e tentar aplicá-la na análise. Contudo, após a inserção dos operadores das teorias do discurso, tal resumo se legitima pela necessidade de ratificar a inviabilidade de sua aplicação, pois a cada momento em que se adentrava nas entrelinhas do vocabulário, este se mostrava a revelia de uma análise que excluísse fatores extralinguísticos. Verificou-se que as oposições e as distinções de que trata Coseriu para se definir uma função lexical só são possíveis em se tratando de palavras que compartilham de um mesmo sistema de significações, ou seja, a delimitação de campos lexicais só se realiza a partir de lexemas unidos por um valor léxico comum, que repartam um conteúdo léxico contínuo.

À luz de alguns operadores das teorias do discurso, lançou-se um olhar sobre a construção do sujeito discursivo na obra literária e na correspondência de Arthur de Salles. Adotou-se a perspectiva discursiva, pois se acredita que os sentidos são produzidos em decorrência da inscrição sócio-ideológicas dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, os meandros socioculturais e ideológicos em que se inscreve o poeta Arthur de Salles foram trazidos à cena, situando, assim, determinadas escolhas lexicais dentro desse cenário discursivo. Esse sujeito, que ganha vida também através de suas escolhas lexicais pode ser entendido como um sujeito fragmentado, constituído a partir de uma heterogeneidade de vozes, de posicionamentos e de concepções ideológicas que revelam não apenas o sujeito por si só, mas também a sociedade na qual estava circunscrito.

O principal ambiente em que se pronuncia esse discurso é o Recôncavo baiano, incluindo-se, a Cidade da Bahia − Salvador. Nas pequenas vilas e lugarejos do Recôncavo Baiano aparecem a gente simples – em sua maioria, pescadores –, suas moradias, suas atividades produtivas, a formação de seu imaginário, etc., tudo isso sob uma paisagem rodeada pelo mar. A Cidade da Bahia aparece como centro do Recôncavo, lugar de florecimento cultural, de vínculos com movimentos literários e palco de guerras que macularam a história da Bahia nas duas primeiras décadas do século XX.

A partir da *escrita de si*, aqui representada pela correspondência do poeta, puderam-se vislumbrar os processos de subjetivação desse sujeito, ressaltando sempre as lexias por ele eleitas para materializar esses processos. A sua obra literária foi também um

meio de descobrir marcas de subjetivação, no que tange à suas motivações, influências e preferências.

Ressalte-se que não se pretendeu fazer um estudo sobre o autor, pois considerou-se o sujeito em sua fluidez identitária, na heterogeneidade constitutiva do seu ser, por isso, o autor assume apenas uma posição ou uma face diante da multifacetada formação do sujeito discursivo.

Diante do leque de possibilidades que se abriu ao considerar o vocabulário do autor sob uma perspectiva discursiva, houve, como já se asseverou, a necessidade de se abortar algumas ideias e de encurtar caminhos da pesquisa que poderiam revelar de forma mais nítidas as entrelinhas do texto. Fizeram-se, então, algumas observações acerca de fatos do vocabulário, mas muito do discurso de Salles sucitado a partir da manipulação do léxico pelo poeta pode ter ficado ainda esmaecido, devido a impossibilidade de iluninar todos os atos discursivos. Este apanhado lexicográfico começou com a reunião de glossários resultantes de pesquisas anteriores sobre o autor, mas foi sendo modificado ao longo da pesquisa a patir de interpretações e eleições feitas. Sendo assim, organizou-se o vocabulário tendo como objetivo principal apresentar as múltiplas faces do suejeito Arthur de Salles, para isso, algumas lexias foram retiradas, outras acrescentadas e definições foram refeitas.

Buscou-se, através de fios do seu vocabulário, reconfigurar imagens do sujeito Arthur de Salles. Verificou-se que o poeta se enuncia a partir de traços que caracterizam os costumes do Recôncavo, como pode ser visto em uma de suas cartas, onde ele se define um batelão ronceiro, ou seja, ele se compara metaforicamente a uma embarcação típica das vazas dos lugarejos do Recôncavo.

Foi feito um breve percurso sobre as concepções do sujeito na linguagem desde Benveniste que identificava um sujeito numa enunciação a partir do pronunciamento do pronome pessoal *eu*, até as teorias do discurso que o considera como algo não fixo que se produz junto com o acontecimento discursivo e é constituído, primordialmente, por uma heterogeneidade e a partir de uma exterioridade. Só assim foi possível perceber os fios que tecem o sujeito discursivo do texto de Salles.

A partir da ideia de dispersão do sujeito, se relativiza também a ideia de autor, aqui concebido como uma função social assumida pelo locutor que produz a linguagem. Por isso, foi importante trazer a noção foucaultiana de função-autor. Visto que a função-autor está vinculada a uma instituição e, por isso, não se exerce de maneira uniforme em todos os discursos, assume formas diferentes de acordo com a época e o espaço em que está circunscrita. Sendo assim, a função-autor não está atrelada à um indivíduo, pois dá lugar a

varias posições-sujeito. O texto de Salles corrobora tal assertiva, quando se contrastam textos como *Sangue-mau*, em que o sujeito discursivo dá voz ao misticismo de pescadores de pequenos vilarejos do Recôncavo e *Maria Quitéria* soneto em que é aclamada uma importante personagem da história da Bahia, como se pode perceber nos trechos abaixo:

Sangue-mau

"[...] Rasto no mar?...História. Eu lhe digo a verdade.
O mal é outro e velho. Esta infelicidade
vem de longe. Este mal tudo aniquila e arrasa.
E este mal você tem dentro de sua casa."
-Oh! Como assim meu velho? – "O peior mal da terra.
É como a fome, é como a peste, é como a guerra...
Seu mal é sangue-mau. Sangue mau de mulher.
Bonita, muito boa, e fiel... Mas que quer?
Sangue-mau, eis o caso. (SM, p.213, v.944-952)

Maria Quitéria

Como o teu vulto cresce, quando envolta
No cerraceiro ardente da metralha,
Tua pequena mão crespa e revolta
Da trincheira baiana a morte espalha!
[...]
Vamos humildes e voltamos grandes,
E a nossa sombra fica do tamanho
Da do Himalaia superposto aos Andes! (MQT, v. 1-4; 13-14))

Percorreu-se, então, através do texto literário e através da correspondência, essa função-autor assumida a partir dos fragmentos de sujeito de Arthur de Salles. As lexias que formam o seu vocabulário oferecem um caminho para desvendar essas múltiplas posições, sempre relativizadas, pois se verificou não ser possível atribuir uma unidade ao caráter do sujeito.

A relativização do lugar do autor possibilitou a emergência do leitor, como foi visto ao longo do trabalho. De acordo com Barthes (1988), é no destino e não na origem do texto que se produz a sua unidade, portanto, a "unidade" do vocabulário de Arthur de Salles foi concebida a partir da leitura do sujeito-pesquisador que iluminou cenas do vocabulário que revelaram imagens do Recôncavo Baiano do primeiro quartel do século XX: a população que habitava esse lugar, seus costumes, hábitos e crenças, tudo isso a partir do olhar de Salles. As cenas colocadas em evidência revelaram ainda elementos constitutivos da natureza do sujeito enunciador: suas influências no fazer poético, sua ideologia e o espaço social que engendrava seu discurso.

A situação de produção de algumas lexias que poderiam dizer algo do sujeito Arthur de Salles foi trazida à tona; contudo, o significado das lexias é complementado a cada vez que se lê o texto do poeta e se toma conhecimento das entrelinhas que possibilitou o significado em cada texto. Visto que, como salienta Orlandi (2007a, p. 69), a função–autor se realiza quando o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo unidade no texto.

O conceito de *formação discursiva* foi importante para este estudo, devido às regularidades percebidas no enunciado de Salles no que se refere ao tema e a interdiscursividade que permeia o seu dizer e o seu fazer poético. A principal regularidade percebida na escolha do tema é o mar. A paisagem do Recôncavo – fundo da baia de Todos os Santos – inspirou o poeta em muitos dos seus textos e em sua correspondência. A regularidade no que tange à interdiscursividade se nota a partir do que se pode denominar de sua família literária em que se faziam presentes poetas de origem simbolista como Cruz e Souza e aqueles mais próximos do que se considerou o estilo parnasiano, como Baudelaire. O seu gosto pelo que era antigo – como ele afirmou categoricamente em carta: "tudo que é antigo busco" – também oferece certa regularidade, pois a presença da cultura helênica e as reminiscências do medievo, tanto no que diz respeito ao tema, quanto aos personagens evocados, ecoam na escrita de Salles e são refletidos no Vocabulário apresentado.

A correspondência de Salles foi outro importante objeto para a configuração do sujeito discursivo. Através desse gênero foi possível delinear a relação de Salles consigo mesmo e a relação horizontal que mantinha com seu amigo Durval de Moraes. Entendendo a correspondência como umas das técnicas do "cuidado de si" evocados por Foucault na terceira parte de seu projeto arqueológico que retoma os processos mobilizados na sociedade antiga a fim de entender a denominada "arte da existência", comentaram-se algumas cartas que se aproximavam dessa relação no que se refere à maneira como o eu discursivo aparecia no texto.

O estudo da correspondência contribuiu, ainda, para a visualização do que se poderia considerar um projeto estético do poeta baiano. Em algumas cartas ele revela o seu gosto pelo passado e possibilita ao pesquisador perceber em quais movimentos literários ele estava direta ou indiretamente inserido. Revela também o seu processo de criação, no qual o léxico – tal como argila na mão do oleiro – ganha nova forma ou inaugura um novo conteúdo na escrita do bardo.

O Vocabulário de Arthur de Salles é, de certo modo, uma identificação de uma das faces desse sujeito, pois o poeta tem um gosto declarado pela manipulação da palavra no

texto. Pode-se ilustrar tal afirmativa, quando, em seus papéis, encontram-se algumas folhas onde foram lançadas palavras e frases que, muitas vezes, vieram a ser usadas em seus textos, indicando o início da organização de um *Pequeno diccionario de palavras e phrases*[136]. Vejam-se alguns exemplos retirados dos seus escritos:

- Cahir <na> bem ou mal = caia-lhe bem a barba / curta e branca... (doc. 004:0080)
- Carranca = feição. [a *carranca* fertil e ameaçadora do mar](doc. 017-0167)
- Celeumar – fazer celeuma (doc. 017-0166)
- Dar reparo – remediar (doc. 017-0166)
- Dar que entender – causa inquietação, receios ou duvida. (doc. 017-0166)

Foi possível atestar ao longo da pesquisa a heterogeneidade que caracteriza as lexias do vocabulário apresentado. Neste apanhado lexicográfico constam os regionalismos e neologismos verificados na obra literária e na correspondência de Arthur de Salles (DUARTE, 2007); as unidades fraseológicas que permeiam a fala dos personagens sallesianos, identificando-os como integrantes de um campo discursivo que privilegia o saber das gentes simples do Recôncavo, exaltando suas crenças, superstições e costumes; além de trazer a lume todo o mistério da mitologia grega e as vozes de autores consagrados da literatura brasileira e universal que ecoam no discurso do poeta baiano.

É importante salientar que se tomou o sentido de cada lexia ou de cada unidade fraseológica na instância do enunciado. Sendo assim, a análise não se fixou na unidade léxica em si, mas no acontecimento discursivo possibilitado a partir do uso de determinada unidade. Por isso, não foi possível comentar todas as lexias do Vocabulário, privilegiou-se o contexto de produção, a ideologia e as possíveis formações discursivas que se originaram da manipulação do léxico pelo poeta Arthur de Salles. Desse modo, teve-se contato com as lexias e unidades fraseológicas que descreviam a paisagem e os modos de vida do Recôncavo baiano do primeiro quartel do século XX; que desenharam um retrato da Cidade da Bahia, sob a perspectiva de Salles; que uniram os pedaços, as migalhas que compõem um texto de um poeta, revelando, assim, suas escolas literárias, suas leituras, seu intertexto.

Muitos estilhaços do sujeito Arthur de Salles ainda estão escondidos nas páginas do seu Vocabulário. O caminho aqui perseguido para reunir os fragmentos do sujeito através

[136] Esse documento é reproduzido no anexo v. A notação do documento é PR-NA-IS-OM-017-0167-NX: 01/04, fº 1rº.

de uma obra lexicográfica foi a interdisciplinaridade, ou seja, tencionou-se estabelecer um diálogo entre a filologia, a lexicologia e as teorias do discurso. Verificou-se que esse diálogo é possível, mas cheio de tensões que, em alguns momentos, interromperam o trabalho e impeliram certos objetivos antes cogitados ao aborto. Entretanto, as tensões também originaram questionamentos que impulsionam novas descobertas no estudo do vocabulário.

O diálogo entre lexicologia, filologia e teorias do discurso abriu espaço para conexões com a história da Bahia, para a descoberta de possíveis formações discursivas e ideológicas que nem sempre estão evidenciadas no discurso. Muitas conexões ainda podem ser feitas, pois a análise do vocabulário de um autor sob uma perspectiva discursiva pode reservar muitos sentidos, muitas vias pelas quais se pode percorrer. Tudo isso, entretanto, fica como fragmentos que podem ser reunidos na produção de outra cena dentro do estudo do léxico.

REFERÊNCIAS

ALTHIER–REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: élements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*; Revue de Linguistique, n. 26, p. 91-151, 1982.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo:* criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ARAGÃO, Adevaldo Pereira de. *O Vocabulário do poema "Sangue-mau" de Arthur de Salles segundo o sistema racional de conceitos de Hallig e Wartburg*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL. Diss. de Mestrado orient. por Nilton Vasco da Gama, 2001.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

ARAUJO, Nelson de. *Pequenos mundos*. Um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: UFBA/EMAC; Fundação Casa de Jorge Amado,1985.

ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inacabada de Arthur de Salles: Os "Rincões patrícios" e outros escritos*. Salvador: UFBA/ PPGLL, 1999. Anexo 4. Diss, de Mestrado, orient. por Albertina Ribeiro da Gama.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua* portuguesa. 2. ed. bras. Rio de Janeiro: Delta. 5v. Novamente rev. atual.e aum. por Antenor Nascentes, 1968.

AZUAGA, Luísa. Morfologia. In: FARIA, Isabel Hub et al. 1996. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 4. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1988, 196 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDWIN, Elizabeth. O dote de Mathilde, conto de Arthur de Salles; proposta de edição crítico-genética e estudo. PPGLL/ UFBA/ ILET, 1996. Dissertação Mestrado orientada pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.

BARBOSA, Contribuição ao estudo de aspecto da tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Lingüística*. São Paulo, Plêiade, 1995, v.8, p. 15-30.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2003.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica.* São Paulo: EDUSP, 2005

BENVENISTE. Emile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionário do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, 2003, v. 47, n.1, p. 53 – 69.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIRMAN, Joel. *Entre o cuidado e o saber de si*: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BLUTEAU, R. *Vocabulário portuguez e latino, áulico, anatômico, architectonico*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus [1712-172]. 8v.

BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In. BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

BRANDÃO, Helena H.. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. São* Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

CANO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*. Madrid: Castalia, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O Léxico rural*: glossário. Comentários. Salvador: PPGLL; EDUFBA, 2000.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). *As Ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS, 1998. p.63-72.

CARVALHO, Nelly. *Linguagens da vida*. Recife: Editora Universitária, 1998.

CARVALHO, Rosa Borges Santos.. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/IL/PPGLL, 2001. Tese de Doutorado orient. por Nilton Vasco da Gama.

CARVALHO, Rosa Borges Santos. "Poemas do mar" de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA; IL; PPGLL, 1995, Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama. 2v.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografia moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Patronato "Menéndez y Pelayo"; Instituto Miguel de Cervantes, 1969, p. 167-203.

CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

CASTAGNINO, Raul H. *El análisis literario*. Bueno Aires: Editorial Nova, 1971 (?), p. 117-145.

CAVALCANTI, Nireu. O primeiro dicionário enciclopédico português. In: BLUTEAU, Raphael. 2000 [1712-1727]. *Vocabulário portuguez e latino*. Rio de Janeiro: UERJ; DINFO; DECULT, 2000. Publ. em CD-ROM coord. por Nireu O. Cavalcanti.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. *A invenção do cotidiano.* 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, 2 v.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de Fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. In: COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977a., p. 87 – 142.

COSERIU, Eugenio. Las solidariedades léxicas. In: COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977b, p.143 – 161.

COSERIU, Eugenio. Las estructuras lexemática. In: COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977c, p.162 – 184.

COSERIU, Eugenio. Hacia una tipologia de los campos léxicos. In: COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977d, p.210 – 242.
COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977.

CUNHA, Celso. O oficio do filólogo. In: CUNHA, Celso; PEREIRA, Cilene da Cunha. *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Academia Brasileira de Letras, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA , Lindley . Nova Gramática de. Português Contemporâneo. 3 . ed. Rio de Janeiro: Nova. Fronteira, 2001

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DORSA, Arlinda Cantero. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande: UCDB, 2001.

DUARTE, Luis Fagundes. *A fábrica dos textos*: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz. Lisboa: Cosmos. 1993.

DUARTE, Rosinês de Jesus. *No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos do recôncavo baiano*. Salvador: ILUFBA, 2007. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Tradução Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1978.

DURÁN, Juan de Dios Luque; POZAS, Francisco José Manjón. Tipología léxica y tipología fraseológica: universales y particulares. In: BETRÁN, Antonio Pamies; DURÁN, Juan de Dios Luque (eds). *Léxico y fraseología*. Granada: Método Ediciones, 1998.

EAGLETON, Terry. *Una introducción a la teoría literaria*. Fondo de Cultura Económica: México, 1988. Trad. José Esteban Calderón.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges.

ELUERT, Roland. *La Lexicologie*. Paris: PUF, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo*: as ideias linguisticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. 2 ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975

FIGUEREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 14 ed. Lisboa: Bertrand, 1973 [1923], 2 v.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In.: _____. *Estética:* Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 2005.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: _____. *Ditos & escritos V*: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: _____. *Ditos & escritos V*: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa, p. 192-217.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos & escritos V*: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa, p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.

FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b, p. 107-115.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H., RABINOW, P. et al. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: _____. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994. Vol. IV, pp. 783-813, Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. Disponível em: http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html. Captado em: 15.05.07

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2*: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.

FRANCO, Cid. *Dicionário de expressões populares brasileiras*. São Paulo: Unidas [19--], v.1.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944. 5v.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoria del campo léxico*. Tradução Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1994.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos*: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/donwload/palimpsestosmono-site.pdf>. Acesso em: 17/06/2011.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Campinas: Mercado das Letras, 2004a, p. 7-24.

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Campinas: Mercado das Letras, 2004b, p. 51-75.

GOUWS, Rufus. Types of articles, their structure and different types of lemmata. In: STERKENBURG, Piet van. *A pratical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p.34-43.

GUILBERT, Louis. *Le criativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH, G. Tipologias de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982a, p. 95-187.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982b, p.395-534.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walter von. Begriffssystem als grundlage für die lexikographie; Versuch eines Ordnungsschemas. 2. Neu bearbeitete und erweiterteAuflage. Berlin: Akademie Verlag, 1963.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão eletrônica.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, 168 p

KOIKE, Kazumi. *Colocaciones léxicas en el español actual*: estudio formal y léxico-semántico. Universidad de Alcalá, 2001.

KRISTEVA. Júlia. *Introdução a semanálise*. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LARA, Luis Fernando. *Curso de lexicologia*. México: El Colégio de México, 2006.

LEONI, G. D. *A canção de Rolando.* São Paulo: Atena Editora, 1959. 167, p.83

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Curitiba: Edições Criar. 2006a, Org. de Sírio Possenti e Maria Cecílai Pérez de Souza e Silva.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário.* São Paulo: Contexto, 2006b. Trad. Adail Sobral.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MATORÉ, George. *Le Méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953, 123p.

MATOS, Milton dos Santos. *Recôncavo*: berço dos canaviais. Salvador: Itapoan, 1976.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia Século XIX*: uma província no Império. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELO NETO, João Cabral de. Rios sem discurso. In: MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 26.

MOIGNET, Gérard. *La Chanson de Roland :* texte original et traduction. Paris: Bordas, 1989. CLXVIII; v 2259-2264.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*: simbolismo. São Paulo: Cutrix, 1984.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: EDUFMS. 1998, p. 151-158.

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*: 5.000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NAVARRO, Fred. *Assim falava Lampião*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*. Análise e história do século XVI ao XIX. Campinas, SP: Pontes Editores; São Paulo, SP: Fapesp; São José do Rio |Preto, SP: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5 ed. Campinas (SP): Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso:* princípios & procedimentos. 7. ed. Campinas (SP): Pontes, 2007b.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto*. Formulações e circulação dos sentidos. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAMIES, A. BRETÁN, Antonio. De la idiomaticidad y sus paradojas, In: GERMÁN Conde (edit.): *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées.* Cortil-Wodon (Belgique): InterCommunications & E.M.E. p. 173-204, 2007.

PAMIES BRETÁN, Antonio et al. El Perro y el color negro, o el componente valorativo en los fraseologismo. In: BETRÁN, Antonio Pamies; DURÁN, Juan de Dios Luque (Edit.). *Léxico y fraseología*. Granada: Método, 1998.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad.: Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

PERES, Fernando da Rocha. *Memórias da Sé*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, 1999.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La Chanson de Roland y el neotradicionalismo*. Madrid: Espasa-Calpe, S.A. [1959], p. 341-2.

PINTO, Costa. *Recôncavo*. laboratório de uma experiência humana. Salvador: Costa Pinto, 1997.

PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e supostos brasileirismos de "Os Sertões" de Euclides da Cunha*. Rio [de Janeiro]: Tip. S. Benedito, 1931.

POSTIGO ADEAMIL, Maria Josefa. José Saramago y los provérbios. In. *REVISTA DE FILOLOGÍA ROMÁNICA*, 2001, v. 2, p. 267-299.

POTTIER, Bernard. *Lingüística general*: teoría y descripción. Trad.: Maria Victoria Cantalina. Madrid: Gredos, 1977.

POTTIER, Bernard. (dir.). *Le langage*. Paris: CEPL, 1973.

POTIER, Bernard. *Lingüística moderna y filologia hispânica*. Vers. esp. de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de Arthur de Salles*: tentativa de edição crítica. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

REIS, Maria da Conceição Souza Reis. O Ramo da fogueira, obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica. PPGLL/ UFBA/ ILET. Dissertação de Mestrado orientada pela professora Albertina Ribeiro da Gama, 1996, p. 57-58.

REVEL, Judith. *Michel Foucault:* conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Luis Filipe. *O conceito de linguagem em Bakhtin*. 2006. Disponível em: http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm. Captado em: 22/02/2010.)

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da Cidade da Bahia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROCHA, Tadeu. *Modernismo e regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1964.

ROHLFS, Gerhard. Lengua y cultura; estudios lingüísticos y folklóricos. In: ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Reel. parcial y notas de Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 1979.

RUIZ GURILLO, Leonor. Clasificación no discreta de las unidades fraseológicas. In. WOTJAK , Gerd (ed.) *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*. Madrid: Iberoamericana, 1998.

SALLES, Arthur de. Canção mysteriosa. In: ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A Prosa inacabada de Arthur de Salles: Os "Rincões patrícios" e outros escritos*. Salvador: UFBA/ PPGLL, 1999. Anexo 4. Diss, de Mestrado, orient. por Albertina Ribeiro da Gama.

SALLES, Arthur de. Passé. In: TELES, Maria Dolores. *A obra dispersa de Arthur de Salles em: "Nova Revista", "Bahia Illustrada" e "A Luva"*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998, f. 170-2.

SALLES, Arthur de. Ilha da Trindade. In: TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1986a., f. 74-9.

SALLES, Arthur de. [Jo]ão Capataz. In: TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arrthur de Salles*. Salvador: UFBA/PGL, 1986b, f. 58-62.

SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Salvador: UFBA, 1982, p. 10-254. Ed. crítica sob a dir. de Nilton Vasco da Gama.

SANTANA NETO, João Antônio de. Filologia e análise de discurso: encontros e desencontros. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Filologia e estudos da linguagem*. O léxico em questão. Universidade Católica do Salvador, 2009. ISBN: 21754985.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras:* ensaio dobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SERVILLA MUÑOZ, Julia, BARBADILLO DE LA FUENTE, Maria Teresa. Valor didáctico del refrán. In: PAREMIA, N. 13, Madrid: Asociación Cultural Independiente, 2004.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 8 ed. Rev. e melhorada. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense. 1890, 2v.

SILVESTRE, João Paulo. Bluteau e as origens da lexicografia moderna. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 111-120.

SOUZA, Osmar de. A função-autor numa heterogeneidade teórica. In. FURLANETTO, Maria Marta; SOUZA, Osmar de (Orgs.). *Foucault e a autoria*. Florianópolis: Insular, 2006.

STERKENBURG, Piet van. Onomasiological specifications and a concise history of onomasiological dictionaries. In: STERKENBURG, Piet van (edit.) *A pratical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 127-143.

TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles.* PPGLL/ UFBA/ ILET, 1986. Dissertação de Mestrado orient. por Prof. Nilton Vasco da Gama.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. São Paulo: Editora UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001.

TAVARES, Odorico. 2001. *Bahia*: imagens da terra e do povo. Rio de Janeiro: Tecnoprint.

TELLES, Célia Marques. 2006. Arthur de Salles: *usus scribendi*, *modus scribendi* e o processo de construção. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina (org.). *Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros*, 6: acervos e a materialidade da literatura. Porto Alegre: PUCRS. p. 1-12.

TELLES, Célia Marques. O interdiscurso na obra de Arthur de Salles. In: SANTANA NETO, João Antônio de. et al. *Discursos em análise*. Salvador: Universidade Católica do Salvador/ NEAD, 2003, p. 409-425.

TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

TRUJILLO, Ramón. *Elementos de semántica lingüística*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A, 1976.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. *Lições de filologia portuguesa:* segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13: seguidas das licões práticas de português arcaico. Lisboa: Revista de Portugal, [1946], 429 p.

VIEIRA, Domingos. *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes. 1871-1874. 5v. Publ. feita sobre o ms. orig. inteiramente rev. e consideravelmente augm.

VILELA, Mario. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILHENA, Maria Conceição. *Literatura Francesa Medieval.* Lisboa: Universidade Aberta. 1990, p. 317

VILLAR, Mauro de Salles. Apresentação. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WARTBURG, W.v. *Problemas y metodos de la lingüística*. Trad. Damaso Alonso; Emilio Lorenzo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 91-191.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoria general del linguaje.. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982a. p. 22-94

WERNER, Reinhold. La unidad léxica y el lema. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982b, p. 188-229.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía*: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982c, 259-328.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena (org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Arco-Iris; Cosmos, 1992. 2v.

ZACHARIAS, Manif. *A lexicologia de "Os sertões"*: o vocabulário de Euclides da Cunha. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

ZULUAGA, Alberto. Sobre las funciones de los fraseologismos en textos literários. *Paremia*, Madrid, 1997, n.6.

ZULUAGA, Alberto. Introducción al estudio de las exprexiones fijas. *Studia Romanica et Linguistica*, Francfurt; Bern; Cirencester, 1980, v 10.

Dossiê Arthur de Salles: documentos utilizados

doc. 001, f. 1r, v. 26.

doc. 043-0214.

doc. 061-0226, L. 7

doc. 061-0227

doc. 062:0238, f. 2, L. 11

doc. 062:0247

doc. 062:0249, f.1, l.20-2

doc. 063: 0265, f. 1, L. 13

doc. 063:0273, 20.10.1912

doc. 064:0282, f. 2, L. 10

doc. 064:0288

doc. 064:0290, L. 5

doc. 065:0307

doc. 066:0324

doc. 066:0326, 4r

doc. 067:0336, 11/1918

doc. 069-0371

doc. 069:0381

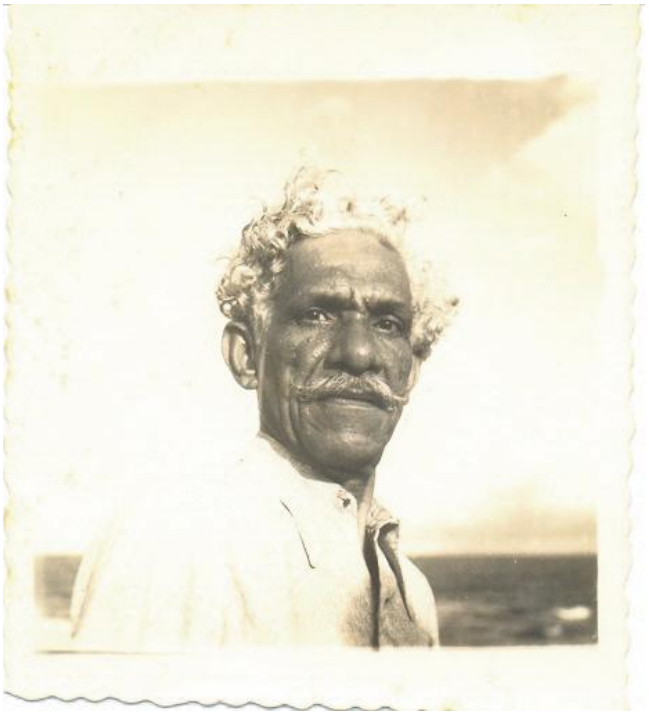
doc. 070:0390, f. 2, L. 19

doc. 070:0394, 04. 02. 1935

doc. 071:0406

doc. 071:0421

ANEXOS



Arthur de Salles

(Foto doada por Hélio Simões em 21.07.1980/ doc.025)

Pequeno diccionario de palavras e phrases [illegible]

— inclinar a orelha do teu coração —

renunciar os proprios deleytes e prazeres da carne, e do mundo, em no conto [illegible]

mais feitos —

É depois que abrimos os olhos ao lume do conhecimento de Deus [illegible] as orelhas do nosso entendimento attentas

Aquelle que tenha orelhas para ouvir ouça aquillo que o Espirito diz ás Egrejas?

correde e trabalhade em quanto tendes lume de vida.

os olhos da minha misericordia aguardaram sobre vós e as minhas orelhas seram apressadas para ouvir as vossas preces —

andemos os caminhos de Deus pelo guiamento do Evangelho.

Quem ouve aquellas minhas palavras, e as faz, semelhar-se-á ao sabio varão que edificou a sua casa sobre a pedra, vieram os rios, sopraram os ventos, e impetaram naquella casa, e não caiu, a qual era fundada sobre pedra —

comprimento todas estas cousas

Posenda

Compaçar — começar —

dilargado o coração —

Desparto (separar?) —

porque cortado andava muito sobre el (porem afflicto anda elle muito [illegible])

porque os repararam por maldictos —

De aqui entrou é quito padim (depois)

e de grado mostram (de boa vontade)

preçadar —

meôgo (meio)

sem alongada — sem de [illegible] —

Denosto — injuria, [illegible], insulto

Em boa cabo temilha — [illegible]

“Pequeno Dicionário de Palavras e Phrases” de Arthur de Salles (doc. 017:0167)

Mapa do Recôncavo Baiano

(Disponível em: www.phoenix.org.br/images/Reconcavo.jpg. Captado em 15/10/2006)